

UM CASAMENTO DE CONVENIÊNCIA E UM ROMANCE FORA DOS PLANOS

Amor em Construção



EVA ALTON

Amor em Construção



*Um casamento de conveniência e um romance fora
dos planos*

SÉRIE HISTÓRIAS DE AMOR E CAFÉ

– LIBRO 2

EVA ALTON



© 2025 Eva Alton

© 2025 Eva Alton, pela tradução

Revisão da versão em português: Lara Laporte

Registration number: SopT3hRB9DCIwswr

Este trabalho é protegido por direitos autorais. Não pode ser copiado, reproduzido, transmitido ou adaptado por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa do autor.

Esta é uma obra de ficção e quaisquer nomes ou circunstâncias que se assemelhem à realidade ou a assuntos reais são mera coincidência. Nomes, lugares e eventos são produto da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. As crenças e opiniões dos personagens não refletem necessariamente as do autor e são meros artifícios literários. Somos gratos a todos os artistas que criaram as fontes e imagens incluídas neste livro e em sua capa. Publicação independente. Publicado por Bralton Books.

Elogios da crítica sobre Eva Alton:

— *Li em poucas horas porque, quando você começa, não consegue parar. Uma história brilhante que mistura risadas, amor e momentos de pura emoção. Um acerto total.*

— *Ele é um amor, tão adorável... E ela, uma mulher forte e decidida. Juntos, formam um casal peculiar que vai te arrancar muitas risadas e que fica com você mesmo depois de terminar o livro.*

— *Comédia romântica que você não vai conseguir parar de ler. Leitura ágil que te arranca muitas risadas e aperta seu coração, emocionando você em mais de uma ocasião.*

— *Adorei. Jovem, dinâmica, divertida e rápida. Faz você passar ótimos momentos, sem conseguir parar até o final.*

— *Adorei a evolução dos personagens e como eles encontram seu caminho para a felicidade. É impossível não se apaixonar pela transformação dos personagens e pelo universo do Carpi Café.*

— *Uma história dinâmica e muito divertida. O salto de Eva para a comédia romântica foi um grande acerto. Estou ansioso para ler mais desta série.*



HISTÓRIAS DE AMOR E CAFÉ – LIBRO 2

Lista de E-mails

Inscriva-se na minha lista de e-mails e fique por dentro de todas as novidades sobre meus livros, lançamentos futuros, curiosidades do universo das minhas histórias... e muito mais!

Lista de E-mails:

Em português: você receberá notícias quando um novo livro for publicado.

<https://sendfox.com/lp/3oj0j9>



Se desejar, você também pode se inscrever para receber as novidades da autora em espanhol. Você receberá atualizações uma vez por semana.

<https://subscribepage.io/evaaltongratis>

Títulos da Série:

HISTÓRIAS DE AMOR E CAFÉ

Prelúdio (conto): Amor no Apagão

- 1. Amor nas Entrelinhas**
- 2. Amor em Construção**
- 3. Meu Imperfeito Companheiro de Apartamento**
- 4. Amor com Sabor de Baunilha**
- 5. O Horóscopo do Desamor**

AS BRUXAS DE IBIZA

- 1. [Iris – Feitiço de Sangue](#)**
- 2. [Selena - Lua dos Lobos](#)**
- 3. [Mina - Os Espíritos das Sombras](#)**
- 4. Oksana - O Anjo Caído**
- 5. Vanessa - A Filha do Submundo**

OS VAMPIROS DE EMBERBURY

- 1. [A Bruxa Desgarrada](#)**
- 2. [O Espelho da Bruxa](#)**
- 3. [O Baile das Bruxas](#)**

4. A Essência da Magia

«A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico
dos volumes sob a luz.»

—Le Corbusier (arquiteto)

«O amor é o jogo desastroso, imperfeito e caótico
das expectativas absurdas
e sem qualquer suporte estrutural.

O casamento é ainda pior, com toda certeza.»

—Emma Soler (arquiteta)

0



Lista de tarefas de Emma Soler:

Corrigir as plantas do auditório.

Comprar repelente para gatos.

Conseguir um tijolo mais alto.

1

Emma

Meu nome é Emma Soler e carrego um tijolo na bolsa. E não, não é para afastar aquela senhora com um gato que está bloqueando meu caminho neste momento, nem para reconstruir o tenebroso buraco que decora a parede do patamar, e que poderia ser um túnel para outra dimensão. Meu tijolo é meu aliado, e um símbolo da minha luta constante para subir em um mundo profissional que, sejamos honestos, ainda é governado pelos homens.

Sim, esta tarde eu subi em um tijolo para parecer mais alta enquanto fazia uma apresentação no escritório. E, sinceramente, quem pode me culpar? Pelo menos não persigo as pessoas com uma cafeteira na mão, como está fazendo neste exato instante minha vizinha, a senhora Montse. Essa mulher me tira do sério, principalmente quando se planta na frente da porta do elevador, bloqueando minha passagem com sua desculpa habitual de me entregar meus pacotes, enquanto seu gato, esse pequeno terrorista peludo, decide enrolar-se entre meus pés e a ajuda a interceptar meu caminho.

A senhora Montse me olha fixamente. Em uma mão, segura aquele café com a firmeza de quem sustenta o destino de toda uma nação, e na outra, uma xícara de vidro marrom, tão antiga que deveria estar em um museu, e não neste empoeirado bloco de apartamentos no centro de Barcelona.

Subi para meu apartamento depois da reunião com Derek Navarro, meu chefe, só para tirar os saltos. A dor nos pés estava me matando, mas a última coisa que preciso é que meus colegas de trabalho percebam o quão baixinha eu sou. Por isso a necessidade do tijolo. Minha estatura me tira autoridade, e isso é um problema porque trabalho no mundo da arquitetura e da construção. Muitos, ao me verem, pensam que me dedico a escolher cores de tinta e a buscar pequenas figuras decorativas: é o que acontece quando a maioria das meninas de doze anos te supera em altura. Mas, na realidade, sou a pessoa que decide onde irão as vigas de sustentação; aquelas que sustentarão as estruturas fâlicas que certos milionários dedicam

a si mesmos. E sim: já escutei todas as piadas sobre "vigas" existentes e por existir. *Não. Têm. Graça.*

Agachada atrás da minha bolsa de grife, observo o estreito espaço que sobra entre a senhora Montse e a porta do elevador. Calculo que haverá uns cinquenta centímetros. Cinquenta e meio. Se passar correndo de lado, talvez possa me lançar dentro antes que a porta se feche.

— Você deveria parar de alisar o cabelo — me diz a senhora enquanto enche a xícara, salpicando um pouco as paredes amareladas do patamar. — Ficaria melhor natural.

Olho para ela com uma sobrancelha arqueada. Esse comentário não é inocente; certamente ela esteve abrindo meus pacotes novamente. Pedi uma chapinha de cabelo, e a danadinha sabe disso.

— Obrigada, senhora Montse, mas eu prefiro assim.

No mundo profissional, é preciso ter o cabelo liso. Não apenas liso: esticado. Tanto quanto meu temperamento nas reuniões com os clientes.

— Sério que você se vê melhor assim? — diz, como se sentisse pena, e arruma seus bobes de plástico rosa.

— Vou me atrasar — respondo, tentando empurrá-la para o lado sem que o café caia sobre ela. — Tenho uma reunião.

São oito da noite, e ela me olha como se eu estivesse mentindo. Talvez eu tenha mentido um pouco, porque a reunião que tenho é comigo mesma: após falar com o chefe de projeto, prometi fazer todas as mudanças necessárias nas plantas do auditório e entregá-las na manhã seguinte. Porque levar dois dias é coisa de perdedores. E de baixinhos.

— Você deveria trabalhar menos — insiste. — Vai ter rugas. Por que não entra e janta comigo? Vou fazer peitos de frango empanados. E está passando uma série muito boa. Romântica.

Justo o que me faltava.

Exalo, desesperada, e agarro a xícara de café enquanto planejo minha fuga. Engulo a bebida de um só gole, queimando meu esôfago, e depois devolvo a xícara para ela (ou melhor, a lanço).

A senhora Montse a pega e eu aproveito sua distração para me lançar no elevador, apertando o botão do térreo com as plantas bem seguras contra o peito. A sensação dos meus pés nas sapatilhas, livres dos malditos saltos, é como se estivesse flutuando.

Tiro o celular para anotar que preciso ligar para o podólogo de novo. Ao fazer isso, vejo que tenho uma enxurrada de mensagens. Seis são

de Derek, meu chefe, basicamente me insultando e perguntando quando vou finalizar as plantas do concurso com as mudanças que discutimos na reunião desta tarde. Ele ainda está no escritório, e não estou com vontade de vê-lo.

Vou passar um tempo no Carpi Café, e enquanto isso, com certeza ele vai embora. É um local muito fofo, bem no meio do caminho entre meu apartamento e o escritório, e o café é muito melhor que o da senhora minha vizinha.

Depois volto no escritório, peço comida chinesa e continuo trabalhando nas plantas até terminá-las.

Esta é minha vida, e eu a adoro.

A sétima mensagem é de Caterina, minha melhor amiga. Ela é minha melhor amiga porque mora em Londres, o que significa que não precisamos nos ver nunca. Se morasse em Barcelona, como eu, já não seríamos amigas. As pessoas que moram na sua mesma cidade esperam que você se encontre com elas pessoalmente, e se não o faz, te negam a amizade depois de algumas tentativas fracassadas.

Essa é uma das vantagens de ter deixado Londres. Isso e o fato de que aqui quase nunca preciso de guarda-chuva. E a verdade é que não há nada que estrague mais um look do que um guarda-chuva, nem nada que estrague mais um alisado do que a própria chuva.

Outra mensagem é do meu ex-namorado, Trevor. Ele continua em Londres, e essa é uma das razões pelas quais não quero voltar para lá. Trevor queria uma casa, cinco cachorros e três filhos. Eu queria muitas casas, um lago com carpas e nenhum filho. Tivemos divergências sobre escolhas importantes na vida e, por isso, tive que ir embora.

Aproximo-me da fila do Carpi Café, ainda olhando o celular. Nem mesmo presto atenção em quem me atende, mas peço o de sempre.

— Um espresso duplo com leite desnatado e stevia, por favor — digo, antes de me afastar para o outro lado do balcão, onde um dos funcionários me entregará meu pedido.

Algum dos baristas canta enquanto a cafeteira solta vapor como uma locomotiva. Enquanto isso, começo a responder e-mails. O engenheiro de estruturas, como sempre, está tentando amargar minha vida dizendo que minhas plantas não são realistas.

“Então torne-as realidade”, respondo secamente.

Não é problema meu se suas vigas não permitem balanços de mais de seis metros. Seu trabalho é materializar o que eu desenho. Eu já faço bastante brigando com os clientes todos os dias, cara a cara, enquanto ele só faz somas e multiplicações.

— Emma? — diz uma voz, e levanto a mão.

Alguém coloca um café na minha frente. Pegó-o sem me virar e vou correndo para a mesa do canto. É a minha favorita, e por sorte ainda está livre. Tiro uma toalhinha de álcool em gel e desinfeto a mesa com precisão, me certificando de que não reste nem uma migalha, nem uma gota de café, nem vestígio algum das digitais do último cliente que passou por aqui. Então estendo as plantas.

Faz dois dias que quase não durmo, mas fico feliz ao constatar que ainda sou capaz de ler a legenda das plantas, mesmo estando escrita em Arial 6 (para os não iniciados, isso é como a lista de ingredientes na lateral de um batom). Coloco o café de lado, a uns quinze centímetros da borda da planta, e ao fazer isso, percebo que há uma frase escrita no copo, logo abaixo do meu nome.

“O importante na vida não é o destino, mas as curvas do caminho.”

Sorrio por um segundo, mas assim que percebo, dou de ombros e disfarço; poderia haver alguém da empresa na cafeteria e vão pensar que estou maluca. Não sei quem se dedica a escrever essas frases melosas nos meus copos, mas com certeza deve ter muito tempo livre se consegue escrever poesias para os clientes, além de fazer cafés. Eu, com certeza, não tenho tempo para escrever poesias no verso das plantas.

Tiro um escalímetro de metal, daqueles dos velhos tempos, e começo a revisar as medidas do auditório. Temos que ganhar esse concurso, custe o que custar. Não só porque Derek vai me matar se não conseguirmos, mas também porque me prometeram que, se vencermos, eu serei a diretora do próximo projeto, que vai ser ainda melhor que este. E então acabará isso de ser uma arquiteta júnior que se mata de trabalhar, daquelas que ficam até as três da madrugada aos domingos terminando plantas para concursos. Não: quando isso acontecer, eu serei a chefe e poderei ficar até as *seis* da manhã do dia seguinte, revisando o que fizeram os coitados dos arquitetos juniores.

Pensar nisso me dá muita alegria, assim como a ideia da casa que algum dia construirei para mim mesma, quando for chefe do meu próprio

escritório. Claro que isso está muito longe, e terminar esta planta que tenho à minha frente faz parte do processo.

Um dos garçons passa ao lado da minha mesa. Tem um bom físico, ou pelo menos tem um traseiro bonito, pelo que vejo de costas, que é tudo o que consigo ver de relance. Ele passa a mão pelos cabelos despenteados e observo sua camisa, meio amassada, que grita aos quatro ventos sua alergia aos formalismos (ou aos ferros de passar).

Continuo trabalhando, começo a medir o estacionamento e verifico que o raio de giro não está certo. Uma caminhonete das grandes, como a de Derek, não passa por ali nem por acaso. Maldição, Mario! Não posso confiar nele para nada. Mario é um estudante de intercâmbio Erasmus que me empurraram supostamente para me ajudar, embora eu ache que é um plano obscuro de Derek para que eu nunca seja promovida a chefe de projeto, porque tudo que esse rapaz faz acaba dando errado. E olha que eu disse a ele para ler o *Neufert*, que é como a Bíblia dos arquitetos e contém as medidas de todas as coisas. Inclusive as das caminhonetes dos chefes.

Pela janela vejo uma senhora que se parece muito com senhora Montse. Vai caminhando com sua bolsinha, de braço dado com outra senhora exatamente igual a ela, com o cabelo cortado igual e uma sainha na altura do joelho. Nesse momento, vejo um homem se aproximando em um patinete com o braço esticado, e sinto como se, pela primeira vez na minha vida, fosse capaz de ver o futuro. O homem estica o braço e se aproxima da senhora sem que ela perceba, por trás. Eu, através do vidro, observo a cena, petrificada. Me levanto, grito, bato no vidro:

— Senhora, cuidado! Vão roubar sua...!

Mas antes que eu termine a frase, o batedor de carteiras já foi embora com a bolsa, e a senhora caiu no chão. Saio correndo da cafeteria e, ao fazer isso, bato em algo ao passar, mas estou olhando para a senhora e não presto atenção. Me ajoelho na calçada ao lado dela e minhas meias rasgam.

— Senhora, a senhora está bem?

Ela me olha, assustada. Um senhor que passava vai procurar algum policial, enquanto outro se oferece para chamar uma ambulância, embora a mulher assegure que não é necessário. Ela diz que está bem e que não aconteceu nada, mas me sinto mal por ela e a ajudo a se levantar.

— Eu deveria levá-la ao hospital para que a examinem — digo.

Ela nega com a cabeça. O outro homem volta a aparecer com um policial, que me pede meus dados. Entrego-lhe o passaporte e o cartão de residência.

— Inglesa? — diz surpreso.

— Só um pouco — respondo.

— Mas você tem cara de inglesa — diz uma das senhoras, e estende a mão para tocar meu cabelo. — A propósito, você tingiu o cabelo? Ele é muito crespo.

Por todos os diabos, isso é um complô contra o meu cabelo ou o quê?

— Vocês precisam verificar a câmera de segurança da praça, ali deve dar para ver bem o ladrão — digo ao policial, afastando a mão da senhora com discrição.

— Deixe isso em nossas mãos, senhorita — me diz o policial com um sorriso condescendente. — Sabemos fazer nosso trabalho. Pode ir para casa.

Olho a hora. Não são nem nove horas. Para casa? Mas o que ele está dizendo?

— Se precisarem de mim, estarei lá dentro, na cafeteria — digo às senhoras. — Posso convidá-las para tomar algo? Assim vocês se recuperam do susto.

— Não, filha, tranquila, estamos bem — responde a da bolsa, assentindo com um sorriso amável.

Concordo e no fundo fico feliz que tenham recusado minha oferta, porque tenho muito trabalho.

Volto à mesa do canto, e é então que descubro o horror dos horrores.

Não consigo acreditar.

Na minha saída às pressas, derramei o café sobre as plantas, e agora há uma mancha enorme cobrindo metade do papel. A tinta se espalhou por toda a parte oeste do auditório, apagando as anotações de Derek. Nessa área construiremos a sala de exposições: um cubo perfeito de aço e vidro com um teto de quase dez metros de altura, coberto por placas de aço corten (aço oxidado, para os leigos).

Os respingos de café com leite escorrem pela borda da mesa, formando uma poça marrom aos meus pés. Tenho vontade de gritar, mas não quero que o resto dos clientes do Carpi Café pensem que estou louca,

então engulo as lágrimas e tiro novamente o pacote de lençinhos com álcool.

Um aroma de bergamota preenche o ar e, nesse momento, alguém me dá um tapinha no ombro.

Talvez seja porque estou com os olhos cheios de lágrimas e estou vendo tudo embaçado, ou porque a cafeína está começando a me provocar alucinações, mas nesse momento me parece que é o homem mais atraente que já vi na vida. Fungo, tentando não parecer tão patética, e endireito as costas.

— Que estrago, o que aconteceu com você? — me diz o homem, e se abaixa para limpar a mesa com um pano. — Quer ajuda?

Não consigo responder. Ainda estou mordendo o lábio para não chorar, porque essa mancha significa que não vou me deitar às três da manhã, como planejava, mas, com sorte, acabarei *às oito da manhã do dia seguinte*, bem a tempo de entregar esta fase do projeto a Derek. Serão três noites sem dormir. Não é de admirar que eu comece a ter alucinações.

O rapaz continua limpando, alheio aos meus pensamentos fatalistas, enquanto observo como a camisa preta estica e delineia suas costas largas. Queria poder me dissolver e escorrer numa poça até o chão. Porque é possível que Derek me mate se eu não levar as plantas finalizadas, e estou começando a duvidar da minha capacidade de fazê-lo.

— Foi gentil da sua parte sair para ajudar as senhoras — diz o garçom com voz amável.

Então reparo em seus olhos. São verdes, de um tom tão brilhante que é quase mágico, inumano. Nunca vi olhos assim... será que ele usa lentes? Será de outra espécie?

Percebo que o rapaz continua falando e nem sei o que me diz.

Ele coloca o cabelo ondulado atrás da orelha, desarrumando-o um pouco mais do que já estava, e fica olhando para minhas plantas com a testa franzida.

— O que você está desenhando? — me pergunta, apontando para as linhas borradas.

— Nada — respondo, me deixando cair na poltrona. — É para o trabalho.

— “*Auditório Clara Beltrán*” — lê o título com ar sonhador. — Uma grande, com certeza.

— Você a conhece? — pergunto, surpresa.

Há meses estou planejando esse edifício, mas jamais parei para pensar em quem é a pessoa a quem será dedicado.

— Claro — ele me olha como se eu fosse um alienígena. — Foi uma das melhores compositoras deste país! Embora, sinceramente, não sei se ela teria gostado... *disso* — aponta para uma pequena renderização 3D ao lado, que mostra uma imagem de realidade virtual com o edifício finalizado. — É tudo muito... reto. Muito frio. Não se parece em nada com a música que ela compunha.

Dedico-lhe um sorriso tenso, para ver se ele vai embora, mas ele continua.

— Não leve a mal — diz hesitante —, mas essa mancha até que fica bem.

Passa o dedo pela borda da mancha marrom, acariciando o papel úmido quase com ternura.

— Eu diria que a mancha melhora o design, sério — ele ri, e sua risada é daquelas contagiantes. Para os outros, porque eu não rio em público. — Imagina só? — continua, cada vez com ar mais sonhador. — Um auditório assim. Exatamente assim! Com bordas irregulares, sem uma forma geométrica definida... Um espaço orgânico, rugoso, como se tivesse sido criado pela própria natureza...

Não sei o que dizer.

Para mim parece um mosquito esmagado contra o vidro do carro.

Ele levanta o rosto e sorri abertamente. Seus lábios são rosados e parecem incrivelmente macios, e tenho que desviar o olhar porque se continuar olhando para ele vou esquecer sobre o que estávamos falando, e o que Derek queria que eu mudasse nas plantas.

— Tá — digo, segurando o lapiseira com força. — Vou tentar jogar café na mesa do meu chefe e ver o que ele diz.

— Às vezes é preciso tentar coisas novas — murmura ele com os olhos apertados, e soa um pouco como se estivesse dando em cima de mim. — Você já fez alguma loucura? Algo arriscado. Algo que ninguém se atreveria a fazer.

Fico paralisada por um instante, sem saber o que dizer. Ontem tomei café com açúcar mascavo em vez de Stevia. Isso conta?

O garçom assente com tristeza, e seus olhos dizem: “Já vejo que não”.

— Bom, preciso terminar isso — digo, e coloco uma pasta em cima para cobrir os desenhos.

— Claro, claro — diz de repente, saindo daquela espécie de transe em que havia caído enquanto delirava sobre a mancha. — Desculpe, vou deixar você continuar o seu trabalho. Não fechamos até as onze. — Inclina a cabeça, sorri novamente. — Embora acho que você já sabe. Te vejo muitas vezes por aqui.

Levanto a mão para me despedir, sem nem olhar para ele. Acho que ele se vira e vai embora. No meu universo, só existem minha planta, o esquadro e o transferidor.

Fico na cafeteria até pouco antes de fechar e continuo fazendo traços retilíneos, assim como me ensinaram na escola de arquitetura; assim como tudo deve ser na vida.

Assim como Derek gosta.

Por volta das onze, enrolo minhas plantas e me levanto para voltar ao escritório; com certeza Derek já foi embora e poderei trabalhar em paz, sem tê-lo o tempo todo olhando por cima do meu ombro e comentando cada linha que traço.

O garçom me olha do balcão e sorri, me cumprimentando com o esfregão na mão enquanto sua colega vai colocando as cadeiras de cabeça para baixo sobre as mesas.

Ao sair, percebo que ainda tenho na mão o copo de café que ele me deu quando cheguei. Releio sua frase brega sobre a vida e, em um momento de fraqueza, o aperto contra o peito.

“O importante na vida não é o destino, mas as curvas do caminho.”

— Que bobagem — murmuro, e o jogo na lixeira que há na saída.

Depois saio sem olhar para trás, alisando meu cabelo com a mão e disposta a conquistar o mundo.

Caderno de anotações de Lucas García

*No fim do caminho
está apenas o fim.
Não importa a trilha,
o que importa é caminhar.*

2

Lucas

— Esse pessoal que trabalha em escritório é tudo igual... — diz Amaya enquanto me joga um esfregão do depósito.

Eu o pego no ar, virando-me com um passo de dança que me faz sentir como Dick Van Dyke. É engraçado que minha querida colega de trabalho diga isso, quando no fundo, ela se derrete quando “esse pessoal dos escritórios” a convida para sair. Dou brilho aos ladrilhos, seguindo o compasso da minha última canção:

*“Dois, um, dois, um,
No fim do caminho
não está seu destino,
no fim do caminho
está apenas o fim.
O que importa é a trilha,
o que importa é caminhar.”*

Continuo cantarolando enquanto esfrego uma mancha teimosa de calda de caramelo. Jamais entenderei as pessoas que pedem calda de caramelo e chantilly em cima do café. Se o que queriam era um sorvete, deveriam admitir, pedir uma bola e fazer feliz a criança interior, em vez de fingir que são adultos sérios só porque trabalham num ambiente corporativo e usam ternos pretos com camisa. É uma pena que tenham vergonha de admitir que realmente gostam de sorvete, pirulitos e vídeos de gatinhos.

— Responderam? — pergunta Amaya, tirando-me dos meus pensamentos.

Levanto o olhar. O local está quase vazio, e embora já tenha um tempo que servimos o último cliente, o aroma de café moído e baunilha persiste no ar. Todos foram embora, exceto “A Garota das Plantas”, que continua ali. Ela parece despenteada, com cara de não ter dormido, mas, apesar de tudo, noto em seu rosto uma doçura que ela se esforça para esconder atrás de sua fachada dura e séria. Não sei por quê, mas me enternece ver a maneira como ela se esforça para controlar suas emoções.

Esta tarde consegui falar com ela, embora duvide que ela lembre do meu rosto amanhã. As garotas “de carreira” são um desafio, sempre com o nariz enfiado em seus papéis; mas é sempre tão emocionante quando você consegue ultrapassar suas barreiras e ver o que tem do outro lado... É como quando você tem uma música na ponta da língua, mas não consegue lembrar a letra e não consegue aquela rima perfeita. E, de repente, um dia, durante o banho, vem a combinação que faltava, e sai correndo molhado pelo apartamento, enrolado numa toalha e deixando pegadas pelo corredor...

— Bom, então, te ligaram ou não? — repete Amaya, e percebo que ela está de braços cruzados, e está alternando o olhar de mim para a garota do terno.

Não é por ciúmes, pois se existe alguém que não se interessa por mim dessa forma, essa é Amaya. Principalmente porque ela não gosta de homens, e menos ainda, *eu*. O que Amaya quer é casar com uma milionária e parar de trabalhar. Acho que essa é a única razão pela qual ela continua neste trabalho: o Carpi Café fica em pleno distrito de negócios, e cheio de candidatas aptas para seu plano maléfico. No momento, ela está saindo com “A Garota de Ouro” há alguns meses, mas o relacionamento delas parece uma montanha-russa.

— Não, não me responderam — digo de má vontade e desvio o olhar, como se esfregar os ladrilhos tivesse se tornado a missão da minha vida.

— Você precisa continuar tentando — diz ela, apontando o dedo para mim. — Você tem muito talento, Lucas.

— Sim, acho que sim — murmuro, deixando o esfregão de lado e pegando as canetinhas que guardo junto aos copinhos de papel. Alguns copos já estão preparados com as frases que usarei amanhã.

Gosto de surpreender os clientes com pequenos detalhes inesperados, por isso os copinhos que sirvo levam sempre o nome do cliente, mas além disso adiciono algum verso das minhas canções. Talvez Amaya trabalhe no Carpi para caçar uma milionária, mas ela não é a única que tem um plano B. Eu estou tentando fazer com que minhas músicas se tornem virais: coloco as estrofes nos copinhos, e assim, quando minhas canções tocarem no rádio algum dia, as pessoas vão ouvi-las e dizer, “isso me é familiar”. Claro que será familiar: pelo Carpi Café de Barcelona passam centenas, não, *milhares* de pessoas cada semana. Minhas mensagens subliminares estão aí e vão fazendo sua função, gota a gota. Um dia

chegarão aos ouvidos de um superagente como Piotr Kowalski, “O Mago de Varsóvia”, e saltarei para o estrelato absoluto.

É feio dizer, mas acho que sou um gênio. Por mais que minha mãe diga que eu deveria assentar a cabeça e começar a trabalhar num banco ou na recepção de um hotel. Segundo ela, estou perdendo tempo nesta cafeteria, e quando se passa dos trinta o adequado é ter filhos, comprar um carro familiar branco com um bagageiro de teto e pendurar várias bicicletas atrás. Mas tudo isso me dá vertigem, exceto talvez o porta-bicicletas. Isso seria legal.

Então, por enquanto, sigo com meu plano dos copinhos. Com certeza um dia entrará no local um agente artístico, olhará fixamente para o copo e me dirá...

— Você sabe que as pessoas não ligam para você e suas frasezinhas nos cafés, né? — diz Amaya, cortando completamente meu barato e apertando as dezenas de copos que estão no lixo para poder fechar a sacola. Todos têm algum verso de *O Caminho* (minha obra-prima), mas evito pensar nisso e a olho com o lábio torcido.

— Então, o que você sugere? É o melhor que consigo pensar, dadas as circunstâncias.

— Não sei, e se você tentasse desenhar gatinhos, em vez de escrever esses papos poéticos?

Reviro os olhos.

— Não sei desenhar gatos — e é verdade, o último que fiz para minha sobrinha parecia um dragão chinês. — E não são papos poéticos, são as letras dos meus hits musicais.

— Isso é discutível. Eu só digo que ainda bem que o café não é descafeinado, porque eles são melosos demais. Sabe de uma coisa? Você poderia colocar seu número de telefone. Talvez agarre alguma milionária, com esses olhões.

— Obrigado, mas esse é o seu sonho, não o meu.

Ela estala a língua, deixando claro que estou errado em todas as minhas decisões de vida.

— Com a Lucrecia você não fez cara feia — diz sarcasticamente.

— Você sabe que não gosto de falar da Lucrecia.

Amaya suspira.

— Bom, você vai dizer pra moça das plantas pra ir embora, ou eu digo? — ela me diz, com um sorriso maroto. — Ela é gata, por sinal.

— Acho que ela não é do seu time — respondo, observando a jaqueta da garota, que parece valer mais que todas as tatuagens de Amaya juntas.

— Isso é porque ela ainda não experimentou meus encantos — diz ela, ampliando seu sorriso lentamente.

A garota não sabe, mas ela é uma das poucas que hoje não recebeu um copinho padrão. Os dela escrevo separadamente, a cada dia, especialmente de acordo com o humor com que ela entra. Hoje escrevi:

“O importante na vida não é o destino, mas as curvas do caminho.”

Vejo como ela lê, relê e finalmente joga na lixeira ao sair. Sinto uma pontada no peito, como quando uma nota desafina numa canção que deveria ser perfeita. Mas respiro fundo e me obrigo a sorrir. Haverá curvas e haverá buracos, mas eu sei que, no final, o que importa é aproveitar o caminho, e aqueles com quem nos cruzamos durante a viagem.

3

Emma

Acordo com a sensação de uma ressaca infernal, embora não tenha bebido nada de álcool. Isso acontece às vezes quando durmo pouco. Uma hora e meia conta como dormir? Ontem à noite também não jantei, e estou há quarenta e oito horas sobrevivendo à base de café e donuts do Carpi Café. Se a senhora Montse descobrir, me mata.

Deixei a varanda aberta antes de me deitar, de modo que a besta negra e peluda está agora repousando em cima da minha roupa recém-passada: aquela mesma roupa que peguei ontem na lavanderia com a fútil esperança de que isso não acontecesse de novo. Sem dúvida, minha vizinha teve muito senso de humor ao chamar seu gato de “Risonho”, porque para mim isso não tem a menor graça. Tenho quinze minutos para chegar ao escritório e apresentar as plantas a Derek, e vou ter que fazê-lo coberto de pelos e subida num tijolo.

— Maldita besta pulguenta! — murmuro enquanto tento afastá-lo sem que me arranhe.

Risonho é um gato de pelo longo. Acho que os chamam de gatos persas, embora eu os distinga pelo seu aspecto de terem se espatifado contra uma parede. Alguém poderia pensar que, por ser preto, pelo menos não deixaria pelo visível nos meus ternos *pretos*, mas com os gatos, a matemática humana não funciona. Meu terno inteiro está coberto de penugem *branca* proveniente de um gato *preto*: é algo que nem Einstein poderia explicar.

Escovo o terno às pressas, estico meu cabelo e o prendo com um elástico e uma nuvem de laquê que, de quebra, espanta o gato.

Gato do inferno 2 x Emma 1.

Saio correndo do apartamento, não sem antes espiar pelo olho mágico. A senhora Montse conhece meus horários melhor do que eu, mas ainda tenho a esperança de que milagres aconteçam e que esta manhã ela não me intercepte. Abro a porta como uma ladra, fazendo o mínimo ruído possível, chamo o elevador e observo como ele sobe com aquela lentidão exasperante que só pode ter o elevador mais velho de Barcelona. O andar cheira a repolho cozido, e o elevador se aproxima com aquele característico

zumbido que costuma preceder um apagão nos filmes de terror. Só que eu não temo que apareça um cara com serra elétrica, mas uma senhora com bobes nos cabelos. O que é infinitamente pior.

Os andares vão passando. Três... quatro... já está quase aqui. Engulo em seco. Minhas mãos tremem. Justo nesse momento, ouço a chave girar na porta ao lado. Tento me esconder atrás de uma planta artificial, mas Risonho, o grande traidor, me segue e começa a miar, chamando a atenção de sua dona. A porta ao lado se abre e aparece a senhora Montse, de roupão, segurando uma carta.

— Desculpa, querida, hoje não tive tempo de fazer teu café, mas precisava te dar esta carta. Parece muito importante.

Ela estica o braço e eu agarro o envelope com um sorriso tenso.

— Obrigada, que gentileza! — enquanto o que na realidade eu gostaria de dizer é: “Sou capaz de usar minha própria caixa de correio, pare de tirar minha correspondência pela fresta, obrigada”. — Estou saindo correndo, tenho uma reunião urgente...

— Trouxe uns bolinhos caseiros que fiz ontem para minha filha — continua ela com calma. — Marta disse que viria, mas no final não teve tempo. As jovens de hoje em dia estão sempre muito ocupadas, não é? — acrescenta com um tom melancólico.

Se não fosse porque ela é um pé no saco, eu sentiria até um pouco de pena. A filha da senhora Montse sempre promete visitá-la, mas nunca o faz. Eu sei porque sou eu quem acaba comendo todos os seus bolinhos. Às vezes penso que falo mais com ela do que sua própria filha, ou que na cabeça dela sou uma espécie de substituta; a filha que ela pode ver todos os dias, só com um pouco de planejamento para se adaptar aos meus horários.

— O envelope estava mal fechado... — acrescenta, corando — Então... bem, li um pouco.

— Maravilhoso — respondo.

— Não sabia que você tinha família na Espanha. Pensava que era inglesa... Mas claro, seu sobrenome, agora que penso...

Eu poderia explicar a ela que minha mãe é inglesa e meu pai espanhol, mas será mesmo necessário? Ela é minha vizinha, é uma fofoqueira e seu gato deixa pelos na minha roupa.

Abro o envelope com curiosidade. Nunca recebo cartas, e menos ainda manuscritas. Deve ser a primeira desde que eu tinha doze anos, quando me correspondia com outra menina cujo endereço encontrei numa

revista, mas que depois resultou ser um cara muito estranho, mais velho e com bigode. Minha mãe o denunciou e me proibiu de escrever mais cartas. Então esta deve ser a primeira desde então. E vem de outro homem estranho, mais velho e com bigode: neste caso, meu avô.

Entro no elevador, desdobro a folha e começo a ler:

“Querida Emma,

Faz tempo que não conversamos. No entanto, queria te dizer que estou muito contente que tenhas voltado à Espanha. Acredito que Londres não era um bom lugar para ti, e mais ainda depois do que aconteceu com teu irmão. Todos deveríamos repensar como aproveitamos os poucos anos de vida que nos foram dados. Te digo por experiência porque estou morrendo... mas bem, acho que isso já sabes.

Não te digo isso para que venhas me ver, embora eu adoraria ter companhia. Mas já me dei por vencido nesse sentido; sei que estás muito ocupada, sempre trabalhando. No entanto, queria te fazer uma proposta. Estava aqui com minha advogada fazendo o testamento, e me ocorreu que poderia doar a masía^[1] da família para uma boa causa. Seria bonito, não achas? Estava pensando em Alexander. Entretanto, também pensei em dá-la a ti, mas tenho certas dúvidas. Não quero que termines como ele.

Te daria com prazer se me prometesses aproveitar tua vida sendo feliz e me dando um bom herdeiro, o que achas, Emma? És a única Soler que nos resta. Animas-te?

Minha proposta é a seguinte: o médico diz que me restam três meses de vida, embora eu ache que durarei mais, porque, como sabes, “erva daninha nunca morre”. Te proponho o seguinte: deixarei a casa de campo para ti e tua família, se conseguires uma antes que eu morra. Já sabes que sou da velha escola; com isso quero dizer que gostaria de te ver casada antes de morrer. Farias feliz este velho?

Por enquanto, coloquei a associação como beneficiária. Mas, se quiseres as chaves, vem buscá-las com teu marido enquanto eu puder mudar o testamento. Proponho que nos

vejamos no primeiro de março na minha casa. Tenho café, sei que gostas. E acho que ainda estarei vivo para fazê-lo para ti.

Caso contrário, a casa de campo será doada à organização beneficente.

*Um abraço, te ama teu avô,
Antoni.*

P.S.: Se achas que vai me convencer a mudar de ideia, esqueça. Sou velho, não bobo.

P.S.: O café que faço continua tão ruim quanto quando eras criança, mas te sairá mais barato que nesses lugares modernos que frequentas.”

Fico olhando a carta em choque, e só então noto que o elevador parou e as portas se abriram no térreo. Dois vizinhos me olham como se eu fosse um polvo de dez tentáculos. Saio do prédio sem saber nem para onde estou indo. Esqueci completamente da reunião, da cara de constipação de Derek, e de todo o resto.

Pensar na fazenda familiar me traz lembranças dos verões que passávamos lá. Nunca dormíamos na casa, porque estava meio em ruínas, mas usávamos a cozinha de verão e um banheiro desbotado com azulejos dos anos setenta. Nós, os Soler, nos reuníamos lá para assar costelas aos domingos, quando ainda éramos uma família unida. É uma lembrança agri-doce, mas que de repente está cheia de possibilidades: a fazenda familiar é enorme, situada em um terreno de vários milhares de metros quadrados com um estábulo, um celeiro e uma casa bucólica de pedra de pelo menos oito quartos. Com um bom projeto de reforma (e quantidades imensas de aço e vidro) poderia se transformar em um hotel fabuloso, ou uma pousada de luxo.

Já estou visualizando. Se eu pudesse reabilitá-la, apareceria em todas as revistas de arquitetura e seria vendida por milhões.

É o projeto perfeito, e uma oportunidade caída do céu para dar à minha carreira aquele impulso que falta para me tornar a próxima Norman Foster, mas de salto alto.

Só há um pequeno problema: a condição que meu avô impõe é absurda. Não sei se é a idade ou a doença, mas, sério? Quem teria uma ideia dessas?

Disco seu número, disposta a negociar. Sua voz gravada responde instantaneamente:

“Olá, esta é a secretária eletrônica de Antoni Soler. Não atendo chamadas, só visitas. Se realmente não pode vir, tente me enviar uma carta e com sorte chegará antes que eu bata as botas. Se é Emma e estás ligando para tentar me convencer a eliminar a condição do meu testamento, não precisa se incomodar porque não vou fazer isso. Aliás, mudei de ideia e é possível que eu morra antes do que disse, então se apressa, menina! E, acima de tudo, não tentes me enganar: sabe mais o diabo por velho que por diabo...”

Ouve-se uma risada rouca, interrompida por um ataque de tosse, e depois soa um bipe. Maldito velho rabugento! Sempre foi esperto demais para o bem de todos nós. O mais esperto da família Soler. E o mais detestável.

Preciso falar urgentemente com minha melhor amiga. Ela saberá o que fazer: é especialista em adquirir (e *se livrar de*) namorados. Busco seu nome no telefone enquanto corro em direção ao escritório, praguejando. Como não tenho tempo de falar, deixo uma mensagem de áudio:

— Caterina — digo entre arfadas —, preciso dos teus sábios conselhos de devoradora de homens. Como posso conseguir um marido descartável antes do dia primeiro de março?

4

Lucas

Saio do bar de jazz com o mesmo mau humor que me invade cada vez que vou a esses lugares. Às vezes me pergunto por que continuo fazendo isso, por que continuo mandando e-mails aos donos, implorando para que escutem minhas músicas; por que continuo incomodando-os pessoalmente, entregando amostras da minha música como se fosse uma degustação de iogurtes em um supermercado... Me desdobro tentando convencê-los a me deixarem tocar, e quando consigo, sempre me dão os horários mais inconvenientes, durante a semana e sem ganhar um tostão.

Não é fácil encontrar lugares onde te deem uma oportunidade, especialmente quando o mercado está saturado de músicos jovens tão esperançosos (e desesperados) quanto eu. Pouco a pouco, a emoção de quando cheguei até aqui, sonhando com a grande cidade onde os sonhos se realizam, vai se apagando. Me sinto como se estivesse gritando em um abismo, esperando que alguém me escute, mas a única coisa que me volta é o eco da minha própria voz, cada vez mais rouca.

Tenho uma chamada perdida da minha mãe, mas não retorno. Sei o que ela quer, e não estou com humor para isso. Quase posso ouvir sua voz, dizendo: *“Filho, quando você vai me dar netos, que não vai me sobrar tempo nem pra fazer uns bons pastéis de camarão?”*. Já sei de cor. Já tenho mais que suficiente com o mundo inteiro boicotando meus planos futuros, e se ela voltar a me repetir aquilo sobre a caminhonete com porta-malas suficiente para dois carrinhos de bebê, vou ter um treco.

Caminho pelas ruas de Barcelona, perdido em meus pensamentos enquanto o entardecer vai caindo. O centro histórico da cidade se desdobra ao meu redor como um labirinto cada vez mais escuro de pedra e paralelepípedos. A luz do entardecer dá a tudo um brilho quente, mas não consegue me aquecer por dentro.

Passeando sem pressa, deixo para trás o Born em direção ao Eixample, onde fica o Carpi Café. Não é difícil perceber que você chegou a esse bairro, porque as calçadas são mais largas, o ambiente é mais moderno e há menos chicletes grudados no asfalto.

— E aí — cumprimento ao entrar no café, embora com pouco entusiasmo.

Amaya está com cara de mau humor e mal me devolve um grunhido. Então já somos dois. Evito-a e passo junto aos azulejos amarelos brilhantes atrás do balcão, que contrastam com a madeira escura das superfícies. Entro no vestiário e me troco, colocando o uniforme de garçom.

Agora começa minha vida paralela: aquela em que me pagam para trabalhar.

Nesta noite, “A Garota das Plantas”, como a chamo na minha cabeça, é uma das primeiras a entrar. Primeiro digo a mim mesmo que hoje não vou escrever frases nos copos, mas há algo em seu rosto que me diz que devo fazer isso. Sinto que ela precisa de um pouco de ânimo, assim como eu. “*Carpe diem, sua vida é agora*”, escrevo para ela.

É o título da música que estive gravando ontem no computador de casa, e não sei por quê, preciso compartilhar com alguém e ver se muda a expressão ao lê-lo.

— Como foi hoje? Alguma novidade? — me pergunta Amaya enquanto cobra o pedido de outro cara engravatado, acompanhado por duas belas japonesas.

— O de sempre — respondo com um suspiro, carregando a cafeteira para “A Garota das Plantas”. Ela me olha e sorri só com os olhos, mas é suficiente. — Nada de novo sob o sol. Outro bar, outra porta fechada... Se ao menos eu tivesse grana para um estúdio, poderia gravar uma demo decente, e não essas porcarias que faço em casa. Mas, enfim, com certeza em alguns meses vou economizar o suficiente, ficar famoso e poder te convidar para as Bahamas.

Gravar em um estúdio profissional faria uma diferença enorme. As músicas que produzo em casa com meu equipamento velho, caseiro e barato não têm a qualidade necessária para captar a atenção de alguém importante na indústria. Preciso de um som limpo, bem mixado, e isso só se consegue com o equipamento adequado. Mas tudo isso custa, e muito. Os estúdios de gravação cobram uma fortuna por hora, e com o dinheiro que ganho aqui, mal consigo cobrir o aluguel e as despesas básicas. Cada vez que olho minha conta bancária tenho que usar uma lupa. E sem uma demo decente, minhas músicas continuarão sendo apenas isso: sonhos de amador, presos em um quarto com paredes finas demais e vizinhos que gritam como cacatuas.

A “Garota das Plantas” escuta nossa conversa enquanto preparo seu café. Não posso evitar notar que ela presta atenção ao que digo, e depois de um momento, vira-se para mim.

— Como você se chama? — me pergunta de repente, e a pergunta me surpreende.

— Lucas — respondo do outro lado do balcão, confuso.

Está escrito no meu crachá. Talvez ela não seja tão esperta, afinal.

Amaya me lança olhares significativos, como dizendo “boa pescaria”, mas balanço a cabeça. Ela só me cai bem porque é uma das poucas que não pedem descafeinado depois das sete da noite, o que demonstra que não é uma preguiçosa, e que não dormiria nos meus shows, diferentemente das minhas duas últimas ex-namoradas.

Embora também não pudesse considerá-la como candidata a namorada, obviamente. Ela está fora da minha liga. A anos-luz, em outra galáxia.

— Você é Emma, não é? — digo a ela.

É fácil saber. Ela sempre me diz seu nome quando pede seu café: *espresso* duplo com leite de aveia e estêvia.

— Não pude evitar ouvir a conversa de vocês — Emma apoia ambas as mãos no balcão, inclinando-se na minha direção. — E, por coincidência, conheço alguém que poderia te ajudar a lançar sua música. Estou trabalhando com o engenheiro de som que projetou a acústica do Auditório Nacional. Esse homem tem ótimos contatos, e acho que poderia te apresentar a um dos agentes mais importantes da indústria.

Quase deixo cair a leiteira.

— Desculpe, acho que não estou te entendendo — digo, enquanto a jarra treme na minha mão.

Ela me olha fixamente, franze a testa e pensa por alguns segundos.

— Acho que poderia te ajudar — diz com segurança. — E não é uma oportunidade qualquer. Eu poderia organizar uma reunião cara a cara com alguém importante — morde o lábio, como se lhe custasse. — Mais ainda: se eles não se interessarem, eu adoraria te ajudar com a gravação. Eu gostaria de... financiar o estúdio.

Fico petrificado. Por que isso de repente? Será que as frases nos copos estão finalmente funcionando? Será por causa daquela moeda que joguei outro dia numa fonte? Não pode ser. Tem coisa aí...

E então ela solta, tal como eu esperava:

— Mas eu precisaria de um pequeno favor em troca.

Olho para ela, com a ilusão um tanto murcha.

— Que... que tipo de favor?

Meu Deus. Isso com certeza é algo ilegal. Ou sexual. Embora bem, se for o segundo...

— Antes de mais nada — esclarece Emma. — Quero que saiba que não sou uma psicopata nem nada disso, e mesmo sabendo que esta proposta vai te parecer estranha...

Essa frase não me tranquiliza nem um pouco.

— Vai, solta logo — digo a ela, tentando não soar ansioso demais.

Ela suspira, claramente nervosa. Amaya está recebendo no caixa, mas se suas orelhas fossem antenas, estariam viradas para nós neste momento.

— Promete que não vai me proibir de entrar nesta cafeteria depois que eu falar, mesmo que não goste da ideia — insiste Emma, torcendo as mãos e sem coragem de pegar seu café.

— Mesmo que eu quisesse, não poderia te impedir de entrar, porque a cafeteria não é minha — digo, tentando aliviar o clima.

Ela sorri e derrama um pouco de café ao ajustar a tampa de plástico no copo. Amaya se aproxima disfarçadamente com um pano, mas eu lanço um olhar assassino para que ela fique onde está e pego um guardanapo.

— É que eu adoro este lugar, sabe? — diz Emma, e sua língua tropeça um pouco. — Vocês fazem o melhor café, e fica bem ao lado do trabalho, e...

— Você está me deixando nervoso — interrompo. — O que você queria me propor? Não pode ser tão horrível.

Ela cora por baixo da maquiagem, e seu rosto assume um aspecto doce, quase infantil.

— Você não é casado, é? — me pergunta de repente, olhando para as minhas mãos como se procurasse um anel.

— Casado? — repito, sem saber se rio ou saio correndo. — Não, não sou casado.

Ela dá uma olhada rápida para Amaya, que está pegando algumas notas para dar o troco aos clientes, embora eu tenha certeza de que ela continua ouvindo cada palavra e gravando em seu disco rígido mental para zombar de mim pelo resto da minha vida.

— Você também não tem namorada... — insiste Emma.

— Não, não tenho namorada — respondo, cada vez mais desconcertado.

Parece que ela vai desistir a qualquer momento. Pega o café, dá um passo para trás. Olha ao redor. Mas que diabos essa maluca de terninho está prestes a me propor?

— Olha, não será algo... hum... pornográfico? — digo de repente, e embora eu tenha falado muito baixo e quase em seu ouvido, me parece ouvir Amaya suspirar pelo nariz, como se segurasse uma gargalhada.

— Não, não! — responde Emma, aflita. — Bem, suponho que poderia ser em alguns casos, mas não, de jeito nenhum, não é sobre isso. Pode ficar tranquilo — ela pensa por um momento, e agora sim estou começando a me preocupar. — Nada sexual. Eu juro.

— Certo, então... — respondo hesitante e quase caindo na risada pelo ridículo da situação. Suas dúvidas estão fazendo soar todos os meus alarmes. E não porque a garota seja feia, mas eu não gostaria de subir à fama me deitando com garotas. Preferiria que me valorizassem pelos meus talentos inatos. Os outros, quero dizer.

Ela respira fundo.

— Bem, Lucas, é Lucas, não é? — me diz, e se cala novamente.

A cafeteria inteira parece ficar em silêncio, e sua voz ressoa acima de todas as colherzinhas tilintantes, as risadas dos turistas e as motocicletas que passam pelo distante Passeig de Gracia.

— Já sei que vai soar estranho, mas... — faz uma pausa e engole em seco antes de disparar. — Lucas... você quer se casar comigo?



Lista de tarefas da Emma:

Imprimir plantas para Derek.

Comprar laquê extra forte.

Ligar para o podólogo.

Convencer Caterina de que casar com um desconhecido é uma boa ideia.

5

Emma

Tá bom. O que fiz naquele dia na cafeteria pode ter sido um pouquinho impulsivo. Já se passou uma semana desde a minha proposta, e ainda fico perplexa ao lembrar da cara daquele pobre garçom quando pedi *que se casasse comigo*. A cara de Lucas, desculpe. Ainda não me acostumei com o nome do meu futuro esposo. Agora entendo por que muitos casais se chamam de *amor*, e pronto.

Não é que eu seja antiquada, mas nunca, nem nos meus momentos de maior alienação mental, imaginei que terminaria me casando, e muito menos que a cena se desenrolaria dessa maneira. Mas, enfim, também não é como se o casamento estivesse muito alto na minha lista de prioridades. Enquanto as outras meninas ninavam suas bonecas e trocavam suas fraldas, eu já construía o *Empire State* com blocos de Lego e, de quebra, melhorava seu design.

Ao sair da cafeteria, consegui o telefone da Nuria Aguilar, a advogada do meu avô, e até fui visitá-la. Nosso encontro foi bastante... peculiar. Alta, com cabelo pretíssimo como a madrastra de Branca de Neve e lábios vermelhos de tanto sugar o sangue das pessoas, como boa advogada. Ainda ecoa na minha mente sua risada, que só posso definir como malévola, quando expliquei a situação. Tive a impressão de que ela concordava comigo de que os termos impostos eram ridículos (acho que eu usei a palavra *medievais*), mas se desculpou dizendo que apenas seguia as ordens de seu cliente e “sua opinião pessoal era irrelevante”.

Não consegui convencê-la, então aqui estou, em pleno centro de Barcelona, consultando a localização de um restaurante chique no celular.

Por sorte, eu também tenho uma advogada. Esta manhã ela me escreveu dando-me a boa notícia: conhece gente nos cartórios e vai conseguir uma data... para o casamento. Pelo visto, um casal anônimo ficou com frio na barriga de última hora e liberou uma data para daqui a alguns dias em algum lugar.

Marquei com Lucas para ultimar os detalhes e fazê-lo assinar o acordo pré-nupcial que nos garantirá um divórcio rápido e sem tropeços.

Chego ao encontro com ele dez minutos adiantada. Gosto de me movimentar rápido, sem perder nem um segundo, e me desespero quando alguém caminha devagar na minha frente numa calçada estreita.

O restaurante que escolhi foi Caterina quem me mostrou, pois ela conhece o cara que trabalhou no projeto de design de interiores. O local apareceu recentemente no prestigioso guia *Hello Barcelona*. Se tenho que perder tempo com algo tão absurdo quanto um casamento indesejado, pelo menos espero que seja com um bom Rioja como acompanhamento e em um lugar com teto bonito, porque suspeito que esta noite vou revirar os olhos muitas vezes.

Justo quando estou prestes a sentar, chega uma mensagem dela, que contém apenas quatro palavras:

“É uma péssima ideia.”

Ao que respondo:

“Vou fazer isso de qualquer jeito.”

Depois viro a tela para baixo e começo a estudar a carta de vinhos para me distrair.

Não preciso que Caterina me convença. Já me custou bastante convencer a mim mesma.

Sento-me numa mesa no fundo, sob a luz suave e dourada de uns estilizados candelabros de bronze. O lugar é perfeito, com seu ambiente sofisticado e uma suave música de fundo que não interfere nas conversas murmuradas dos comensais.

Lucas chega cinco minutos atrasado. Sem pressa, como se o tempo passasse em outra velocidade na sua dimensão planetária. Está vestido de forma simples, com uma calça jeans e uma camisa um pouco amarrotada.

— Você está atrasado — digo, levantando os olhos do celular, e sem querer minha saudação soa como uma reprovação.

— Cinco minutos não é atraso — responde ele, com um sorriso que quer parecer relaxado, mas que não consegue esconder completamente seu desconforto.

Olha ao seu redor, como se sentisse fora do lugar num local assim, e examina o cardápio com ar amedrontado.

— Então, você já tem a data? Como conseguiu tão rápido? — pergunta, enquanto brinca com a borda do guardanapo.

— Conheço as pessoas certas — respondo, fazendo um sinal para a garçonete se aproximar.

— Claro, contatos — diz ele, com uma leve careta. — São o mais importante nos negócios, não é?

Me pergunto se ele está zombando de mim, mas não me importo. Sorrio e me sirvo um pouco mais de vinho, sem responder.

— Pode-se dizer que sim.

— Bem, desde que você tenha o contato do meu futuro agente — diz sorrindo, e seus olhos verdes reluzem cheios de esperança. — Você já falou com ele?

— Ainda não. Quero encontrar o momento adequado para propor isso a ele. E, como te prometi, se por alguma razão ele não se interessar, posso falar com outros. Eu mesma financiarei uma sessão em um dos melhores estúdios de Barcelona para que você grave uma demo profissional à qual eles não possam dizer não.

Meu telefone vibra na bolsa, e me pergunto se será novamente o engenheiro, tentando me convencer de que aquela sacada não pode ter seis metros.

Quando levanto o olhar, Lucas está me olhando com um sorriso. É bonito, o desgraçado, apesar da camisa amarrotada e desse cabelo que precisa desesperadamente de um corte simétrico.

— Amaya disse que você tinha talento — digo, um pouco comovida.

Ele me olha como se não me entendesse.

— Isso eu não sei, mas a música é minha vida. É a única coisa que me mantém são neste mundo de loucos. O que me motiva a levantar todos os dias — outra vez aquele tom sonhador, o mesmo de quando falava da mancha de café. Toma um gole. Deixa a taça na mesa. Me olha fixamente. — E você? O que você faz para sentir que sua vida tem sentido? Tem hobbies? Animais de estimação... filhos?

Olho para ele, paralisada de horror só de pensar em crianças com dedos grudentos me puxando pelo braço para ver um besouro.

— Não... filhos com certeza que não — respondo, sem saber o que mais dizer.

Para mim, o propósito sempre esteve claro: trabalhar, avançar, abrir meu próprio escritório. Aparecer em revistas prestigiosas. Receber prêmios de arquitetura. Dizer que os pilares curvos não estão tortos, mas representam um esqueleto de baleia. É um caminho brilhante e retilíneo, o

mesmo que seguiram meu pai, meu avô e meu irmão. O caminho reto e correto.

— Eu adoro o meu trabalho — respondo, convencida. — Isso me basta. Gosto de projetar edifícios, ganhar concursos e ver como meus projetos se materializam em construções reais.

— Parece bom, embora bastante cansativo — comenta ele, com um sorriso que não sei se é de admiração ou de pena. — Mas fico feliz que você goste do que faz. Isso é o mais importante.

— Eu amo. Não o trocaria por nada neste mundo.

Lucas assente, mas não diz mais nada. Por um momento, apenas o som dos talheres e das conversas alheias preenche o espaço entre nós.

— Bem. Vamos nos casar na próxima sexta.

Digo isso com o mesmo tom que teria oferecido uma azeitona.

— Está tudo organizado para que seja um casamento expresso — continuo. — Depois, teremos que ir ver meu avô para que ele assine o testamento, e bastará que você sorria e finja estar apaixonado por mim.

Ele esboça um meio sorriso, que não sou capaz de interpretar, enquanto seus dedos se agarram com força à base da taça.

— E depois vou colocá-lo em contato com o empresário artístico — acrescento. — Se você assinar o acordo pré-nupcial, nem precisaremos ir juntos para o divórcio. Será rápido e indolor.

— Rápido e indolor — repete ele com certa ironia. — Parece como ir ao dentista.

— Melhor isso que viver com dor de dente — respondo, um pouco irritada com seu tom desrespeitoso.

Lucas ri, uma risada suave e relaxada, e levanta sua taça.

— Me parece bom — diz. — Brindemos.

— Ao seu disco. — Afirmo, erguendo a minha também. — E à reforma da minha propriedade rural.

— À vida e aos sonhos que se realizam — responde ele. — E a esta maravilhosa dor de dente, completamente inesperada.



Lista de tarefas da Emma:

Por ordem de importância:

- Adicionar as calhas de escoamento aos projetos.
- Buscar terno preto na lavanderia.
- Conseguir sanduíche de lula.
- Casar.

6

Emma

Saio de casa com meu terninho preto e minha blusa branca, como todos os dias. É o mesmo de ontem, mas pelo menos não tem pelos de gato porque lembrei de fechar a sacada antes de me deitar. Hoje não é um dia qualquer, embora eu esteja fazendo todo o possível para me convencer que sim.

Antes de sair, cumprimento a foto do meu irmão Alexander. É uma das últimas que tiramos juntos, quando ele ainda morava em Londres, e nela ele aparece muito magro, mas ainda sorridente.

— Me deseje sorte — sussurro para a foto.

Obviamente, ela não responde, mas tenho a sensação de que uma brisa quente me abraça enquanto cruzo a porta.

Pela primeira vez, consigo escapar da senhora Montse com a habilidade de um ninja, embora eu pareça ver sua cabeça com bobes aparecendo na sacada. Por todos os santos, ela está tomando notas em um bloco? Por que ela me olha e depois escreve? Está ditando para um gravador a pilha?

Caminho até o escritório, e assim que chego começo a revisar as plantas de evacuação que o engenheiro de incêndios me passou. Mario, o estagiário, está muito ocupado estourando plástico bolha com uma caneta de ponta fina de 0.2 mm; para uma vez que ele se concentra em algo, decido que é melhor não incomodá-lo. Apesar de ser cedo, o zumbido da impressora e o cheiro característico de toner fresco encham o ar: puro cheiro de lar.

— Toc, toc — diz uma voz, e ao levantar o olhar me deparo com Randall, também conhecido como meu nêmesis, batendo na parede.

Sua piada estúpida do *toc, toc* me tira do sério até limites inimagináveis, principalmente porque trabalhamos em um aquário de planta aberta, com exceção da sala do senhor Navarro, que é o único que goza do luxo de ter paredes ao seu redor.

— Randall — cumprimento-o sem fingir amabilidade alguma. — Estou ocupada.

— Claro, Emma, não duvidava disso — responde com voz melosa, ajeitando aquele espantoso blazer listrado que te teletransporta para 1993.

— Vim perguntar como vão as plantas de localização do auditório. Você já falou com o responsável pelas calhas de drenagem?

Maldição. Com a confusão do casamento, esqueci das estúpidas calhas de drenagem. Deveria ser ilegal ter que planejar drenagens no dia do próprio casamento. Espere. Talvez seja? Nunca saberei, porque não contei para ninguém, muito menos para o pessoal do trabalho.

— Estava pensando em ligar para ele amanhã — minto, enquanto fantasio jogar Randall pelo ralo. Embora não funcionasse. As ombreiras ficariam presas e seria preciso puxá-lo pela gravata.

— Não se preocupe, já falei com ele — responde com falsa doçura. — Ele virá hoje às quatro. Assim nos reunimos os três com Navarro e falamos sobre nossa estratégia antes da festa de amanhã.

Festa? Que festa?

Ninguém me avisou. Tenho absoluta certeza. Acho que Randall sabe disso e está se divertindo com minha cara de surpresa. Fomos contratados juntos, e desde o primeiro dia ele tem tentado me sabotar para conseguir o cargo de arquiteto sênior que ficou vago.

— Vejo que você havia esquecido — diz estalando a língua. — Eu imaginava. Vocês mulheres sempre têm a mente muito dispersa, não é culpa sua. Aconteceria o mesmo comigo se eu tivesse todos esses hormônios reprodutivos esvoaçando... Mas para isso está o bom e velho Randall, para lembrá-la. Será amanhã às oito, na casa Batlló, e virá gente muito influente. Gente que poderia mexer os pauzinhos... você me entende.

Suspiro e aperto os dentes. Hormônios reprodutivos? Mudei de ideia. Qual diâmetro de tubulação de drenagem seria suficiente para lançar Randall dentro sem deixar rastros? Um bem grande, a julgar pela largura dessas ombreiras.

— Obrigada por me lembrar — nesse momento, penso numa coisa. — Ei, você não saberia por acaso se Mathieu, o engenheiro de som, também vem?

Randall me olha de cima, daquela maneira que tanto me irrita.

— Por que está perguntando? — ele ri, como se tudo o que diz fosse superengraçado. — Ele é casado, se é por isso. E sempre leva a esposa a tiracolo. Embora essa seja uma tremenda galinha, a Thaïs. Ele não pode deixá-la sozinha nem por um momento, porque assim que se distrai, pá! Encontra ela com algum músico sarado na cama. Dizem que no verão passado ela deu uma festa em casa, e apareceu no quarto de hóspedes com o

baterista e o saxofonista de um grupo que representa, e desde então ele a leva com coleira, como se fosse um chihuahua...

Reviro os olhos. Não me interessam as fofocas de escritório. Além disso, conhecendo Randall, com certeza é tudo mentira. Ele odeia tanto as mulheres que suspeito que em vez de nascer, ele saiu de um esporo, como o mofo.

— Randall, pare — digo com tom firme, fechando o laptop de uma vez. — O engenheiro de estruturas tem um problema com o ângulo do teto, e eu queria comentar com Mathieu. Não dou a mínima com quem a esposa dele se deita, e se ele vai trazê-la para a festa ou não.

Randall verifica a hora, olha para meu computador desligado e suspira com superioridade.

— Já vai almoçar? — diz, incrédulo.

— Tenho uma reunião com um representante comercial — respondo.

— Com qual? Posso acompanhá-la?

— Esgoto — respondo, enquanto o desvio e coloco o blazer. — E me viro sozinha, mas obrigada.

O bom de ser pequena é que caibo em qualquer fresta, diferente dele.

— Vou almoçar — digo à secretária ao passar ao seu lado.

Empurro a porta de vidro, deixando para trás a plotadora cheia de plantas que saem como torradas. Depois entro no elevador, olho-me no espelho e arrumo um pouco o cabelo. “Bem, lá vamos nós”, digo a mim mesma. “Vamos acabar com isso de uma vez.”

Emma

“Me caso, e depois, um sanduíche de lula.”

Vou repetindo esse mantra enquanto saio do edifício, para me dar ânimo. O bar Paco fica perto da prefeitura e faz os melhores sanduíches de lula de Barcelona. Neste momento, essa é a minha única motivação para ir até lá e fazer algo que realmente não quero fazer, mas sinto que é a minha única saída.

O táxi está me esperando lá fora.

— Para onde? — pergunta o motorista.

— Para a prefeitura — respondo.

— Trâmites para o escritório? — diz ele com tom conversador, erguendo o olhar para a placa com o nome do escritório de arquitetos.

— Não, na verdade não — e num arroubo de sinceridade muito incomum em mim, acrescento: — Vou a... um casamento. E depois, comer um sanduíche de lula.

O motorista me olha pelo retrovisor, surpreso.

— Olha só! Que interessante! Minha esposa e eu nos casamos na igreja, que é mais bonito, mas o importante é o amor, não é?

Concordo com a cabeça, distraída, pensando no sanduíche que me espera depois. Me concentro no pão fresquinho, e na massa fina e crocante.

— Quem vai se casar? — insiste o motorista, mais pesado que uma laje de fundação.

— Ninguém. Uma mulher que quase nem conheço — respondo de má vontade, e o pobre homem não diz mais nada.

Vou dar uma avaliação de uma estrela para ele por ser fofoqueiro, mesmo que tenha me dado uma garrafa de água.

Ele estaciona perto da prefeitura, onde Lucas já me espera no local combinado, vestido com jeans e uma camisa florida que grita “liquidação no hipermercado”. Segura o que parece ser um buquê de margaridas, tão murchas e desiguais que não me surpreenderia se ele as tivesse arrancado a mordidas de um canteiro público.

— Hoje cheguei pontual, hein? — me diz com um sorriso tão amplo que me faz suspeitar que ele tem outras intenções. — E coloquei

uma camisa bem bonita, olha.

— Já vejo que você está muito ansioso para gravar seu disco — respondo, forçando um sorriso.

— O que está dizendo? Era tudo uma desculpa para me casar com a garota mais bonita e rica do Eixample.

— Não sou rica.

Nem bonita também, mas isso é óbvio.

— Boba — ele ri, e ele sim é bonito quando faz isso, com aqueles olhões verdes. — Mas você conseguiu a reunião com aquele agente, não é?

— Amanhã mesmo — respondo muito séria. — Estou convidada para uma festa, e acho que ele vai estar lá. Você pode vir comigo e eu apresento vocês.

— Obrigado. Você não sabe o quanto isso significa para mim — diz com sinceridade. Em seguida me estende o buquê, ou seja lá o que fosse aquela coisa imunda, e faz uma espécie de reverência. — Toma, são para você.

Me pergunto se ele vai perceber se eu jogar as flores na lixeira antes de entrar. Acho que sim, então as aperto contra o peito e finjo estar muito feliz com o gesto. Uma delas perde as pétalas, e de outra sai uma formiga.

— Muito... silvestres, obrigada.

— Roubei de um parque perto da minha casa — acrescenta com ar travesso —, mas não conte a ninguém.

— Jamais teria imaginado — respondo o mais séria possível. — Por falar nisso, você resolveu o problema das testemunhas?

Acrescento com tom casual, embora meu coração pare no peito por um momento. Lucas parece o tipo de pessoa a quem eu não confiaria nem meu peixinho se fosse viajar, muito menos os preparativos de um casamento. Mas não podia contar a ninguém do meu círculo. Tinha vergonha demais. Então pedi que ele cuidasse disso.

Ele ignora meu tom desconfiado e aponta com desenvoltura para a rua adjacente.

— Não queria avisar meus amigos, por motivos óbvios — diz com ar misterioso —, então...

Nesse momento, duas garotas com o uniforme de uma cafeteria se aproximam de nós. Uma tem o cabelo curto e vermelho como um duende, e a outra tem cachos explosivos presos com um turbante. E as duas são mil

vezes mais bonitas, altas e jovens do que eu, e me fazem sentir estranhamente inadequada com meu terninho. E baixinha. Muito baixinha.

— Elas trabalham no Carpi Café da Praça Sant Jaume, bem aqui ao lado — sussurra Lucas enquanto as cumprimenta de longe. — Passei lá hoje de manhã e propus a elas. Concordaram em troca de uma boa gorjeta — acrescenta, satisfeito consigo mesmo. — Te apresento a Katia e Rosa.

— Roser — corrige a de cabelo curto, mas sorri ao fazê-lo. Depois se vira para mim. — Esta é a noiva?

É estranho que me chamem assim, mas concordo com a cabeça, porque explicar toda a situação seria bastante complexo.

— O Lucas já me contou que vocês não são daqui e que suas testemunhas pegaram o vírus do vômito justo ontem à noite — diz Katia. — Que nojo, né? Mas nós vamos tirar vocês dessa. Afinal de contas, hoje é o dia mais feliz das suas vidas!

— Que maravilha! Obrigada — digo, enquanto me concentro com força no sanduíche de lula do bar Paco.

Entramos no Saló de Cent.^[2] Nunca tinha estado lá, e para ser sincera, me impressionou um pouco. Esperava uma sala estéril, com uma mesa de compensado e cadeiras de colégio, mas, em vez disso, encontro um majestoso salão gótico de pedra, com o teto de vigas de madeira expostas e as paredes cobertas de impressionantes tapeçarias vermelhas e amarelas. Pelo visto, conseguiram para mim um casamento civil em um dos lugares mais bonitos da cidade, sem que eu soubesse. Lembro do comentário do taxista fofoqueiro e sorrio com súbita emoção. Mas depois reparo nas fileiras de bancos vazios e lembro o motivo pelo qual estou aqui: o sanduíche de lula.

Há um funcionário sentado em uma mesa coberta com uma toalha vermelha. Na frente dela, duas poltronas na cor bordô: uma para Lucas e outra para mim, suponho. Nos aproximamos, caminhando um ao lado do outro, mas sem nos tocar. Sinto um nó no estômago ao me sentar, mas ele olha para mim e sorri, e de alguma maneira inexplicável, seu sorriso me tranquiliza. A cadeira é tão enorme que meus pés ficam balançando, e eu os movimento como uma colegial. Sua mão busca a minha por cima do apoio de braço, e ele aperta meus dedos para me dar ânimo. Seu toque é quente, enquanto eu me transformei em um cubinho de gelo por causa do estresse. Deslizo meu braço de volta para o meu colo, como uma serpente furtiva.

— Bem-vindos — diz o funcionário, um pouco surpreso ao ver que temos apenas duas testemunhas, e ambas estão vestidas com o uniforme do Carpi Café. — Vocês prepararam alguma leitura?

— Nada. Direto ao ponto — digo secamente.

— É que estamos muito ansiosos para estar casados — esclarece Lucas, ajeitando o colarinho da camisa florida.

— Vocês declaram estar aqui por vontade própria e com o propósito de contrair matrimônio? — pergunta muito sério o celebrante.

Asseguramos que sim e então ele começa a ler alguns artigos do Código Civil. Sua voz ecoa no salão quase vazio. Eu tento prestar atenção, mas minha mente começa a vagar e penso no projeto do auditório, e na bronca que Derek me deu quando apresentei as plantas revisadas. Ele não gostou nada. Disse-me que, se a coisa não melhorasse, iria deixar o projeto nas mãos de Randall, e me arrumaria “algo mais simples e do meu nível”. Se isso acontecesse, eu morreria, então não posso permitir.

— Sim, quero — ressoa a voz de Lucas ao longe, despertando-me das minhas preocupações profissionais.

De repente, quatro pares de olhos estão me olhando. Estou quase certa de que me perguntaram algo. Dada a situação, respondo o mais adequado que me ocorre:

— Hum... sim, quero.

Resposta correta. Todos parecem contentes.

— As alianças — sussurra então o celebrante.

— Alianças? — repito em choque.

Maldição! Serei idiota? Nem sequer me ocorreu pensar nisso. Olho para minhas mãos, procurando alguma, mas não costumo usar joias. Dá para notar que não tenho costume de me casar, e esqueci de um ingrediente chave.

— Não, é que nós não... — começo a dizer, mas Lucas levanta a mão e me interrompe, piscando para mim.

Ele mexe no bolso dos jeans desgastados e tira duas alianças de plástico verde fluorescente, como aquelas que saem nos ovos Kinder. As duas testemunhas soltam um “Ohhh!” carregado de emoção. Eu também solto um gritinho, embora em um tom totalmente diferente.

— Receba esta aliança como sinal do meu amor e fidelidade a você — diz Lucas com voz trêmula, e a coloca no meu dedo.

Seus olhos verdes me contemplam, vidrados, enquanto espera que eu responda. Repito suas palavras e, de repente, é como se o salão inteiro desaparecesse. Deslizo a aliança em seu dedo, e na minha imaginação já não é uma aliança de brinquedo. Uma onda de emoções me domina, e sinto as lágrimas que ameaçam escapar sem saber sequer por quê. O momento é mágico, em sua absoluta inverossimilhança, e o chão parece balançar sob meus pés. Jamais pensei que isso aconteceria comigo. Jamais pensei que...

— Pode beijar a noiva — diz o funcionário com entusiasmo.

Mas o quê...?

Suas palavras me despertam de repente, como um tapa na cara.

Lembro imediatamente onde estou, com quem e por quê, e a magia do meu mundo imaginário se desvanece.

Ficamos em silêncio, nos olhando como naquele jogo em que o primeiro a piscar perde. Uma das testemunhas suspira dramaticamente e tira um lenço da manga, enquanto a outra agarra seu celular como se esperasse capturar algo viral. O funcionário parece congelado no tempo, com as mãos estendidas como um pároco.

Todos nos olham.

Não há escapatória.

— Bem... — sussurro, buscando uma desculpa, mas Lucas já se inclinou na minha direção.

Tento dar-lhe um beijo rápido na bochecha, mas ele se vira ligeiramente, e minha boca roça o canto dos seus lábios. Sua pele é surpreendentemente macia. Sua colônia cítrica me envolve, e sinto um calor inesperado que me sobe dos pés.

Me afasto como se tivesse tocado em um fio desencapado, com o coração martelando. Lucas me lança um olhar indecifrável.

— Bom, agora temos que assinar, né? — pergunta, quebrando o momento.

Aceno muitas vezes. Sem falar, porque me falta o ar.

Depois tudo acontece muito rápido: assinamos os papéis, o funcionário nos felicita e promete enviar a certidão ao registro civil o mais breve possível.

Rápido e indolor. Exatamente como eu queria.

Cruzamos as altas portas trabalhadas do salão e suspiro aliviada, embora ainda me sinta um pouco tonta. Ao sair do belo edifício, o sol de Barcelona me cega, mesmo sendo fevereiro. Mas não me importo, porque

não preciso ver aquelas ruas estreitas e de pedras à minha frente: para mim só existe a linda propriedade rural no campo que muito em breve será minha, e que transformarei em um dos hotéis mais caros e exclusivos da Europa.

Já é minha, para ser exata.

As testemunhas se despedem com beijos e abraços, e não vão embora até prometermos enviar-lhes fotos da lua de mel, de nossa futura casa e do nosso primeiro filho. Tá bom, só falta pedirem a foto da nossa primeira sacola de lixo em comum.

— Contente, minha esposa? — me pergunta Lucas com um sorriso debochado, uma vez que elas se foram.

— MUITÍSSIMO — respondo, sem ocultar meu sarcasmo, e tento tirar a aliança, mas parece que está presa.

Droga. Não consigo tirá-la.

Não tem problema, com certeza em casa vai sair, com um pouco de sabão.

Nesse momento, vejo uma mulher se aproximar com uma maleta: cabelo preto como ébano, lábios vermelho-sangue... Nuria! A advogada do meu avô! Olho para os lados procurando algum lugar para me esconder. Pulo para um portal próximo e cubro meu rosto com as margaridas.

Lucas se inclina na minha direção com o nariz franzido.

— Ei, você está bem? O que está fazendo? — me pergunta, claramente desconcertado.

— Cala a boca e fique aí! — espio por trás do buquê e vejo Nuria cada vez mais perto. Pego as mãos de Lucas e as coloco ao redor da minha cintura. — Faz de conta que está me abraçando. Entra no jogo.

— Por quê? O que está acontecendo, Emma? — insiste ele.

— Shhh! — digo, nervosa, e me aperto contra ele. — É a advogada do meu avô.

Seus braços se ajustam perfeitamente em torno da minha cintura, e novamente constato que esse homem tem um cheiro incrivelmente bom, e seu peito é dos mais firmes e agradáveis.

— Mas... seu avô queria que você se casasse, não é? — diz Lucas sem entender, e de repente percebo que estou me comportando como uma paranoica.

É verdade. O que importa se ela me vê? É até melhor que ela saiba. É fato que tenho escondido isso de todo mundo, mas Nuria é uma exceção.

— Emma! — diz Nuria, que de qualquer forma tinha me visto. Arrasta as palavras como se estivesse aproveitando o meu desconforto. Estico-me e saio de trás das margaridas, ainda entre os braços de Lucas.

— Nuria, que... surpresa te ver aqui.

— Que coincidência! Estava passando por aqui para atualizar alguns documentos legais na prefeitura e aproveitei para resolver algumas questões relacionadas ao testamento do seu avô. E você, o que está fazendo aqui? — pergunta, olhando para as flores com curiosidade.

— Bom... acabamos de nos casar — respondo com tom de absoluta felicidade. Ou pelo menos tento.

— Sêrio? E este é o seu...? — olha para Lucas com uma sobranceira arqueada. — Você não me disse que estava namorando. Você sabe, na semana passada, quando tentou me convencer a mudar a cláusula do testamento do seu avô.

— Claro que eu estava namorando alguém. Por que estaria sem namorado?

Algo no olhar que ela me lança não me agrada, mas continuo sem me deixar intimidar.

— Quando contei para o Lucas, ele... — olho para Lucas, desesperada por uma saída.

— Foi muito romântico! — intervém ele. — Fazia muito tempo que eu esperava por esse momento, e a carta do avô foi o empurrãozinho que eu precisava para tomar coragem. Estamos muito apaixonados — acrescenta, mostrando o anel verde para Nuria, que abre tanto a boca que consigo ver as obturações nos seus molares.

— Nossa, então parabéns, Emma — diz ela, claramente cética. — Fico feliz que algo bom tenha saído dessa confusão toda. E onde vocês se conheceram?

— Numa cafeteria, perto do Passeig de Gràcia — responde Lucas, rápido como um raio. — Nós dois trabalhamos perto. Eu sou músico, e ela é arquiteta.

— Então vocês se conheceram em Barcelona! — O rosto de Nuria se enrugava cada vez mais, cheio de suspeita. — Mas você só está na cidade há alguns meses, não é? Pelo menos, foi o que seu avô disse — ela olha para nós dois com desconfiança. — Tudo muito rápido.

— Foi amor à primeira vista — diz Lucas, jogando o cabelo para trás com desenvoltura. — Amor ao... primeiro café.

Fecho os olhos, desejando que esse pesadelo acabe. Se ela continuar perguntando, vamos meter o pé na jaca com certeza.

— Bem, fico muito feliz por vocês — diz a advogada com um sorriso forçado, e seus olhos passeiam do anel para as margaridas, e daí para a camisa florida de Lucas.

— Bom, já estávamos indo — digo, puxando a manga de Lucas. — Estamos atrasados para...

Para quê? Para onde se vai depois de se casar às pressas no cartório?

— Almoçar — me ajuda Lucas.

— Então tá, pombinhos. Deixo vocês irem — Nuria faz uma pausa. — A propósito, Emma, terei tudo pronto para o dia primeiro de março, como seu avô quer. Estranho ele não ter vindo ao casamento, não é?

Dou de ombros, desejando que ela desapareça.

Finalmente, os saltos de Nuria se afastam, e eu me apoio contra um muro de pedra antigo, sobrecarregada pelas emoções do dia.

— Que estresse, meu Deus — murmuro.

— Bem, pelo menos agora seu avô tem uma testemunha que viu você saindo do cartório depois do seu casamento — diz Lucas, tentando me animar. — Quer almoçar comigo para comemorar?

Olho para o celular, onde me esperam dez chamadas perdidas.

— Na verdade... — digo hesitando.

— Já entendi — responde, e parece um pouco triste. — Então, te vejo amanhã? Onde é a festa?

— Vou te passar a hora e o local por mensagem — depois olho para ele de cima a baixo e decido dizer: — Tenta se vestir de forma decente, tá?

Lucas dá de ombros e vai embora assobiando, e eu apresso o passo em direção ao meu destino final: o bar do Paco.

Bom, é isso.

Assim termina o dia do meu casamento.

Quando chego ao bar, sou recebida por um cartaz escrito à mão, colado na porta de vidro com fita adesiva.

Meu estômago se contrai. Tenho um mau pressentimento sobre o início deste casamento.

Me aproximo para ler o cartaz e meu coração afunda. Na minha frente, em marcador preto permanente, está bem claro:

“Não temos mais lulas. Desculpem pelo transtorno.”

Caderno de notas de Lucas

*Tuas linhas retas colidem
com tuas curvas impossíveis,
Por fora, fortaleza impenetrável.
Por dentro... quem sabe?
Talvez rosas... talvez fogo...
Mas sem dúvida, inesquecível.*

Lucas

— Não, não, não, nãoooo! — diz Amaya cobrindo a boca.

Ela se aproxima de mim e segura minha mão com força. Observa o anel verde e puxa-o, apertando meu dedo como se tivesse a tecla de *desfazer* do computador.

— Não me enche, cara, não me diga que você fez isso!

— Bem, defina “fez”. Quando você diz “fazer”, a que exatamente está se referindo?

— Me diz que esse anel é da sua sobrinha, Paula, do conjunto de maquiagem e cabelo que os Reis Magos trouxeram para ela.

— Na verdade, é sim — respondo, e não estou mentindo.

Paula não é minha sobrinha de verdade; é a filha do meu amigo David. Almocei com ele e sua esposa, Sophie, um dia em que passavam por Barcelona. Vi que a menina tinha uma caixinha de joias cheia de bugigangas de plástico. Peguei meio que de brincadeira, caso a arquiteta esquecesse de trazê-los. E ainda bem que fiz isso, porque...

Amaya continua me olhando com cara de quem comeu limões.

— Por que você fez isso, Lucas? Você é um cara legal, não precisa fazer essas coisas por dinheiro.

Faça o que eu fizer, nunca acerto.

Teria sido melhor ir para casa, em vez de voltar ao Carpi Café. Mas tive que fazer isso porque havia deixado meu violão lá, e hoje à tarde tenho um show. Acabei de me casar e minha lua de mel consistiu numa empolgante viagem de metrô até o exótico Passeig de Gràcia: um destino único e memorável. Não houve muitos beijos nem abraços, além dos deliciosos apertos com cheiro de suor dos outros passageiros. Mas, bem, me custou menos de três euros, e com o chacoalhar do trem esqueci de onde vinha, o que foi um alívio. Contudo, Amaya não esqueceu, e agora está furiosa.

— Cara, fala sério. Você não devia ter feito isso. Existem outras maneiras. Você não precisa se deitar com mulheres para ficar famoso.

— Não pretendo me deitar com ela! — digo, indignado, embora algo no meu interior se agite ao considerar essa possibilidade pela primeira

vez.

Ok, talvez não seja *a primeira vez* que penso nisso, afinal. Essa mulher me pediu em casamento e sou homem, e penso em coisas, tá legal?

Mas Amaya não precisa de tantos detalhes.

— Na semana passada você tentava me convencer a me casar com uma milionária — protesto. — Agora te obedeci, e mesmo assim você não está contente. Parece minha mãe!

Amaya me ignora e continua me olhando com cara de espanto. Aposto o que quiser que ela vai me pedir para comprar um carro com suporte de bicicleta para compensar meu terrível erro.

— Aquele contrato que ela fez você assinar, dizia algo sobre pagar seu disco? Sobre te conectar com aquele agente que ela prometia?

Coço a cabeça e penso. Li muito rápido, mas agora que penso, não me lembro de nada disso. Só que teríamos separação de bens e que eu não reclamaria nada no momento do nosso divórcio, com o qual eu concordava antecipadamente.

— Bem... acho que não. Não tenho certeza. Mas ela me prometeu, e parece uma garota séria. Sempre anda de terno.

— Sério, Lucas, você é um tolo. Um tolo de carteirinha! As pessoas de terno são as que mais enganam! São as piores! Você realmente não sabe disso? Por que confiou nela?

— Não sei, eu senti, tá? Senti que tinha que fazer isso, que podia ajudá-la, e não me custava nada, e tinha muito a ganhar... Não me pergunte tanto, caramba!

— Mas você já olhou pra ela? É uma mulher rica, esticada, metida... se acha superior aos outros com suas mechas loiras, seus sapatinhos de salto e seus blazers de marca com cheiro de lavanderia. Ela nos olha de cima, cara, você não percebeu? Por que quer ajudá-la?

— Não sei. Foi um pressentimento. Um pouco como a letra de “As Curvas do Caminho”. Logo após eu entregar aquele copo para ela, ela me propôs isso e não sei... foi uma espécie de serendipidade.

— Lucas, não gosto nada quando você usa palavras estranhas que ouve nos filmes. O que é isso de seren... sei lá o quê?

— Não ouvi num filme. Vi num livro. E serendipidade significa coincidência... coincidência milagrosa.

— Está vendo? Isso acontece por você ler livros. Eles colocam na sua cabeça ideias românticas de amor que não existem. Cara, acorda! Essa

mulher só quer se aproveitar de você e depois vai te dar um pé na bunda e te mandar pastar. Não é nenhuma coincidência milagrosa. É o mesmo que Lucrecia fez com você. O mesmo que todas fazem.

Ouvir o nome da minha ex, Lucrecia, é como um soco na boca do estômago, e fecho os olhos para esquivá-lo.

— Chega — digo, levantando as mãos e escorregando para o depósito, esquivando-me de Amaya. — Olha, Amaya, eu sei que você não entende. Nem mesmo eu entendo, droga. Mas você bem sabe que vim do sul buscando uma oportunidade, e nos dois anos que estou aqui a única oportunidade que apareceu foi a de encher as latas de lixo do Carpi Café com meus versos. Então, decidi aproveitar essa chance, tá? E, além disso, sinto... não sei. Ela conhece gente importante, e sinto que isso poderia se transformar em algo grande.

— Algo grande? — ela me pergunta, me seguindo e metendo o nariz no armário que acabei de abrir. — Maior que sua cabeça oca?

— Amaya! Emma está fazendo um auditório, e...

— Agora já é *Emma*! O que aconteceu com “A Garota das Plantas”?

— Considerando que se trata da *minha esposa*, acho que tenho intimidade suficiente para chamá-la pelo primeiro nome...

Amaya suspira como uma gata arrisca e me atira um pano. Eu prossigo como se nada, depois de tirar o pano da cara.

— Olha. Emma conhece um engenheiro de som que trabalhou no Auditório Nacional. Os contatos dela conseguiram uma data de casamento na Prefeitura de Barcelona, no salão mais luxuoso e bonito de todos, em menos de uma semana. Se ela pôde conseguir isso, você acha que não pode conseguir uma entrevista para mim com um agente importante que queira gravar meu disco em Nova Iorque e promovê-lo pelo planeta? Não sei, Amaya, eu penso que sim. É o mais perto que já estive de tocar no sucesso, e você sabe.

Tiro o violão do armário e o coloco no ombro. Amaya se aproxima, um pouco constrangida, e coloca uma mão sobre minhas costas.

— Desculpa, Lucas, olha... é só que eu me importo com você, cara — diz ela. — Somos amigos e me preocupo com você; alguém tem que fazer isso. Além do mais, desde que o David foi embora para Paris, só restamos você e eu.

— Eu sei — digo, sorrindo, e a puxo para perto de mim para abraçá-la suavemente. — Vai dar tudo certo, não se preocupe. Por falar nisso, como estão as coisas com a “Garota de Ouro”? Vocês vão sair hoje à noite?

— Ela não pode — responde, encolhendo-se um pouco.

Ultimamente, ela quase nunca pode, mas eu não digo isso, porque ambos estamos pensando a mesma coisa.

— Então, ela ainda não te apresentou à família dela?

— Pois é, não — responde e olha para outro lado, tentando diminuir a importância.

A “Garota de Ouro” é uma loira deslumbrante que sempre usa joias douradas, como se tivesse acabado de sair de um comercial de champanhe. E sim, é uma menina rica e sua família tem muito dinheiro, o que não ajuda. Suspeito que ela tem vergonha de apresentar Amaya aos pais, com seu cabelo azul, suas tatuagens e sua maneira tão pouco... patricinha de falar. Ela finge que não se importa, mas acho que no fundo dói. Eu acho que a “Garota de Ouro” é uma idiota e uma metida, mas, infelizmente, é difícil dizer isso a uma pessoa apaixonada sem que ela te odeie. Então fico calado e espero que ela descubra sozinha.

— Bom, na próxima, né? — digo para animá-la. — Tenho certeza que, na Páscoa, quando fizerem aquele grande almoço de família que ela sempre te fala, ela vai te convidar.

— Com certeza... — responde, embora soe tão pouco convencida quanto eu.

Saio do Carpi Café com passos decididos. Suas palavras me comoveram e também me preocuparam, mas agora não tenho tempo de pensar nisso. Tenho um show para apresentar. E, que diabos, é o dia do meu casamento! Vou tocar, compartilhar minha música com o mundo e, sobretudo, me divertir.

Caminho com o violão pendurado no ombro. Paro para comer algo em um bar e reviso as músicas. Não tenho vontade de voltar para casa, é longe demais.

Quando se aproxima a hora, me dirijo a pé até o local onde tenho que fazer o show e ainda tenho tempo de sobra. Trata-se de um desses bares pequenos e escuros no Raval, com paredes cheias de pôsteres e luzes suaves que tentam parecer legais, mas que só estão ali para esconder as melecas

grudadas nas paredes e as manchas de umidade que abundam nesses lugares. O resto dos defeitos eles cobriram com grafites. Eu me pergunto o que Emma acharia disso.

Entro no bar e, como já temia, está praticamente vazio. Já escureceu, mas mesmo assim, é muito cedo para o pessoal. Há um grupo de quatro pessoas em um canto, duas delas ocupadas demais se agarrando para notar que alguém subiu ao palco. No balcão, um cara com cara de ter tido uma semana horrível se debruça sobre sua cerveja como se fosse a única coisa que o mantivesse de pé. E, depois, duas garotas sentadas perto do palco, mais interessadas em seus celulares do que em qualquer coisa que possa sair do meu violão. Subo ao palco e elas nem se afastam para me deixar passar; quase diria que as incomodo.

“*Curvas e buracos*”, penso enquanto ajusto o microfone, e convenço a mim mesmo como sempre de que os obstáculos são necessários para chegar ao topo.

Faço alguns testes de som, embora tenha a sensação de que poderia me pôr a bater palmas com um sapato em cada mão e nem notariam.

Começo fazendo versões de algumas músicas conhecidas: não gosto disso, mas costuma servir para chamar a atenção. Mas nada; nem com isso. As duas garotas continuam com seus celulares, o casal no canto parece ter decidido que a roupa é opcional, e o cara no balcão agora fez amizade com o barman e está limpando o nariz numa jaqueta que não é dele. Agora que penso, acho que é do caszinho que está se beijando.

Sinto como se o palco começasse a afundar. Penso nas palavras da minha mãe, implorando para que eu criasse juízo e voltasse para casa. Penso em Lucrecia, na escuridão de seus olhos, como poços sem fundo nos quais alguém poderia se perder uma noite inteira até esquecer o mundo. Penso que acabei de me casar, e nem sei onde minha esposa mora, nem o que está fazendo agora.

Os primeiros acordes de “As curvas do caminho” saem sozinhos do violão, e sem perceber começo a cantar meu hino pessoal à vida, à magia de encontrar beleza na imperfeição, e à fé de que os caminhos difíceis podem nos guiar até os lugares mais bonitos.

As garotas estão me olhando. Alguém me escuta! Acho que consegui, já tenho a atenção de alguém...

Nesse exato momento, o barman desvia do bêbado (acho que ele ia lhe dar um abraço de urso), deixa cair uma bandeja com copos no chão, e o

estrondo abafa minha voz e faz com que todos no bar se virem... para ele.

Paro de cantar abruptamente e o bar fica em um silêncio quase absoluto, exceto por um leve murmúrio no canto e o som do barman limpando os vidros quebrados. Fecho os olhos, tentando bloquear a frustração que ameaça me consumir.

Não consigo.

Levanto com um movimento brusco e a cadeira cai. Desço do palco, ignorado por todos. Não há aplausos, nem mesmo um “obrigado” por cortesia.

Certo. Então vou embora. Não é minha culpa se vocês não entendem de música e poesia. Vão ouvir uma manada de burros zurrando.

Saio acompanhado pelo som indiferente das risadas e o tilintar dos copos no balcão.

Talvez nem todo mundo esteja destinado a encontrar beleza nas curvas do caminho.

Talvez algumas curvas, como as de Lucrecia, só levem a becos sem saída.

Caminho de volta para casa com essa ideia rondando minha cabeça, sentindo um peso no peito que já tinha sentido antes, mas que hoje se tornou maior. A cidade continua com seu ritmo habitual, com as pessoas rindo nas calçadas, os turistas tirando fotos, e eu, com meu violão nas costas e meu anel ridículo, me sinto mais invisível do que nunca.



Lista de tarefas da Emma:

- Verificar qual o horário da festa.
- Preparar discurso para quando eu for apresentada ao vereador na festa.
- Verificar se é possível entrar na Casa Batlló com um tijolo na bolsa.
- Levar para a lavanderia todas as peças de roupa verdes que estiverem no meu guarda-roupa.
- Descobrir como se diz “Você pode conseguir um emprego para o meu marido?” em francês.

8

Emma

Marquei com Lucas hoje à noite para irmos juntos ao coquetel, que acontecerá no terraço da Casa Batlló: um lugar de fábula e perfeito para Derek puxar o saco de um sujeito influente (aparentemente, ele poderia dar um empurrãozinho à nossa proposta para o auditório para que vencesse de forma *totalmente imparcial*). Randall, por sua vez, vai porque precisa puxar o saco de Derek (para que ele me dê *minha* promoção). E eu vou porque é uma oportunidade fantástica para apresentar Lucas a Mathieu, o engenheiro de som que lançou vários músicos ao estrelato na última década. Não planejo puxar o saco de ninguém, por estranho que pareça, e isso me faz sentir um pouco deslocada.

Meu plano é simples: chegar, aparecer na foto, dizer a Mathieu que acabei de conhecer o próximo Bob Dylan e ir para casa assistir TV com os pés na minha mini banheira de hidromassagem.

Quando saio do chuveiro, o gato Risonho está mordiscando o carregador do meu celular. Tento espantá-lo, mas ele não se move nem um centímetro. Puxo o cabo até que ele solte e bato palmas até que pule da minha varanda para a de sua dona. Infelizmente, elas estão conectadas. Queria poder trocar umas palavras com o arquiteto que projetou este prédio. Certeza que ele morava em uma casa unifamiliar, o maldito.

Me debruço no terraço da vizinha para garantir que o gato aterrisou são e salvo (embora eu não me importe, obviamente), e ao fazer isso ouço a voz da senhora Montse. Ela está falando com alguém, e por um momento penso que finalmente sua filha veio visitá-la, aquela que sempre promete ir, mas nunca vai. Mas não: é um homem. E, que eu saiba, ela não tem nenhum outro filho. Então aguço o ouvido, caso estejam tentando sequestrá-la. Embora eu duvide que eu tenha tanta sorte.

— Esses tubos de gás parecem muito desgastados — diz a voz masculina. — Estão para trocar, está vendo? Teremos que avisar sua vizinha para nos deixar entrar. Eles também passam pelo apartamento dela.

Franzo a testa, irritada. Não vou abrir a porta para ninguém. E mais, e se for um desses golpistas que tentam enganar os idosos, fingindo que vêm da empresa de fornecimento de gás? Eu ficaria para ouvir mais um

pouco, mas preciso ir embora. Faço uma nota mental para verificar se ela ainda está viva quando voltar, só por precaução.

Coloco um vestido de seda estruturada, de corte geométrico e minimalista, e completo o look com uns fantásticos *stiletto*s pretos. Tudo elegante e de linhas limpas. Bem... tudo menos o anel de plástico verde, que ficou preso e não há como tirá-lo. Espero que ninguém perceba. Pelo menos é verde. Suponho que a partir de agora terei que vestir sempre essa cor, ou cortar meu dedo.

Me arrumo mais uma vez na frente do espelho e coloco um pouco mais de sérum nas pontas do cabelo, com a esperança de vencer a umidade noturna de Barcelona e manter uma cabeleira de ondas suaves durante toda a noite.

Desço as escadas e Lucas já está lá, me esperando no portão. Não o vi desde o casamento. Casamento. Casamento? Meu Deus, como isso soa estranho.

Esta noite ele usa uma camisa ajustada que lhe cai particularmente bem. E não tem estampa de flores, o que é um plus. Quando apareço, ele me olha boquiaberto e alisa as rugas com as mãos. Se ele fosse meu marido de verdade, o Papai Noel lhe traria um ferro de passar.

— Você está... — me diz sem fôlego, me estudando de cima a baixo. — Você está espetacular, Emma! Mas agora não sei se minha roupa é apropriada para a ocasião.

Além da camisa branca com mangas dobradas, ele usa um jeans discreto e tênis limpos. Talvez não seja o que dita o protocolo, mas nele fica maravilhoso, e seu traseiro nessas calças é pura glória, para que mentir. Se não estivéssemos indo para onde vamos, eu estaria me derretendo por dentro só de vê-lo. Ok. Estou me derretendo um pouco. Mas isso é só porque descii correndo pelas escadas e lancei um gato pela varanda. Nada mais.

— Não tenho nenhum terno, então coloquei isso — ele se desculpa corando. — Se eu soubesse, poderia ter alugado um, mas...

— Não se preocupe — o tranquilizo. — Tudo vai dar certo. Você é um artista, não um político. Mathieu não liga para essas coisas. Ele só se importa com o talento.

Mathieu é um cara legal. *E para os demais, que se danem*, penso, mas sou uma dama e não posso dizer isso em voz alta.

— Vou apresentar você como um amigo — explico enquanto caminhamos, porque meu apartamento é relativamente perto do nosso destino. — Nos conhecemos no Carpi Café. Ou você prefere que eu diga outro lugar, para que não fiquem te incomodando?

— O Carpi Café está bom — responde com um sorriso tímido. — E não me incomoda nem um pouco. Gosto quando vem gente que já me conhece. Escrevo versos especiais para eles.

Acho que meu *marido* me cai meio bem, e isso é muito mais do que 75% das mulheres casadas poderiam dizer.

Quando chegamos, a Casa Batlló está iluminada com luzes estrategicamente posicionadas, que fazem brilhar os mosaicos iridescentes que cobrem a fachada. Dependendo de que lado você olha, parece ter uma cor diferente, devido às ondulações da fachada. Nota dez para o técnico de iluminação. Preciso descobrir quem era e chamá-lo para nosso auditório.

— Que incrível — comenta Lucas com admiração, ecoando meus pensamentos. — Parece uma criatura viva. Por que os arquitetos de hoje em dia não fazem mais prédios assim? Seria muito, muito legal.

Observo as curvas sinuosas da arquitetura modernista de Gaudí e dou de ombros com impotência.

— É caro demais — respondo com tom prático. — Hoje em dia não há orçamento para essas coisas. Muito trabalho manual, e demoraria muito para fazer. Ninguém tem mais tempo e dinheiro para coisas assim.

— Mas olha só: parece que a casa respira! Não sei se é pelos reflexos e o tráfego passando, mas parece um camaleão... — Lucas estende os braços e temo que ele vá começar a dançar no meio da calçada. — Não, espera! É como um dragão acordando! Os edifícios que você projeta também têm forma de criaturas fantásticas? Você adiciona magia, poesia, encanto aos seus edifícios...?

— Claro que sim — digo, e puxo ele para a entrada antes que se transforme em um dançarino do West End. — Todos os projetos que fazemos no escritório têm uma história por trás, só que expressamos de maneiras mais sutis. Hoje em dia, *menos é mais*.

— Pois eu acho que *mais é mais!* — replica ele, enquanto observa as varandas em forma de máscaras.

Puxo ele: é como uma criança encantada em frente a uma loja de brinquedos. Está claro que não vou transformá-lo em um seguidor ferrenho do grande Mies van der Rohe e do minimalismo; para isso seriam

necessários vários anos de lavagem cerebral em alguma universidade de prestígio, e eu só tenho os cinco minutos que levaremos para subir as escadas até o terraço.

Franzo a testa e me aproximo do recepcionista, que confere minhas credenciais e confirma que meu nome está na lista.

— Bem-vinda, senhorita Soler — me diz, e nos faz entrar no saguão, que parece o fundo do mar, e não o térreo de um edifício de 1904.

Subimos pela escada, nenhum tubarão nos ataca, embora haja alguns repórteres que me olham feio por eu não ser famosa. Enquanto driblo os degraus com meus saltos vertiginosos, observo com curiosidade a cerâmica branca e azul que adorna as paredes: a mesma contra a qual me arrebentarei se perder o equilíbrio no caminho. Lucas, por sua vez, caminha ensimesmado e parece mergulhado em seus pensamentos até chegarmos ao último andar.

— Então estamos condenados a viver em edifícios cúbicos e estéreis para sempre, a partir do século vinte e um? — ele me solta de repente, com tom de quem está prestes a começar a chorar. — Não te parece horrível que o dinheiro tenha se transformado na única força que faz o mundo girar?

— Sim, bem... — o interrompo, dando um tapinha em seu ombro para que se cale, porque estamos prestes a nos deparar com muita, muita gente que não quer ouvir esse tipo de verdades. Mas ele continua com sua lengalenga.

— Por que as pessoas só pensam em dinheiro, em lucros, em investir? Onde ficou o lirismo, a imaginação, a beleza...?

Limpo a garganta para que ele se cale.

— Emma!

Chegamos ao terraço, e Mathieu Dupont está bem na nossa frente. Este é o cara que poderia investir na música de Lucas, ou pelo menos, apresentá-lo a um bom agente, pelo que entendi.

— Que alegria te ver, *ma chérie*! — me diz, estendendo a mão e nos examinando com curiosidade. — E quem é este jovem tão bonito que te acompanha... e que odeia tanto os investidores e os capitalistas?

Retribuo com um sorriso tenso.

— Bom, ele é... — começo a dizer.

— Ora, ora! — exclama uma voz feminina por trás de Mathieu. — Temos aqui o casal do ano!

Ah, maldição, não pode ser.

O que faz aqui a advogada do meu avô? E quando ela se clonou?

— Nuria? — pergunto confusa.

Nuria tem o cabelo longo e negro preso em um rabo de cavalo alto, uma saia roxa até o chão e uma blusa solta de grife. Junto a ela há outra mulher que parece uma fotocópia sua, embora esta use um vestido midi de cor verde garrafa (combinaria com meu anel?) e o mesmo sorriso malicioso. As duas me superam em pelo menos meio metro de altura.

— Esta é minha irmã, Thaïs — explica Nuria.

— Minha esposa — esclarece Mathieu, esfregando a barriga rechonchuda com orgulho.

Thaïs, assim como sua gêmea, sem dúvida compartilha genes com a madrastra da Branca de Neve. Examina Lucas de cima a baixo, e sinto uma estranha e infundada possessividade. Ok. Estou começando a entender as fofocas de Randall sobre a esposa de Mathieu. Talvez fossem verdade mesmo?

— Muito prazer — digo, enquanto alguém passa com uma bandeja de taças de champanhe e me oferece uma.

Procuo entre as pessoas alguém que eu conheça para escapar o quanto antes.

— Não sabia que viria com seu *marido* — comenta Nuria, enfatizando a palavra para que todos saibam, e caso alguém na província não tenha ouvido, vira-se para Mathieu e grita: — Se casaram ontem mesmo e hoje ela já está trabalhando, podem acreditar? Isso sim é dedicação!

Se eu pudesse fulminá-la com o olhar, faria isso. Mas não posso e ela continua. Bate na taça com uma colherinha, até que o terraço inteiro fica em silêncio. Até a música baixam. Que se abra um buraco no chão e eu desapareça por ele!

— Um brinde aos recém-casados! À Emma e Lucas!

Numa das mesas, reconheço meu chefe, Derek Navarro, que levanta sua taça com ar confuso. Atrás dele, está Randall, provavelmente planejando como vai usar isso contra mim assim que puder.

Bebo a taça inteira de um gole e estendo o braço para pegar outra. Que me tragam um barril, por favor.

— Nossa, como o mundo é pequeno — digo com voz entrecortada.

— Que segredo bem guardado! E ainda por cima não tirou férias nem para sua lua de mel — diz Mathieu com espanto. — Uma funcionária exemplar, dessas que não existem mais. Vou ter que falar com Navarro, para ver se te promove de uma vez. Se não fosse por aquele carreirista do Randall, que passa o dia puxando o saco dele, já teria feito isso faz tempo.

Sorrio e baixo o olhar. Não é à toa que Mathieu é meu preferido em todo o mundo da construção e da arquitetura.

— No seu e-mail, você comentou que queria me apresentar a um novo talento musical — continua Mathieu, empurrando-nos para um canto mais privado. — Me conte mais, que essa gente tão fina e importante é chatíssima. Vamos falar de coisas divertidas.

Olho para Lucas, cujos olhos irradiam emoção. Ele está bebendo água com gás, e o copo treme em sua mão, de modo que os cubos de gelo tilintam contra o vidro. Atrás dele, Thaïs parece prestes a devorá-lo com os olhos.

— Sim... — digo lentamente. — Na verdade, trata-se de... Lucas. Ele é cantor e compositor. É muito bom.

Mathieu, Nuria e Thaïs ficam olhando para Lucas com interesse renovado.

— Não me diga! — exclama Mathieu. — Bem, bem, bem... normalmente sou um pouco cético com rapazes tão jovens e bonitos — ele ri. — Mas tratando-se do seu marido, acho que poderia apresentá-lo à pessoa adequada. Conheço o melhor empresário musical do país. Ou talvez devesse dizer *a melhor*...

Mathieu aponta para Thaïs, que retribui com uma reverência fingida.

Não. Por favor, que não seja ela.

— Que exagerado você é, querido — responde ela. — Também não é para tanto.

— Como não? — replica Mathieu. — Quem lançou *Los Chantilly* ao estrelato?

Thaïs inclina a cabeça e pisca como uma boneca diabólica.

Não há dúvida. É a madrasta da Branca de Neve reencarnada.

— Bem, e qual das músicas dele é a sua preferida? — ela me pergunta, interessada.

Fico em branco, e acho que Lucas vai deixar o copo cair da mão.

— Bem... — *pensa, Emma, pensa.* — Aquela que toca com o violão... Mas é que todas são tão boas, que...

Nuria me puxa pelo braço.

— Por que não os deixamos para que conversem sobre seus negócios? Tenho algo para te comentar em relação ao seu avô. Além disso, você reparou na vista? Vem, vem! É impressionante. Dá para ver toda Barcelona.

Nuria me afasta de sua irmã, Mathieu e Lucas. Ela me leva até o parapeito, de onde se avista perfeitamente o tráfego noturno no Passeig de Gràcia: linhas vermelhas ou brancas, dependendo da direção que você olhe.

A vista é, sem dúvida, espetacular, mas não paro de lançar olhares pelo canto do olho em direção a Lucas, que acabou de cair em um ninho de serpentes sem saber. Se o que Randall disse é verdade, é muito possível que Thaïs esteja prestes a estender suas teias de tarântula. Claro que Randall também não é a pessoa mais confiável do mundo. Pela primeira vez, fico feliz por isso.

— Você arrumou um marido muito bonito — diz Nuria, enquanto chama um garçom para trocar nossas taças por outras cheias. — É exatamente o que minha irmã estava me dizendo quando viu vocês entrarem. E Thaïs tem muito bom gosto.

— É o que dizem... — respondo vagamente.

Observo de soslaio Mathieu, que sempre foi encantador comigo, mas definitivamente não é nenhum Adônis.

— Tenho certeza que minha irmã poderia conseguir um contrato de gravação incrível para Lucas — diz Nuria. — Ela mudou a vida de *Los Chantilly*. Você os conhece? — concordo com a cabeça, pois todo mundo já ouviu falar de *Los Chantilly*, até mesmo as pessoas que passam o dia trancadas no escritório, como eu. Nuria agita a mão, satisfeita. — Minha irmã é muito boa no que faz. E, por falar nisso, ontem conversei com seu avô. Ele ficou muito surpreso ao saber do seu casamento. Não sabia de nada.

— Não costumamos conversar muito — me defendo. — Na verdade, não o vejo desde que meus pais faleceram.

Meus pais evitavam o avô, e com razão: é um velho rabugento propenso a ataques de mau humor e a criticar as decisões de vida das pessoas. Até minha avó fugiu dele assim que teve oportunidade.

— Sim, foi o que ele me disse... — Nuria morde o lábio, vermelho e suave como uma maçã. — Enfim, ele ficou muito feliz por você e disse que, se você quiser, poderia te emprestar as chaves da fazenda antes para que você possa conhecê-la. — Levanta o rosto e me examina com os olhos apertados. — Se você tiver interesse, claro. Sem nenhum compromisso.

— Bem... eu adoraria! — digo, sem conseguir ocultar a emoção na minha voz.

— Que tal neste fim de semana? — me diz Nuria em tom casual, enquanto coça o sinal no queixo com unhas vermelhas e pontudas. — Traga o Lucas. Poderíamos almoçar juntos.

— Estou livre no domingo — se oferece Thaïs com absoluto altruísmo, aproximando-se por trás. — Posso acompanhar vocês?

— Ah, duvido que Lucas possa — digo, lançando um olhar para ele, que continua conversando animadamente com Mathieu. — Está sempre tocando, compondo... nunca para, coitado.

Nuria assente.

— Artistas — diz em tom compreensivo. — Thaïs é igual. Sempre com seus grupos, de um lado para o outro. Você se acostumará, eu acho — *É ironia isso que estou ouvindo?* — Bem, então podemos ir só você e eu, se quiser. Não é necessário que Lucas venha; seu avô não estará lá. Se você não tem carro, posso te levar no meu.

— Isso seria ótimo — respondo. — Não tenho carteira de motorista. Em Londres nunca precisei.

Lucas e os outros se aproximam, e noto que ele tem um sorriso de orelha a orelha.

— Como vai, querida? — ele me diz. — Precisa de mais champanhe?

Já nem sei quantas taças tomei, mas concordo com fervor. Depois penso melhor. Vou me matar descendo de salto alto.

— Prefiro água, obrigada — digo mudando de ideia. — Vou buscar eu mesma, e depois vamos embora...

— Não, espera — Lucas me detém e aponta para o engenheiro e sua esposa, a quem ele segura pelo braço como se temesse que ela estivesse prestes a fugir. — Mathieu acabou de nos convidar para um churrasco na casa dele, no próximo domingo. Não é ótimo?

Praguejo entre dentes, mas me esforço para parecer contentíssima.

— Puxa, que gentileza — digo. — Mas acho que não vamos poder ir. Prometi ao Derek que terminaria as plantas de localização do auditório, e...

— Ah, que se dane o idiota do Derek — diz Mathieu, sacudindo a mão com ar desdenhoso. — Se ele tiver alguma reclamação, que venha falar comigo. Domingo é o dia do Senhor, pelos diabos! E Derek me deve milhares de favores.

— Sim, bom, se é o dia do Senhor...

— Gostaríamos muito de conhecer melhor o Lucas — insiste Mathieu. — E assim vocês podem nos contar mais sobre o disco que ele quer gravar.

Quando finalmente saímos da festa, me sinto como se tivesse envelhecido catorze anos em uma única noite. Isso não se resolve nem com o pote inteiro de creme.

— Vamos dividir o táxi? — ofereço a Lucas.

Ele nega com a cabeça. Aceno com a mão para parar um que vem com a luz verde, e o motorista para alguns metros à frente.

— Não, seria bobagem. Minha casa é muito longe, e você mora aqui perto.

— Não é incômodo — insisto. — Não estou com vontade de ir andando, e não estou com sono. Passamos primeiro pela sua casa. E aproveito para que você me diga o título de alguma música sua, para não ficar mal na próxima vez que encontrarmos sua agente...

Ele sorri.

— Ela ainda não é minha agente. Mas agradeço muito. Foi incrível. Obrigado por me apresentar ao Mathieu e à Thaïs, sério. Tive uma boa impressão deles.

Ele parece hesitar por um momento; o suficiente para eu perceber que realmente quero compartilhar esta viagem com ele e, para que mentir, também estou um pouco curiosa para descobrir onde ele mora.

— Bom, conectar você com eles era parte do acordo. Tem certeza que não quer vir?

— Não, de verdade — diz ele, colocando as mãos nos bolsos da calça jeans. — Estou com vontade de caminhar. Pensar — levanta o rosto, e seus olhos esverdeados se iluminam novamente, igual a quando estávamos

no terraço. — Por falar nisso, Thaïs disse que virá me ver tocar depois de amanhã. Vou me apresentar em um bar no Born.

— Ah. Tenho certeza que...

Tenho certeza que as intenções dela são puramente profissionais, penso com sarcasmo. Mas depois olho para ele e respiro fundo. Lembro a mim mesma que ele não é meu marido de verdade, e que tudo isso é um contrato. Uma troca comercial.

— Tenho certeza que você vai se sair muito bem — respondo, e subo no táxi com pressa, atizada pela buzina do motorista, que ameaça ir embora sem mim.

O táxi arranca e liga a seta para se juntar ao denso e colorido trânsito de Barcelona. Olho pela janela e vejo Lucas caminhando para o metrô com ar tranquilo e assoviando. Admiro suas costas enquanto ele se afasta, e digo a mim mesma que possivelmente era o homem menos elegante naquele terraço cheio de mauricinhos, mas também o mais atraente e autêntico, sem comparação.

Suspiro e dou ao taxista meu endereço enquanto tiro os sapatos escondida, por baixo do banco traseiro.

Chegamos à minha casa em menos de dez minutos, e ao enfiar a chave na fechadura escuto a voz da senhora Montse, abrindo a porta às pressas.

— Ei, linda! — me chama com seu tom habitual de fofoca. — Esta manhã veio um senhor perguntando por você.

Lembro da cena que espiei através da sacada e, para minha surpresa, fico contente ao ver que tanto ela quanto seu gato sobreviveram sem sequelas.

— Por mim? — pergunto. — O que ele queria?

— Bem, era um rapaz muito educado. Se chama Jorge, e diz que está revisando as instalações de gás. Pelo visto, este prédio é muito perigoso. Poderíamos explodir a qualquer momento.

Viro-me, incrédula. Bem, é possível que o prédio seja antigo, mas isso parece um pouco exagerado. Ela balança a cabeça, convencida, e seu coque grisalho com reflexos violetas treme.

— Isso não pode ser — digo a ela, ainda com a chave na mão. — Normalmente são feitas revisões periódicas muito antes que ocorram acidentes tão graves.

— Não sei, não. Ele disse que alguém o avisou porque estava cheirando muito a gás. Então não foi você que chamou, querida?

— Não, eu não chamei ninguém — respondo, enquanto todos os meus alarmes internos começam a tocar. — Não acendi o fogão desde que cheguei. No máximo o que eu cozinho em casa são torradas.

Ela me olha e estala a língua, e me arrependo da minha confissão porque sei que amanhã de manhã vou tê-la na porta com uma panela transbordando de lentilhas com linguiça.

— Não se preocupe, querida. Jorge disse que voltaria. Liguei para minha filha para avisá-la do perigo, e ela diz que tentará vir me ver. — A senhora Montse sorri, animada, embora algo me diga que sua filha encontrará uma maneira de não vir. — A propósito, dei seus horários para o rapaz do gás, para que ele saiba quando te encontrar em casa.

— A senhora deu os meus horários? — repito, escandalizada.

— Claro, querida. Tenho uma tabela com os horários de todos os vizinhos. Não só os seus. Alguém tem que se preocupar com o bem-estar da comunidade, não é?

Inacreditável.

Entro em casa sentindo que o dia foi longo demais. Não posso acreditar que Nuria tenha anunciado meu casamento na frente de todos. Não posso suportar a ideia de um churrasco na mesma casa onde vive sua gêmea víbora, Thaïs. E, ainda por cima, uma vizinha vigia minhas entradas e saídas como se eu tivesse treze anos.

Fecho a porta e me jogo no sofá.

Tento relaxar, pensando na casa de campo. Dentro de alguns dias terei as chaves na mão. Voltarei a pisar naqueles pisos de pedra da minha infância. Voltarei a respirar o ar do campo, a escutar o rumor da água no riacho distante...

E poderei reformá-la desde os alicerces para transformá-la numa máquina de fazer dinheiro.

Isso é a única coisa que deveria me importar agora. Bem, isso e o fato de que Mathieu me ajudará a retribuir o favor a Lucas. Bem, Mathieu... ou, melhor dizendo, Thaïs. Que diferença faz? O importante é que não estarei mais em dívida com Lucas. O resto deveria absolutamente indiferente para mim.

O gato da vizinha sobe no meu colo e ronrona, enrolado como uma bola. Estou cansada demais para enxotá-lo. Fecho os olhos e acaricio

Risonho, adormecida pelo som da TV. Seu pelo é macio e quentinho, e passar os dedos por ele é a coisa mais relaxante que fiz o dia todo.

Fecho os olhos e ressurgem a lembrança de Lucas, caminhando para o metrô, assoviando uma melodia. Mas na minha fantasia sonolenta, ele se detém. Vira-se e sorri. Sorri com tanta alegria que a noite inteira se ilumina, fazendo reluzir os azulejos iridescentes da Casa Batlló. Então desço do táxi, como nos filmes, e começo a correr em sua direção com os braços abertos.

O gato morde minha mão e acordo. Coçei onde não devia, pelo visto.

No telefone há uma mensagem de Derek, e por um instante penso que ele quer me parabenizar pelo meu suposto casamento. Abro, e fico mais tranquila quando vejo que é apenas Derek sendo Derek:

“Você foi embora sem se despedir do vereador. Que isso não se repita.”

Caderno de anotações de Lucas

*Tens regras para tudo,
Medidas que não se desviam.
Mas eu, com meu violão,
Tua ordem desmontaria...*

9

Lucas

Nervoso, eu? Não, claro que não.

É óbvio que não estou nervoso enquanto seguro este cartão de visita preto com letras em relevo de cor fúcsia.

Só contém um nome.

Não é exatamente Piotr Kowalski, “O Mago de Varsóvia” com quem sonho há anos, mas é a segunda melhor opção depois dele em toda a Europa, e está aqui, ao alcance da minha mão.

Esse nome pode mudar minha vida: é Thaïs Aguilar, uma das agentes mais influentes do cenário musical. É o tipo de pessoa que, com uma única ligação, pode fazer com que tudo o que você sonha deixe de ser um sonho: a mulher que tirou *Los Chantilly* de uma garagem decadente em Castelldefels e os colocou no O2 Arena de Londres diante de vinte mil pessoas.

E ela vai vir me ver em um bar minúsculo do Born, uma coquetelaria numa rua de pedestres onde, normalmente, toco durante a semana às sete da noite para um público de onze pessoas, isso contando os garçons, que são os únicos que cantarolam as melodias e só porque estão cansados de escutá-las.

Hoje será um pouco melhor: toco no primeiro horário, logo antes de Álvaro Saavedra, um cara semifamoso que provavelmente atrairá muito mais público. Particularmente agora que começou a namorar uma *influencer* dessas que testam cremes estranhos.

Não, não estou nervoso, de jeito nenhum.

Me olho no espelho enquanto arrumo a barba. Amaya prometeu que viria para me animar, mas, de última hora, “A Garota de Ouro” ligou e ela me deu um bolo. Então vou sozinho. Mas é melhor assim. Se eu fizer papel de bobo, que pelo menos poucas pessoas testemunhem. Poucas pessoas *que me conhecem pessoalmente*, acrescento.

A sala nem sequer tem palco, é mais um pequeno tablado instalado ao fundo. Chego cedo e ajusto meu violão.

— Aquele é o Álvaro Saavedra? — pergunta uma garota à sua amiga, apontando para mim.

Ela parece decepcionada.

— Não sei — responde a outra com cara feia. — Pensava que ele tivesse cabelo comprido e preto. E imaginava ele mais alto, mais bonito.

Nossa, obrigado pela calorosa recepção.

Me aproximo do microfone, sentindo-me uma gota no oceano, e dou uns tapinhas para testá-lo. Esse som oco me reconforta. É sempre o mesmo, e soa a início de show.

— Testando, testando.

As pessoas, como sempre, me ignoram e continuam com suas coisas. Para elas, sou como uma gravação robótica. Como a música de fundo dos restaurantes. Como a TV ligada na casa da minha avó.

Thaïs não chegou e já são sete horas. O dono se aproxima e faz um gesto.

— Precisa começar, senão vai atrasar a apresentação do Álvaro — sussurra lá de baixo.

Concordo com a cabeça. Respiro fundo.

— Boa tarde — cumprimento, embora ninguém me olhe com grande interesse. — Meu nome é Lucas García, e vou tocar minha música preferida. Se chama “As curvas do caminho”.

Quando começo a tocar, estou tremendo de nervoso. As pessoas continuam conversando, olhando seus celulares, pedindo bebidas. Há bolsas nas cadeiras, provavelmente porque estão guardando lugar para seus amigos para quando chegar o cantor “de verdade”. Mas eu canto e me entrego totalmente, como sempre. Fecho os olhos.

“O que importa é o passo, o que importa é sentir.

Cada curva, cada giro,

Sinta o mundo, vibre em si...”

Agora sim, estou fluindo com minha música. Me sinto como um peixe na água, mergulhado no meu elemento, nadando entre as notas...

Plink!

Uma corda se rompe e, pela primeira vez, as pessoas me olham. Sério? É como quando uma criança dorme no carro, e ao desligar o barulho

do motor em frente à casa, acorda automaticamente. De repente, todos os olhos estão fixos em mim, e entre eles distingo os de Thaïs.

A agente artística acaba de chegar, bem a tempo de me ver fazer papel de bobo. Ela se senta, deixa sua bolsinha de verniz sobre a mesa e chama um garçom com a mão. Não olha para mim, mas... ela veio! Ela veio. Isso é bom. Ou seria, se eu não estivesse petrificado em cima do palco com uma corda quebrada. Me aproximo do microfone e sorrio.

— Alguém tem uma corda reserva? — brinco, e consigo uma gargalhada do público.

Já dizia minha ex-namorada, Lucrecia: *para compositor não sirvo, mas para palhaço...* pensando nela, me vem outra bobagem à mente:

— É que as cordas de violão são como as ex... — digo, me aproximando do microfone em tom de confidência. Agora sim, todos estão prestando atenção em mim, quase prendendo a respiração — Sempre rompem na pior hora!

Fazê-los rir novamente os torna meus de repente, e sinto uma onda de felicidade que sobe pelo meu peito.

Começo a tocar de novo, uma versão ligeiramente diferente, improvisada.

— Mas vocês sabem... — digo entre acordes. Começo falando, e, pouco a pouco, começo a cantar de novo, enquanto eles me seguem, atentos — *O que importa é a viagem, o que importa é caminhar...*

Quando minha apresentação termina, tenho algumas garotas cantando em coro na primeira fila:

*"No final do caminho
não está seu destino,
no final do caminho
está apenas o final."*

Elas me aplaudem e meus olhos se enchem de lágrimas. A sala está completamente cheia; é hora do cantor principal começar. Desço do tablado, embora ninguém mais me olhe porque estão esperando a entrada de

Álvaro (ou, melhor dizendo, de sua namorada). Thaïs me cumprimenta com um aceno de cabeça e aponta para a saída.

Vou ao banheiro me refrescar, sentindo-me uma formiga em comparação com o próximo artista. Ninguém me reconhece. Mas não importa. Algum dia, as pessoas virão me ver. Tenho certeza.

Ao sair do banheiro, Thaïs me espera junto à porta, em pé.

— Você se saiu muito bem, Lucas — começa, com tom neutro mas firme. — Acho que “As Curvas do Caminho” tem algo especial.

Suas palavras me emocionam tanto que não consigo nem responder. Sigo-a até o terraço externo, onde as mesas estão lotadas.

— Embora eu me pergunte se não deveríamos mudar seu nome — continua enquanto ainda estou me recuperando. — García é pouco memorável. O que acha de Watson? Ou algo mais exótico, como... Bakaluba?

De onde ela tirou isso?

— Como você quiser. Você é a especialista — respondo, um pouco desconcertado.

Se Thaïs Aguilar quer que eu me chame Lucas Bakaluba, eu o farei. Mesmo se me pedir para me chamar Lucas Pato, concordarei. Farei o que for preciso. Não vou perder a oportunidade da minha vida.

— Obrigada pela confiança, Lucas — ela me diz, mordendo um lábio tão vermelho e carnudo que não parece humano. — Fico feliz que confie no meu critério, porque queria sugerir mais algumas coisinhas. Mas talvez devêssemos conversar com calma, em um lugar mais tranquilo. Isto aqui está enchendo.

Ela tem razão. Cada vez chega mais gente e estão se aglomerando junto à entrada, perto de nós. Mas agora não posso ficar tranquilo. Preciso saber o que mais ela quer me propor.

— Sim, claro... mas me diga... o que mais você mudaria, exatamente? Estou morrendo de curiosidade para saber.

— Ah, não se preocupe. Nada importante. Seria apenas modificar um pouco a letra. A melodia está boa — olha ao redor, como procurando uma maneira de nos afastarmos da crescente multidão. — Deveríamos pensar em algo mais fresco e original, mais sexy, algo que enlouqueça as garotas, entende? Acho que deveríamos mudar o título. Algo como... *As curvas dos seus quadris*? — ela morde o lábio pela segunda vez, e me

pergunto se é um tique ou se está insinuando algo. — Sim. Faremos isso. *As curvas dos seus quadris* soa muito melhor.

— Como é?

Não entendo nada. Ela quer mudar tudo? Absolutamente tudo?

— Mas... você gostou?

Já sei que é a pergunta que faria um fracassado sem um pinga de profissionalismo, mas isso é basicamente a definição de Lucas García na Wikipédia dos Zé Ninguéns (Ninguempédia?). E eu não posso mais suportar a intriga.

— Sim, claro, você os conquistou — Thaïs continua, ajeitando sua longa cabeleira negra e lisa. — Mas em vez de falar tanto sobre a vida, que parece um discurso de Platão, mudaríamos para algo mais jovial. Por exemplo: “*Deixa eu te fazer tremer, suas curvas me deixam louco, rebola essa bundinha pra mim...*”

Engulo em seco, confuso.

— Hm... Bundinha?

Não vou dizer *bundinha*.

Minha mãe me deserdaria.

E meus amigos morreriam de rir.

— Sim, entendo aonde você quer chegar — digo com cautela, desviando de uma mulher que tenta me empurrar. — Mas não sei se é a mensagem que quero transmitir. Esta é uma música que nasceu em um momento de escuridão pessoal, e...

Thaïs morde o dedo e depois o coloca sobre meus lábios para me fazer calar. Ela os toca e posso sentir o sabor sintético de seu batom, enquanto uma multidão nos abraça por todos os lados e uma caixa de correio se crava nas minhas costas. Isso é estranho. Muito, muito estranho. Então ela levanta o enorme copo de plástico que pegou do local, contendo um líquido transparente com gelo picado *e folhas verdes*. *Dá um passo desajeitado e tropeça* na esquina de uma mesa do terraço, cambaleando. Não cai só porque há cem mil pessoas por metro quadrado de calçada.

— Deixa nas minhas mãos! — grita por cima das pessoas, procurando um espaço para sair e puxando meu braço. — Vai ser espetacular! Será o primeiro single do álbum. Vamos colocar duas *backing vocals* para você. Bonitas, com decote. Gêmeas, se possível — ela se vira, e seus olhos deixam claro que gêmeas são mais sexy que pessoas normais, segundo seu critério. — Assim os rapazes também virão.

Não tenho a menor ideia do que ela está dizendo. Parece que está um pouco alta, mas não tenho tempo de perguntar porque acabou de se formar um tumulto ao nosso redor. Diria que a namorada de Álvaro Saavedra acabou de fazer sua aparição.

— Você testou o creme de algas putrefatas? — grita alguém, em algum lugar. — Quando teremos uma live sobre o sêrum booster de tripas de rã?

Sim, deve ser ela.

Thaïs me arrasta para fora da multidão sem parar de falar, e só então caio em mim e compreendo o que ela está dizendo.

— Álbum? — repito, sentindo como as palavras me atravessassem como raios.

Ela realmente pensa em gravar um álbum? Comigo? Assim, tão rápido?

Isso é tão estranho quanto pedir alguém em casamento que acabou de conhecer. Embora, pensando bem...

— Sim — acrescenta Thaïs, sorridente. — Isso é apenas o começo. Gravaremos em Nova Iorque, acho que a qualidade será melhor. Assim que você me apresentar a versão modificada, começarei a fazer ligações, e entraremos em contato com os *Metropolitan Sound Studios* para iniciar os preparativos.

Estou completamente atordoado. Um álbum! No *Metropolitan Sound Studios*!

Uaaaaaaa!

Abrimos caminho como podemos através da enorme massa de pessoas, que se empurram e fazem fila para entrar. O pobre porteiro não está dando conta.

— Lucas, então você vem comigo tomar algo? — pergunta Thaïs quando finalmente conseguimos nos afastar para a calçada oposta.

Eu adoraria falar sobre meu álbum, mas acho que Thaïs bebeu demais, e ainda tenho o gosto do batom dela na boca. Não. Serei um fracassado amador, mas até eu sou capaz de ver que não é uma decisão inteligente.

— Hummm... não, preciso ir para casa. Amanhã trabalho.

— Não seja tão sério — me diz brincalhona. — Vamos tomar um drink e escrevemos a nova versão de *As curvas dos seus quadris* — ela acaricia suas ancas num movimento nada sutil, que confirma minha decisão

de deixar para amanhã. — Tem um hotelzinho boutique aqui perto. Os mojitos do bar são de arrasar. E também levam até o quarto, se você preferir que conversemos com mais calma.

Sinto o calor subindo pelo meu pescoço. Thaïs me olha com uma estranha mistura de diversão e desejo e está me deixando nervoso.

Serão imaginações minhas?

Isso é o procedimento normal nesse tipo de negócios?

Por que ela não me convida para seu escritório, ou algo do tipo?

É a primeira vez que alguém importante do meio me dá atenção, e não quero estragar tudo. E se ela só quer falar em um lugar mais tranquilo, e eu arruíno minha oportunidade? Sei que às vezes sou um pouco fantasioso. Também não ajuda que eu não tenha ficado com nenhuma garota desde o ocorrido com Lucrecia. E já faz meses. *Meses*.

— Olha, Thaïs, e se conversarmos no domingo? — digo, desesperado. — Nos veremos no churrasco. Eu adoraria discutir sobre o álbum, mas esta noite estou acabado, e amanhã acordo cedo. — Tento me afastar com um sorriso forçado. Depois acrescento: — Emma deve estar preocupada. Deveria ligar para ela.

— Vamos, Lucas, não seja tímido — sussurra, inclinando-se em minha direção. — Minha irmã já me contou sobre o “casamento” de vocês. Comigo você pode ser sincero. Na verdade, eu preferiria isso, se vamos fazer negócios juntos.

Fico gelado e olho ao meu redor, procurando uma rota de fuga. O que exatamente sua irmã contou a ela?

De qualquer forma, Thaïs é minha única oportunidade, e é uma oportunidade muito boa. Acho que essa coisa que ela está bebendo não está lhe fazendo bem, e eu preferiria vê-la outro dia, quando estivesse um pouco mais sóbria.

As pessoas se amontoam na porta. Tomo coragem.

— Thaïs, eu... realmente preciso ir. Minha esposa está me esperando.

— Sim, claro — ri, apontando para meu anel verde fluorescente.

Ela me abraça e me dá um beijo, que deveria ter pousado na minha bochecha, mas cai perto demais dos meus lábios e dura vários segundos a mais do que seria politicamente correto.

A tensão é palpável, e justo quando penso que as coisas não podem piorar, os flashes das câmeras nos iluminam.

— Sandra! Sandra! Um autógrafo! — grita alguém por trás de nós.
— É verdade que você está saindo com Álvaro Saavedra? O que acha das fotos dele com Meline Grandtetais em Marbella?

Suspiro. Por um instante pensei que tivessem tirado uma foto minha com Thaïs, mas depois entendo que os paparazzi encontraram a namorada do vocalista principal. Que idiota. Quem iria querer ver uma foto *minha* na imprensa?

Aproveito a distração para me afastar de Thaïs e levantar minha mão, mostrando o anel como se fosse o escudo mágico de Gandalf quando lutava contra o Balrog.

— Nos vemos no churrasco, Thaïs. Muito obrigado por vir! E mande lembranças a Mathieu.

Ela me lança um olhar carregado de sensualidade frustrada antes de se afastar, e sua minissaia se levanta um pouco ao se virar. Ela nem se incomoda em segurá-la. Que mulher mais *irritante*, como diria minha mãe.

Me afasto da confusão e respiro aliviado. Começo a caminhar em direção à entrada de metrô mais próxima, tentando organizar meus pensamentos. Mas quando saio da rua de pedestres, algo detém meus passos. Um táxi está parado junto à calçada, com a luz apagada. Meu coração para instantaneamente quando reconheço a pessoa sentada no banco traseiro.

Emma.

Ela está me olhando, seus olhos cheios de confusão e dor. Ela veio ao show? Será que me viu com Thaïs? Tento chamá-la, explicar, embora no fundo eu saiba que não devo nada a ela.

Mas ela apenas balança a cabeça. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, o táxi dá a partida e vai embora.

Sinto meu coração afundar.

Mas isso já não importa. Emma se foi.



Lista de tarefas da Emma:

Ir com a Nuria à casa de campo.

Não assassinar sua irmã.

10

Emma

É sábado de manhã, e tenho um encontro com Nuria para ir ver a fazenda. Se eu conseguir esticar esse cacho rebelde, claro. Há pouco quase o arranquei.

Eu deveria estar contente. Ontem me comunicaram que nosso projeto ficou entre os três finalistas, e estou um pouco mais perto da minha promoção.

Mas, então, por que estou de tão mau humor?

Acordei com o pé esquerdo.

Com certeza não tem nada a ver com o show do Lucas no Born.

De jeito nenhum.

Mas, enfim, isso acontece comigo por aparecer sem avisar e ficar espionando da última fileira.

Qualquer um diria que estou me transformando na senhora Montse. Daqui a pouco vou adotar um gato sarnento e criar uma planilha no Excel com os horários dos outros vizinhos.

Mas também serei uma arquiteta de prestígio e aparecerei na *Architectural Digest* e na revista *Detail*, e meu rosto estará no canto de uma reportagem com páginas duplas E DESDOBRÁVEIS que mostrarão fotos artísticas do meu trabalho, junto com detalhes arquitetônicos incrivelmente complexos na escala 1:20, embora eu espere que esses não sejam desenhados pelo Mario. A última vez que o vi, estava lançando bolinhas de papel molhadas com uma caneta BIC sem carga.

Enfim. Tenho mil razões para estar feliz, e não sei por que fui ontem ao show do Lucas. Mathieu me comentou onde era, e quando saí do trabalho ficava no meu caminho... mais ou menos no caminho.

Para completar minha manhã, chega uma mensagem de Caterina:

“*Como foi o show do seu ‘marido’?*”

Penso um pouco antes de responder. O que digo a ela? Realmente, o show foi bom. Gostei. Ele tem carisma, tem algo especial. Fez o público rir, soube se sair bem, e além disso sua música era poética, romântica e profunda. Como uma casa de Gaudí. Como a minha raiva neste momento.

Mas depois Thaïs se jogou em cima dele, e os vi se beijando do outro lado da rua, quando eu ia para o táxi.

“Foi bom. Aceitável.”, respondo, e contra-ataco. *“E você com o Christian?”*

“Tá, já vi que você adorou. Eu imaginava. Os músicos costumam ser irresistíveis. Mas péssima escolha. Já te disse para não ir. Você nunca me ouve. Quanto ao Christian, prefiro não falar disso.”

Que bobagem. Lucas, definitivamente, não é “irresistível”, nem de longe. É apenas meu marido falso de usar e jogar fora. Meu degrau para alcançar um objetivo. Pode ser que ele cante bem, que tenha muito carisma e olhos verdes de outro planeta, mas é só isso. Nada mais.

Solto o Risonho das telas mosquiteiras do banheiro (ele pensa que é o Homem-Aranha. O gato-aranha?) e depois tento domar minha franja com o secador, mas ela ainda não está disposta a cooperar. Pela janela vejo um uniforme laranja, e juraria que é de novo aquele cara do gás. O que ele está fazendo aqui outra vez? Eles também trabalham aos sábados?

Antes de sair, me agacho junto à foto do Alexander na prateleira da entrada:

— Você não imagina onde vou hoje, maninho — digo a ele. — Queria tanto que pudesse vir comigo. Era um dos seus lugares favoritos.

Beijo meu dedo e depois o passo pelo vidro da moldura. Então saio e desço pelas escadas para fazer um pouco de exercício, aproveitando que hoje não preciso usar salto. Me posiciono junto a uma faixa de pedestres e espero que Nuria venha me buscar.

Mas não é Nuria que aparece.

O semáforo fica verde e se aproxima um daqueles carros que se alugam por hora em Barcelona. Um pequenininho, de cor azul brilhante com letras verdes.

Fico perplexa ao ver que é Lucas, e não Nuria, quem abaixa o vidro.

— O que você está fazendo aqui? Pensei que Nuria viria me buscar.

Lucas me lança um olhar de desculpas enquanto desliga o motor do carro.

— Mudança de planos. A advogada me escreveu dizendo que estava com uma enxaqueca gigante.

— Ela escreveu para você? — repito, confusa.

— Bom, sou seu marido, supostamente moramos juntos, então tanto faz, né? Pessoas casadas costumam se comunicar e tal — diz dando de ombros, e uma mecha de cabelo cai sobre seus olhos esverdeados.

— Era um teste. Tenho certeza. Malditas irmãs Aguilar!

— Bom, se era, nós passamos, como você pode ver — diz satisfeito e pisca o olho para mim. — Enfim, passei na casa dela, ela me deu as chaves e disse que fôssemos nós dois sozinhos. Ah, e ela quer que mandemos uma selfie de lá, para imprimir para seu avô.

Solto um suspiro de frustração enquanto coloco o cinto. O carro é menor do que eu pensava, mal cabemos os dois sem nos tocar, e o ar tem cheiro de uma mistura de aromatizante barato e algo que reconheço vagamente como... cogumelos Shitake?

— Ok — digo, me acomodando no banco. Tento ser simpática, mas a imagem do Lucas e da Thaïs continua ricocheteando na minha cabeça.

Boing, boing, boing.

Partimos. Lucas dirige com delicadeza, mas o silêncio que se segue é mais desconfortável que os primeiros encontros nos aplicativos de paquera.

Lucas quebra o gelo, ou tenta.

— Olha, sobre ontem à noite...

Certo. Então ele sabe que eu os vi.

— O que você faz no seu tempo livre não é da minha conta, desde que seja discreto — corto-o, sem conseguir esconder meu mau humor. Fico tensa, como se uma pedra tivesse entrado no meu sapato e eu não pudesse me livrar dela. — Mas, sinceramente, você poderia ter escolhido outra. A irmã da Nuria? A advogada do meu avô? Você está tentando arruinar minha herança? — ele me lança um olhar rápido, escandalizado, mas continuo. — Só pedi que você fingisse por uns dois meses. Se quer ficar se agarrando com as fãs nos seus shows, vá em frente. Mas, sério, há centenas de garotas, por que tinha que ser justamente a Thaïs?

Lucas suspira e passa uma mão pelo cabelo, claramente aflito.

— Já te disse que não fiz nada. A Thaïs é uma chata, ela me perseguiu. Ontem à noite ela me encurralou contra uma caixa de correio e eu não sabia o que fazer, porque obviamente não queria ofendê-la. Foi tudo muito estranho. Juro.

Cruzo os braços, olhando pela janela. Começo a notar como deixamos para trás o centro de Barcelona e o tráfego constante, e pouco a

pouco, a cidade começa a dar lugar a algo mais verde, mais fresco. O concreto cede lugar a pequenas áreas verdes, e depois, as colinas começam a fazer parte da paisagem.

— Sinto muito. Sabe que meu futuro depende dela — diz baixinho. — Mas te garanto que não comecei nada disso. Na verdade, parei tudo porque não me parecia correto.

— O que você disser — murmuro, mas a raiva já começa a se dissipar, embora eu não queira que ele perceba.

Passamos por autoestradas que cortam colinas cheias de oliveiras e pinheiros. Barcelona se transforma em um ponto distante no retrovisor, e o ar que entra pelas janelas parece mais limpo, mais claro. As montanhas aparecem no horizonte, imponentes mas tranquilas, e por um segundo, esqueço que estou irritada.

Não conversamos muito mais durante o trajeto. A paisagem pouco a pouco nos absorve, e embora o silêncio não seja exatamente confortável, ao menos já não é a contagem regressiva para uma explosão atômica. Uma trégua silenciosa surge entre nós.

Me viro para ele, ainda sem saber bem o que pensar. Não é completamente desagradável, e isso me irrita mais. É bonito, simpático nos bons momentos, e, o pior, tem um humor que me faz rir quando não deveria.

Penso na piada da corda quebrada, e tenho que cobrir o rosto para que ele não veja que estou rindo sozinha.

— Você está bem? — me pergunta preocupado, pensando que estou com tosse.

— Ah, sim — respondo. — É que sou alérgica a... ovelhas.

O carro continua rodando pelo asfalto, e não há uma única ovelha à vista. Droga, na Inglaterra há ovelhas por toda parte, o campo está literalmente forrado de ovelhas como aquelas bolas brancas que correm pela grama depois de escovar um cão da raça Samoieda.

Ele me lança um olhar estranho, mas não faz comentários. Depois de um tempo, faz uma curva e entramos por um caminho de terra cheio de buracos. As rodas levantam uma leve nuvem de poeira, e o sol parece ter se escondido atrás de um mar de nuvens cinzentas.

— Estamos perto — anuncia, apontando para o GPS. — Parece familiar para você, esse caminho?

Não me parece nem um pouco familiar, mas a última vez que estive lá era criança, e quem dirigia era meu pai.

Mas então eu a vejo.

Ali está.

À nossa frente, em uma esplanada aberta, aparece a casa de campo.

Está bastante diferente do que eu lembrava.

As paredes de pedra estão cobertas de musgo e as trepadeiras descuidadas decidiram reclamar o edifício de volta à natureza. O telhado é um caos de telhas desiguais, algumas caindo, outras inclinadas em ângulos impossíveis. As janelas, antigas e pequenas, estão fechadas por venezianas de madeira escura, parcialmente apodrecidas, caídas em sua maioria.

É magnífica.

Histórica.

E completamente em ruínas.

Caderno de anotações de Lucas

Às vezes penso que meu violão me entende melhor que as pessoas.

Ideia para refrão:

“Quebrou-se uma corda, mas não a alma...”

Dramático demais, Lucas.

Pegue aquele ancinho e começa a roçar.

11

Lucas

Um muro semidestruído rodeia o enorme terreno, arrematado com uma grade enferrujada e um enorme portão de ferro. Percebo que Emma fica nervosa enquanto tenta colocar a chave na fechadura e ela não entra. Juraria que ela quer que eu tire uma foto para comemorar o momento, mas com certeza tem muita vergonha de me pedir.

Não tem problema. Eu já estou tirando. Vejo-a sorrir com a expressão de alguém que já inaugurou alguns edifícios públicos, e isso é bem engraçado. Clique! Como saiu bonita...

Emma tenta fazer a chave girar, mas seu rosto fica vermelho com o esforço. Sua pele pálida muda de cor com uma rapidez muito curiosa, quase cativante. Tiro outra foto, por via das dúvidas?

Está tudo tão enferrujado que nada se move. Tento ajudar e coloco minha mão sobre a dela. Ignoro seu calor e a suavidade de seus dedos, e puxamos juntos. No final, a chave quebra e fica presa dentro da fechadura.

— Não tem problema. Vamos pular? — proponho. — Depois de tudo que nos custou chegar até aqui... Além disso, suspeito que você vai ter que comprar uma grade nova.

O muro não é muito alto, mas até esse momento eu não tinha reparado na saia na altura do joelho que ela está usando. Sem falar no quanto ela é baixinha. Minúscula. Do ponto de vista dela, esse murinho deve parecer o Everest. Me abaixo um pouco para ficar à sua altura. O Everest não sei, mas a Grande Muralha da China no trecho de Jinshanling, com certeza.

— Não esperava ter que praticar alpinismo esta manhã — resmungo entre dentes.

Ela se agarra às enormes pedras amareladas, e sua delicada roupa íntima de renda fica em primeiro plano na frente do meu rosto. Escuto um crac, e um enorme fio aparece em suas meias de seda.

— Quer que eu te empurre um pouquinho? — digo, cobrindo meu rosto com uma mão e empurrando-a pelo quadril com a outra. — Juro que não estou olhando.

— Você jura? — pergunta com o maxilar apertado.

— Claro. Pela minha honra de cavalheiro.

Ela ergue uma sobrancelha, duvidando se alguém como eu pode ter algo parecido com isso (spoiler: não). Finalmente se vira para pular, e eu aproveito para dar mais uma olhada rápida. É uma visão que poderia inspirar duas ou três músicas sem me despentear. Antigamente se inspiravam com musas etéreas nos campos de trigo, mas hoje em dia as rendas da Victoria's Secret são muito mais eficazes.

— Ei! — protesta. — Você acabou de dizer que não ia olhar!

Na na naaa...

— Não especifiquei *o quê* era que eu não ia olhar... — respondo, e me escapa uma risada mais descarada do que eu gostaria.

Pulo atrás dela e, ao aterrissar, respingo um pouco de lama em sua roupa, mas desta vez ela não reclama. Acho que já se deu por vencida. Isso aqui é o velho oeste.

Observo pela primeira vez a velha casa de campo familiar, e não consigo entender por que alguém aceitaria se casar comigo para herdar... isso.

— Bastante... rústico, não é? — comento com um sorriso torto enquanto me aproximo do enorme matagal seco que cobre a porta. Começo a arrancar galhos.

Ela evita responder.

— Espera, como vocês arquitetos dizem mesmo? — solto os arbustos, me endireito e finjo ajeitar as lapelas de um paletó imaginário. — “Tem muito potencial”.

Emma deixa escapar uma gargalhada involuntária que sacode sua fachada esticada. Satisfeito, localizo um ancinho abandonado entre o mato e começo a limpar.

— De onde você tirou essa frase? — diz com tom divertido. — Não sabia que trabalhava na minha empresa.

— Ah, não. Que nada. Mas consultei centenas de anúncios de apartamentos ao chegar em Barcelona. Os corretores imobiliários usam o mesmo vocabulário. Sabe como é: “ideal para casais” significa “tem que entrar de lado”, “boa vista” é “sétimo andar sem elevador”, e “decore a seu gosto” é “está caindo aos pedaços”.

Emma começa a rir às gargalhadas, tanto que se dobra pela cintura. Nunca a tinha visto fazer isso.

— E o que significa “propriedade para reformar?” — pergunta, ofegante de tanto rir.

— “Precisa de reformas” é código para “chame um exorcista”.

Ela resfolega pelo nariz, morrendo de rir.

— “Com charme?” — me desafia, embora já tenha dificuldade para falar e tenha lágrimas nos olhos.

— “O mofo das paredes tem formato de mapa-múndi.”

Desta vez explodimos de rir juntos. Tenho que deixar o ancinho de lado, e esfrego a testa com a manga.

— Espero que os hóspedes do seu futuro hotel não tenham que fazer isso cada vez que entrarem — digo, apontando para a ferramenta enferrujada.

— Não se preocupe — responde, tentando recuperar a compostura.

— Quando eu terminar este lugar, vão chamá-lo de “uma joia a ser descoberta”.

— Tradução: “a ser descoberta, porque não há quem a encontre entre os arbustos”.

Ela me atira um galhinho em represália, e balança a cabeça. O matagal finalmente cede, só para descobriremos que a porta principal também está travada. Mas não é um problema muito grave, porque a madeira cede com um rangido ao primeiro empurrão, e a sala principal da casa se abre diante de nós.

— Você ficou sem porta, mas a ventilação natural é muito saudável — digo a ela.

O antigo lar dos Soler se mostra completamente desmantelado, com um enorme buraco no teto por onde entraram o sol, a chuva e os pássaros, arruinando o interior por completo.

— Muito iluminada — comento, continuando com minha atuação.

— Meu Deus. Este projeto vai exigir mais paciência que um curso avançado de yoga — diz Emma, soando um pouco sobrecarregada.

— Tenho certeza que vai ficar ótimo — encorajo-a, embora, sinceramente, não tenha a menor ideia de como ela pretende consertar essa casa em ruínas. Na minha opinião, o melhor seria atear fogo, mas provavelmente é por isso que não sou arquiteto.

— Ah, o chão é de pedra, exatamente como eu lembrava! — exclama emocionada, e me pergunto se ela está vendo algo que eu não vejo, porque sob meus pés há apenas umas pedras montanhesas que parecem

tiradas de uma fazenda de ovelhas. Ela não disse que era alérgica? Aqui só falta um cocô de vaca para completar o *visual*. Certamente, nada a ver com aquela pedra bonita e polida que se vê nas casas dos ricos. Mas tudo bem. Ela é a especialista.

— Lucas... — diz, e sua voz treme com emoção pura, daquela que raramente se vê nas pessoas, e menos ainda nela. — Já posso ver tudo. Consegue imaginar? Ali poderia estar a recepção. Terá janelões enormes. Imagina a cara das pessoas quando entrarem com suas malas? A luz natural vai inundar cada canto! Será como mergulhar em um oásis de paz em plena região do Moianés.

De fato, luz não falta. Principalmente porque há mais buraco que telhado. Mas escolho não fazer este comentário.

— Olha... ali poderia ter um sofá de linho bege. Como naquelas fotos do Pinterest, com luminárias estilo gaiola e a garota segurando uma xícara de chá de hortelã, checando e-mails enquanto espera seu táxi...

— Não vejo muitos táxis por aqui, mas...

Mas ela não me escuta. Emma está cada vez mais empolgada, e seu rosto se ilumina com algo indescritível e mágico. Corre de um lado para o outro, mexendo nos fechos das janelas e afastando teias de aranha como se não se importasse em estragar seu precioso suéter de marca.

Chegamos à cozinha, ou ao que resta dela. Está em um canto escuro e mofado, e há uma mancha preta no teto, como se tivesse pegado fogo alguma vez. A poeira me faz tossir, e com o barulho rangem as delicadas vigas de madeira carcomida.

— Não respire muito forte — ela me adverte. — Perigo de desabamento.

— Isso me tranquiliza muito — comento, procurando a saída com o olhar.

Mas ela continua falando consigo mesma, com uma felicidade que a faz parecer mais alta e maior. Brilha com luz própria enquanto murmura em voz baixa:

— Ok, Emma, primeiro: uma boa equipe de limpeza. Ou de demolição, melhor. Acho que começaria pelo telhado... E depois precisamos ver o estado das paredes de sustentação. Se reforçarmos, posso remover aquela parede para deixar a sala mais aberta e iluminada. Seria uma cafeteria espetacular: rústica, mas moderna ao mesmo tempo. E depois polimos os pisos de pedra, porque seria uma pena tirá-los. Os pedaços que

faltam, substituímos com mosaicos ao estilo Gaudí. E ali, naquela parte onde é só terra batida, poderíamos colocar dormentes de ferrovia reciclados, e essas janelas terão que ser maiores. As vigas... de madeira? E eu poderia colocar uma roda de moinho no centro da parede e... um jardim de inverno cheio de plantas? O que você acha?

Não faço a menor ideia do que é um jardim de inverno, nem uma luminária estilo gaiola, mas concordo com a cabeça, contagiado pelo seu entusiasmo.

Me afasto um pouco para observá-la melhor, e um calor suave nasce na base do meu estômago ao contemplá-la assim, em seu meio, consumida pela paixão pelo seu trabalho e pelas fantasias de seus sonhos se realizando.

Quando ia ao Carpi Café, sempre a vi como uma mulher bonita, mas também inalcançável.

Esta Emma, fantasiando entre ruínas, coberta de poeira e teias de aranha e com as meias rasgadas, é humana, de carne e osso, e borbulha de pura euforia.

E é completamente irresistível.

Ela se vira, ainda sorrindo, e sacode a cabeça.

— Isso é fantástico — diz com os olhos marejados. — Obrigada, Lucas. Se não fosse por você, hoje eu não estaria aqui. Sua cooperação fez com que tudo isso fosse possível.

— Não foi nada... — digo, e me pergunto se é uma boa ideia abraçá-la, embora eu deseje isso com todas as minhas forças.

Mas ela se vira e retorna ao suposto salão. De lá me chega sua voz:

— Bem. Mais algumas semanas e o vovô assinará a mudança de nome. E então poderemos nos divorciar, Lucas! Não é maravilhoso?

12

Emma

A visita à fazenda, depois de tantos anos, me deixa um gosto agri-doce. Por um lado, essa casa enorme, de valor histórico incalculável e rodeada de natureza, é a tela em branco que sempre sonhei para criar o projeto que me lançará ao estrelato. Por outro, o Presépio de Natal estava em melhor estado que a atual fazenda Soler, e tinha menos palha pelo chão.

Sem saber por quê, quando a deixo para trás e entro no carro, sinto uma súbita melancolia ao pensar que vou empreender tudo isso sozinha, mas logo me recomponho pensando que assim não terei que discutir com ninguém. Quando morava com Trevor, discutíamos por tudo. Até a forma de colocar o papel higiênico era motivo de conflito; ele insistia em colocá-lo voltado para a parede, o que todo mundo sabe que é incorreto.

Lucas dirige sem pressa pelas estradas secundárias. Elas serpenteiam entre colinas verdes e arredondadas que eu nem sequer lembrava que existiam.

— Esta região é mais bonita do que eu imaginava — comenta sem deixar de olhar para frente.

— Você não é daqui? — pergunto.

— Não, que nada. Minha família é de uma cidade da Andaluzia. Meus pais ainda estão lá, mas eu vim tentar a sorte em Barcelona. Não costumo sair muito da cidade, quase sempre estou trabalhando no Carpi Café para economizar. E quando não estou trabalhando, estou compondo ou tentando conseguir um lugar para tocar.

Ele sorri com aquele sorriso cheio de esperança que sempre aparece quando fala da sua música.

— Ei, quer parar para comer? — pergunto, já que entre uma coisa e outra ficou bastante tarde e estou com fome.

— Se você quiser... — diz, embora pareça pouco convencido.

Me pergunto se ele já está entediado com a minha companhia. Suponho que para alguém sem apego emocional àquela casa, não é mais que um monte de pedras empoeiradas.

Ou talvez esteja ressentido por eu não ter comido com ele no dia do nosso casamento. Bem pensado, foi um pouquinho estranho.

— Acho que tinha um lugar bem caseiro por aqui perto, logo depois de sair da aldeia — digo a ele. — Meus pais me levavam quando eu era pequena. Olha, é por ali.

Aponto para uma placa de madeira em forma de flecha, com um letreiro pirogravado que diz apenas: "*Fonda Lola*".

Viramos por um caminho que sobe a colina, cercado de pinheiros, e que termina em um pequeno restaurante de aspecto modesto situado perto do topo.

Fico feliz em ver que tudo continua no mesmo lugar, embora tenham renovado a entrada, que agora está asfaltada e tem vagas de estacionamento demarcadas, e até um par de postes de luz e uma placa na qual se lê "*Mirador de la Lola*". Estacionamos debaixo de uma oliveira e Lucas me abre a porta com um surpreendente cavalheirismo.

— Nossa, no final vamos descobrir esse cavalheiro antiquado que você esconde aí dentro — digo fingindo surpresa.

— Acho que foi a visita à casa. Foi como uma viagem no tempo — responde e depois faz uma cara marota. — Quando construíram aquilo, no paleolítico?

— Ha, ha, muito engraçado.

— Bom, não sei, então por que chamam de Idade da Pedra?

Balanço a mão e entro, para que ele não me veja rindo. Somos recebidos pelo típico bar de vila com máquinas automáticas de cigarro na entrada e um balcão de aço inoxidável com tortillas e croquetes atrás de uma vitrine refrigerada. Ao fundo, vê-se um salão com colunas de pedra e mesas quadradas, cobertas com finíssimas toalhas de papel branco, apenas algumas delas estão ocupadas, e todos os clientes parecem ser gente local.

Somos recebidos por uma moça da minha idade com um bloquinho e uma caneta e, embora pareça incrível, ela me reconhece imediatamente.

— Emma! — exclama. — Quanto tempo sem te ver por aqui. É você, não é? Não mudou nada.

— Lolita! — a cumprimento, tentando reconhecer nela os traços daquela menina com tranças que estava sempre subindo em algum pinheiro.

— E este é seu namorado? — diz inclinando a cabeça.

Nos olhamos e depois me escapa uma risadinha ridícula, quase de adolescente.

— Não, que nada. É só um amigo.

— Motorista. Hoje sou o motorista dela — me corrige Lucas, completamente sério.

— Sim, bem, isso também — concordo. — É que não sei dirigir e ele se ofereceu para me trazer.

— Olha só. Eu também não sei... acho que acabei de esquecer completamente — diz a moça com um sorriso travesso.

Justo nesse momento aparece seu pai, que envelheceu bastante. As rugas emolduram seu rosto e seus cabelos ficaram grisalhos, embora não possa negar que é o mesmo.

— Vamos, Lolita, deixe de brincadeiras e ache uma boa mesa para eles. E você, Emma, conte para a gente, como vão as coisas desde que vocês foram para Londres? Sentimos falta de vocês no bar... O que te traz de volta por aqui?

— Bem, provavelmente vou herdar a fazenda — digo a ele, sentindo uma súbita alegria e vontade de compartilhar as boas notícias. — É possível que a partir de agora vocês me vejam bastante por aqui, se tudo correr bem.

— Meu Deus, que maravilha! — diz Lolita. — Nos últimos meses passaram por aqui vários corretores imobiliários, e pensávamos que vocês iam vendê-la. As más línguas diziam que o senhor Soler tinha falecido e agora iam fazer um hotel de luxo ou algo assim. E, na verdade, ficamos bem tristes. Não gostaríamos que caísse nas mãos de algum forasteiro ganancioso, que tirasse a alma e a essência deste povoado, entende? — sinto um nó na garganta, mas justo então, o pai lança um olhar de repreensão a ela, como se tivesse falado demais. — Embora claro, isso é assunto de vocês...

— Veremos o que podemos fazer — digo a ela, me sentindo um pouco culpada ao pensar no meu projeto. — Ei, vocês ainda fazem aquela escudella com carne tão gostosa?

O rosto de Lolita escurece, e seu pai se agacha um pouco, olhando fixamente para o chão.

— Não, já não servimos mais — responde. — Minha mãe sempre fazia, era a especialidade dela e não consigo fazer igual — só de ver seu rosto entristecido, posso imaginar o resto da história.

— Nossa, sinto muito — digo, tocando seu braço com tristeza. — Quanto... quanto tempo faz disso?

Lolita aperta um pouco mais o rabo de cavalo e ajeita o cinto do avental.

— Não se preocupe, já faz mais de cinco anos. Certas doenças são uma merda, o que posso dizer.

— Pois é... é mesmo — respondo, porque não consigo pensar em nada melhor.

— Ei, e o teu irmão? — pergunta ela, com a clara intenção de mudar de assunto e falar de coisas mais alegres. — Alexander, era como se chamava? Ele continua tão divertido como sempre? Me lembro que era brincalhão. Uma vez jogou uma bomba de fedor bem ali! Lembro que tínhamos o restaurante cheio e as pessoas começaram a sair correndo em debandada, vocês se lembram? Pareciam as cabras da Tere!

Lolita ri e Lucas me olha, franzindo a testa. Provavelmente é a primeira vez que ele ouve falar do meu irmão. Se dependesse de mim, ele nunca teria escutado falar dele.

— Não, meu irmão não está... — começo a dizer, mas me detenho.

Foi um bom dia até agora, e não estou a fim de falar de Alexander para estragá-lo.

— Não está... o quê? — insiste Lola. — Aconteceu alguma coisa com ele?

O pai se aproxima da garçonete e lhe entrega dois cardápios. Continua tratando-a como se fosse uma criança pequena.

— Vai, pergunta a eles o que querem beber, que com certeza vieram de longe. Não seja tão curiosa! — diz a ela, e me sinto mal por Lolita, mas também agradecida por me tirar do apuro.

Dou uma olhada rápida no cardápio e aponto os sanduíches para Lucas, ele concorda com a cabeça.

— Traz umas cervejas bem geladas e para mim um sanduíche de presunto cru — digo a Lolita.

— Para mim o de tortilla — diz Lucas. — Eu a vi quando entramos e tinha uma cara...

Quando Lola se vai, Lucas e eu ficamos sozinhos em nosso canto. Apesar de ser um restaurante modesto de vila, a mesa é fantástica e está situada junto a duas janelas que fazem esquina e permitem ver todo o vale, com o povoado abaixo.

— Parece um lugar incrível para se viver — diz Lucas. — Com certeza, muito mais bonito que meu bairro em Barcelona, que está cheio de

lixadeiras transbordando e grafites nas paredes.

— Bom, isso depende dos gostos — respondo diplomaticamente. — Eu sempre fui de cidade, e acho que não poderia viver aqui. Mais ainda — acrescento, lembrando de um ponto bastante importante. — Vou ter que me inscrever na autoescola o quanto antes, porque nem sequer sei dirigir e vai ser difícil vir às visitas de obra. Imagina se eu morasse aqui? Como faria as coisas básicas? Não poderia nem fazer compras sem carro.

— Não se preocupe, hoje em dia eles entregam tudo em casa — diz ele, rindo. — E, se não, você poderia me chamar e eu traria o que você quisesse.

Seus olhos brilham ao dizer isso, como se não fosse uma brincadeira totalmente. Queria que a cerveja já estivesse aqui, porque preciso de um gole agora.

— Duvido que você tenha tempo para isso quando Thaïs transformar você em um cantor famoso — replico.

Toma! Partida de tênis.

— Thaïs agora faz milagres? — responde ele com incredulidade.

— Ela não faz milagres — digo —, mas te escutei cantar na outra noite e você é bom, muito bom. Suas músicas têm alma. É algo que se sente. Elas mexem com você por dentro. E, além disso, você se saiu muito bem quando a corda se rompeu. O público te adorou desde o momento em que você se aproximou do microfone.

Não digo isso para bajulá-lo; realmente penso assim. Também vi o rosto de Thaïs enquanto ele tocava. Quem sabe, talvez ela ainda não tenha dito nada a ele. Talvez prefira disfarçar e não parecer muito interessada para que ele não peça muito dinheiro nem crie muitas expectativas. Mas eu já estou há algum tempo neste negócio e sou capaz de reconhecer a expressão de uma pessoa quando se interessa por uma oferta, mas disfarça: é um rosto peculiar, de olhos apertados e boca franzida. Um pouco como quando você está segurando gases, mesmo que pareça estranho dizer assim.

Ao pensar em Thaïs, sinto como se uma nuvem negra cobrisse o vale, então volto a me concentrar nas casinhas de pedra que foram a encosta verde: vejo a minha ao longe, um pouco afastada das demais.

— Essa música parecia muito especial — acrescento. — A do caminho. Nunca tinha escutado algo assim. Embora possa ser a forma como você a toca, mais que a letra.

Lucas me olha com os olhos transformados numa linha fina, como se não acreditasse totalmente no que estou dizendo.

— Sabe? — diz pensativo, apontando para a estrada pela qual subimos até o restaurante. — Quando compus essa música, pensava em muitas coisas, mas, sobretudo, imaginava uma estrada exatamente igual a essa. Como essa, e como a que pegamos para vir até aqui — de repente, mostra os dentes, em um sorriso de duende travesso. — Não te disse, mas havia um caminho mais curto para chegar aqui.

— Sério? — digo, boquiaberta. — Já estava achando que chegávamos mais rápido quando eu era pequena!

— Sim — ele fica vermelho e brinca com a borda de um guardanapo de papel, rasgando-o em mil pedacinhos. — Suponho que fiz de propósito para ter mais um tempo com você. Me sentia um pouco mal pelo que aconteceu com Thaïs, e queria te explicar com calma o que aconteceu — ele para e estende a mão. — Ou seja, o que *não* aconteceu. Foi uma bobagem, e...

— Olha, você não precisa me dar explicações — o interrompo, cobrindo minhas meias rasgadas com a toalha. — Você pode fazer o que quiser. A única coisa que te peço é que seja discreto enquanto durar nosso acordo. Se você quer sair com garotas, eu não posso impedir...

— Emma — responde muito devagar, e seus olhos se fixam nos meus, me hipnotizando. — Eu não ligo para garotas neste momento. Só me importo com a música e...

Freia bruscamente como se estivesse a ponto de dizer “a música e você”, mas não diz. Obviamente, é apenas minha fantasia.

Ele volta a se virar para a janela, e percorre o traçado da estrada com o olhar, enquanto segue o ritmo de uma canção batendo com os dedos na borda da mesa.

— “As curvas do caminho” é uma música muito especial para mim — diz num sussurro, quando já penso que tinha esquecido a conversa. — Trata de como às vezes pensamos que queremos algo, *ou alguém*, e ficamos tão obcecados com o objetivo que deixamos de viver o momento e aproveitar as pequenas coisas. Deixamos de olhar pela janela. Perdemos o melhor.

E cala-se, perdido em seus pensamentos, como se meditasse sobre a vida. Depois acrescenta, não sem certa amargura:

— Thaïs quer mudar o título. Quer que se chame *As curvas dos seus quadris*.

Fico em choque por um momento. Depois franzo a testa e sacudo a cabeça.

— Sua música não é sobre isso — digo categoricamente.

— Ela também quer que eu adicione a palavra *bundinha* na letra — ele começa a cantar em voz baixa, com a mesma melodia original, mas mudando a letra: — *Rebola sua bundinha pra mim...*

Explode em gargalhadas, embora não soem alegres. Eu não rio. Apenas esfrego os olhos, incrédula. Lembro a mim mesma que isso não é da minha conta e que não deveria me intrometer. Meu trabalho é apenas colocá-lo em contato com uma boa agente artística, e isso eu já fiz. Ela é a especialista, e eu também não gosto que me digam como devo fazer meu trabalho.

— Bom, suponho que Thaïs saberá te aconselhar. Ela sabe o que realmente vende — digo dando de ombros. — Olha o que ela fez com *Los Chantilly*. A garota tem talento, sem dúvida.

— Sim, tem — responde Lucas com um sorriso um tanto forçado. Depois muda de assunto. — Ei, este lugar será muito caro?

— Não acho — digo, embora não possa deixar de pensar no que ele disse sobre “As curvas do caminho”, nem nas frases que me deixava nos copinhos da cafeteria.

— Já pensou como será tudo isso quando nos separarmos? — solta de repente. — Você vai procurar outra cafeteria onde seu *ex-marido* não trabalhe? — ri nervosamente.

— Nunca deixaria de ir ao Carpi Café — respondo sem pensar nem um segundo. — Fica ao lado do escritório e vocês fazem o melhor espresso duplo com estêvia. E além disso sempre me escrevem mensagens. O rapaz que as inventa é muito simpático, por sinal. E toca violão muito bem.

— Pelo que entendi, ele é também o mais bonito da cafeteria — acrescenta, me lançando um olhar sexy.

O mais bonito de Barcelona, penso sem perceber, e ao fazê-lo sinto uma estranha languidez, mas escondo bastante bem e solto:

— Mas as outras garçonetes são todas mulheres, Lucas. Também não há muita competição.

— Eu não discrimino — replica. — Era um superlativo absoluto.

Bem nesse momento chega Lolita com as cervejas e os sanduíches.

— Cheirem isso! É pão recém-feito, saído agorinha do forno — ela serve e me pisca o olho. — Aproveitem a comida, pessoal. E agora deixo vocês, que com certeza têm muitas coisas para falar em particular.

Olho novamente para o vale. Um Seat 600 desce serpenteando pela encosta, e a emoção me invade ao pensar no último copinho que Lucas me deu: “*Carpe diem, sua vida é agora*”, dizia. Hoje é sábado, não tenho compromisso com ninguém e estou sozinha na cidade. Talvez ele também não tenha nada para fazer, e em vez de voltar direto para casa, poderíamos...

— Lucas, estava pensando que... — digo, mas nesse momento seu celular vibra em cima da mesa.

Aparece um nome, escrito em maiúsculas e sem o sobrenome, o que lhe dá uma inquietante familiaridade: *THAÏS*.

Lucas vira a tela para que não se veja a mensagem, mas já é tarde demais. Ele se volta para mim com expressão expectante.

— Sim? — pergunta. — O que você ia dizer?

Sacudo a cabeça. Sou uma idiota. Uma completa idiota.

— Nada — pego a faca e corto o sanduíche pela metade, sem levantar os olhos do prato. — Que se você pode pegar o caminho mais curto na volta. Tenho muitas coisas para fazer esta tarde.

13

Lucas

Começo o domingo pesquisando no Google: “Como passar roupa sem ferro de passar”. Acabo fervendo água na panela de pressão e passando-a por cima da camisa branca (a mesma que uso quando me contratam para trabalhar como garçom em eventos, e a mesma que vesti para o coquetel na Casa Batlló). Enquanto movimento a panela, cheia e fumegante, por cima da cama, me sinto como um xamã conjurando espíritos, mas, para minha surpresa, a invenção funciona e nem mesmo acabo com queimaduras de terceiro grau. Ok, o fundo da panela estava mal lavado e deixa um par de manchas de gordura nas mangas, mas ninguém vai perceber se eu ficar com as mangas arregaçadas o dia todo.

Não soube praticamente nada da Emma durante toda a semana, mas chego à casa dela na hora combinada, com o carrinho de *car sharing* que aluguei novamente por horas. Emma já está na rua, vestida com uma blusa bege justa e uma saia verde de seda até os pés. Não sei como ela consegue, mas mesmo quando tenta se vestir de maneira casual, parece ter saído de uma revista de moda. E parece que ela adora a cor verde, não sei por quê.

— Oi — ela me cumprimenta, recolhendo a saia para que não fique presa ao fechar a porta do carro. — Animado para conhecer sua futura agente?

Dou um sorriso, mas daqueles tensos que me fazem parecer um mandril. Por um lado, estou empolgado para ir à casa de Thaïs Aguilar. Ela parece muito interessada na minha música. Mas... é só a minha música que lhe interessa? Durante a última semana, ela me enviou pelo menos cinquenta mensagens com ideias para a nova letra de “As curvas do caminho”, e sempre termina com beijos e corações. A primeira chegou justamente quando eu estava na frente de Emma naquele restaurante, perto da fazenda, e dizia o seguinte:

“Deixe que eu te faça tremer, deixe que eu te faça gozar... (emoticon envergonhado e corações nos olhos). O que você acha, Lucas? Me envia uma prova desta versão?”

Sinceramente, essa primeira frase que preencheu a tela poderia dar uma impressão equivocada, mas acho que Emma não teve tempo de lê-la.

Além disso, com certeza Thaïs trata todo mundo assim; há pessoas que são muito generosas distribuindo amor e corações em suas mensagens de texto. Olha a Amaya, por exemplo. Conversar com ela é como se corresponder com um unicórnio.

Embora, claro, também poderia ser que...

Mas não. A opção B é inquietante demais, e a descarto imediatamente.

— Sabe? — diz Emma, enquanto me indica por onde virar. — Embora Mathieu pareça muito distraído, ele não tira o olho da esposa. Correm rumores de que Thaïs é um pouco... volúvel. Caprichosa. E ele não gosta disso. Leve em conta que ele te apoia porque descobriu que você era casado comigo. Mas na verdade, ele é muito ciumento e não gosta nem um pouco quando Thaïs representa rapazes jovens e atraentes.

Parece que Emma se inclina para a opção B, afinal de contas. Mas, pensando bem, ela acabou de dizer que sou *atraente*?

— Enfim — termina com pesar —, eu, no seu lugar, tentaria manter a relação com Thaïs no plano profissional. Pelo menos até que você tenha algo concreto.

— Claro — digo. — Já te falei que não havia nada entre nós. E jamais haverá. Ela é casada... e eu também.

Tenho vontade de rir ao dizer isso, mas é verdade, tecnicamente. Talvez eu não seja um cavalheiro do século dezenove, mas também não sou um completo idiota. O mar está cheio de peixes que não são Thaïs, e como dizia meu avô, que era um pouco caipira: *onde você tem sua panela, não coloque... cebola* (entre outras coisas).

Emma me olha irritada.

— É — responde com tom ambíguo, enquanto gira sua aliança em torno do dedo.

E não diz mais nada.

Nos afastamos de Barcelona em direção a Esplugues de Llobregat. O trajeto dura apenas vinte e cinco minutos, até chegarmos a um condomínio chique onde, definitivamente, nunca estive. As casas são enormes, com altos muros de pedra adornados com arbustos espessos que, sem dúvida, vão mais ao cabeleireiro do que eu.

— Que casinhas — digo, assobiando. — Aqui com certeza moram um monte de famosos, né?

Emma dá de ombros.

— Talvez, um dia, seja você quem more aqui — responde convencida.

Balanço a cabeça.

— Nahh... Eu preferiria viver no campo e ter uma horta. Isso está perto demais da cidade. Semáforos demais...

— Eu também os odeio — diz rindo. — Me estressa quando piscam. E os postes, exatamente na frente da janela. Aceso a noite toda. É impossível dormir!

— E as caixas de correio — acrescento muito sério, lembrando como Thaïs quase me esmagou contra uma. — Horríveis.

Ela me olha um pouco confusa, mas decido sabiamente não explicar por que tenho raiva das caixas de correio.

Estaciono numa rua em subida, atrás de uma fileira de carros de luxo entre os quais meu carro branco e elétrico com o logotipo do *car sharing* fica um pouquinho ridículo.

Logo ao entrar, um cara com mechas loiras que carrega uma bandeja se aproxima de nós. Ele se parece muito a Jordi, do buffet. Na verdade, ele anda igual a Jordi e coça o nariz com o dedo mindinho, exatamente como Jordi costuma fazer. Espera...

— Olha só, Lucas! Veio trabalhar? — me diz Jordi, dando uma palmadinhas nas minhas costas e observando minha camisa branca. — Passa por trás da cozinha, eles vão te dar um avental bem bonito.

— Ah... não. Hoje eu vim como convidado — respondo, olhando para Emma com desconforto. Depois examino o conteúdo da bandeja. Não gosto de nada do que tem ali. — Só tem champanhe? Não tem Fanta?

— Até parece! Você, como convidado? — Jordi cai na gargalhada e afasta a bandeja para que eu não possa pegar nada. Cruzo os braços, e só então ele entende que falei sério. Solta um assobio. — Na casa de Mathieu Dupont? Cara! Que demais! Parabéns! Bom, e quem é essa beleza? — acrescenta, apontando para Emma. — Onde você meteu a Lucrecia?

Não tenho tempo de explicar que Lucrecia me deixou por um cara com um trabalho normal e perspectivas de futuro, porque Emma salta como uma fera.

— Sou a esposa dele. Emma Soler, a arquiteta que projetou esta casa — solta ela em tom desafiador, e Jordi quase deixa cair a bandeja com o choque. Ela estende a mão e hesita antes de pegar uma taça. — Isso é champanhe ou *prosecco*?

— Bom... acho que é cava... *senhora* — responde Jordi, alucinando. Depois se vira para mim. — Bem cara, aproveite a festa. Como você guardou esse segredinho... E depois me conta como é a piscina. Parece incrível...

Emma pega duas taças e Jordi desaparece. Quando ele vai embora, ela me olha com uma sobrancelha arqueada. Depois me dá uma taça e faz gesto de brinde, e nós dois soltamos uma gargalhada.

— Pelos nossos sonhos, que se realizarão muito em breve — diz satisfeita.

— Pelos nossos sonhos, que já estão se realizando — acrescento, e pisco o olho. — A propósito, você realmente projetou a casa do Mathieu?

Ela ri escondida, cobrindo o rosto com a taça.

— Que nada. Nem faz um ano que estou em Barcelona — ela me pisca o olho. — Foi o Derek. Mas eu teria feito melhor.

Não duvido. Emma parece o tipo de pessoa que consegue tudo o que se propõe, e ainda faz bem. O que eu não sabia era que ela também tinha senso de humor.

Está um dia perfeito. O sol banha o jardim idílico dos Dupont, e no ar já flutua o tentador aroma de carne na churrasqueira. Um caminho de pedras cruza o gramado e leva até a varanda, onde um amplo grupo de pessoas bem-vestidas sorve bebidas em taças estilizadas. Ouvem-se risadas ao fundo, e por trás das pessoas admiro a casa branca de dois andares, emoldurada por palmeiras. Ela se reflete na maior piscina privada que já vi na minha vida.

— Que incrível — digo sem conseguir me conter.

Emma assente, mas não está prestando atenção ao que digo: está escaneando os convidados e decidindo com quem falar primeiro. Aproveito e a observo, enquanto isso. É linda, com aquelas pequenas rugas que adornam os cantos dos seus olhos quando sorri, e a maneira como brinca com a aliança de plástico, que contrasta de forma um tanto cômica com o resto do seu traje.

Mas a magia se quebra bastante quando a anfitriã nos avista e se separa do grupo para nos receber. Thaïs se aproxima pelo caminho de pedras, usando um vestido ajustado de lantejoulas que reluz sob a luz do meio-dia. Eu deveria ficar feliz que minha futura agente queira falar comigo, mas não sei por quê, cada vez que ela se aproxima um calafrio me

percorre. É como quando você vê uma tarântula no teto, e sabe que não é perigosa, mas sente medo de adormecer com a boca aberta e engoli-la.

— Lucas! Emma! Que alegria que vocês tenham vindo — diz com (falso?) entusiasmo.

Dá em Emma dois beijos afetados, daqueles que pairam sem chegar a tocar a bochecha, e depois me abraça com um pouco mais de intensidade que o necessário. Seus lábios passam fugazes sobre meu ouvido, e sussurra:

— Vocês ainda continuam com esse teatrinho?

Engulo em seco, petrificado. Emma não parece ter ouvido nada e está ocupada cumprimentando Mathieu, que acabou de chegar também. O homem ainda mantém o mesmo ar bonachão, embora diferentemente do dia do coquetel, hoje nem sequer se incomodou em fazer a barba ou vestir uma camisa. Segura uma cerveja gelada na mão, e se me dissesse que na verdade é o Papai Noel disfarçado, eu acreditaria.

— Obrigado pelo convite — digo, agradecido.

— Bem, bem, Thaïs me disse que você não soa mal, rapaz — diz Mathieu após dar um bom gole na cerveja. — E, se ela diz, deve ser verdade. Minha esposa tem um ótimo olho para o talento.

Thaïs sorri e seu braço rasteja como uma víbora por trás da ampla cintura do marido. Um mosquito me pica no braço, e eu adoraria poder baixar as mangas da camisa, mas lembro das manchas de gordura que a panela de pressão que usei para passá-la deixou e me aguento.

— É verdade — assente Thaïs, olhando-me como se eu fosse o camarão decorativo do coquetel de frutos do mar. — Estive pensando, e acho que você poderia abrir alguns shows para um grupinho que eu agencio. E daí, passaríamos para o próximo nível.

— Você quer dizer, como abertura? — pergunto com voz trêmula.

— Ela se refere a *Los Chantilly* — diz Mathieu, orgulhoso. — Não seja modesta, pombinha.

— Como abertura *dos Chantilly*? — acrescenta Emma, quase num grito.

— Pode ser... — responde Thaïs com ar de superioridade, mas não me importo com o tom dela, porque estou muito ocupado me beliscando para confirmar que isso não é um sonho, e para coçar as picadas de mosquito. — Teria que confirmar, mas sim, estou considerando eles também.

Pode ser! *Pode ser que eu toque como abertura para Los Chantilly?* Morri e fui para o céu?

— Vamos ver se você consegue emocionar o público, rapaz — continua Mathieu, oferecendo-me um pote com amendoins. — Se conseguir, com certeza Thaïs arranja algo grande para você. Não é mesmo, amorzinho?

Engulo o amendoim inteiro, como se fosse um comprimido. Não posso acreditar. Isso é uma oportunidade real. REAL! Não é um sonho, porque outro mosquito-tigre acabou de me picar, e se fosse um sonho eu não estaria com tanta coceira.

É a primeira vez que surge uma oportunidade assim desde que cheguei a Barcelona. Já me vejo chegando a Cádiz em primeira classe, nada de trem regional, com uma camisa bem-passada: desta vez com um ferro de passar de verdade, e não com a panela de pressão. As fãs me seguirão pela estação, jogando ursinhos de pelúcia e calcinhas de renda, mas eu as ignorarei e pegarei um táxi até o restaurante dos meus pais: “Desculpem, desculpem, tenho uma reunião importante”. E quando chegar, abraçarei minha mãe, e finalmente poderei dizer: “Está vendo, mãe? Consegui!”. E, por precaução, antes de voltar a Cádiz comprarei um carro familiar branco com suporte para bicicletas. Isso irá convencê-la.

Na frente de todos, Thaïs estende a mão e acaricia minha bochecha, interrompendo minhas fantasias. Do susto me engasgo com os amendoins e começo a tossir, pensando que vou morrer.

— Você tinha um mosquito no rosto! — se justifica Thaïs, enquanto alguém (pela força diria que o marido dela) me dá umas palmadas brutais nas costas até quase arrancar meus pulmões do peito. Mas funciona, o amendoim se desentala e graças a isso sobrevivo.

— Os mosquitos estão muito chatos ultimamente, rapaz — resmunga Mathieu, e eu juraria que há uma ameaça velada em seu tom. — Mas por sorte são pequeninos e basta uma palmada para acabar com eles, né? Que aproveitadores.

Engulo saliva e limpo um pouco a garganta, ainda me recuperando do susto.

— Vamos, venham cumprimentar os outros — diz Thaïs, nos empurrando suavemente em direção à varanda. — Derek está por aí, e minha irmã Nuria chegará em breve. Preparei um monte de jogos divertidos. Temos até um *photocall*!

Emma me lança um olhar de incentivo e me segura pelo cotovelo, me arrastando inexoravelmente em direção àquelas pessoas elegantes que provavelmente só falarão de clubes de golfe e escolas particulares.

Inspiro.

Tudo pela música.

E pelo meu futuro carro com porta-bicicletas.

13

Emma

Não estou nem há meia hora neste churrasco e já estou louca para ir embora.

E não é por causa dos mosquitos, embora, sinceramente, eles estejam insuportáveis. Também não é por causa de Lucas, não mesmo. A verdade é que ele tem sido encantador, e a camisa com as mangas dobradas lhe cai muito bem, mas não sei por que ele se esgueirou para a cozinha com o pessoal do buffet e não volta.

O telefone toca: é uma mensagem do Randall do escritório, finalizando os preparativos para a apresentação do projeto do auditório.

“Você se importa que eu inclua suas plantas em um PowerPoint com a logo da empresa? Para ficar mais profissional.”

Se me importo? A verdade é que sim, mas suponho que não tenho escolha, considerando que ele é o encarregado de juntar a documentação, que está trabalhando num domingo e que eu me encontro numa festa “vivendo a vida”. Embora, sinceramente, eu daria qualquer coisa para estar trabalhando, e não aqui.

“Tudo bem, mas use só as plantas que estão na área de trabalho do meu computador. Essas são as definitivas.”

Respondo e, antes que eu possa ler a resposta, Nuria aparece por trás de uma esquina e me cumprimenta com um beijo no ar.

— Ultimamente coincidimos em todos os lugares, né? — comenta a advogada, agachando-se junto à borda da piscina.

Primeiro penso que ela vai se jogar vestida, mas não tenho tanta sorte. Estica o braço e puxa para si uma boia em forma de flamingo rosa, que está carregada de *gin tonics*.

— Depois do almoço vem o animador de festas — me diz com voz alegre, pegando um copo decorado com sombrinhas de papel. — E às cinco será a pinãta.

Animador de festas? Pinãtas?

Desde quando temos cinco anos?

— O animador é um cara muito legal — explica ela, tomando um gole de sua bebida. — Antes era ilusionista, mas não se deu muito bem no palco, apesar dos esforços da minha irmã. Então agora se dedica a entreter as pessoas em eventos. Thaïs está tentando ajudá-lo como pode.

Aposto que o mágico é jovem, bonito e sarado. Não sei. É um pressentimento.

Com certeza Thaïs o ajuda por pura caridade.

Essa mulher é a misericórdia em pessoa.

Do outro lado da piscina vejo Mathieu, colocando carne sobre a churrasqueira com a concentração de um pintor prestes a terminar seu melhor quadro. Thaïs come palitos de cenoura e olha para os bifes com aversão, e justo nesse momento um cara com um macacão laranja aparece por trás e dá um toquinho no seu ombro.

Um momento.

Esse não é o cara do gás? Aquele que falava com a senhora Montse? O que diabos ele está fazendo aqui?

Debato-me entre me esconder ou me aproximar para espionar. Dou um passo para trás, duvidando, e sem querer piso com o salto além da borda da piscina.

Nuria me observa com seu *gin tonic* na mão, seu rosto se deforma numa careta de espanto, e o mundo passa em câmera lenta enquanto caio na água com um barulhentíssimo *splashhh*, virando todos os copos de gim que flutuavam sobre o flamingo. Minha saia de seda se abre e flutua na água, transformando-me na maior água-viva verde da Espanha.

De repente, todos os presentes estão na borda da piscina, me observando como se eu fosse uma baleia em um parque oceanográfico.

— Se você queria um *gin tonic*, poderia ter dito e eu teria trazido para você — comenta Nuria com uma risadinha tensa.

Lucas aparece, empurrando as pessoas para que se afastem, e se agacha para me ajudar a sair, lançando um olhar fulminante para Nuria.

— Você está bem, Emma? — me diz.

Nado como posso até a escada, e me agarro ao corrimão com o rímel escorrendo pelo rosto.

— Sim, perdi o equilíbrio — respondo. — É culpa dos saltos.

Só então percebo que estou usando uma blusa de cor bege claro bastante justa, e agora mesmo todos os convidados de Mathieu podem apreciar perfeitamente cada detalhe do meu sutiã.

— Você está encharcada! — exclama Lucas, olhando de um lado para outro como se esperasse que uma toalha aparecesse por arte de magia.

Não aparece nenhuma, então, sem pensar duas vezes, ele começa a desabotoar a camisa.

Meu Deus.

Lucas está...

Está...

Meu Deus.

Não que Trevor fosse ruim, mas era o típico funcionário de escritório inglês, branquelo e desengonçado. Já os peitorais de Lucas são dignos de um monumento. Eu mesma poderia projetá-lo, com mármore branco de Carrara, e colocá-lo no meio do auditório que estamos planejando...

— Anda, coloca minha camisa — diz, jogando-a por cima dos meus ombros.

Sua camisa tem seu cheiro, e vesti-la é quase como abraçá-lo. Lucas esfrega minhas costas, ainda nu da cintura para cima, e algo morno se remexe no meu interior, como chocolate derretendo.

Para evitar pensar nele, procuro com o olhar o cara do macacão laranja. Terá sido uma alucinação?

Thaïs chega correndo, fingindo estar preocupada. Atrás dela aparece a mulher do meu chefe, a senhora Navarro, com mais pérolas em seu pescoço que o ilhote de Mikimoto.

— Que baita mergulhão! — exclama Thaïs. — Anda, vem comigo, vou te emprestar uma roupa para que você possa se trocar.

Dez minutos mais tarde estou novamente no jardim, rodeada pela *creme de la creme* barcelonesa e vestida com uma camiseta amarelo-banana que deram de presente ao Mathieu no supermercado, que me chega até os joelhos e onde está escrito, bem grande:

“BARRIGA CERVEJEIRA EM GESTAÇÃO”

Aparentemente, toda a roupa de Thaïs teria ficado pequena em mim... ou pelo menos é o que ela afirma. Sequei o cabelo com uma toalha, e agora certamente pareço a madrastra de alguma princesa de contos de fadas.

Lucas, por sua vez, voltou a se vestir com sua camisa branca. Estava um pouco molhada, então seu amigo garçom lhe emprestou um avental preto para colocar por cima. Não sei se foi uma boa ideia, porque

uma senhora de alta classe passa ao seu lado com algo embrulhado em um guardanapo e pergunta onde pode jogar as cabeças dos camarões.

Esse churrasco é um horror. E, para piorar, ainda não sei o que o cara do gás estava fazendo ali.

Me aproximo de Thaïs, que nesse exato momento está conversando com alguém pelo celular e sorri com ar sonhador.

— Thaïs... — digo, como se fosse uma pergunta totalmente casual. — Quem era aquele homem de macacão laranja?

Ela levanta os olhos da tela e franze os lábios, embora seu rosto não mostre nem uma única ruga ao fazê-lo.

— Pois não sei. Parece que algum vizinho ligou para a companhia e disse que não tínhamos permissão para usar uma churrasqueira a gás. Pelo visto, vieram revisar se tudo está em ordem. Esses condomínios são assim... quanto mais finos, mais reclamações. E mais fofoqueiros, porque se entediam.

— Ele já foi embora? — pergunto, cada vez mais intrigada.

Thaïs parece incomodada, como se quisesse voltar às suas mensagens. Varre o jardim com o olhar.

— Ah, pois não sei, Emma. Talvez esteja no porão, verificando a caldeira. Pergunta para o pessoal do buffet, falei para ele conversar com eles...

Nuria, do outro lado do terraço, começa a bater no copo e Thaïs desaparece do meu lado para ir até ela. Enquanto isso, eu só rezo para que não anunciem novamente nosso casamento.

— O photocall beneficente já está pronto! — grita Thaïs animada, agitando os braços. — Vamos, todos mostrem seu melhor sorriso para as redes! Quem ganhar poderá doar seu prêmio à FIRDO!

Não faço a menor ideia do que é a *FIRDO*, mas dois homenzarrões muito bem formados aparecem carregando uma moldura de fotos enorme, decorada com balões e discos de vinil e com o título: “Baladas de Amor dos Anos 80”. Não seria tão horrível se não fosse pelo fato de que aparece um terceiro, empurrando um cabideiro carregado de perucas coloridas e jaquetas com ombreiras.

Sinceramente, eu beberia um *gin tonic*, mas joguei todos na piscina e vou ter que enfrentar isso completamente sóbria.

Caderno de anotações de Lucas

Ideia para um refrão:

“Vamos construir um lar onde a música não tenha paredes.”

E se a Thaïs não gostar, posso propor para o Ikea.

14

Lucas

Jordi se aproxima de mim com cara de sobrecarregado. Sinceramente, eu preferiria estar ajudando na cozinha a ficar de pé neste ninho de víboras que é a festa de Thaïs e Mathieu.

Mas acho que não vou poder me esconder por muito mais tempo na cozinha, porque a anfitriã está me chamando para tirar uma foto com Emma no *photocall*.

— E ela diz que vão doar para uma causa beneficente? — pergunto a Jordi em voz baixa. — Que diabos é essa tal de FIRDO?

— Não sei, cara. Acho que é a *Federação Internacional de Restauração* de... alguma coisa.

— D. O. poderia ser *Delfins Oceânicos? Deficiências Horríveis?* — proponho intrigado.

— Horrível se escreve com H — aponta Jordi com cara de sabichão.

— Também não me olhe assim, eu sou cantor, não filólogo...

— É a Federação para a *Restauração de Discotecas dos Anos Oitenta* — solta outra garçonete que passa, girando o dedo ao lado da têmpora. — Ou pelo menos era isso que aquelas ali estavam dizendo.

Ela aponta para um grupo de senhoras vestidas de leopardo, com cara de serem clientes habituais de algum clube muito exclusivo, daqueles onde os garçons usam coletes de lantejoulas e dançam em um poste de bombeiros.

— Uma organização beneficente com uma missão transcendental, sem dúvida — comento. — O mundo sem discotecas dos anos oitenta seria um lugar vazio e escuro...

Thaïs se aproxima de mim com olhar felino, e Jordi sai correndo como se tivesse visto o próprio Belzebu em pessoa.

— Você vem? — me diz ela. — Emma está esperando, e vocês são o casal mais bonito da festa... Poderiam dar um beijinho em público por uma boa causa?

Depois ela se aproxima do meu ouvido e sussurra, sem que ninguém mais a ouça:

— A menos que você não queira beijá-la, porque todos sabemos que o casamento de vocês é mais falso que esse anel de plástico que você está usando... — ela me pisca o olho. — Mas sempre há outras opções, sabe? Tenho um quarto de hóspedes com isolamento acústico no segundo andar...

— Ah, não, não trouxe meu violão — respondo, me fazendo de distraído. — Emma? Onde você se meteu?

Saio como um raio para procurá-la, e a encontro de braços cruzados, com o cabelo crespo e cheio de ondas, a maquiagem dos olhos borrada e aquela camiseta amarelo-cerveja que parece uma tenda de circo. Ela segura na mão uma peruca cacheada de cor vermelho-alaranjada.

— Me recuso a colocar esta peruca — ela resmunga ao me ver. — Coloca você. Entre isso e a camiseta de Mathieu, estou parecendo o palhaço do McDonald's.

— *Querida, é por uma boa causa* — replico, imitando a voz de Thaïs.

— Sim, a FIRDO faz um *grande* trabalho social — acrescenta ela, e lhe escapa um suspiro que poderia ser uma risada, apesar do mau humor. — Você sabe que vão publicar essas fotos por toda parte? Me recuso.

— Vamos, mais fotos para o leilão! — grita Nuria, do photocall, alheia à nossa conversa.

Ela faz um gesto para que nos aproximemos, e eu estendo a palma da mão, pedindo-lhe mais um momento.

— Se você pensar friamente, quanto mais se fantasiar, mais difícil será alguém te reconhecer nas fotos — digo a Emma em um sussurro, e algo parece fazer clique em sua mente.

Ela enfia a peruca às pressas e me joga um gorro azul que lembra os Smurfs. Para ser sincero, entre a peruca avermelhada e a camiseta amarela, ela realmente se parece um pouco com o palhaço dos hambúrgueres.

Mas não vou dizer isso a ela.

Não vou dizer isso a ela...

— *Adoro* — lhe digo, cantarolando a famosa melodia do comercial dos hambúrgueres, sem conseguir conter o riso.

Emma me dá um tapa na nuca.

— Ai! — reclamo.

— Você mereceu, seu pentelho.

— Bem, pombinhos, qual música romântica dos anos oitenta vocês vão representar? — pergunta o fotógrafo, que segura uma Polaroid vintage. Tira uma lista e lê em voz alta: — Sugiro *Total Eclipse of the Heart*, *Eternal Flame* ou a trilha sonora de *Ghost*...

— Mas tem que se beijar ou não vale — grita Thaïs ao fundo. — Porque são músicas românticas. *Românticas*, entenderam?

— Meu Deus — resmunga Emma debaixo da sua peruca vermelha. — Essa mulher está doente. Não vamos nos beijar para a foto. Que bobagem. Já estamos fazendo muito nos fantasiando...

Um cara com um macacão laranja se aproxima de Thaïs e começa a falar com ela em voz baixa. O rosto de Emma muda de repente, como se tivesse visto um fantasma.

— Vamos representar a de *Ghost*? — digo, inspirado pela cara dela, pálida de susto.

— Sim. Tudo bem — responde com voz entrecortada. — Você finge que está fazendo... um vaso de cerâmica, ou algo assim. Coloque as mãos assim, e eu vou te agarrar por trás.

— Não era ao contrário no filme? — pergunto confuso. — Acho que era o cara que morria, e ela que fazia vasos de barro para se consolar?

— Então tá! Morra você se quiser — ela grita para mim, e parece um pouco transtornada desde que chegou o cara com o uniforme da companhia de gás.

— Vamos, pessoal, aquele beijinho! — nos incentiva Thaïs. — Aquele espírito oitentista!

Me aproximo de Emma por trás, e a envolvo com os braços ao redor da camiseta. Sinto cada curva sob os dedos, e os cachos da peruca dela me fazem cócegas debaixo do nariz.

O cara do gás nos observa tão fixamente que começo a me perguntar se ele confundiu a peruca da Emma com um botijão de gás butano.

— Me beije — sussurra Emma de repente, enquanto o fotógrafo levanta a Polaroid. — Por favor.

Emma vira o rosto e olha para mim. Eu continuo atrás dela, fingindo fazer um vaso de cerâmica enquanto Thaïs canta a letra de *Ghost* desafinando.

Um flash, e meus lábios roçam os dela.

Thaïs joga confete metalizado no ar.

É apenas um instante fugaz, mas sinto a suavidade de sua pele contra a minha, e uma descarga elétrica me percorre.

Nosso beijo é breve e leve, como uma pluma, mas me atravessa de lado a lado, enquanto minhas mãos escorregam um pouco mais para cima pelas costas dela sem que eu perceba. Sua cintura é estreita e sinuosa, e seus quadris amplos e suaves, tão suaves...

Ouve-se um aplauso, e o próximo casal nos empurra para poder tirar a foto.

Alguém me oferece uma nuvem de algodão-doce; uma curiosa compensação pelo nosso grande esforço.

— Fantástico! — diz o fotógrafo, e nos mostra sua obra. — Esta é para vocês. A outra fica no mural até que anunciem o vencedor. Vão apostar com *likes* no Instagram, e cada *like* são cem euros. O que acham?

— Bem, é...

Não sei o que dizer.

Observo a foto: é grotesca e horrível.

É a coisa mais feia que vi em muito tempo.

É como se um palhaço amarelo e molhado beijasse um smurf gigante durante uma aula de cerâmica.

Mas Emma ri e a guarda na bolsa com ar risonho, olhando para ela como se gostasse.

— Obrigada — diz, e arranca um pedacinho do algodão-doce. — A verdade é que... foi mais divertido do que eu pensava.

15

Emma

Quando finalmente conseguimos escapar da churrasqueira, estou molhada, com frio e me sinto exausta. Mas também me sinto surpreendentemente contente.

Afinal, ganhei uma calcinha fio-dental com luzes LED na pinhata, Mathieu me deu sua camiseta de *BARRIGA CERVEJEIRA EM GESTAÇÃO* e...

E beijei Lucas.

Aperto as pálpebras.

Sei que não deveria me alegrar por isso.

Na verdade, é uma péssima ideia.

Mas, então, por que sorrio cada vez que lembro disso?

Melhor ainda: aconteceu de verdade?

Foi tão rápido que não tenho certeza.

Se não fosse pela foto, pensaria que foi apenas um produto da minha imaginação e dos gin tônicos (trouxeram mais depois que afundei o flamingo da piscina).

Depois de nos despedirmos de Mathieu e Thaïs, vamos juntos até o carro, caminhando ladeira acima pela rua iluminada por elegantes postes de ferro. Nenhum dos dois menciona o assunto, e é como se não tivesse acontecido.

Quando Lucas liga o carro, o silêncio entre nós se tornou tão denso que poderia ser cortado com as unhas de gel da Thaïs. Olho pela janela, tentando fazer com que o reflexo das luzes da estrada distraia meu cérebro do que aconteceu durante a festa. Mas está lá, rodando como a música *Turn Around* da Bonnie Tyler no *photocall*.

Eu beijei Lucas.

Não só isso...

Eu...

Eu...

Eu gostei.

Engulo em seco. Prendo a respiração.

Sacudo a lembrança da minha mente.

O cheiro do cabelo dele, que ainda me atormenta. A sensação dos braços dele em torno da minha cintura, me envolvendo como uma trepadeira.

Seu corpo tão perto do meu, e todas as fantasias decadentes que esse pensamento provoca.

Brinco com a tira de luzes LED da calcinha, apertando o botãozinho que as liga e desliga numa tentativa inútil de acalmar os nervos.

— Bonito prêmio — diz Lucas, esboçando um sorriso de lado, sem tirar os olhos da estrada. — Quando vai estreá-lo?

Ele diz com tom casual, mas noto um pequeno tremor em sua voz. Talvez tenha inveja, porque ele só ganhou uma caneta de três cores.

— Amanhã no trabalho — respondo com a cara completamente séria. — Cada vez que o Randall me irritar, vou acendê-la para desabafar. Acho que as pilhas vão durar dois dias.

— Quem é Randall? — pergunta rindo, e balança a cabeça.

— Um idiota que quer minha promoção.

— Agora que você tem uma calcinha LED, ele já pode se despedir. Não sabe com o que está lidando. Não tem nenhuma chance.

Sorrio e não digo mais nada.

Chegamos à minha rua rápido demais. O que é um alívio e uma tortura ao mesmo tempo. Ele para o carro e o motor desliga, deixando-nos em outro silêncio desconfortável. Desafivelo o cinto e, por alguns segundos, nenhum de nós se move. É como se estivéssemos presos numa bolha, conscientes de que algo deveria acontecer, mas nenhum dos dois se atreve a rompê-la.

Lucas se inclina ligeiramente na minha direção para alcançar a sacola com minhas roupas molhadas no banco de trás. Ao fazer isso, seu braço roça meu ombro e de repente a bolha explode. O ar fica denso novamente, carregado com aquela tensão que ambos fingimos ignorar.

— Bem... — digo finalmente, sentindo que minha voz me trai e treme um pouco. — Espero que tenha se divertido — então lembro por que ele veio e acrescento: — Quero dizer, espero que tenha sido produtivo. Com... com Thaïs.

— Sim, claro — responde ele, chegando um pouco mais perto do que o necessário para me entregar a sacola.

Sua presença preenche tudo. *Tudo*.

Quantos gin tônicos eu bebi?

— O negócio *dos Chantilly* seria ótimo — acrescento, falando rapidamente para evitar fazer alguma bobagem.

Por um segundo, nossos rostos estão tão próximos que posso sentir o calor da sua respiração, que cheira a algodão-doce e chá de hortelã.

Olhamos nos olhos um do outro, e o tempo congela.

Ambos sabemos o que poderia acontecer, mas nenhum se atreve a ser o primeiro. Meus lábios estão prestes a se mover em direção aos dele, mas bem antes de fazê-lo, ele se afasta ligeiramente e olha para cima pelo vidro. A senhora Montse está debruçada na varanda e nos cumprimenta com as agulhas de tricô.

— Emma! Emma! — ela me chama lá de cima. — Preciso falar com você urgentemente.

— Já estou subindo! — grito, e me viro para Lucas, girando a ponta do dedo contra a têmpora. Então acrescento num sussurro: — Ela é muito chata. Me persegue.

— Já vi que você é muito solicitada — murmura ele, com um sorriso meio desconfortável. — Boa noite, Emma.

— Hum... Boa noite — respondo, desajeitadamente.

— Boa sorte com seu projeto.

— Projeto? — pergunto confusa.

— Sim. O auditório do concurso. Você vai apresentá-lo na semana que vem, não é? Ouvi quando você estava falando com Derek.

É verdade. Tinha esquecido completamente. Aceno com a cabeça.

— Obrigada. Já... já te conto.

Ambos sabemos que não vou contar, porque nós não somos um casal de verdade, nem contamos um ao outro as coisas triviais que nos acontecem. Nós não falamos diariamente, nem sabemos praticamente nada um do outro. Por não saber, não sei nem onde ele mora.

Desço do carro antes que minhas pernas me traiam e, ao fechar a porta, percebo que estou correndo em direção ao pátio.

Me certifico de que Lucas foi embora, e só então chamo o elevador.

No patamar me espera a senhora Montse de roupão, e atrás dela monta guarda o gato, com o lombo arqueado e os pelos eriçados.

— O que foi, senhora Montse? — pergunto a ela.

Os olhos de mulher viajam do meu cabelo úmido até a calcinha luminosa, que ainda pisca com luzes vermelhas entre meus dedos e se

destaca na escuridão do patamar. Jogo-a rapidamente dentro da sacola de roupa molhada, enquanto ela me observa com a cabeça inclinada.

— Menina, você não tem namorado, não é? — pergunta à queimadura.

Fico quieta, estudando-a. Olho para a minha casa, mas o gato assobia para mim como se soubesse que estou tentando fugir.

— Por que a senhora está me perguntando isso? — digo com cautela.

— Não, por nada... — responde. — Você sabe que seu senhorio me dá uma gorjeta para verificar se os apartamentos alugados estão em ordem. E se fossem duas pessoas morando nessa casa, bem... o custo seria diferente, não é? Mas isso você já sabe, não é, menina? Por falar nisso, você caiu numa piscina?

— O que... o que a senhora está tentando me dizer? — pergunto. — De onde saiu essa ideia agora?

— Bem, é que aquele homem do gás... Ele é um pouco intrometido, sabe?

Essa é boa. A senhora Montse encontrou alguém mais intrometido que ela. Se não fosse nojento, até daria risada.

— O que exatamente ele perguntou à senhora? — indago, esticando a camiseta do Mathieu para que cubra minhas panturrilhas.

— Bom, é muito estranho, mas ele estava interessado no seu estado civil. Pode acreditar? Não sei o que isso tem a ver com os encanamentos.

Suas palavras são o tapa de realidade que eu precisava para confirmar minhas suspeitas. Esse sujeito me persegue onde quer que eu vá e até teve a coragem de vir à festa. Está claro que ele não trabalha para nenhuma companhia de gás, como eu começara a suspeitar.

— Então... o homem do gás perguntou se eu era casada? — repito para confirmar.

— Sim, menina, era isso o que ele queria saber. E eu ri e disse que não, que você é uma mulher moderna que não está interessada em instituições antiquadas como o casamento, ou o cozido de Natal. Que você só vive para trabalhar, e ponto.

— Eu gosto muito do cozido de Natal — protesto, um pouco magoada por essa descrição tão acertada.

— Bem, você me entende.

O gato crava as unhas nas minhas meias, e eu o afasto com toda a delicadeza que consigo fingir na frente da dona.

— Olhe, senhora Montse... — digo. — Na verdade, tem algo que acho que deveria lhe contar. Eu tenho escondido meu casamento para evitar pagar extra no aluguel. A senhora tem razão. Me pegou. Sinto muito. Pagarei o que for necessário.

A cara da senhora Montse é um poema. Ela leva as mãos à boca, incrédula.

— Ai, menina, não me diga! Como pode ser? Nunca vi nenhum homem entrar com você. Sempre a vejo sozinha, triste, sem ninguém para te ajudar...

Ok, senhora Montse, também não precisa esfregar tudo isso na minha cara num domingo à noite antes de eu ir dormir.

— Veja bem, quando eu dizia que estava sempre trabalhando... Não era totalmente verdade, como a senhora entenderá. Nem sempre eu estava no escritório, obviamente. Quem vai trabalhar todas as noites e nos fins de semana?

Eu. Eu vou trabalhar à noite e nos fins de semana. Mas não é preciso que a senhora Montse pense que minha vida é deprimente. Basta que eu saiba.

— Então, você está mesmo casada? — repete, apoiando-se na parede como se de repente a idade pesasse.

Confirmo com a cabeça. Não posso deixar que o sujeito do macacão laranja me denuncie. Está claro que esse homem é um espião enviado pelo meu avô, e se o vovô descobrir que isso é uma farsa, posso me despedir dos meus sonhos de montar um hotel boutique na propriedade rural.

— Olha, menina, por que você não entra e tomamos um chá de tília juntas? — me diz a vizinha com a voz fraca. — Acho que isso é algo que você deveria me explicar com calma. Estou muito interessada.

Olho a hora. Ficou bastante tarde, estou cansada e molhada, e amanhã tenho uma apresentação importante. Mas minha propriedade rural também é importante. E, se eu não acalmar a senhora Montse, ela poderia arruinar meus planos completamente.

— Está bem — digo, me rendendo, e a sigo para dentro de seu apartamento com minha sacola plástica a tiracolo.

Nunca estive dentro de sua casa, e me surpreendo ao ver que está muito limpa e arrumada. Os móveis são antigos, estilo anos sessenta, mas têm charme. Ela me faz um espaço na mesa de vidro da sala de jantar. Em uma extremidade há um monte de caixas de remédios e uma planta bastante solitária cujas folhas estão caindo. Me lembra um pouco dela. E possivelmente de mim, daqui a alguns anos.

— Sente-se aí — ordena. — Já volto com as infusões.

Enquanto a espero, observo as fotografias sobre o aparador. Há algumas da senhora Montse quando jovem, embora a maioria seja da filha. Em uma imagem amarelada, ela segura um bebê nos braços e sorri. Há outra de uma menina com tranças, vestida com o uniforme de uma escola particular. Nas seguintes, a menina já cresceu e parece uma adolescente. Na última, que tem uma moldura de plástico barata, a filha está posando numa praia exótica, provavelmente no Caribe. Ela tem uma cabeleira preta e exuberante, com ondas de salão. Na verdade, é idêntica à senhora Montse, mas numa versão mais jovem e sem rugas. Percebo que a senhora Montse deve ter sido muito bonita na juventude; é só que sempre a vejo de roupão, com bobes e segurando um gato que mia para mim, e isso geralmente não favorece ninguém.

Minha vizinha volta com duas xícaras e dois saquinhos de chá dentro de cada uma.

— Já coloquei açúcar, sei que vocês jovens nunca querem colocar, mas isso não pode ser. O açúcar é importante e necessário. Essas modas estranhas de não consumir alimentos básicos me deixam doente. Deveriam proibir esse tal de *Instarrã*. Ali só contam bobagens para vocês.

— Obrigada — digo, sem ousar contradizê-la, nem explicar que não se chama assim.

— Bem, então, me conte, quem é o sortudo? — pergunta, pressionando o saquinho de chá contra o fundo da xícara com a colher.

— Bom, ele se chama Lucas e é músico.

Pronto. Posso ir agora?

— Músico? Mas ele ganha bem? — pergunta com desconfiança. — E o que ele canta?

— Bem... ele compõe músicas. Toca... violão. Eu acho.

A senhora Montse me olha sem piscar, esperando que eu dê mais informações. Meu Deus! Não tenho a menor ideia de qual é o estilo de Lucas! Nem consigo pensar no nome de nenhuma banda para comparar.

Quer dizer, saio tão pouco do escritório que nem consigo lembrar o nome de nenhuma banda, e ponto. De repente, uma luz se acende na minha cabeça.

— É parecido com *Los Chantilly* — digo com ar triunfal, basicamente porque é o único nome que me vem à mente.

Duvido que ela conheça, mas pelo menos fiquei bem, e não como uma louca que não sabe em que trabalha o marido.

— *Los Chantilly*? — A colher da senhora Montse cai no chão. O gato se assusta e sobe de um salto no aparador. — Não pode ser! Esse é o grupo preferido da minha filha. A Marta adoraria vê-los, mas é muito difícil conseguir ingressos. São caríssimos e se esgotam rapidamente.

— Sério? — digo pensativa, enquanto um plano começa a se formar na minha mente. — Talvez eu possa conseguir alguns...

— Poderia? Mesmo?

Ela me olha esperançosa, e de repente vejo nela os mesmos traços delicados da filha, reanimados pela fantasia.

— Bom, não posso garantir — acrescento. — Mas talvez... Talvez *meu marido* possa.

Acho que estou me saindo muito bem, porque a senhora Montse apoia o queixo nas mãos e me olha com olhos sonhadores.

— Que maravilha! Você não sabe o quanto tudo isso me deixa feliz — depois inclina a cabeça, um pouco travessa. — Então, me conte, quando vocês se casaram? Como ele te pediu em casamento? Por que nunca o vejo por aqui? Adoro essas histórias!

Sorrio sem saber o que dizer. Tenho que inventar algo, e rápido. Começo pelo mais fácil.

— Ah, foi... foi lindo — digo para ganhar tempo. Noto que o gato subiu na vitrola e o aponto. — Olha, não acha que seu gato vai quebrar a vitrola?

— Que nada, o Risonho adora colocar música. Às vezes ele arranha os discos, mas não me importo. Tenho muitos e quando eu morrer vão todos para o lixo — agita a mão, transformada numa adolescente fofoqueira de colégio. — Esqueça o gato. Me conte. Como foi? Ele se ajoelhou? Ou isso já não se usa mais?

— Bem... Sim, foi em um... em um show — digo sem parar de olhar para o gato, que acabou de colocar um LP de Concha Velasco. Ao fundo toca *La chica ye ye*. — Eu estava... na plateia. Quando ele terminou

de tocar, houve uma grande ovação e todos gritavam seu nome. Então ele levantou as mãos e pediu que se calassem, e disse: “Há algo que vocês não sabem. Minha música favorita não é uma música. Minha música favorita é Emma, que está aqui na plateia esta noite. Emma, por favor, suba ao palco”. Fecho os olhos, imaginando a cena em todos os detalhes. — Então eu subi, e todas as luzes focaram em nós e deixaram o resto do salão no escuro.

— Meu Deus, que romântico! — diz a senhora Montse, que parece prestes a se derreter na cadeira. — Continue, continue, estou adorando! E as estrelas brilhavam?

— Claro! Brilhavam muito, como... como OVNI's.

Ela franze a testa, pouco convencida. Há um motivo pelo qual me tornei arquiteta, e não poetisa. Comparações não são meu forte.

— Bom, e então ele se ajoelhou — continuo —, pegou o microfone e disse: “Você é minha música favorita, a que quero cantar pelo resto da minha vida. Quer casar comigo?”. — E então eu peguei o microfone e disse: “Sim, quero!”. E depois Lucas me deu o anel, e o resto é história.

A senhora Montse suspira, encantada, mas depois olha para meu anel e muda de expressão.

— Esse... esse é o anel que ele te deu? — pergunta confusa.

— Bom, não. O verdadeiro está na joalheria. Estava grande demais e estão ajustando. Este eu uso só como substituto enquanto consertam o outro. Mas é muito bonito, não é? Verde, como... — Como o quê? — Como chicletes de menta. É que... nós dois adoramos.

— Muito bem, querida, a pessoa tem que fazer as coisas do seu jeito. E se não há orçamento, esses anéis estão perfeitos, claro que sim. Eu também tomo café instantâneo porque o de marca branca tem um pote muito bonito, só por isso — ela me pisca com cumplicidade. — Ei, e por que seu marido nunca... por que nunca o vejo por aqui?

— É que ele entra às escondidas — sussurro em tom de confissão. — Por causa do aluguel, sabe...

— Não se preocupe, querida. Eu sei como exploram vocês jovens nesses escritórios modernos, que fazem vocês trabalharem até tarde e pagam uma miséria. Então não se preocupe, não vou contar para o proprietário do seu apartamento! Pode contar com minha discrição. Meus lábios estão selados.

Sorrio, pensando que a senhora Montse é uma boa mulher, mas discrição nunca foi sua melhor virtude.

— Bom, está ficando tarde, eu deveria ir — digo contendo um bocejo. — E preciso secar meu cabelo. Estou começando a sentir frio.

— Claro, claro — ela me diz e se levanta para se despedir.

Saio e me dirijo à minha porta, que fica exatamente em frente. Quando já estou com a chave na mão, me viro e a encontro me olhando com um sorriso doce.

— Sabe, Emma? Fiquei muito feliz por você ter vindo tomar chá na minha casa. Se quiser, pode fazer isso outra vez.

— Eu virei — digo, e desta vez falo sério.

Foi bom conversar com a senhora Montse. Mais do que eu esperava.

E, para que mentir?, também foi bom fantasiar sobre o pedido de casamento de Lucas, mesmo que fosse apenas uma história inventada.

Suspiro e abro a porta, sabendo que essas coisas não acontecem comigo. Eu sou uma mulher de carreira. Uma vencedora. Uma...

— A propósito, seu cabelo ondulado fica muito bem em você — acrescenta a senhora Montse com voz doce. — Te dá um aspecto mais alegre.

— Obrigada — digo enquanto entro no meu apartamento. — Boa noite.

A sala me espera igual a quando saí, tão vazia e solitária quanto no primeiro dia em que cheguei a Barcelona.

Enquanto tiro a camiseta com o logo da cerveja, lembro a mim mesma que amanhã me espera um grande dia no escritório. Se eu me sair bem, minha proposta ganhará o concurso, serei promovida a arquiteta sênior e estarei um pouquinho mais perto de ver meu nome nas revistas de arquitetura mais famosas do mundo.

Porque esse é o meu sonho e não devemos perder os sonhos de vista.

Seco o cabelo depressa e me deixo cair sobre a cama. Encolhida como uma bola, abraço a excêntrica foto Polaroid que tiraram de nós esta tarde. Adormeço lembrando dos lábios de Lucas sobre os meus, e sonho que meu falso marido entra no quarto e me arrasta para debaixo dos lençóis.



Lista de tarefas de Emma:

Apresentar o projeto e ganhar o concurso.

Ontem eu beijei Lucas.

Ontem eu beijei Lucas.

Ontem eu beijei Lucas.

Emma

Pela manhã coloco meu melhor terno, que guardei em segurança e longe dos pelos de Risonho.

Hoje é o grande dia.

Nosso projeto é um dos três finalistas, e iremos apresentá-lo ao júri. Será a batalha final. Um duelo mortal. Derek me permitiu ser a porta-voz da nossa exposição, e não estou nem um pouco nervosa. Nasci para isso e sei que meu projeto para o auditório é o melhor. Custou-me defender meu design diante de toda a equipe, e acho que Randall está um pouco chateado porque sua proposta de fazer um edifício oval foi rejeitada. Sinceramente, a forma oval aproveitava muito mal a distância até os limites e a disposição natural do terreno, deixando alguns espaços inutilizáveis na área ajardinada que circundaria o auditório. Minha proposta cúbica é perfeitamente minimalista, reminiscente da Escola Bauhaus e se adapta de forma limpa aos limites do terreno em que temos que trabalhar.

E, além disso, coloquei a calcinha de LED com luzes vermelhas para me dar sorte.

Reviso todos os meus argumentos enquanto pinto as unhas dos pés com um esmalte rosa pérola: distinto, sutil, discreto. Igual ao meu projeto. Pronto, estou pronta: terno preto e blusa verde, porque ainda não consegui tirar o anel.

— Queria que você pudesse vir comigo — digo para a foto de Alexander antes de sair. — Você sim, tinha verdadeiro talento, irmãozinho. Era o melhor de nós dois. Ganhava todos os concursos.

Mas Alexander não pode me acompanhar, então vou ter que fazer isso sozinha, como a mulher feita que sou.

Desço pelo elevador e vou caminhando até o local da apresentação, determinada a chegar antes de todo mundo. A cidade ainda está despertando e o passeio até lá, por ruas tranquilas e silenciosas, me ajuda a clarear a mente. Viver numa área central implica pagar aluguéis exorbitantes em troca de moradias precárias, mas tem a vantagem de poder estar perto de quase todas as coisas importantes. Gosto da liberdade de poder caminhar

para todos os lugares. É algo que raramente fazia em Londres, devido às grandes distâncias e ao mau tempo.

Chega uma mensagem, e por um instante penso em Lucas.

“Boa sorte!”, diz o texto.

Vem acompanhado de uma foto de Caterina, ou melhor, de seus pés calçados com caríssimos sapatos vermelhos sobre as escadas rolantes do metrô de Londres. Em nosso código secreto, usar coisas vermelhas traz boa sorte, e sei imediatamente que ela os colocou por mim, num símbolo silencioso de irmandade feminina. Eu mandaria uma foto da minha calcinha vermelha, mas provavelmente não seria apropriado.

De qualquer forma, sua mensagem me faz sorrir e acalma um pouco meus nervos ao saber que não estou lutando completamente sozinha contra o mundo.

Quando chego ao auditório, Randall e Derek já estão na porta. Randall segura um pen drive prateado com cara de orgulho enquanto conversa com Derek.

— Você adicionou todas as plantas à apresentação? — pergunto. — Estavam na pasta comum, na área de trabalho do meu notebook. Você as viu?

— Sim, claro — responde Randall, embora algo em seu tom me incomode. — Embora tenha havido um problema com as plantas de implantação. Estavam corrompidas — diz com ar condescendente, e sinto que vou ter um ataque cardíaco. — Mas por sorte o Mario pôde me enviá-las novamente. Não quis incomodá-la no seu dia de folga.

Oh, meu Deus, Mario? Mario enviou as plantas para ele! Isso não pode ser bom. Mario só serve para coisas absurdas, como lambar a borda das régulas para tirar manchas de tinta ou furar guardanapos de papel com a ponta do compasso.

Acho que vou ter um troço.

— Por que você não me ligou? — exclamo horrorizada, mas ele me ignora.

— Eu sabia que você estava ocupada. Mas tudo vai dar certo, não se preocupe. Vamos entrar — diz, como se quisesse mudar de assunto o mais rápido possível, e se vira.

— Bom, sem pressa — diz Derek, que parece estar de mau humor. — Acabei de descobrir que seremos os últimos a apresentar. Espero que até lá o júri não esteja cansado e com vontade de ir almoçar...

— Não vão estar — respondo com mais confiança do que sinto. — Vamos impressioná-los, você vai ver.

Nos sentamos no pequeno e escuro auditório, para onde vieram os três escritórios de arquitetura finalistas. Na primeira fileira senta o júri, e sobre o palco há uma tela e um púlpito com um microfone.

O primeiro escritório apresenta um auditório de planta retangular intitulado “Lingote de prata”. Parece um pouco com o nosso, e também utilizam revestimentos de aço. Isso sim, o deles é de aço polido, enquanto o nosso leva aço corten alaranjado, muito mais interessante em nível estético. Ok, o custo final do projeto deles é 25% mais baixo, mas com certeza calcularam errado e trapacearam. Além disso, o nosso é muito mais funcional. Tento transmitir tudo isso ao Derek com o olhar, mas parece que seu humor não melhora. Sua ruga de preocupação está cada vez mais profunda.

O segundo projeto é apresentado por uma equipe de veteranos com cara de não terem dormido desde 1993. Sobe ao palco uma garota que não deve ter nem vinte anos, e suspeito que ela seja a única que realmente trabalhou nessas plantas, enquanto seus chefes apenas reclamavam e diziam que ela era uma incompetente. Sei disso porque eu já fui ela em incontáveis ocasiões. Sinceramente, a ideia apresentada pela segunda equipe é fabulosa. Se não fosse impossível, diria que é melhor que a nossa. Eles projetaram um bloco de planta quadrada, mas com uma inclinação trapezoidal que se adapta perfeitamente ao ângulo curvo do teto e à acústica do palco. Lembra uma caixinha de música aberta, com a tampa sustentada por um pilar dourado e mosaicos com bailarinas abstratas decorando as paredes do saguão de entrada.

Por todos os diabos: é perfeito!

Derek resmunga, e sou invadida por uma onda de insegurança. O auditório em forma de caixinha de música é absolutamente genial, e me irrita que não tenha ocorrido a mim em vez de a eles. Droga! Com certeza teria pensado nisso, se não estivesse tão ocupada evitando que Mario engolissem um apontador.

A profecia de Derek se cumpre, e é quase hora do almoço quando chega nossa vez.

Subo ao palco seguida por Randall e Derek. Eles se sentam nas poltronas, e eu me aproximo do púlpito.

Um membro do júri boceja, e contagia todos os outros. Bem, todos menos um, que acho que dormiu.

Abaixo um pouco o microfone porque, apesar dos saltos, continuo sendo a mais baixinha de todos os presentes, e teria sido muito notável se eu trouxesse o tijolo para o palco.

Aperto o controle remoto e na tela aparece o logo do escritório naquele tipo de letra geométrica que sempre usamos para tudo. Fico feliz em confirmar que Randall usou nosso estilo distintivo para a apresentação: elementos lineares em branco sobre fundo preto, sem ornamentos nem detalhes supérfluos. É um bom começo. Isso me tranquiliza.

— Boa tarde — cumprimento. — Sou Emma Soler, da Navarro Arquitetos, e tenho o prazer de apresentar nosso projeto para o auditório, que batizamos de *A Pérola Cúbica*.

Todos me olham com indiferença. Bom, todos menos o que está dormindo. Mas eu continuo, repetindo a ladainha que ensaiamos mil vezes no escritório:

— A Pérola Cúbica evoca a aspereza do fundo do mar, combinada com a música do vento quando se filtra pelas persianas de madeira de uma vila centenária.

Ninguém entre os presentes parece impressionado: acho que não entenderam nada, embora dissimulem com o típico ar desprezível dessa gente que jamais admitiria que não tem a menor ideia. Eu mesma me sinto um pouco ridícula depois de ter pronunciado semelhante disparate em voz alta. Comparado com *A Caixinha de Música*, que é um conceito sólido e coerente, nossa ideia não tem pé nem cabeça. Fundos marinhos e persianas? Em que momento decidimos que isso seria uma boa combinação?

Mas sigo em frente, porque já não há volta. Passo para o primeiro slide, que mostra as renderizações em 3D do edifício finalizado. Um momento... Aqui algo não bate! Essas fotos não são as que enviei para Randall!

Olho para meu colega, confusa, mas ele me devolve um olhar de inocência e dá de ombros na sua poltrona.

Passo para as plantas de implantação, e aí fica totalmente claro: Randall mudou minhas plantas. Esse não é o meu projeto, mas sim o dele. O que concordamos que não seria apresentado na final.

— Desculpem — digo, me afastando do microfone. — Randall, o que é isso? Isso não é *A Pérola Cúbica*. Essa é a sua proposta, a que

votamos democraticamente para ser eliminada.

— Eu vejo que está tudo certo — responde Randall, se fazendo de desentendido. — São as plantas que Mario, seu assistente, me passou.

Me viro para Derek, sussurrando.

— Derek, isso não é o que projetamos.

Meu chefe estreita os olhos e resmunga. Está perdendo a paciência.

— Emma, eu não estava quando vocês entraram em acordo. Mas, pelo que entendi, A Pérola Cúbica é um edifício de planta quadrada, girado para se alinhar em paralelo com as vias principais. E Mario trabalha para você. Você é responsável por supervisionar o que ele faz.

— Não! Eu não dei isso a Mario. E nossa versão não estava alinhada com as vias. Fizemos isso *de propósito*. Servia para criar jardins com padrões triangulares, vocês não se lembram? Eu chamei de *O Jardim Isósceles*. A equipe adorou!

— Por que você não continua com a exposição e deixa o papo do *Jardim Isósceles* para o final? — propõe Derek, irritado. — De qualquer forma, acho que você já os saturou com o negócio das persianas submarinas. Eles perderam o fio da meada há um bom tempo.

O presidente do júri bate nervosamente com a caneta sobre a mesa e olha para o relógio.

— Emma, você está bem? — pergunta Randall com falsa preocupação. — Acho que você esqueceu qual era a versão final do projeto. Você está muito nervosa. Se não se sentir capaz de fazer isso, posso subir ao palco e explicar nossa proposta ao júri. Não é incômodo, de verdade.

Meu Deus. Como eu odeio esse cara. Se tivesse trazido o tijolo, neste momento o lançaria em sua cabeça.

Então esse era o plano dele desde o início: boicotar minha proposta e me fazer parecer uma idiota na frente de todo mundo.

O que vou fazer agora?

Me apoio contra o púlpito e, ao fazer isso, o tanga LED se acende. No palco escuro, uma luz vermelha e piscante incendeia minha saia. Todos me olham como se eu estivesse em chamas. Minha saia talvez não, mas meu rosto...

Mas, isso sim: finalmente, consegui captar a atenção de todos, inclusive do que estava roncando.

Caderno de anotações de Lucas

*Não precisamos de planos perfeitos,
Nem grandes ambições.
Apenas você e eu,
Buscando nosso lugar entre canções.*

Incluir palavras-chave que Thaïs enviou:

- *Bundinha*
- *Quadris*
- *Cintura*
- *Me deixa louco*
- *Você é meu bebê.*

Versão modificada para Thaïs:

*Não precisamos de bundinhas perfeitas,
Nem grandes melões.
Apenas você e eu (me deixa louco)
Buscando nosso lugar entre (cintura, cintura).*

Emma

Volto ao microfone, com as bochechas ainda mais coradas que minha roupa íntima iluminada.

— Desculpem, tivemos um problema com a apresentação — digo, morrendo de vergonha, enquanto me apoio disfarçadamente contra o púlpito, tentando apertar novamente o botão que desliga as luzes da calcinha. — Mas, se me derem um momento, prometo que terá valido a pena a espera...

Engulo em seco.

O bom: todos estão me olhando fixamente.

O ruim: eles estão mais interessados na minha calcinha do que no meu projeto.

Mas, como dizem no marketing, *o importante é que falem de você... mesmo que mal*. Então me recomponho, coloco as costas bem retas e começo minha nova exposição, a partir de um novo ponto de vista.

— Como eu dizia, estes desenhos não são os corretos. — Fecho a apresentação, deixando a tela preta, e um suspiro abafado vem da área onde Derek e Randall estão sentados. Estendo os braços em direção ao júri, deixando que a luz vermelha me ilumine de baixo para cima. — Bem. Vou precisar da ajuda de vocês e que usem a imaginação. Gostaria que visualizassem este mesmo auditório cúbico, mas ligeiramente girado para a direita. Assim...

O presidente do júri levanta a mão, visivelmente irritado.

— Senhorita Soler, se não trouxeram as plantas corretas, creio que terminamos por aqui.

— Não, por favor, espere. Só precisam imaginar...

— Não estou aqui para imaginar. Estou aqui para julgar seu trabalho — ele me interrompe. — Além disso, já vi duas propostas de auditórios cúbicos. Acho que não preciso ver outra igual.

— O primeiro era retangular — corrijo-o, cada vez mais desesperada. — O outro *sim* era cúbico, mas não era uma *pérola cúbica* de aço corten.

— É a mesma coisa — responde, agitando a mão.

Contenho um grito de frustração. Como ele pode dizer que um retângulo é a mesma coisa que um quadrado? Que o aço polido é igual ao aço com pátina de óxido? Respiro fundo.

— Não, por favor! Escute...

Randall está se levantando, mas Derek coloca uma mão em seu antebraço para detê-lo.

— Olhe, senhorita Soler, todos esses projetos são praticamente iguais — replica o do júri. — Nenhum é particularmente original ou especial. São todos basicamente a mesma coisa, com pequenas diferenças em materiais e custos, e na história que cada equipe inventa para nos vender: um lingote de prata, uma caixa de música, umas... persianas subaquáticas? — Aí tenho que concordar com ele: nosso tema é o pior de todos. — Enfim. Acredito que, chegando a este ponto, temos dados suficientes para tomar uma decisão objetiva, e podemos dar por encerrada esta apresentação.

Fico petrificada. A calcinha pisca outra vez. Meu sonho de escalar ao Olimpo dos arquitetos está desmoronando como se construído de areia sem cimento...

A não ser que...

— Esperem, por favor — digo, lembrando da atitude de Lucas quando se rompeu a corda da guitarra.

Pego minha pasta e abro uma planta antiga do auditório sobre a mesa do júri. Coloco-a na frente deles, alisando-a com a mão.

— Olhem isto — digo.

O presidente revira os olhos e abre a boca, provavelmente para repetir que já viu o suficiente. Mas eu levanto a mão e o faço calar.

Tiro dele o copo de café, no qual restam apenas dois goles, e o derramo sobre a planta do palco.

— Você ficou maluca? — me diz Derek, dando um pulo para me afastar do júri. Depois se vira para o presidente: — Desculpe-a. Isso não tem nada a ver com a Navarro Arquitetos, garanto ao senhor. Ela está fora de si.

— Não. Deixe-a — diz o presidente do júri que, de repente, sente curiosidade. Vira-se para mim: — O que queria nos mostrar?

— Vejam — digo com voz trêmula. Traço o contorno da mancha de café com uma caneta, desenhando uma linha irregular que a rodeia. — Tenho uma proposta alternativa. Uma versão anterior.

— Interessante. Não nos tinham falado que havia outra versão.

Derek me olha com cara de “Assim que sairmos daqui, você está demitida”. Randall, por sua vez, está no sétimo céu. Acho que já está desfrutando de sua vitória por antecipação.

Mas eu continuo. De qualquer forma, chegando a este ponto, tudo está perdido. Tanto faz se eu tentar esta ideia desesperada.

— Esta era nossa versão final, mas meu colega Randall esqueceu de adicioná-la aos slides — me viro para Randall com cara de pena. — Não tem problema, Randall. Sei que era muita pressão para você. Não é fácil colar fotos em um PowerPoint e não esquecer nenhuma. Na próxima vez, não hesite em me pedir ajuda.

A julgar pela cara dele, é possível que o próximo café que eu tomar no escritório contenha cianeto.

— Esta proposta alternativa se baseia na essência da música. A música, assim como a vida, não é perfeita; não segue trajetórias previsíveis nem simétricas. As notas musicais não são linhas retas; são vibrações, ecos que ricocheteiam, que ressoam e se entrelaçam na alma, como pensamentos que fluem livremente, nos levando desde as memórias da infância até os sonhos do futuro.

Respiro fundo. Todos se calaram e me observam com grande interesse. Inclusive Derek. Inclusive o que roncava!

— O projeto que realmente quero apresentar a vocês é... *A Pérola Orgânica* — improviso o nome sem pensar muito, e continuo com os olhos fechados, me deixando levar enquanto traço com o dedo o contorno da mancha de café. — Imaginem um mergulhador, descendo ao fundo do oceano em busca de uma pérola. Mas a pérola que ele encontra é diferente da que buscava: não é perfeita, nem lisa, nem nacarada. É uma pérola que foi enrugada pela passagem do tempo, uma pérola dourada, marcada pelos golpes e cicatrizes de sua jornada existencial. E é precisamente essa imperfeição que a torna incrivelmente valiosa.

Enquanto falo, esqueço quem sou e as regras rígidas que regem minha vida. Não sei por quê, mas penso em Lucas, naquela primeira noite no café, e no que *ele* teria dito no meu lugar. Continuo falando, como em transe:

— Esta pérola, com todas as suas marcas e ondulações, é mais preciosa que qualquer outra, porque é... única. Assim é o nosso auditório. Não é uma estrutura rígida nem previsível. É uma forma viva, que respira,

se retorce e se expande, como uma melodia que ressoa no mais profundo de nós. Como as canções que cantávamos quando crianças, inventando a letra. Foi forjado através do tempo, suportando as provas e os solavancos do caminho, mas amanhã se erguerá, imponente e transformado no auditório mais belo, prestigioso e original do país.

Quando abro os olhos novamente, Derek está boquiaberto, e o presidente do júri tem os olhos apertados, com uma expressão indecifrável. A moça jovem do outro escritório me olha como se eu fosse um piloto kamikaze prestes a se chocar contra um porta-aviões nuclear. Randall faz cara de peixe e parece não ter entendido nada.

Para ser sincera, nem mesmo eu entendi.

Não tenho a menor ideia de onde (ou de quem?) veio essa inspiração espontânea, tão pouco característica de mim. Foi como se um ser superior falasse através de meus lábios. Como se eu tivesse copiado essas palavras de alguém... sem querer.

— E... isso é tudo — digo sem fôlego, enquanto volto ao meu assento exausta e recolho minha planta.

A cadeira range quando me sento, a luz vermelha finalmente se apaga e me sinto devolvida de repente ao presente. É como sair de uma meditação. Dobro a planta e a coloco na pasta. Ainda está molhada de café e mancha todos os outros papéis. Mas não me importo. Contei a eles minha ideia maluca. Esse projeto saiu do mais profundo do meu ser, e me sinto maravilhosa. Todos continuam me olhando, mas ninguém diz nada, então acrescento:

— Obrigada. É isso. Não tenho mais nada a dizer.

Um silêncio profundo inunda a sala.

É como aqueles instantes de dúvida quando alguém diz algo estranho na escola, e os colegas não sabem se devem rir ou concordar, fingindo que foi um comentário dos mais inteligentes.

— Muito bem, obrigado a todos pelas propostas — anuncia o presidente do júri, levantando-se e esticando as costas discretamente. — Como sabem, os resultados serão divulgados na última sexta-feira do mês, às oito da manhã, em nosso site oficial. Podem se retirar.

Recolho minhas coisas em silêncio e saio primeiro. Ninguém me olha, nem se despede de mim. É como se tivessem acabado de me condecorar com a *Letra Escarlata* da arquitetura moderna.

O sol lá fora me cega, e ainda vejo embaçado quando Derek me dá um tapinha no ombro. Ao me virar, encontro-o atrás de mim, de braços cruzados.

— Imagino que você já saiba o que vem agora, não é? — murmura. Atrás dele está Randall, seu fiel cãozinho de estimação.

Assinto. Ele não precisa dizer mais. Claro que sei o que me espera, depois de ignorar todas as normas do escritório e mudar um projeto crucial sem permissão do chefe. Um projeto do qual dependia o balanço anual da empresa.

— Bem — diz Derek secamente. — Na segunda-feira você receberá o aviso prévio oficial. Terá um mês para procurar outro emprego. Poderiam ser quinze dias, mas acho que assim é mais justo.

— Pois é, porque o panorama do mercado de trabalho está péssimo no nosso setor desde a crise da construção — comenta Randall, que nem sequer se preocupa em ocultar seu deleite.

— Certo — respondo de cabeça erguida. — Obrigada, Derek. Só uma coisa. — Penso por mais um momento. Deveria fazer isso? Que se dane. Estão me demitindo. Agora já nada importa. — Não tirei férias desde que cheguei, então gostaria de aproveitar todos os dias que tenho direito de uma vez. Então, se você não se importa, na segunda-feira levarei minhas coisas, e será meu último dia na empresa. Aproveitarei para enviar currículos. Quanto ao resto, espero que vocês se deem muito bem com os outros projetos. Boa sorte.

E vou embora, com as costas bem retas. Sinto os joelhos de gelatina, mas não é preciso que eles saibam disso. Não. Não lhes darei essa satisfação.

Espero entrar no táxi, e então sim, desabo em soluços.



Lista de tarefas de Emma:

- Procurar emprego.
- Escrever artigo científico sobre os benefícios do estresse.
- Me tornar cientista ou conhecer alguém que me explique como se escreve um artigo científico.
Ideia: perguntar na farmácia?

Emma

Acordo no dia seguinte porque o telefone vibra no criado-mudo. No início, vejo tanta luz pela janela que penso que é sábado, mas logo recupero a consciência do que aconteceu durante a apresentação da *Pérola Cúbica*.

Quem ligava era Nuria. Como não atendo, ela me envia uma mensagem:

“Seu avô quer passar para um lanche hoje às cinco. Você vai estar em casa?”

Era só o que me faltava. Com toda a confusão do escritório, quase tinha me esquecido do meu avô. Preciso falar com Lucas urgentemente. Não esperava que ele aparecesse com tão pouco tempo de aviso.

Abro a geladeira e procuro algo para tomar café da manhã. Como sempre, tenho meus shakes orgânicos congelados em porções que me entregam já preparados em casa uma vez por semana. Pego uma das bolsinhas ao acaso; parece que tem algo rosa dentro, que suponho que seja mamão, ou morangos. Embora adoraria que fosse o coração do Derek.

Enquanto isso, mando uma mensagem para Lucas:

“Lucas, preciso falar com você. É urgente.”

Termino de fazer meu shake e lavar o liquidificador, mas Lucas não responde. Olho para o relógio: são nove da manhã.

Meu Deus, o que estou fazendo em casa a esta hora? Me sinto estranha. Deveria estar trabalhando. Ou no Carpi Café fazendo ligações. Ou vigiando para que Mario não coloque os dedos na impressora.

Faz muito tempo que não tiro férias; até nos finais de semana trabalho, desde que cheguei a Barcelona tenho estado mergulhada no concurso do auditório. As últimas férias que tive foram há um ano, e as usei para esvaziar o apartamento de Londres e me mudar para a Espanha.

De repente, uma sensação de vazio se apodera de mim, e o chão treme sob meus pés. O que vou fazer com a minha vida agora que não preciso mais passar o tempo no escritório de Derek Navarro?

Acho que vou morrer por falta de estresse.

É isso.

Acho que a ciência está errada, e era o estresse do trabalho que me mantinha viva; o que me ajudava a ignorar o lixão fedorento que é minha vida emocional.

Trabalhar muito é saudável.

Vou escrever para alguma revista científica!

Talvez eu possa conseguir meu sonho de aparecer em alguma publicação de prestígio, só que tomando um caminho alternativo:

“Ex-arquiteta revela o segredo da longevidade: Dez dicas práticas para se estressar mais com pouco esforço.”

Preciso tomar notas para o artigo, embora não tenha certeza de que esse título soe muito científico...

Mas antes disso vou ligar para Lucas. Não é normal que ele demore tanto para responder.

Primeiro ligo para ele, e depois escrevo para algum cientista. Com certeza Derek conhece algum.

Ah, não. Que ele não fala mais comigo.

Começo a ficar nervosa. Busco o telefone de Lucas, e ele responde com voz sonolenta:

— Emma... Por que você está me ligando tão cedo? O que aconteceu?

— Lucas, são nove da manhã! — respondo com impaciência.

— Desculpa, é que hoje estou de folga. Ontem tive um show que não estava planejado, e hoje à tarde trabalho a partir das duas — bocejo. Pausa. — Thaïs conseguiu um monte de apresentações para mim por Barcelona, e vou estar super ocupado nas próximas quatro semanas...

Não sei por quê, mas o nome Thaïs me cai pior que creme de amendoim. E isso é dizer muito, porque sou alérgica a amendoim desde que inchei como um tomate na festa de aniversário da minha melhor amiga do jardim de infância.

— Bom, então você vai ter que cancelar a cafeteria hoje à tarde — digo, sentindo um súbito mau humor desde que mencionou “Thaïs”. — Liga para sua amiga... a dos piercings. Amalia? Pergunta se ela pode te substituir.

— O quê? Por quê? — pergunta, meio confuso. — E é Amaya, não Amalia.

— Tanto faz. Você tem que vir para minha casa urgentemente. Meu avô vem esta tarde para um lanche. Supostamente moramos juntos, lembra?

Vem e traz algumas das suas coisas para que pareça que é verdade.

Lucas ri do outro lado da linha.

— E você vai cancelar seu trabalho no escritório também? Isso sim eu não acredito...

— Já fiz isso — respondo com pesar. — Por tempo indeterminado.

Lucas parece despertar de repente; sua voz muda e posso imaginá-lo se endireitando na cama.

— Como assim por tempo indeterminado? O que aconteceu?

— Nada, me demitiram... por jogar um café no presidente do júri.

— O quê? Emma, por favor, me diz que você está bem!

Sua preocupação soa tão genuína que é quase comovente.

— Isso não importa, Lucas. Não te liguei por isso. Você tem que vir o quanto antes e trazer algumas coisas. E que seja rápido, por favor.

— Ok, ok... Claro. Irei imediatamente. O que você precisa. Mas a que coisas você se refere? O que eu devo levar?

— Não sei... uma escova de dentes, um videogame, uma espada de samurai... algo que faça parecer que um homem mora aqui. Você nunca viu aqueles filmes americanos de quem quer um *Green Card*? Pois é isso. Igualzinho.

— Uma espada de samurai? — pergunta, confuso. — E que diabos é um *Green Card*?

— Lucas, por favor, não torne tudo isso mais difícil! Simplesmente, traga algumas dessas coisas que vocês homens têm em casa. Um pôster de futebol gigante? Detergente para cuecas?

— Não gosto de futebol. De onde você tira essas ideias tão estranhas? Você já morou com algum homem?

Mordo o lábio. O que isso importa para ele? Claro que já morei com um homem. Com o Trevor. Duramos pelo menos três semanas e meia. Bem, uma delas eu viajei. Duas e meia. Enfim, tanto faz.

— Bom, então traga o que você quiser, mas que pareça... *masculino* — digo finalmente.

— Que tal minha espingarda de caça? E o saco de boxe. Você tem um gancho para pendurá-lo? Deve pesar uns cem quilos. A estrutura aguenta?

Fico em silêncio por um momento, tentando adivinhar se ele está falando sério ou me provocando.

— Emma? — diz depois de alguns instantes. — Relaxa, era brincadeira. Não tenho espingarda de caça. Nem faço boxe. Mas se você quiser eu levo meu aparelho de barbear, tudo bem?

— Ainda bem — respondo, olhando para o teto alto com molduras, mas abaulado pela umidade. — Porque duvido que essas vigas tão antigas pudessem aguentar seu saco de boxe imaginário.

Escuto como ele suspira.

— Você é difícil, sabia? Vai, me dá um tempo e estarei aí. Vai dar tudo certo, não se preocupe.

Uma hora depois, escuto a campainha. *Ele já chegou*, penso, e me sinto melhor imediatamente. Acaricio sem perceber o ridículo anel de plástico verde enquanto vou até a entrada para abrir pelo interfone.

Infelizmente, a senhora Montse deve tê-lo avistado de seu posto de vigia na varanda, porque vem correndo esperá-lo na porta do meu apartamento.

— Menina, abre! — grita, esmurrando a porta.

Abro com cara de poucos amigos, mas ela finge não perceber que não estou com humor para conversas com vizinhos.

— Bem, bem, quem veio te ver tão cedo, Emma? Nunca vem ninguém! — exclama, enquanto se aproxima curiosa e bisbilhota dentro da minha casa. — Não me diga que é ele. Finalmente vou conhecer seu *marido*?

Ela pronuncia a palavra com naturalidade, mas para mim soa estranha. Estranhíssima. Como se tivesse dito que vai conhecer minha tarântula, ou meu polvo de duas cabeças.

Respiro fundo antes de responder. Carrega uma cafeteira fumegante. Como ela faz isso? Mantém sempre uma no fogo, caso eu saia de casa?

— Sim, senhora Montse... É ele — digo com tom nervoso. — Ele voltou de um show.

— Finalmente vou conhecer o músico misterioso! — responde com um sorriso infantil. — Não se importa que eu fique para cumprimentá-lo, não é?

Claro que me importo, mas ela vai fazer isso de qualquer jeito.

— Faz tanto tempo que não vem ninguém interessante por aqui... Nem minha filha, nem minha cunhada... — murmura. — E depois de

escutar a história de como ele te pediu em casamento, estou muito intrigada.

Merda. Esqueci de explicar isso a Lucas. Na verdade, nem sei se lembro da história que contei para a vizinha. Bem, também não acho que a senhora Montse vá nos fazer um teste. Acho. Acho?

— Não, claro que não, fique... — digo com resignação. — Será um... *prazer* poder apresentá-lo. Mas aviso que estamos com pressa. Só temos cinco minutos.

— Será suficiente, não se preocupe — responde animada. — Só quero dar uma olhada nele. Para ver se serve para você.

Olhamos as duas para o elevador, onde a seta indica que está subindo. Me sinto como se cada número de andar fosse a contagem regressiva de uma bomba.

Finalmente, o elevador para e a porta se abre com seu característico rangido arcaico, revelando uma enorme caixa que oculta quase completamente Lucas. Só seus olhos aparecem por cima das abas meio abertas.

— Reunião de vizinhos? — pergunta, surpreso, olhando de um lado para o outro pelos lados da caixa.

Ele veste um jeans desgastado e do seu ombro também pende o violão.

— Não, não... — respondo agitando a mão. — É só a senhora Montse. Ela saiu para nos trazer café fresquinho. Não é, senhora Montse? — digo, tentando desviar a atenção.

— Claro! — responde ela, satisfeita. — Acabei de preparar uma cafeteira, mas só tinha trazido uma xícara. Esperem, vou buscar outra. Vai, Emma, segura isso.

Ela me passa a cafeteira quente sem aviso prévio, me deixando com as mãos ocupadas, enquanto Lucas luta para manter o equilíbrio com a enorme caixa nas costas.

— Pelo menos coloca a caixa no chão, né? — sugiro.

Lucas, ainda um pouco perdido, me sussurra:

— Quem é ela? A concorrência do Carpi Café?

— É a vizinha fofoqueira — respondo, com cuidado para não me queimar com a cafeteira. — Cuidado com o que você diz, porque tudo pode chegar aos ouvidos do meu avô. Suspeito que ele colocou espiões.

— Ah... Entendi — responde, com um olhar cúmplice.

A senhora Montse volta com duas xícaras Duralex de vidro marrom, que provavelmente não usa há décadas. As alças estão um pouco empoeiradas, então limpo a minha com a borda da blusa.

— Bem, bem... Que jovem e bem apessoado! — diz, inspecionando Lucas de cima a baixo. — Então este é o músico de quem me falaram...

Lucas, com um sorriso tranquilo, a corrige:

— Cantor e compositor, mas sim, sou eu.

— Sabe? — diz ela, entusiasmada. — Quando soube que nossa Emma tinha se casado, não pude acreditar. No começo pensei que devia ser uma brincadeira. Ela é uma dessas garotas de carreira, sabe? Sempre trabalhando, trabalhando e trabalhando. A vejo sair cedo, voltar tarde, com seu terno, seus saltos, e os papéis sempre debaixo do braço. Uma mulher muito esforçada! Ótimo partido. Não deveria deixá-la escapar. Cuide bem dela, está me ouvindo?

Lucas me lança um olhar divertido e responde:

— Vou cuidar, senhora Montse. Pode ter certeza disso.

Ele soa tão convincente que por um instante meu coração se entenece.

Depois me lembro de que é tudo mentira e isso passa.

— Assim que eu gosto — aplaude a senhora Montse. — E como vocês se conheceram? Com certeza também é uma história bonita — insiste ela, e depois leva uma mão ao canto da boca, com ar de segredo. — Ele já me contou sobre o pedido de casamento...

Tento intervir antes que a coisa se complique, mas Lucas, sempre rápido de reflexos, se adianta.

— Nos conhecemos em uma cafeteria. Eu trabalhava lá e ela vinha todos os dias. Desde a primeira vez que a vi, fiquei apaixonado. O que eu mais gostava eram os pequenos detalhes... como o cabelo caía em seus olhos quando se abaixava, e ela soprava para tirá-lo. Como segurava a bolsa contra o peito enquanto esperava na fila. Parecia tímida, mas tentava esconder isso. E o sorriso dela... aquelas ruguinhas ao redor dos olhos que parecem pequenas estrelas cadentes.

Sopro para tirar a franja dos meus olhos, e nesse exato instante fico congelada. Como ele pôde perceber tudo isso? E preciso de outro creme antirrugas. Isso é inaceitável.

— Que lindo! — suspira a senhora Montse, emocionada. — Agora entendo por que vocês se casaram tão rápido. Dá para ver que estão muito

apaixonados!

Dedico à minha vizinha um sorriso tenso enquanto tento empurrar Lucas em direção à porta, mas ela nos segue e me impede de fechá-la. Ela deveria ter se juntado ao BOPE. Teria sido muito boa invadindo apartamentos de delinquentes à força.

— Como eu dizia, Emma me falou desse pedido de casamento tão bonito que você preparou para ela — diz com os olhos brilhantes, como uma menina. — Que romântico foi tudo! Como você teve essa ideia?

Lucas me olha de soslaio, levantando uma sobrancelha numa clara pergunta muda. Penso em empurrá-la para fora e trancar a porta, mas acho que o cinto do roupão ficaria preso.

— Ah... é? — diz Lucas, tentando ganhar tempo, com um sorriso tenso, e sua voz soa um pouco estranha quando acrescenta: — Você contou para ela, *querida*? Por que não me disse nada? — Depois se vira para a senhora Montse. — A verdade é que foi superespecial. *Inesquecível*.

— Especial! — a senhora parece ofendida com sua falta de entusiasmo. — Foi como tirado de um filme! Já imagino a emoção do momento, com todas aquelas luzes do palco e a ovação das pessoas... Emma disse que até as estrelas brilhavam como... OVNI's? — acrescenta com dúvida.

— OVNI's...? — replica Lucas, e lhe escapa uma gargalhada. Ele me lança um olhar rápido, como se estivesse procurando alguma pista no meu rosto. — Ah, claro, sim. Como não! As... as estrelas, estavam... é... brilhando ao máximo naquela noite.

— Exato! Me conta de novo como você parou o show para fazer a grande declaração... — diz a senhora Montse com emoção, fazendo um gesto para que ele continue.

Lucas pisca, visivelmente desconcertado, mas limpa a garganta e sorri desajeitadamente.

— Ah, sim, bem... isso de parar o show... — passa uma mão pelo pescoço, nervoso. — Foi tudo muito espontâneo. Não tinha nada preparado. De repente, olhei para Emma na plateia e pensei... Olha só ela. É perfeita. É a mulher da minha vida. Somos tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão parecidos. Quero passar o resto da minha vida com ela. E isso é tudo. Não precisei de mais. Soube no momento.

Deus. Que lindo.

A senhora Montse concorda, porque junta as mãos na frente do peito e exclama:

— Esse rapaz é um amor! E depois você a fez subir ao palco, né, menina? E então disse aquilo... Como era mesmo?

Como era?

Por favor, nem eu mesma lembro.

Só me lembro do negócio dos OVNI's e, na verdade, ainda bem que não coloquei isso na memória de um projeto para Derek Navarro, porque ele teria me demitido de novo. Já disse que não nasci para ser poeta.

— Sim, bem, depois ele me perguntou se eu queria me casar com ele, e isso é tudo — digo, tentando terminar com a tortura. — Vamos, querido?

Lucas dá um passo à frente, mas parece perdido. De repente me lembro que ele nunca esteve na minha casa antes. A vizinha o pega pela manga, quase implorando.

— Não, mas aquela frase tão romântica, sabe... — insiste. Aquela da canção... foi impressionante. Repete, por favor...

— Sim, Lucas pode ser muito dramático —comento com voz cortante. — Mas tem péssima memória.

— Sim — concorda Lucas, olhando-me de soslaio e com cara de “Essa você me paga”. — Eu adoro drama. Mas tenho memória de peixe.

— Na verdade, isso dos peixes é um mito. A memória deles é bastante boa — diz a senhora Montse. — Falaram num documentário.

— É mesmo? — diz ele, e seu sorriso vai se alargando a cada momento. — Então vamos de zangão. *'Eu sou seu zangão, e você é o mel...'*

Ele cantarola, olhando para mim com a mão no coração, e eu lhe dou um pequeno chute no tornozelo para que pare. Ele mal reage, mas a senhora Montse parece estar se divertindo muito.

— Emma disse que depois você pegou o microfone — continua a vizinha, alheia à tensão entre nós. — E disse que ela era sua canção favorita e que queria cantá-la pela vida inteira...

Lucas congela. Por um segundo, parece que um raio o atingiu em pleno esterno.

— Minha... canção favorita? — repete, quase sem acreditar no que está ouvindo. — Sim! Foi exatamente isso que eu disse. É muito bom! Parece mentira que isso tenha me ocorrido. Já disse que tenho memória de peixe. Quer dizer... de zangão. Sim. Emma é como a nota final que dá

sentido a todas as outras. Sem ela... estaria perdido. Sem dúvida, ela é minha canção preferida.

Ele pega minha mão, a que não estou usando para segurar a cafeteira. Meus dedos tremem um pouco.

— Sim, bem. Sempre fui muito melódica —acrescento com tom pragmático enquanto me solto disfarçadamente. — E metódica. Isso ainda mais.

— Que lindo! — a senhora Montse aplaude, enquanto busca um lugar para se sentar *na minha casa*. — Eu sempre soube que por trás desse aspecto de mulher fria, calculista e sem sentimentos, você tinha um coração muito doce, Emma. E o Lucas é todo um poeta. Um artista. Adoro como vocês se complementam. Os opostos se atraem!

Me dá vontade de estrangular minha vizinha pelo que ela disse, mas acabaram de me demitir do trabalho e só me falta ser presa por vovocídio.

Lucas me olha de soslaio mais uma vez, com uma expressão que claramente diz: “*Ela não está enganada. É uma boa descrição*”. Eu sorrio com os dentes cerrados, desejando que o chão se abra e me engula, ou que pelo menos engula a senhora Montse.

— Que nada, Emma é um algodão-doce — diz Lucas finalmente, tentando ajudar. — Um ursinho de pelúcia. Mas a senhora sabe como somos os músicos. Sempre com metáforas... e... coisas. No fundo é tudo fachada. Sou um cara durão.

Ele mostra o biceps e eu me apresso a intervir antes que a conversa se desvie ainda mais:

— Sim, Lucas é todo um poeta, dona Montse.

— Mas também um cara durão — acrescenta, quase ofendido.

— Sim. Duríssimo. Com saco de pancadas e tudo. Mas, bem, temos tantas coisas para fazer hoje... Vamos, querido, temos que... reorganizar os catálogos de azulejos cerâmicos! — improviso.

— Sim, claro, os catálogos de azulejos — complementa Lucas, entrando na brincadeira. — Organizamos por... formas geométricas. E por cores. Os *azulejos azuis* primeiro, amor? E os verdes seriam o quê... *verdejantes*?

A senhora Montse parece intrigada, mas continua sem desistir.

— Ah, claro, não quero incomodar mais! Mas, escuta, menina — diz, sem perder o fio da meada —, e os filhos, para quando? Você já deve

estar pelos trinta, não? Tem óvulos congelados, ou deixam tudo para a natureza?

Fico paralisada, boquiaberta.

Ela acabou de me perguntar isso?

Não acredito.

Continuo em choque durante o que parecem dez horas, até que escuto a voz de Lucas ao longe.

— Bom, sempre pensamos que, se as coisas se complicarem, poderíamos adotar um abacate — responde ele, sem perder a compostura. — Dizem que amadurecem muito rápido.

Lanço-lhe um olhar fulminante. Não sei se rio histericamente ou me escondo em algum armário para sempre. Talvez melhor no freezer; poderia ser benéfico para meus óvulos idosos.

Lucas se mantém imperturbável e a senhora Montse sorri, claramente encantada com ele e seu desembaraço.

— Ai, como vocês são engraçados! Mas não se descuidem com a idade, que depois já é tarde. Digo por experiência, que só tive uma filha, e queria três. E depois adormeci nos louros quando faleceu o meu Manel, que descanse em paz, e agora fiquei mais sozinha que tudo. Bem, então, não vou atrapalhar mais. E Lucas... ajude nossa Emma com esses livros de azulejos, que ela gosta de tudo muito reto e ordenado.

Lucas me olha com olhos brilhantes, segurando um sorriso.

— Claro, senhora Montse. Já ouço os livros pedindo socorro daqui.

— Sim... estão gritando “Ordem alfabética, por favor!” — acrescento, tentando sair do apuro.

A senhora Montse, finalmente, recolhe suas xícaras e sua cafeteira e se despede com uma palmadinhas no ombro.

Quando ela fecha a porta, deixo escapar um suspiro de alívio.

— Adotar um abacate? — sussurro para Lucas, incrédula. — Sério mesmo?

Ele sorri, encantado consigo mesmo.

— Desculpe, querida — responde brincalhão —, mas nada do que eu disser poderá jamais superar sua proposta de casamento *com OVNI*s.

Caderno de anotações de Lucas

“E você disse que era sua música favorita e que queria cantá-la a vida inteira...”

Tenho que usar essa frase.

Embora eu ache que Thaïs não vai gostar, e se eu substituir “música” por “bundinha” acho que vai perder a essência.

19

Lucas

Coloco a caixa de papelão no chão, exatamente onde Emma me indica. Faço isso com cuidado, para que os ovos não quebrem. Porque trouxe ovos, e algumas outras coisinhas que ela não espera.

Emma me observa com atenção, como se fosse importantíssimo como coloco minhas coisas. Aposto que ela tem uma planta em papel quadriculado para organizar até os cestos de lixo.

— Aqui está bom? — pergunto, por precaução.

— Perfeito — responde com um sorriso tenso. — Embora você tenha que esvaziá-la. Vamos levá-la para o depósito antes que ele chegue.

Dissimuladamente, ela empurra a caixa com a ponta do pé até que fique perfeitamente alinhada com as juntas dos azulejos.

Tiro os tênis e os coloco ordenadamente em um canto, como faria na minha casa. Percebo que ela está nervosa, mas não consigo adivinhar por quê. Não estão suficientemente juntos?

— Acho que isso não vai funcionar — diz, um pouco triste. — Não parece realista.

— Como assim?

— Sim, bem... E se você tentasse deixar os sapatos jogados? Um aqui e outro ali. Para parecer mais natural.

Eu os movo um pouco, mas ela continua me olhando contrariada.

— Não, assim... — diz enquanto se abaixa, pega meus tênis e lhes dá um chutinho para que fiquem no meio do corredor. — Tem que parecer que um homem mora aqui. Os homens são... mais desleixados.

Olho para ela, confuso.

— Eu não faço isso. E, que eu saiba, não sou uma tartaruga.

Ela aperta os olhos como se desconfiasse.

— Bem, todos os homens que conheci faziam isso. Talvez no primeiro dia não, mas assim que conquistavam certa intimidade, começava a encontrar os sapatos deles por todo lado. E as meias. E os lenços com meleca. E precisa parecer que você está aqui há um tempo, não que acabou de chegar.

— Não é por nada não, mas você saiu com caras muito estranhos...

Ela abre a boca para dizer algo, mas depois se cala.

— Tanto faz — diz, enquanto se endireita. — Vem, vou mostrar o apartamento para você. É muito pequeno, de qualquer forma... — aponta para cima. — Mas pelo menos, os tetos altos dão amplitude.

Jamais tinha reparado antes no teto da casa de alguém, mas, agora que ela menciona, é interessante.

— A distribuição, infelizmente, é bastante fechada, mas não se pode esperar mais de uma obra dos anos cinquenta nesta área. Como você pode ver, o corredor é longuíssimo... um desperdício...

— Na casa dos meus pais, eu usava o corredor para correr. Adorava que fosse tão comprido. Era minha parte favorita da casa.

Ela me olha como se eu fosse um bicho de sete cabeças, mas não diz nada.

— Interessante — diz por fim, sacudindo a cabeça. — Enfim, esta é a cozinha...

Vou atrás dela enquanto me mostra a torneira (que pinga) e a geladeira (que sobreviveu a cinco presidentes de governo). Depois passamos para a sala, que tem uma janela grande que dá para uma estreita varanda.

— Sobretudo, é muito importante não deixar a sacada aberta durante a noite — diz apontando para os vidros. — O gato da vizinha se infiltra e arranha as roupas...

Depois se cala, compreendendo que jamais vou precisar dessa informação (interessante, de qualquer forma), porque seu avô virá lanchar e depois eu irei embora, provavelmente para sempre.

— E... bem, ali está o quarto.

Ela fica parada na frente da porta, como se houvesse um campo magnético invisível que a impedisse de cruzar a soleira. Agito a mão através do vão, mas a mão passa sem problemas.

Me viro para Emma e noto como um leve rubor sobe por suas bochechas. Ela muda o peso de um pé para outro, mordendo esse lábio rosado e carnudo que, vamos admitir, inspira muitas fantasias. Porque as fantasias são gratuitas e ao alcance de todos, por mais que esta mulher esteja fora do meu alcance.

— Enfim, acho que o vovô não vai entrar aí — diz por fim.

Está vermelha como um tomate. Mas o que ela tem lá dentro? Roupa íntima de couro? Chicotes e algemas? Uma coleção de edição

limitada de esquadros e transferidores do século XIX?

Ela fecha a porta rapidamente e se vira para mim, ainda corada.

— E isso é tudo — diz engolindo em seco. — Cinquenta metros quadrados muito mal aproveitados, como você pode ver.

— Eu acho muito bonito — digo sinceramente, porque é muito mais elegante que o meu. — Vamos ver onde colocar minhas coisas. O que seu avô mais verá é a sala... e talvez o banheiro, se ele entrar. Trouxe minha escova de dentes. E se você quiser, posso jogar algum lenço com meleca por aí. A que horas ele vem?

Emma assente, ainda um pouco distraída.

— Por volta das cinco. Ainda faltam umas duas horas.

— Perfeito. Dá tempo de cozinarmos algo — sugiro, buscando aliviar a situação. — Assim me familiarizo com a cozinha e aprendo onde estão as coisas. Seria muito estranho se eu não soubesse.

Ela me olha, torcendo as mãos.

— Nunca cozinho em casa — confessa finalmente. — Duvido que seja possível.

— Não se preocupe — respondo, voltando sobre meus passos em direção à cozinha, enquanto ela me segue pouco convencida. — Meus pais têm um restaurante e basicamente cresci entre fogões. Com certeza posso improvisar algo.

— Sério? — parece sinceramente interessada, o que me faz sorrir um pouco. — Que tipo de restaurante vocês têm?

— Fazemos um pouco de tudo — explico, enquanto me aproximo da geladeira para investigar seu conteúdo. — Mas o que melhor sabemos fazer são os pratos tradicionais. Peixes, ensopados... o clássico “*peixinho frito...*”. Embora eu ache que não vou fritar nada hoje — comento, observando sua despensa, muito organizada, mas mais vazia que uma barraca de praia em dezembro. — Você tinha alguma ideia para o almoço de hoje?

Emma fica pensativa, com os braços cruzados.

— Surpreenda-me — responde, com um sorriso travesso que contém um desafio implícito.

— Perfeito — digo, decidido a aceitar o desafio.

Na geladeira há uma cebola, uma cabeça de alho e um par de iogurtes desnatados. Talvez isso seja um pouco mais difícil do que eu pensava, e olha que trouxe meu arsenal secreto de emergência.

— Você não come muito em casa, né? — digo, tentando entender como ela pode viver ali e não ter comida.

O que dá pra preparar com iogurtes e uma cebola podre?

— Minha vizinha já te disse — dá de ombros. — Sempre como fora, menos o café da manhã. Tenho muitos shakes congelados, se te interessar. E, se não, tem muitos restaurantes aqui perto. Você gosta de sushi?

Balanço a cabeça. *Não. Este é meu desafio.* Hoje jogamos no meu campo.

— Nada de sushi. Tenho ideias melhores.

Avisto algumas latas de grão-de-bico, alguns poucos vegetais prestes a se tornarem fósseis no fundo da gaveta e um *tupperware* descartável com comida mexicana que em breve vai sair sozinho cantando mariachis.

Volto ao hall e abro minha caixa. Diante do olhar estupefato de Emma, tiro os ovos, um pote de páprica, uma lata de atum e um pouco de açafrão. Não planejava usá-los juntos, mas posso trabalhar com isso.

— Vou fazer uma espécie de... mexido caipira — estou inventando agorinha, mas digo como se fosse algo que faço todos os dias. Ela assente como se estivesse em aula e eu fosse o professor. — Podemos colocar grão-de-bico, o que te resta de vegetais, um pouco de páprica... E atum de lata, porque não tenho nada melhor. Onde fica a tábua de corte?

Ela demora cinco minutos para encontrá-la, e acho que, quando finalmente a encontra, para ela também é a primeira vez que a vê. Ela me entrega e se apoia no batente da porta, observando com bastante curiosidade como corto as partes aproveitáveis da cebola.

— Você tem muita habilidade — comenta com admiração. — Nunca tinha visto alguém cozinhar com tanta arte.

— Claro que sim: *muita arte, minha filha*. Além disso, o mais simples às vezes é o melhor — respondo, girando a cebola sobre a tábua. — Isso vai ficar uma maravilha, você vai ver.

Me viro um momento para ver sua expressão. Ela está sorrindo, e seus olhos brilham com algo mais, que é totalmente indecifrável.

— Você tem algum pão? — pergunto sem grandes esperanças, examinando o lugar.

— Pão de forma... no congelador. Serve?

— Bom, melhor que nada.

Ela se abaixa para pegá-lo. Quando faz isso, seu traseiro fica à vista, redondo e perfeito. Engulo em seco e desvio o olhar, lembrando a mim mesmo que isso não é um encontro, mas uma reunião de trabalho.

— Perfeito — tiro-o de suas mãos, evitando seu olhar porque agora sou eu que com certeza ficou vermelho. — Vou torrar um pouco. Você tem torradeira?

Ela torce a boca.

Aposto cinco euros que ela não sabe o que é uma torradeira.

— Não importa, eu me viro — digo. — De qualquer forma, o importante aqui é o refogado. O truque está em não deixar o alho queimar, e na Páprica de La Vera — sacudo o potinho no ar e dou um beijinho na tampa com ar teatral. — Isso é ouro vermelho do bom. Glória bendita!

— Você sempre leva ovos e especiarias quando sai de casa? — pergunta, divertida.

— Só quando vou à sua — replico em tom desafiador. — *Essas moças modernas de carreira sempre comem fora* — respondo, piscando um olho e imitando a voz da vizinha dela. — *Uma mulher muito industriosa!*

— *Ótimo partido!* — continua Emma.

Ela solta uma gargalhada, e seu rosto é tão bonito quando ri...

Começo a refogar o alho e a cebola. O cheiro começa a preencher a pequena cozinha: é um cheiro que sempre me leva de volta para casa, e me lembra do meu lar, o autêntico. Percebo como Emma se aproxima um pouco mais, como um gato faminto sentindo o cheiro do churrasco.

— Mas o mais importante é o *toque Lucas* —comento, enquanto adiciono o grão-de-bico e um pouco de açafrão, para dar cor.

— Toque Lucas, é? — diz, procurando em um armário. — E isso inclui o quê?

— Isso você vai ver quando experimentar —digo, voltando a sorrir. — Mas te garanto que isso está de tirar o fôlego.

Ela levanta duas garrafas de vinho: um tinto e outro branco. Está com o cabelo ondulado; hoje não o alisou, e isso lhe dá um ar mais jovial e descontraído. Gosto disso. Aponto para o vinho tinto com o queixo, e ela assente com gesto de aprovação.

— Pois *este* é o meu toque pessoal — diz satisfeita, apoiando a garrafa no balcão enquanto procura um saca-rolhas na gaveta.

— Me parece bem — digo. — Aprovado pelo conselho de cozinheiros.

Ela se esforça para tirar a rolha da garrafa. Enquanto isso, volto a olhar disfarçadamente sua figura por trás: seus quadris desenhavam curvas amplas e tentadoras, envoltas numa saia ajustada e provavelmente elegante demais para a ocasião.

A rolha sai com um sonoro “plop”.

— Você não cozinha muito, mas abrir vinho sabe bem — comento.

— É verdade — admite, ficando na ponta dos pés para pegar duas taças do armário. — Prefiro observar a cozinhar. É mais seguro para todos.

— Então você gosta de observar... — repito sem me virar, ocupado com os ovos. No momento entendo que isso soou um pouco estranho e acrescento. — Observar o cozinheiro... isso... para aprender a receita, claro.

Ela me observa com a cabeça inclinada, cada vez mais divertida.

— Pois é — diz. Na verdade, é agradável ver como você se vira bem na cozinha — responde, cruzando os braços e se apoiando no batente da porta. — Os caras com quem saí só sabiam pedir comida chinesa por delivery.

— E jogar sapatos pelo corredor — acrescento, virando-me para ela e apoiando a colher de mexer sobre um prato.

Quero perguntar várias coisas, por exemplo:

Que outras coisas esses inúteis não sabiam fazer?

De onde você os tirava?

Por que tinham espadas de samurai?

Mas, em vez disso, digo:

— Você tem algo melhor para mexer isso? Colheres de metal arranham as panelas.

Ela me olha desconcertada, mas, mesmo assim, sobe de um salto em um banquinho e abre um armário alto. Vasculha um pouco e tira uma extravagante seleção de espátulas e conchas, cada uma mais elegante e inútil que a anterior, todas de aço polido e brilhante.

Balanço a cabeça. São ainda piores do que o que tenho.

— Deixa pra lá. Eu me viro com o que tenho. Mas continuo sem entender onde você encontrava esses caras tão estranhos. Minha mãe me ensinou a virar omeletes aos nove anos. É algo básico na minha família.

— Bem... costumava conhecê-los em lugares muito, muito chatos — responde com um meio sorriso, erguendo a taça de vinho. — Normalmente, em festas do trabalho. Usavam terno e Rolex, e tentavam

impressionar as garotas com seus estúpidos carros caros e encontros em lugares exclusivos.

Ela agita a mão no ar, como fossem bobagens, mas eu sinto um nó no peito. O lugar mais exclusivo onde eu poderia levá-la neste momento é o depósito do Carpi Café, e o veículo mais exclusivo que posso oferecer é um vagão de metrô que, com sorte, não conterá nenhum bêbado.

Me aproximo do fogo e agito a fumaça para inalar o aroma. Emma me imita e fareja a panela com um gesto de apreciação.

— Não parece tão ruim — diz surpresa.

— Sério que você duvidava dos meus talentos? — respondo com presunção.

— Dos seus talentos não, mas dos meus ingredientes sim — retruca contendo o riso, e dá outro gole no vinho.

Mexo minhas duas panelas, pulando de um lado para o outro com a mesma naturalidade que em minha casa. De repente me assalta o pensamento de que é quase como se eu já tivesse estado aqui antes. Há algo neste apartamento que me faz sentir curiosamente confortável, por mais diferente que seja do meu.

Levanto os olhos e sorrio, e pego Emma lambendo os lábios, tingidos de vermelho pelo vinho.

Só então percebo que ela não estava olhando para o refogado, mas para mim.

Bobagem. São imaginações minhas.

— Com certeza, isso cheira muito bem — diz, aproximando-se um pouco mais. — Posso provar?

— Tudo a seu tempo — digo com um sorriso. — Por que você não faz algo útil e põe a mesa?

— Você é um pouquinho mandão, hein? — responde, divertida, mas põe mãos à obra.

— Só quando é necessário — respondo com um sorriso travesso. — Se quero impressionar seu *avô*, tenho que garantir que tudo seja perfeito.

Ela inclina a cabeça com ar desafiador, mas faz o que pedi. Enquanto termina de colocar os talheres, noto que está me olhando de novo, desta vez de maneira muito mais direta. A tensão no ar tornou-se palpável, mas não é desconfortável.

— Sua vizinha é legal, né? — digo, afastando a panela do fogo.

Embora não a olhe diretamente, estou consciente de cada um dos seus movimentos, e noto que está muito mais perto de mim do que quando começamos.

— Você acha? — pergunta, fingindo desinteresse, mas noto a curiosidade em sua voz. — Ainda não decidi se ela é realmente amável ou tem motivos secretos para ser... Mas, de qualquer forma, o importante é que ela não suspeite do nosso relacionamento, porque não sabemos de que lado está. Além disso, meu avô não para de enviar um suposto homem do gás que faz perguntas à vizinha, e é importante que ela explique uma versão convincente.

— Talvez da próxima vez devêssemos discutir um pouco, para animar isso — proponho, abrindo um armário após outro até encontrar os pratos. — Para parecer mais real. Eu digo algo e você me diz que não tenho razão — uma gargalhada me escapa sem querer. — Você acha que saberia?

— Oh, com certeza — responde com um sorriso malicioso. — Essa é a minha especialidade. Quais temas você tinha em mente?

— Não sei, que tal seus óvulos congelados?

Ela me joga um pano na cara, e eu o pego no ar entre risadas.

— Idiota.

— “Querida, isso aí são croquetes?” — digo com voz afetada, fingindo abrir a geladeira. — “Não, amorzinho, são meus óvulos congelados...”

Agora sou eu que não consigo parar de rir. Fico com falta de ar só de ver seu rosto ofendido, enquanto tenta se manter séria.

— Isso é passar dos limites — diz, embora eu saiba que não está falando sério.

— Que nada — replico. — Consigo pensar em coisas muito mais provocadoras.

Começo a servir a comida, mas mantenho o olhar fixo nela pelo canto do olho.

— Ah, é? — responde, levantando uma sobrancelha desafiadora, mas fingindo que não se importa com minha resposta. — Que tipo de coisas?

Me aproximo um pouco mais, o calor da cozinha tornando-se mais palpável. Fico em silêncio por um segundo, aproveitando a tensão, antes de me aproximar um pouco mais e dizer:

— A comida está pronta. Talvez eu conte depois.

Seus olhos se estreitam, e noto uma faísca de diversão em seu rosto. Mas me viro e me dirijo à sala, onde a mesa já está posta. Ela me segue, carregando apenas as garrafas de vinho. Sinto seu olhar grudado nas minhas costas o tempo todo, até que chego ao final do corredor.

20

Emma

Sento-me à mesa enquanto Lucas coloca os pratos. Depois me serve um pouco de vinho com o guardanapo sobre o braço, fingindo ser um experiente *sommelier*. Pensando bem, talvez não esteja fingindo.

O aroma da comida, junto com o sabor quente do vinho, cria um ambiente acolhedor. Minha casa, normalmente deserta e imaculada, parece ter se transformado em outra: mais desorganizada, mas também mais aconchegante.

E é estranho, mas acho que até gosto um pouco disso. Quase nem me incomodam os tênis jogados na entrada. Embora, claro, pode ser porque fui eu mesma que os joguei ali, no ângulo correto.

— Vamos brindar? — diz ele, levantando sua taça.

— Ao que brindamos desta vez? — pergunto, acompanhando-o com a minha.

Lucas fica pensativo por um segundo, antes de responder:

— Por... sobreviver a esta farsa. E para que seu avô fique contente hoje à tarde.

Rio e bato minha taça na dele.

— Por... — “*Por nós*”, estou prestes a dizer. Mas em vez disso solto: — Por... meu avô.

Bebo um gole longo, mais longo que o normal, e sinto o calor do vinho descendo pela minha garganta.

Sinto-me duplamente farsante. Primeiro, porque estou tentando enganar meu avô. Segundo, porque estou enganando a mim mesma, mesmo que me esforce para negá-lo. Quanto mais vazia fica a garrafa de vinho, mais claramente percebo isso.

Lucas me olha do outro lado da mesa, mas não diz nada. Ambos começamos a comer em silêncio, o que só faz com que a tensão se multiplique. Alinho a taça com o prato e os talheres, buscando um pouco de paz na geometria dos objetos cotidianos.

— Como está a gravação do seu disco? — digo após a primeira garfada, querendo quebrar o silêncio incômodo. — Você disse que Thaïs conseguiu um show para você, não foi?

— Ela está sendo muito legal — responde sorrindo, e se serve de mais um pouco de vinho. — Na verdade, ela conseguiu vários. Estou muito contente. Tudo está avançando muito rápido; quase me dá vertigem. Obrigado por me conectar com ela.

Ele está com os olhos vidrados, e não sei se é emoção ou efeitos colaterais de ter cortado cebola.

— Fico feliz em ter ajudado — digo, embora sinta uma estranha tristeza ao me lembrar por que estamos sentados aqui. — Você está compondo algo novo?

— Sim. Bem, não — coça a cabeça, embaraçado, enquanto mexe nos ovos no prato. — Estou modificando as letras das minhas músicas existentes. Thaïs está me ajudando. Ela diz que são... complexas demais. Que as pessoas precisam de melodias mais simples, mais dançantes e pegajosas. Letras mais simples... “Temos que falar a mesma língua do povo”, diz ela — ele ri. — Como se eu não fosse mais do povo que as alcachofras. Mas, bem, segundo ela, isso nos fará chegar a todos os públicos.

Balanço a cabeça. Provavelmente o vinho me deixou mais sincera que o normal, porque solto:

— Não sei, Lucas. Não sei muito da sua música, mas o pouco que pude ouvir naquele bar do Born me pareceu muito bom. Eu gostei daquelas músicas, do jeito que eram. Elas têm alma. E são diferentes do que todo mundo faz.

Ele fica paralisado, com aspecto torturado.

— Sempre sonhei em viver disso, Emma — diz com voz baixa. — E Thaïs pode me conseguir uma apresentação no Pavilhão Sant Llorenç, com um pouco de sorte. Se tudo der certo, mais de quinze mil pessoas ouviriam minhas músicas, você imagina?

Não posso evitar. O comentário me escapa:

— Mas... serão suas músicas? Ou as dela?

Lucas se cala. Seus olhos estão ainda mais vidrados, e quando responde, sua voz se quebra um pouco.

— Serão músicas, e isso é o que importa. As pessoas vão me ouvir, e será muito melhor que ficar servindo *peixinho* frito pelo resto da minha vida, não acha?

Concordo com a cabeça e me inclino sobre o prato vazio, evitando seu olhar. Dobro o guardanapo em um triângulo perfeito, juntando as

pontas. Coloco-o em pé sobre a borda. Parece o telhado de uma casa.

Ele me observa, calado.

— Você adora o seu trabalho — comenta. — Pensa nele o tempo todo. Ele dá sentido à sua vida. Não é verdade?

— Suponho que sim — respondo em voz baixa, enquanto seus olhos esverdeados parecem me perfurar.

— Pois isso é o que eu quero — confessa. Seu rosto está a menos de um palmo do meu, de modo que posso sentir o aroma do seu cabelo, e cada sarda de suas bochechas. — Quero o mesmo que você tem. Dedicar cada hora da minha vida a fazer algo que me apaixone. Algo que eu possa fazer cada minuto que estiver acordado, e que não seja um fardo. Algo que me permita mostrar minha arte ao mundo e viver disso.

— Quem me dera que fosse tudo assim tão bonito — confesso, brincando com a taça de vinho vazia entre as mãos. Ele esvazia o pouco que resta na garrafa e enche-me a taça. Sorrio-lhe com gratidão e continuo. — Às vezes, haverá coisas que não nos agradam fazer. Às vezes, o trabalho te absorve tanto que você deixa tudo de lado e, um dia, você acorda e foi demitido, apesar de todos os seus esforços e sacrifícios. Você abre os olhos e está sem emprego, com mais de trinta anos, com a única companhia de um gato estranho na cama e uma vizinha fofqueira perguntando se você pensa em congelar óvulos.

Lucas ri e estica o braço para alcançar a segunda garrafa. Perfura a rolha com o saca-rolhas e a abre em menos de dois segundos.

— Você vai encontrar outro trabalho melhor, não tenho dúvida — diz com afeto, cheirando o conteúdo da nova garrafa. — Você é muito boa no que faz; até eu, que não sei nada de arquitetura, posso ver isso. Mas você é muito mais que seu trabalho, Emma. Todos nós somos. Não se esqueça disso.

Ele diz isso com uma seriedade que me desconcerta.

Não sei por quê, mas sinto um crescente ardor nos olhos. Engulo em seco, tentando me recompor. Cubro a boca com o guardanapo e agito a outra mão no ar, pedindo-lhe um momento.

Lucas assente, e nossos olhares se encontram, em um súbito instante de compreensão mútua.

Ele se inclina um pouco mais na minha direção, observando agora meus lábios, e sinto que me falta o ar por um momento. Ele se move

devagar, como se temesse cruzar uma linha imaginária no centro da mesa. Uma linha que, uma vez cruzada, mudaria tudo.

Quase posso sentir seu hálito quando ele se aproxima, e eu, sem perceber, também me inclino em sua direção. Entreabro os lábios, e meus olhos vão se fechando aos poucos. Lucas estende a mão por cima da toalha, e seus dedos roçam os meus.

E então, o som do meu celular quebra o encanto. Afasto a mão de repente e me lanço sobre o telefone sem pensar.

— Que susto! — exclamo, dando um sobressalto. — Achei que estava no silencioso.

Lucas se joga para trás bruscamente, e eu desbloqueio o telefone: na tela aparece o nome de Nuria, embora ainda seja cedo demais para a visita do avô.

— É a advogada — digo, me desculpando com o olhar. — Preciso atender.

— Claro. Atende — responde ele. Em sua voz há um tom de tristeza, ou talvez de decepção.

— Olá, Nuria — digo, levando o celular à orelha. — Tudo bem? Na sua mensagem você disse que...

— Sim, eu sei — sua voz soa distante, como se me ligasse pelo viva-voz do carro. — Mas estou ligando porque houve um imprevisto. Seu avô não está se sentindo bem, e no final não poderá visitá-los hoje à tarde. Não é nada grave, mas talvez precise passar algumas semanas de cama.

— Ah... puxa — tento soar despreocupada, mas não posso evitar me sentir cada vez mais frustrada. — Então... ele não vem?

Depois de toda essa confusão, ele vai me deixar na mão?

— Ele não, mas eu estou a caminho — continua la. — Passo na casa de vocês só um momento para deixar uma pasta com as plantas da fazenda. Seu avô pediu que eu entregasse, caso você queira ir desenhando algo.

— Tudo bem, perfeito... — olho para Lucas, que me observa em silêncio. — Obrigada por avisar.

— Nos vemos daqui a pouco. Até já!

Desligo o telefone e fico olhando para a tela, tentando processar tudo.

— O que aconteceu? — pergunta Lucas, e sua mão paira no ar, duvidando se deve voltar a se aproximar da minha ou não. No final, ele a

esconde sobre o colo.

— Era a Nuria. Disse que o vovô não virá; ele está um pouco indisposto e adiou o lanche para daqui a duas semanas mais ou menos. Virá apenas ela, para me deixar uns papéis. — Dou de ombros, sorrindo com repentina timidez. — Então tudo isso foi para nada.

Lucas assente lentamente, e posso ver como sua expressão muda, tornando-se mais distante. A conexão que havia entre nós alguns minutos atrás se desvaneceu completamente, como se alguém tivesse jogado um balde de água gelada em nossas cabeças.

— Imagino que então... você já não precisa mais de mim aqui, não é? — diz, arrastando sua cadeira para trás.

— Não, bem... também não é necessário que...

— Lavarei os pratos antes — diz cortante enquanto se levanta.

— Não, por favor, eu mesma faço. Não se preocupe com isso.

— Tudo bem. Então vou embora, assim você pode continuar fazendo suas coisas. Não tem problema. Falso alarme. Assim já estamos preparados para quando ele vier de verdade.

Meu Deus, por que sou tão desajeitada? Não pretendia ofendê-lo. Só pensei que...

— Não é isso! — respondo, desesperada pela minha incapacidade de me expressar quando mais preciso. — Mas você teve que trocar o turno com a Amaya... e se ainda der tempo de chegar ao trabalho, talvez você devesse aproveitar, porque o vovô pode aparecer em qualquer outra tarde, e eu vou precisar que você volte...

— Claro, Emma. É só me avisar quando souber que dia seu avô virá, e estarei aqui. Faz parte do acordo.

Lucas começa a recolher suas coisas, e eu fico parada, observando-o. Estendo-lhe sua jaqueta e vou buscar seus sapatos, me sentindo um pouco culpada por estarem um em cada extremidade do hall de entrada.

Uma pergunta muda fica pairando no ar, mas nenhum de nós diz nada.

— Deixo a escova de dentes. E o barbeador — diz, aproximando-se da porta. — Caso apareça alguém.

— Lucas... obrigada por tudo — digo finalmente, com um sorriso forçado.

— Obrigado a você — responde ele, devolvendo-me uma careta um tanto triste.

Quando abro a porta, uma corrente de ar frio entra no apartamento. Ele se vira para mim antes de sair.

— Nos vemos na próxima, suponho.

— Sim... te aviso quando ele vier de verdade.

Fecho a porta atrás dele, mas em vez de voltar para a sala, fico no corredor, imóvel. Passo pela mesa sem recolher nada. Caminho até a sacada e o observo da grade. Vejo-o se afastando pela rua, com as mãos nos bolsos e a cabeça baixa, e não posso evitar sentir um nó na garganta.



Lista de tarefas de Emma:

- Ligar para Nuria: será que poderia visitar a fazenda novamente para tirar medidas?
- Verificar se os resultados do concurso A Pérola Orgânica já saíram.
- Ligar para Lucas: poderíamos jantar juntos só porque sim?
- Pesquisar na internet como congelar óvulos.

21

Lucas

Volto ao Carpi Café com o moral um pouco baixo, mas durante o caminho recebo um monte de mensagens da Thaïs falando sobre as demos que lhe enviei e isso me anima um pouco:

“Impressionante!”

“Eu adorei!”

“(Quatorze beijinhos)”

“E, por sinal, aquilo de ‘você é meu neném’ dá um toque magistral!”

Para ser sincero, me dá náusea quando ouço a palavra “neném” se referindo a uma mulher adulta, e além disso, essa ideia de trocar “você é meu destino” por “você é meu neném” foi ideia dela, não minha. Mas fico feliz que goste tanto. Pelo menos... *alguém* gosta.

Me envia uma última mensagem, que teria feito com que eu pulasse de alegria em circunstâncias normais, mas hoje mal conseguiu levantar os cantos dos meus lábios. Quando chego ao trabalho e dou de cara com Amaya, penso em Emma, e não nessa última mensagem de Thaïs que poderia mudar minha vida.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta Amaya ao me ver. — Você não tinha uma reunião com sua mulher e... o avô dela?

— Mudança de planos. Se quiser, pode ir para casa, eu cuido da barraca.

— Posso saber o porquê dessa cara de vinagre?

— Não estou com cara de vinagre.

— Então de sapo.

— Vai para casa, Amaya.

Minha colega dá de ombros e tira o avental com um giro de bailarina.

— Você que sabe. Não me conta se não quiser. Mas dá para notar de longe que você acordou com o pé esquerdo, bonitão. A tia Amaya não se engana. O que aconteceu? Brigou com a patroa?

Olho para ela de soslaio e, como se estivesse mostrando um produto de contrabando, mostro a última mensagem da Thaïs por baixo do

balcão:

“*Vamos lotar o Pavilhão Sant Llorenç! Consegui para você a apresentação de abertura no dia vinte e oito!*”

— Caramba! Que notícia incrível, cara!

Amaya solta um grito e começa a dançar, agitando o avental como uma bandeira.

— Então sua cara estranha era por isso... E eu pensando que você estava com prisão de ventre! — exclama, e se vira para os clientes que esperam na fila. — Estão vendo este cara? Sim, sim, este aqui, Lucas García! Pois olhem bem, porque dentro de um mês ele estará num iate nas Bahamas, e vocês fazendo fila para pegar autógrafo seu. Se fossem espertos, pediriam agora, em vez de pegar o café sem nem agradecer. Mal-educados!

Uma senhora idosa suspira e sai da fila. Vai embora da cafeteria ofendida, batendo os pés e sacudindo a cabeça diante do atrevimento da garçonne maluca de cabelo azul.

Amaya continua dançando e dando high five pra todo mundo, e eu me afasto discretamente em direção ao depósito, agradecendo porque hoje o gerente não está: com certeza ele nos mandaria embora, e no momento nenhum dos dois tem outro lugar pra ganhar a vida.

Emma não aparece no Carpi Café naquela tarde, nem no dia seguinte. Ela não me liga, e eu também não ligo para ela. Mas estou tão ocupado com ensaios, reuniões com Thaïs e testes de som que, sem saber como, a semana passa e chega a véspera do show mais importante da minha vida até agora.

Vou abrir o show dos *Chantilly* no Pavilhão Sant Llorenç. O Pavilhão Sant Llorenç, nada menos!

Tá, não sou o artista principal, mas, segundo Thaïs, posso ser em seis meses se essa apresentação der certo. Um ano no máximo; depende de como tudo correr amanhã.

Nunca me apresentei num lugar tão grande, e tremo feito gelatina. Meu Deus! Eu, sozinho, diante desse enorme recinto lotado até o teto. Tenho até *backing vocals*... de verdade, não como quando Amaya se posicionava atrás, fingindo que a vassoura era um microfone.

Reviso a letra novamente... aquilo de “bundinha” e dos “quadris” e todas essas letras tão chiclete (e vulgares), que temos criado Thaïs e eu. A

verdade é que, entre uma coisa e outra, passamos os últimos dias grudados. E essa mulher é como uma gata no cio... cada vez me custa mais tirá-la de cima e manter uma relação profissional com ela.

Mas eu decidi: esta é minha oportunidade, a única que tenho e, com certeza, a melhor. É *a oportunidade da minha vida*, e não vou deixar que ninguém a estrague. Não me importa se Thaïs Aguilar coloca cinco mil corações em cada mensagem. Eu vou cantar nesse pavilhão, e as pessoas vão se emocionar com meu violão. O resto são minúcias.

Este é meu sonho e ele está aqui: basta esticar as pontas dos dedos. Em pouco tempo, o famoso serei eu. Mais famoso que Thaïs, que Emma, e que qualquer um que eu conheça agora. E então, tudo mudará. Poderei procurar outro agente... se não assinar esse contrato.

Thaïs me ofereceu essa apresentação de abertura como teste. Se der certo, terei uma semana para assinar o contrato definitivo. E depois serão cinco anos. Cinco anos sob sua asa, com a promessa de chegar ao topo, como *os Chantilly*, sua obra-prima. Viagens a Nova Iorque. Uma turnê internacional. Um disco no *Metropolitan Sound Studios*... Soa muito tentador... Mas Thaïs nunca dá nada de graça. É tão eficiente quanto impiedosa.

Amaya diz que eu assine, que seria um idiota se não o fizesse. Thaïs me trouxe até aqui, abriu as portas do Pavilhão Sant Llorenç. E devo isso a ela. Mas e se amanhã eu for um sucesso e descobrir que meu nome e minhas letras já não são meus, que agora tudo pertence a ela?

Não consigo dormir. Ando pelo quarto como um tigre enjaulado e acabo ligando para minha mãe. Pelo menos a voz dela me acalma.

— Filhinho? O que está fazendo acordado a esta hora? Você não tem que cantar amanhã?

— Sim, mãe, mas não consigo dormir. Queria tanto que vocês pudessem vir me ver.

— Você está louco ou o quê? Como vamos chegar aí? Seu pai não enxerga um palmo na frente do nariz com a catarata, e eu... você já me viu tirar carteira de motorista na minha mocidade? Ah, vá, menino, eu sou mais de ir andando *pra todo lugar*.

É verdade. Meu pai tem a visão cada vez pior, e minha mãe nunca tirou carteira. Mesmo se fechassem o restaurante — que é como um filho para eles —, não conseguiriam viajar mil quilômetros de Cádiz a Barcelona só para me ver tocar como banda de abertura.

— E sua amiga, a do cabelo azul? Ela não ia com você?

— Não pode. No final, marcou com a namorada dela.

— Ai, nem me fale dessa tal “Garota de Ouro”! Fica grudada nela como um carrapato. Será que ela não percebe que essa menina não serve pra ela?

Dou de ombros, embora saiba que minha mãe não pode me ver. É fácil criticar os relacionamentos dos outros, mas quase impossível reconhecer o quanto os próprios estão podres. Eu não sou ninguém para julgar. Afinal, me casei e minha mãe nem sabe disso.

— Vai lá, filho, tenho certeza que você vai arrasar. Mas olha, me escuta. Chama alguém legal, que traga alegria ao seu coração... Você não tem ninguém por aí? Tenho certeza que sim.

Desligo, mas a voz dela continua ecoando na minha cabeça. Alguém que me traga alegria... É ridículo, mas penso em Emma. Claro que penso nela. Embora não devesse.

Deveria esquecê-la. Éramos apenas um meio para atingir um objetivo, não é? Mas não consigo evitar olhar de soslaio para o anel de plástico verde na minha mão. Me acostumei com ele ali. E quase gosto dele.

É absurdo, mas... e se eu pedisse para ela vir? O mundo pararia se eu fizesse isso?

Pego o celular e escrevo uma mensagem rápida:

“Emma, a Thaïs conseguiu um show pra mim e...”

Não, não. Mencionar Thaïs logo de cara com certeza é um erro. Cada vez que faço isso, Emma franze a testa, como se sentisse cheiro de algo podre. Apago a mensagem.

“Emma, eu adoraria que você viesse amanhã à noite...”

Intenso demais. Apago de novo. Eu não sou intenso. Sou... estoico. Sério. Um cara durão como concreto, um homem com caráter, desses que têm espadas de samurai. E sacos de boxe. E videogames.

Vejo pela janela uma gata seguida de seus dois filhotes e solto um “Owwwn!”.

Tá bom. Não sou durão. Sou um molenga, e Emma sabe disso. Todos sabem se já ouviram alguma das minhas músicas. Sou um poeta e um maldito sentimental. Não consigo evitar.

Respiro fundo e escrevo pela última vez:

“Oi, Emma. Amanhã à noite toco no Pavilhão Sant Llorenç. Eu adoraria que você viesse. Tenho um par de ingressos grátis, topa?”

Anexo os ingressos à mensagem. Quando aperto para enviar, meus dedos tremem. Não deveriam, mas tremem como pudim. Por que diabos estou assim por causa de Emma, que nem se deu ao trabalho de almoçar comigo no dia do nosso “casamento”?

A notificação de “mensagem enviada” me encara como um juiz silencioso.

Ela lê na hora.

Espero. Um minuto. Cinco. Dez.

Nada.

Me inclino para desligar o celular.

Será que sou idiota? Amanhã toco no maior auditório da província e estou aqui tremendo... por causa de Emma? Emma, para quem sou totalmente indiferente, que me expulsou de sua casa porque no final seu avô não vinha.

Me dá vontade de apagar a mensagem e pedir para ela devolver o ingresso.

Mas em vez disso, desligo o telefone, me cubro até os olhos e fico olhando para o teto até o dia amanhecer.

Emma

A última semana tem sido uma loucura.

Thaïs contou a Mathieu que eu tinha sido demitida, e desde então, ele conseguiu três entrevistas de trabalho para mim em escritórios diferentes. E, além disso, me prometeu que quando Derek voltar para sua casa no próximo churrasco, vai colocar uma lagartixa no pão dele.

Com toda essa confusão, quando chega quinta-feira à noite estou exausta e me jogo na cama acompanhada pelo gato ronronante da vizinha.

Estou prestes a adormecer quando a tela se ilumina com uma mensagem inesperada de Lucas, de quem não soube nada desde que saiu às pressas da minha casa.

Leio e releio, sem saber o que responder.

Faça o que eu fizer, acho que será uma decisão ruim, e mais ainda a esta hora.

Acho que preciso dos sábios conselhos de Caterina. Suspiro e abro nossa conversa. Depois encaminho a mensagem para que ela opine.

“Lucas acabou de me enviar isso, depois de sumir no outro dia como se eu cheirasse mal.”

Sua mensagem não demora:

“Que atencioso. E como você pretende matá-lo?”

Essa resposta me faz rir. Sei que, no fundo, Caterina tem um coração de ouro, mas adora bancar a durona.

“Tinha pensado em cianeto na sopa. Mas o problema é que não sei cozinhar. Ele vai ter que colocar sozinho.”

Ela responde, imperturbável:

“Não vá a esse show. Você já fez sua parte. O que você precisa fazer é se divorciar o quanto antes e esquecer esse músico. Já te disse que artistas só trazem problemas.”

“Eu adoraria, mas meu avô continua de cama e me deixa na espera, aguardando que ele aprove a maldita advogada. Com a minha sorte, é possível que ele morra sem mudar o testamento, e tudo isso terá sido em vão.”

No apartamento vazio faz frio, então me cubro com o cobertor até a cabeça. Na escuridão só se vê a tela do celular e uma nova mensagem:

“Pare de esquentar a cabeça. Claro que seu velho vai mudar esse testamento a seu favor. Por falar nisso, o que havia naquela pasta que a advogada te levou?”

Dou uma olhada em direção à cômoda, sobre a qual se encontra a volumosa pasta de papelão azul com elásticos. Eu dei uma olhada por cima; teria gostado de começar a desenhar as plantas da renovação, mas não quero me iludir para que tudo acabe não dando em nada.

“Não tive tempo nem forças de mexer nesses papéis. Imagine que todo esse negócio do casamento tenha sido inútil. Imagine que eu tenha metade do projeto feito e acabe jogando-o na lixeira. Eu morro.”

Caterina responde, embora eu note que sua paciência está começando a se esgotar:

“Vá dormir. Amanhã você responde ao Lucas.”

“Se eu disser que sim, perderei a pouca dignidade que me resta?”

“A dignidade você já perdeu quando implorou que ele se casasse com você sem nem se conhecerem. Foi bem patético, na minha opinião.”

“Você é péssima me consolando.”

“Você quer ir a esse show ou não? Decida-se de uma vez, que estou com sono.”

Tiro o braço do cobertor e jogo o celular sobre o criado-mudo. E se eu for e for pior? E se estou imaginando coisas que não existem? Provavelmente ele convidou um monte de gente. É provável que Mathieu tenha pedido que me convidasse também. E com certeza Thaís estará lá, e vai se divertir fingindo que se compadece de mim porque perdi meu emprego, e se não resolver isso rápido, terei que voltar para Londres porque os aluguéis em Barcelona são proibitivos...

Mas, agora que penso nisso, tenho aquela blusa verde tomara-que-caia, que ficaria ótima com um jeans, e seria ideal para ir a um show numa sexta à noite, e...

Não.

Eu não deveria estar escolhendo o que vestir.

Amanhã Lucas vai ficar famoso e vai querer se livrar de mim como se eu fosse um trapo velho. Então respondo o mais adequado:

“Acho que seria uma bobagem dar falsas esperanças a ele.”

No fundo, tanto Caterina quanto eu sabemos que me preocupo mais em romper meu próprio coração do que o de Lucas. Ela responde, totalmente de acordo como deve fazer uma boa amiga:

“Pronto. Aí está sua resposta. Às vezes é melhor se controlar e não se deixar levar pelos impulsos. Boa noite, querida.”

Caderno de anotações de Lucas

*Tu, linhas retas e fixas,
Um plano sem distração.
Eu, curvas e caos,
Impossível combinação.*

Lucas

Chego ao pavilhão à tarde. Já estive aqui centenas de vezes, mas esta é a primeira vez que entro pela porta dos artistas. Thaïs me espera lá fora, conversando com o cara bombado da segurança. Ao me ver, ela me cumprimenta e me conduz até o camarim. Meu Deus! Um camarim só para mim? Isso é o máximo!

— Senta aí e deixa que te arrumem e te deixem bem bonito — me diz piscando o olho. — Agora vou te deixar, porque preciso cuidar dos meninos. Comporta-se bem, hein? Depois, se der tempo, te apresento a eles.

“Os meninos” são, nada mais, nada menos, *Os Chantilly*. E vou conhecê-los pessoalmente. E vou tocar logo antes deles.

Será um sonho? Está acontecendo de verdade? Disco o número de Amaya para contar a ela, mas no camarim não tem sinal.

Entra uma garota lindíssima mascando chiclete. Ela arrasta um carrinho com caixas de conteúdo misterioso.

— Cabelo e maquiagem — diz, sem parar de mastigar o chiclete.

Também me colocaram uma cabeleireira?

A garota me faz sentar, coloca uma capa sobre meus ombros e umedece meu cabelo com um spray. Ela corta as pontas, passa gel e o penteia para trás.

— Se importa se eu colocar um pouco também nas sobrancelhas? — diz quando termina, passando uma mão fria pelo meu rosto para fazer um teste.

Olho para ela através do espelho, sem entender o que acabou de me dizer.

— Desculpa, gel nas sobrancelhas? — pergunto, desconcertado.

— É que elas são muito volumosas, e vão ficar despenteadas quando você dançar — responde. — Além disso, ficariam muito melhores assim, para cima.

Ela deixa minhas sobrancelhas em pé, só com água. Eu não entendo muito de moda, mas acho que isso me faz parecer uma coruja.

— Com certeza foi Thaïs que te disse isso, não foi?

— Não sei. Quem é Thaïs? — pergunta a garota, estranhando.

Nesse momento, alguém bate na porta.

— E agora quem é? — pergunto, virando-me.

A cabeleireira vai abrir e se vira para mim com um gesto impaciente.

— Tem uma mulher lá fora brigando com um gorila. Deixo ela entrar? — diz, enquanto segura a porta para que a outra pessoa não passe.

Ouve-se um golpe, como um chute, e a porta do camarim se abre de repente.

Emma entra como um furacão, seguida por um cara da segurança de dois metros de largura que a segura pelo braço como se tivesse acabado de pegá-la roubando barras energéticas da máquina automática.

— Ela diz que é sua esposa! — diz o cara, olhando-me com suspeita. — Que maluca!

— Não, é verdade — respondo rapidamente, ficando de pé. Ao fazer isso, a capa cai aos meus pés, e uma nuvem de cabelos recém-cortados suja o chão. — É minha mulher. Deixe-a entrar, por favor.

Pigarreio e olho de soslaio para a cabeleireira, para ver se ela entende a indireta.

— Eu termino com suas sobrancelhas e vou com o pessoal do grupo — diz ela, levantando a tesoura com ar defensivo.

— Acho que já estou com as sobrancelhas bastante... firmes — digo. — Será que você poderia nos deixar sozinhos um momento?

A cabeleireira consulta a hora.

— Como quiser, mas talvez depois eu não tenha tempo de voltar e você vai ficar pela metade da maquiagem. Faltam as sobrancelhas, e me disseram para pintar um sinal no seu queixo. As meninas adoram, e é importante que você a tenha desde o primeiro show. Por consistência e tal.

— Não tem problema. Vamos dizer que apareceu mais tarde. Agora preciso falar com minha mulher. Ela me traz sorte.

A cabeleireira dá de ombros e sai do camarim. Emma torce as mãos, e percebo que ela está lindíssima. Está usando jeans justos e uma camiseta verde com um decote amplo que deixa a parte superior dos ombros à mostra. Ela colocou um colar de pérolas, isso sim, porque Emma sempre será Emma. Nossa, meu Deus do céu! Quase nunca a vi vestida tão casual, e fica maravilhosa. Muito melhor que aqueles ternos tão pretos e fúnebres que sempre usa.

— Você está... espetacular — solto.

— Você também — responde, embora seu tom me deixe em dúvida. — Bom, suas sobrancelhas estão... muito peculiares — acrescenta.

É impressão minha ou ela está segurando o riso?

— Sério, o que fizeram no seu rosto? — pergunta, mordendo o lábio para não rir.

— Não sei, essa garota me disse que agora estão na moda assim, para cima.

— Não sei, você me lembra uma coruja.

— Ainda bem que ela não teve tempo de desenhar o sinal...

Emma ri e sacode a cabeça. Depois olha ao redor e é como se, de repente, lembrasse onde estamos.

— Olha, desculpa te interromper — diz com tom mais sério —, sei que você precisa ensaiar e sair pra arrasar no show, mas estava com vontade de te ver. E como ontem não respondi, então...

Ela se cala e olha para o chão. Emma, com vontade de me ver? Fico chocado.

— Quero dizer... queria te contar algo — acrescenta. — Primeiro pensei que seria melhor não vir, mas esta manhã aconteceu algo, e...

— Me contar algo? Bom, conta, mas não temos muito tempo.

— Eu sei, eu sei. Mas é que não consigo acreditar...

— O que aconteceu? É bom ou ruim?

— Bom, muito bom. É incrível.

— Desembucha logo, você está me matando de nervoso!

— Posso entrar agora? — pergunta a voz da maquiadora, abrindo a porta com um rangido.

— Um momento! — grito, apoiando-me sobre a porta.

— Eu ganhei o concurso — diz Emma, quase sem fôlego. — E precisava te contar.

Emma

Na sexta-feira eu me levanto, ainda indecisa sobre a mensagem de Lucas. São quase nove da manhã, algo incomum para mim, mas nesta última semana sem ir trabalhar é como se meu corpo estivesse se recuperando dos últimos meses de estresse contínuo, e durmo mais do que o normal.

Hoje não tenho nenhuma entrevista, nem nada importante no calendário.

No entanto, sinto uma espécie de zumbido atrás da orelha; algo que não me deixa tranquila, como se houvesse algo que estou esquecendo. Algo que deveria fazer. Alguém para quem deveria ligar.

A última sexta-feira do mês... o que era? O que era?

Nada. Não lembro.

Escrevo uma mensagem para Nuria, a advogada do meu avô. Talvez fosse isso.

“Novidades sobre a fazenda?”

Ela responde imediatamente:

“Seu avô está melhor. Tem uma reunião nos próximos dias. Como está sua semana? E, a propósito, parabéns. Minha irmã já me contou a notícia.”

Notícia? Que notícia?

Vejamos.

Me casei há algumas semanas.

Fui demitida do trabalho.

Meu marido vai dar um show com um grupo famoso, embora eu não vá assistir.

A qual dessas ela está se referindo?

E então lembro.

A última sexta-feira do mês...

O concurso do auditório!

Me jogo sobre a escrivaninha e ligo o notebook desesperadamente. Digito o site do concurso e diante de mim aparece o nome do nosso escritório.

Está na minha frente, em letras maiúsculas e gigantes:

Concurso Arquitetônico Auditório Clara Beltrán.

Projeto vencedor: A Pérola Orgânica.

Arquitetos: Derek Navarro e Emma Soler.

Atualizo a página várias vezes, porque não consigo acreditar.

A partir daí, tudo acontece como um turbilhão. O telefone começa a tocar. Primeiro me liga a secretária de Derek, mas não atendo. Depois Randall me liga. Nossa, pensei que tinha bloqueado o número dele. Por último, aparece o nome do próprio chefe na tela, e desta vez deixo tocar quatro ou cinco vezes para que ele sofra, mas no final a curiosidade me vence e atendo.

— Preciso que você volte — me diz Derek rapidamente, como se estivesse prestes a entrar em uma reunião e quisesse resolver o assunto o quanto antes.

— Como? — sento sobre a mesa. Acabei de acordar e são muitas coisas de uma vez.

— Se apresente amanhã às nove. Acabaram as férias.

— Não estou de férias! E além disso, amanhã é sábado.

Que cara de pau!

— A imprensa está me esperando e não tenho tempo para joguinhos, Emma. Isso é urgente. Venha e pronto.

— Não sei, Derek — falo o mais devagar que posso, só para irritá-lo — A verdade é que recebi muitas ofertas desde que saí...

Minto, é claro. Ninguém me fez nenhuma oferta até agora. Os conhecidos de Mathieu me entrevistaram, mas Randall tinha razão e a situação do emprego na minha área é bastante precária. Ninguém me oferece um emprego remotamente parecido com o que eu tinha.

Mas Derek não precisa saber disso.

— Vamos dobrar seu salário e você será a arquiteta-chefe — insiste ele. — O que for necessário.

— E o que acontece com Randall? — pergunto.

— Randall? O que tem ele?

— Bem, você também prometeu uma promoção para ele, não é? — respondo.

— Sim, mas isso não afeta você. Terá seu próprio escritório.

— Mas terei que colaborar com ele?

— Você sabe que na Navarro Arquitetos somos uma grande família — diz com seu tom corporativo.

— É... às vezes dizem que os piores crimes acontecem entre membros da mesma família — solto.

Derek fica em silêncio, como se eu tivesse lhe dado uma facada.

— Emma. Chega, por favor — me repreende em tom paternal, como se eu fosse uma menina de seis anos.

— Bem, obrigada por ligar, Derek. Vou pensar sobre isso, ok?

E desligo.

Me jogo no sofá, sentindo-me como se estivesse numa nuvem. Meu projeto ganhou o concurso. Meu projeto ganhou! Minha criação, meu bebê, minha ideia maluca, minha mancha de café... Esse projeto é meu e só meu, e não me surpreende que Derek esteja desesperado para que eu volte, porque ele não desenhou nem uma única linha daquelas plantas.

O telefone não para de tocar. Derek, Randall, a secretária... É como se de repente todo mundo tivesse lembrado que existo, após uma semana de absoluto silêncio.

Obviamente, irei a essa reunião. Só ainda não sei o que vou dizer. Meu coração me diz para mandá-los passear. Minha cabeça e minha conta bancária, no entanto...

Peço comida chinesa para o almoço, passo uma hora ao telefone com Caterina, e o dia é uma espécie de borrão na minha mente, enquanto sonho com minha aparição nas revistas, com a resposta de Nuria, e com a reviravolta de cento e oitenta graus que minha vida acaba de dar.

Olho para a foto de Alexander e sorrio, e me sinto orgulhosa. Orgulhosa por ter feito algo bem finalmente. Por ter vencido algo por mim mesma.

Bem... por mim mesma não totalmente.

Levanto do sofá e caminho até a janela. Olho através dos vidros embaçados e cruzo os braços. A ideia de “A Pérola Orgânica” surgiu por causa daquela mancha de café, uma noite na cafeteria. Vejo tão claramente agora, como se tivesse estado escondido todo esse tempo em um canto do meu cérebro. Lucas foi quem me disse para não apagá-la. Que havia algo especial naquele acidente. Na magia do orgânico, do imperfeito e do inesperado.

Lucas não só me inspirou, ele me impulsionou quando eu mais precisava. Se ele não tivesse estado lá aquela noite, provavelmente eu não teria encontrado o conceito que deu forma a tudo.

Sinto um nó no peito. Não posso ignorar isso. Não posso ficar aqui e não fazer nada. Ele merece saber. Merece que eu lhe diga.

Procuro seu número no celular e ligo. Uma vez. Duas vezes. Três. Nada.

Mas claro, já é tarde. Certamente ele está no show. Talvez tenha desligado o celular para não ser incomodado, ou esteja ocupado demais com os preparativos.

Não sei por quê, mas preciso contar isso a ele agora.

Não quero deixar isso passar.

Sinto como uma dívida pendente.

A ideia me corrói. Não posso permitir isso. O ingresso continua no meu telefone: um simples QR code. Olho fixamente para ele. Hoje é sexta-feira. Na segunda posso lidar com Derek e o resto do escritório, mas esta noite... esta noite não posso deixar as coisas assim.

Vou vê-lo. Está decidido. Irei vê-lo agora mesmo. Mesmo que tenha que brigar com metade da segurança do estádio para entrar, vou encontrá-lo.

Pego um táxi e vou direto para o pavilhão Sant Llorenç. Lucas conseguiu ingressos para os camarotes, mas não vou direto para o meu assento. Em vez disso, me infiltro pela entrada dos artistas, e logo sou interceptada por um segurança maior que um edifício brutalista.

— Me solta! Sou a esposa do cantor! — protesto, e me contorço para que o gigante me solte.

Escapo de seus braços enormes e saio correndo pelo corredor: é fácil quando você já viu as plantas de centenas de edifícios; todos têm distribuições muito parecidas das áreas de serviço.

— Senhora! Não pode entrar aí!

Ele me agarra pelo braço, mas sou mais rápida. A voz de Lucas me guia, e antes que o segurança me pegue, já estou em seu camarim.

Caderno de anotações de Lucas

*Cada dia é um projeto,
a vida uma folha em branco.
Uma obra por criar...
Cada beijo, um alicerce;
cada riso, uma parede...*

Um momento. Quem é essa mulher apoiada contra a parede do meu camarim?

25

Lucas

Eu a observo, ainda sem entender como chegou até aqui. Com seus jeans justos e o cabelo bagunçado, é a mulher mais bonita que vi em muito tempo.

— Do que você está falando? — pergunto sem entender.

— Bem... você lembra daquela noite, quando derramei café em cima das plantas nas quais estava trabalhando? Lembra do que você me disse, sobre não apagar a mancha?

Olho de um lado para o outro, tentando lembrar. Não tenho a menor ideia. Falo muitas coisas, a maioria besteiras. É difícil lembrar de todas...

— O júri decidiu que meu projeto da Pérola Orgânica era o melhor, e eles querem que a gente leve adiante! — exclama ela.

Minha mente ainda não está processando.

— A pérola... o quê?

— Derek Navarro, meu chefe, me ligou e disse que eu volte para o escritório.

Uma lembrança borrada se infiltra no meu cérebro: uma noite fria; um ladrão roubando a bolsa de uma senhora. Emma, que saiu correndo para ajudar e derramou um café em seus desenhos...

— Não acredito! — grito, boquiaberto. — Você está me dizendo que o projeto do café derramado ganhou um concurso?

— Sim, Lucas. Sua ideia ganhou!

Antes que eu perceba, Emma se joga nos meus braços e me abraça com força. Sinto seus seios se apertando contra meu peito, e antes de saber o que está acontecendo, minhas mãos estão no seu traseiro e acho que não vou conseguir tirá-las dali nunca mais na vida, nem mesmo para tocar violão. Que se dane. Quem precisa tocar violão se posso ficar grudado em Emma para sempre? Emma cheira como um pedaço do céu, como uma loja de pirulitos, ou melhor, uma confeitaria francesa dessas que nunca pude me permitir...

Por Deus, sou muito melhor explicando isso com canções.

Não sei como, mas meus lábios buscam a curva do seu pescoço, subindo por trás da sua orelha. Enquanto isso, suas mãos bagunçam meu

cabelo e arruinam o penteado com gel que tinham acabado de fazer. Nossos lábios se roçam, e minha cabeça começa a girar de puro desejo. Emma cheira a manteiga, açúcar e desejo. A abraço com mais força, e um formigamento percorre minhas costas, como se asas de um anjo tivessem acabado de me tocar.

Nos beijamos com tanta paixão que somos como uma represa transbordando: imparáveis, prestes a explodir num arroubo de paixão dilacerante. Somos um concerto a duas vozes que jamais vai terminar, e...

— Gato, não posso esperar mais — grita a voz da maquiadora, que invade o camarim sem pudor algum.

É como se alguém tivesse desligado a música de repente. Emma dá um passo para trás, com aspecto constrangido e sem fôlego.

Nos olhamos confusos, sem saber direito o que aconteceu. Ela ajeita a camiseta verde por dentro dos jeans e endireita o colar de pérolas. Eu aliso as sobrancelhas, mas com todo o gel que colocaram em mim, parece que tenho dois ouriços-do-mar grudados em cima dos olhos.

— Mas o que você fez? — me repreende a maquiadora, estalando a língua e o chiclete. — Vai me custar meia hora para arrumar essa bagunça. E já te disse que estou apertada de tempo.

— Eu... — gaguejo, incapaz de parar de olhar para Emma, que tem o olhar fixo nos meus lábios.

Ela me olha fixamente e eu olharia para ela, mas tem uma maquiadora que não para de passar pincéis empoados no meu rosto, então sou obrigado a fechar os olhos.

— Senhora, você se importaria de sair? Não dá pra trabalhar com tanta gente aqui dentro — diz a maquiadora, irritada.

— Claro... claro — desculpa-se Emma, caminhando em direção à porta. Segura a maçaneta e se vira antes de sair. — Bem... *muita merda*, é assim que se diz, não é? — diz soltando uma risada.

Soa estranho quando ela fala.

— Sim, é assim que se diz — respondo docemente, ainda meio atordoado. — A gente se vê depois do show, tá?

— Bom, melhor você me ligar outro dia quando estiver menos ocupado — responde ela. — Esta é sua noite. Com certeza que vai estar muito ocupado quando terminarem.

— Não, para você não — respondo categoricamente, sem conseguir parar de olhá-la, com seu sabor ainda nos lábios. — Para você eu sempre

vou ter tempo.



Lista de tarefas de Emma:

- Ir falar com Derek amanhã. O que respondo a ele?
- Marcar reunião com Nuria e o vovô para o assunto da fazenda. Terça-feira?
- Colocar roupa íntima seca reserva na bolsa (caso eu beije Lucas novamente).

Emma

Tá, acabei de beijar Lucas. E não foi um beijinho qualquer, como aqueles de cabine fotográfica de festa. Não, esse foi um beijo daqueles, que te deixa cambaleando, vendo tudo em dobro e sem saber se o chão que você pisa é sólido ou uma nuvem de açúcar de confeitiro.

Daqueles que, se eu tivesse um diário de beijos (o que não descarto, se isso continuar avançando), mereceriam uma página inteira decorada com corações desenhados nas margens. Ou talvez eu devesse anotar no calendário do Google? “Hoje: ganhei um concurso e recebi um beijo histórico.” Que eficiente seria... Empolgada com a ideia, pego o celular para criar uma nota, mas depois percebo que isso seria levar as coisas ao extremo.

Com as pernas bambas como gelatina, consigo encontrar meu assento. É um milagre, porque quase me sento em cima de uma senhora que me lança um olhar fulminante. Peço desculpas desajeitadamente e me deixo cair na minha cadeira, abraçando minha bolsa como se fosse um salva-vidas.

E então começa.

Lucas sai ao palco, e o público aplaude com entusiasmo. As luzes o banham em um resplendor dourado que o faz parecer outra pessoa: mais deslumbrante, mais bonito, mais famoso. Só eu sei que ele sempre foi assim, mesmo antes de sentar sob essas luzes que distorcem tudo. Ele ajusta o microfone e sorri; vejo seu rosto nas telas ao fundo, e está mais atraente do que nunca.

Não consigo parar de pensar que, há um instante, eu estava beijando aquele cara que agora está chamando a atenção de todo mundo; o cara cuja imagem está em todas as telas.

E, de repente, estou convencida de que ele me olha. Uma e outra vez. Duvido que possa me ver com todas essas luzes ofuscantes, mas algo na forma como seus olhos vasculham o público me diz que sabe exatamente onde estou sentada.

Ele começa uma canção nova, que me faz sorrir. As pessoas cantarolam as letras; a música é incrivelmente grudenta. Basta escutá-la

uma vez para que entre na sua cabeça.

E então ele começa a cantar “As curvas do caminho”, com um sorriso enorme e os olhos marejados de emoção. É a versão modificada, mas na minha cabeça ainda ouço a original, como da primeira vez.

E sei que ele sorri. Para mim.

Este sorriso tem meu nome gravado. É pessoal. É...

Meu Deus, Emma, se acalme.

Fecho os olhos por um segundo, tentando recuperar um pouco da compostura. É inútil, porque cada vez que ele canta um verso, minha cabeça gira. Não importa que Thaïs tenha mudado a letra; na minha mente ouço a versão original, aquela que ele tocou naquele bar de Barcelona. E não consigo parar de pensar no beijo. No cheiro, no calor da pele dele... Em como ele me olhava enquanto eu saía do camarim, como se estivesse vendo algo que nunca tinha visto antes.

Lucas tem um dom, e esta noite o mundo inteiro irá descobri-lo. Mesmo com essas letras comerciais que Thaïs o obrigou a escrever, sua essência continua ali. É honesto. É único. E esta noite não sou só eu que vejo isso; todo o pavilhão de Sant Llorenç se rende aos seus pés: chovem aplausos e vivas, e as pessoas imploram para que ele fique e cante mais uma.

Uma pequena vozinha dentro de mim começa a sussurrar coisas perigosas, deixando-se levar pelo rugido da multidão:

“É seu marido. Olha como o aplaudem. É incrível! O seu Lucas! Você não está orgulhosa dele?”

Mas então lembro que nada disso é real, que Lucas não é nada meu e é hora de voltar à realidade.

Lucas desaparece do palco, e então sai o grupo principal: aí estão os famosíssimos *Chantilly*, os que lotam estádios, os que saíram de uma garagem de quinta categoria e foram catapultados ao próprio estádio de Wembley em Londres.

Eles são bons, dos poucos grupos que eu escutaria por prazer, porque normalmente estou sempre ouvindo podcasts de arquitetura ou entrevistas com arquitetos famosos, para não perder tempo.

Tento me concentrar na música, mas a confusão e o nervosismo não me deixam tranquila. Começo a roer uma unha quando, de repente, alguém toca meu ombro.

Me viro, e lá está ele. Lucas.

— O que você está fazendo aqui? — balbucio, completamente perdida. Ele não deveria estar nos bastidores, comentando a jogada com seu agente, ou o que quer que os shows de abertura façam quando sua apresentação termina?

— Pedi a um técnico que me deixasse sair pela porta lateral — diz com um meio sorriso. Seus olhos me atravessam, e me sinto nua sob seu olhar.

— E Thaïs? — pergunto.

Lucas me puxa pelo braço para que eu me levante. Obedeço e o sigo pelo corredor entre as poltronas, e ele aproxima os lábios do meu ouvido para me responder por cima do barulho.

— Thaïs está ocupada demais com o grupo importante — responde com ar travesso. — Eu era apenas o show de abertura. Ninguém precisa de mim.

— Isso não é verdade... — murmuro, mas não termino a frase, porque a forma como ele me olha faz com que as palavras fiquem entaladas.

De qualquer forma, não acho que ele possa me ouvir.

— E você? — Ele para de repente, aproximando-se um pouco mais. — O que você pensava em fazer agora?

Olho para ele, boquiaberta, como uma idiota. Poderia dizer qualquer coisa: ir para casa, celebrar o concurso com o gato da senhora Montse, passar a noite assistindo vídeos de casas reformadas no TikTok... mas fico em branco de repente.

Ele sorri.

— Bem, eu estava pensando em ir para casa... — começa, com voz baixa e suave, tão perto que eu poderia contar seus cílios. — Preparar um jantar para minha esposa... e depois fazer amor com ela a noite toda para celebrar este dia de fábula.

Termina a frase e me olha diretamente nos olhos, com uma pergunta muda, e acho que estou prestes a desmaiar.



Lista de tarefas de Emma:

Quem sou eu?

Como me chamo?

Qual é o sentido da vida?

Por que nunca me deitei com meu marido?

Emma

Pegamos um táxi até a casa dele e viajamos apertados no banco de trás como dois adolescentes. O apartamento é minúsculo e longe do centro, não tem elevador nem esperança de tê-lo, mas está limpo e a cozinha tem absolutamente de tudo, como um restaurante em miniatura.

— Fui ontem comprar atum no mercado da Boquería — me diz com um sorriso enquanto abre a geladeira para tirar o peixe. — Vou preparar para você um atum com cebola de lamber os dedos.

Finjo ceticismo, embora apenas o cheiro da cebola caramelizando na frigideira deixe claro que será um manjar dos deuses.

Prepara também uma salada de tomate, pimentões assados e vinagre de Jerez, e eu me dedico ao que faço de melhor: abrir o vinho.

— Cheira maravilhosamente, isso é certo — comento, inalando o aroma que flutua no ar da microscópica cozinha.

— No restaurante fazemos igual — me diz com um sorriso, enquanto mexe a cebola mais uma vez. Depois se aproxima do meu ouvido e sussurra, em tom confidencial. — Se você quiser, posso te contar o truque para que fique perfeito, mas é um segredo de família. Promete guardar?

— Claro. Além disso, o perigo de que eu use esse truque em meu benefício é baixíssimo — respondo rindo. — Mas adoraria saber todos os seus segredos — acrescento em tom travesso.

Ele morde o lábio, me provocando de propósito.

— Bem — diz lentamente, enquanto tira duas taças de vinho do armário e me entrega. Depois vira o atum, verificando a cor por baixo. — De qualquer forma, tecnicamente você já é da família.

Solto um suspiro, mas ele me ignora e agita seu dedo no ar, aquele que leva o ridículo anel de plástico verde.

— Sem interrupções, por favor — diz com tom sério, embora deixe escapar uma risadinha. — Isso é importantíssimo. O truque está na cebola. É preciso adicionar um pouquinho de sal já no começo e cozinhá-la em fogo baixo. Assim ela solta todo o suco e carameliza devagar, sem queimar ou ficar amarga. E, no final, coloco um pouquinho de vinho branco — me vê bebendo da taça e levanta uma sobancelha. — Desde que você não beba

tudo antes. Nesse caso, podemos dar um toque de açúcar, para que ganhe cor — deixa a colher de madeira de lado e se vira. Passa a mão ao redor da minha cintura para pegar sua taça, e sinto como seu calor me envolve. — Bom, está pronto. Vou servir... você vai ver que jamais comeu um atum como o que preparamos em Cádiz.

— Isso teremos que ver — digo brincando, um pouco envergonhada pelo roçar de seu braço em torno do meu corpo. — Além disso, no outro dia você elevou muito o nível. Vai ser difícil se superar.

— Aquela mistura arrumada em cinco minutos? Bah! O que acontece é que minha única concorrência eram dois arquitetos sem graça que só te ofereciam comida para viagem. Você me facilitou demais as coisas.

— Ei! O que você tem contra os arquitetos?

— Contra os arquitetos, nada — sorri e dá um pequeno gole no vinho. — Pelo menos em geral. Embora, se for sincero com você... — leva uma mão à comissura da boca e acrescenta: — De alguns eu não gosto muito.

Levanto as sobrancelhas, intrigada.

— Você se refere aos meus ex? Um deles era advogado, aliás.

— Não, seus ex não me importam — sacode a cabeça, rindo. — Estava falando do seu chefe. Ele te tratou muito mal. Primeiro te explora, te obriga a trabalhar noites e fins de semana para terminar as plantas daquele auditório. Depois você expõe um conceito inovador e ele a demite por sua ousadia. E, agora que você ganhou, quer que volte? Ele não merece o seu talento, Emma. Espero que você não aceite a oferta dele. Você merece algo melhor — diz com olhos reluzentes, falando por cima da borda da taça. — Você merece alguém que a aprecie e a valorize. Você é única, e muito melhor que todos aqueles cabeças-quadradas que só desenham linhas retas e copiam uns aos outros.

O cheiro da cebola caramelizada é tão doce e intenso que me sinto nas nuvens. E a maneira como Lucas fala, com aquele fervor, com aquela lealdade incondicional, derrete meu coração completamente. Eu me apoio na bancada e concordo.

— Você tem razão — deixo a taça de repente no mármore, com uma decisão súbita. — Não penso em voltar àquele ninho de cobras! Acabei de decidir.

— Bem-feito — ele ri e me passa a travessa de salada para que eu leve à mesa dobrável, que fica a dois passos. — Essa é minha garota.

Meu celular está bem ao lado da salada, e nesse instante chega uma mensagem de Caterina. A tela se ilumina, revelando o texto da mensagem e minha foto de fundo. Ambos observamos a foto; é a última que tirei com Alexander. Mas isso não é o pior. Os olhos de Lucas percorrem o texto da mensagem, que diz claramente:

“E aí, como foi? Vai rolar algo com o guitarrista ou não?”

Fico vermelha e viro o telefone às pressas, mas ele já viu tudo.

— É... é minha amiga de Londres... um pouco inoportuna, como você pode ver...

Ele me olha com cara de curiosidade. Penso que vai perguntar sobre Caterina, mas em vez disso aponta para o celular.

— Esse não seria seu namorado, né? Achei que já tinha superado ele...

— Ah, não, de jeito nenhum — digo com um sorriso desconfortável, mostrando a foto novamente após ocultar a mensagem de Caterina. — É meu irmão.

— Você usa uma foto do seu irmão como fundo de tela? — comenta surpreso, pegando o telefone com certo pudor. — Deve gostar muito dele.

— Sim... sinto falta dele. Era o melhor arquiteto da família.

— Era?

— Bem... faleceu há alguns anos, infelizmente. Mas sempre me acompanha, esteja onde estiver.

— Com certeza — me devolve o celular depois de dar uma última olhada. — Agora que reparo, vocês se parecem muito. Aposto que era um cara superlegal.

— O mais legal de todos — respondo agradecida.

Lucas acende um par de velas e busca duas cadeiras para que possamos jantar: ele tem uma dessas mesas dobráveis frágeis que se montam na parede, com uma perna no meio que, se você tocar, pode jogar o jantar inteiro no chão.

— Onde me sento? — pergunto, hesitante.

Se eu sentar na frente, estaremos um de cada lado da perna da mesa; mas, se eu sentar ao lado dele, teremos que ficar muito, muito juntos.

Lucas me faz um gesto com o dedo e aproxima as duas cadeiras.

— Vem aqui. O aquecimento não está funcionando...

Sorrio e me aperto contra ele, enquanto ele serve a salada sem parar de me olhar de soslaio.

O jantar é espetacular; acho que nunca provei algo tão gostoso na minha vida. O vinho flui em cascatas e quando terminamos, já não sei se tenho cinco dedos na mão ou seis. Na verdade, olho para minha mão e começo a contar meus dedos, sentindo que algo não está certo. Acho que me desenharam com inteligência artificial porque tenho seis, quase certeza.

Lucas me olha e ri.

— O que você está fazendo?

— Verificando se tudo isso é real — digo. — Está tudo saindo bem demais e tenho dúvidas. A perfeição não existe na natureza. Normalmente precede o desastre.

— Você acha? E como exatamente se verifica isso? — pergunta com sincero interesse. — Porque isso também acontece comigo, às vezes.

— Bem... eu estava contando meus dedos.

Ele pega minha mão e dá algumas voltas nela.

— Nah. Está tudo bem, você tem sete, como todo mundo.

Eu rio e ele agarra meu dedo anelar.

— Sabe? Esse anel não combina com você — me diz de repente. — Não é do seu estilo.

— O que quer dizer? — pergunto, tentando tirá-lo, novamente sem sucesso.

— Nada, é que você é refinada e elegante demais para essa bijuteria. — Faz uma pausa e aponta para seu apartamento na penumbra. — Elegante demais para tudo isso — termina com um tom um pouco abatido, e embora não diga, sua voz parece sussurrar, “elegante demais... para mim.”

Essa frase implícita que fica no ar me aperta o peito com uma sensação de injustiça.

— Bobagem — digo, apertando sua mão que ainda segura a minha. — Esta noite você recebeu mais aplausos que o grupo principal. E isto é apenas o começo.

Ele me responde com um sorriso nostálgico e nota que não sobrou vinho. Ele pisca para mim e se levanta em busca de outra garrafa.

— Não. Deixa — digo, puxando sua manga para que volte. Minha mão roça suas costas, lisas e firmes sob a camiseta. — Não quero mais

vinho. Preferiria passar para a parte final do menu — proponho, fingindo absoluta inocência.

— A parte final? — repete, fingindo-se de desentendido. — Você está se referindo à torta de amêndoa? Comprei um pedaço na confeitaria, podemos compartilhar...

Se aproxima um pouco mais de mim, e minha mão permanece sobre seu corpo, brincalhona.

— Não, isso não... — digo, me aproximando mais dele e usando um tom meloso enquanto esfrego a parte baixa das suas costas, sem me atrever a descer completamente. — Lembra o que você disse no show? Disse que queria jantar e depois...

— Não sei do que você está falando — ele se vira, ainda de pé, e sua pelve fica na altura do meu rosto. O volume oculto sob sua calça desmente completamente suas palavras inocentes. — Talvez eu estivesse me referindo a tocar uma música para você? É que dizem que tenho memória de peixe. — Levanta um dedo. — Não! De zangão.

Não consigo me conter e uma risada me escapa pelo nariz, lembrando da conversa absurda de dias atrás, com a senhora Montse. No entanto, ele, completamente sério, vai embora e me deixa com água na boca.

Volta logo com o violão, que ocupa um lugar especial no único canto livre entre a cama e a cozinha, apoiado contra a parede como um tesouro bem guardado. Tira-o da capa e acaricia o instrumento enquanto toca os primeiros acordes. Senta-se na beira da cama e me olha. Um olhar carregado de intenção, e morde o lábio com ar ausente enquanto começa a cantar com os olhos fechados:

*Você é minha melhor canção,
a peça mais bem-polida,
a que quero cantar
pelo resto da minha vida.
Brilha com luz própria,
reflete o melhor de mim.
Eu te canto da alma,
Nossa música não terá fim.*

Fico paralisada, escutando encantada até que ele termine.

— É linda! — digo emocionada, levantando-me da cadeira para me colocar junto a ele, na beira da cama. — É uma música nova?

— Sim. Mas usei a frase que você disse outro dia. Lembra daquela história que você contou para sua vizinha? Achei tão bonita... embora eu ache que Thaïs não vai gostar dessa letra.

— Você poderia trocar *canção* por *bunda*, e *alma* por *quadris* — sugiro entre risadas.

— Seria uma boa opção...

Seu sorriso é um pouco amargo, e toca um acorde de fundo enquanto me olha fixamente. Está tão perto que seu braço roça meus seios quando se move, e estremeço um pouco com a combinação do roçar e da música.

— Que se dane Thaïs — replico com voz trêmula. — Sua música é maravilhosa. Todas são.

— Bem, Thaïs terá seus defeitos, mas não é nenhuma incompetente. Ela tem olho para os negócios. Sabe o que faz. Sabe o que as pessoas querem, e é preciso produzir para o mercado.

— Lucas! Suas melodias fluem como a água de uma fonte. São suaves, envolventes... Me lembram... me lembram... a cerâmica esmaltada!

Já disse que comparações não são o meu forte.

— Cerâmica esmaltada? — repete desconcertado, sacudindo a cabeça. — É a coisa mais estranha que já me disseram, mas sabe de uma coisa? Eu gosto. Seria um bom título para esta balada.

Restam apenas umas poucas luzes acesas, só três ou quatro velas sobre a mesinha dobrável. Me estiro, o suficiente para soprar uma delas, e o aroma de cera derretida e velas recém-apagadas flutua no ar.

— Lucas... — digo. — Deixa a guitarra um momento... Vem.

Ele obedece e se apoia sobre um cotovelo, me olhando de lado com ar provocador.

Levanto e, um pouco tonta pelo vinho, o seguro pelos ombros e o empurro sobre a cama como uma tigresa. Ele se deixa cair sobre a manta com uma risada entrecortada, surpreso com meu impulso. Coloco um braço de cada lado de sua cabeça e ele me olha de baixo, sua expressão se transformando de surpresa para algo muito mais intenso, que quase me queima por dentro.

Me inclino sobre seu rosto até estar a alguns milímetros de seus lábios. Sinto o calor de seu corpo, o cheiro de vinho e algo mais,

profundamente seu.

— Lucas, quando você canta... — sussurro, meu hálito roçando seus lábios, mas sem beijá-lo ainda. Quero que sinta a tensão, que nos envolva como a atmosfera espessa do quarto, carregada de eletricidade. — Quando você canta, eu sinto coisas.

— Que coisas...? — murmura, olhos acesos, mãos subindo lentamente pelo meu traseiro e minha cintura. Seus dedos se encontram atrás do meu pescoço, e desabotoam meu colar de pérolas com uma suave e estremecedora carícia.

— Coisas que nunca tinha sentido — digo com voz entrecortada, esfregando a ponta do nariz contra o canto de sua boca. — Me sinto diferente... livre... como se pudesse ser outra pessoa. Alguém que não desenha sempre linhas retas. Alguém que sai do caminho traçado... Que pode ser ela mesma... — Tomo ar, me coloco exatamente sobre seus lábios entreabertos, e antes de baixar sobre eles, termino: — Alguém que poderia ser... sua.

Seu peito sobe e desce com uma respiração pesada, rouca. Ele se incorpora um pouco, suas mãos firmes em minhas ancas, e me atrai até que nossas bocas se unem. No último instante, se afasta um pouco, brincando comigo, me incitando a voltar àquele beijo contido.

— Quando canto eu só penso em você, Emma — sussurra contra meus lábios. — Desde o primeiro dia em que te vi. Desde o dia na fazenda, quando te vi com aqueles olhos imensos, que veem as coisas de maneira diferente do resto das pessoas. Seu olhar brilha quando você faz o que gosta, Emma. Não há ninguém mais como você... E desde aquele dia, só posso escrever canções para você.

Não aguento mais. Beijo-o profundamente, e seu peso cobre meu corpo, dos pés à cabeça. Suas mãos deslizam com urgência pelas minhas costas, acariciando meus seios por cima da roupa. Desabotoo sua calça e me deixo levar, sabendo que esta noite será nossa, sem palavras, apenas o som de nossas respirações e o farfalhar dos lençóis.

Este é nosso próprio concerto.



Lista de tarefas da Emma:

La, la, la...

Emma

Acordo na cama de Lucas, sentindo-me mais feliz e serena do que tenho estado em muito tempo. Me espreguiço na cama e, ao fazer isso, roço seu lado.

Meu Deus. Ele continua nu!

Coloco a cabeça debaixo do lençol para me certificar, e solto uma risadinha boba. Inalo seu aroma de limpeza, seu aroma de... Lucas.

Mas só mais uma vez.

É sábado, mas marquei com Derek cedo e será melhor que eu vá. Vou dizer não a ele, mas acho que seria pouco profissional faltar a essa reunião.

No entanto, Lucas precisa descansar; ontem foi uma noite agitada para ele. Bem... e para mim também... mordo o lábio enquanto penso nela, sem conseguir tirar o sorrisinho bobo do rosto.

Levanto na ponta dos pés para não acordá-lo e visto a roupa rapidamente. É tão cedo que o sol mal entra pelas janelas. Peço um carro pelo aplicativo e mordo os restos de torta de amêndoa que sobraram do jantar de ontem à noite.

— Emma...? — murmura Lucas, remexendo-se em sonhos.

— Shh... Continue dormindo. Te ligo depois.

Escrevo um bilhete e o deixo na cozinha:

“Te vejo esta tarde no Carpi Café. Estarei lá a partir das cinco.”

Depois lhe dou um beijo na testa e saio com os sapatos na mão, para não fazer barulho. O carro me aguarda lá embaixo, com as luzes de alerta ligadas.

Vou primeiro para casa, tomo banho, arrumo o cabelo e me troco, e depois vou caminhando até o escritório. Na Derek Navarro Arquitetos não importa absolutamente nada se é sábado, domingo ou feriado: sempre tem gente trabalhando. Sempre há projetos para terminar e prazos impossíveis. Dia e noite são conceitos sem importância quando o futuro da empresa está em jogo.

Quando passo ao lado dos meus antigos colegas, tenho a sensação de que todos se calam de repente, como se estivessem cochichando sobre

mim.

Faz apenas uma semana que não vou ao escritório, mas me sinto como se tivesse passado um ano. É também muito curioso como me sinto mais leve e mais feliz desde que deixei de trabalhar naquele lugar.

Me aproximo da secretária, e ela me olha com os lábios apertados, quase como se tivesse medo de falar.

— O Derek está? — pergunto, de pé em frente à sua mesa.

Ela parece se esconder atrás da sua enorme tela e responde com voz quase inaudível:

— Bem... não, Emma. Não está. Ele saiu.

— Como assim? Mas ele tinha marcado uma reunião comigo. Não está na agenda dele?

Ela tecla um pouco e finge consultar algum programa.

— Agora que você menciona, tem algo sim, mas entenda que é sábado... Ele teve que ir urgentemente para Munique. Pode ser por algo relacionado ao auditório — sorri com cara de desculpa e aponta para a porta. — Vá para casa e volte na segunda. Certamente ele vai te ligar para marcar uma nova reunião.

Pisgo sem conseguir acreditar.

Sério?

Derek Navarro me faz vir num sábado às nove da manhã, me deixa na mão e nem se dá ao trabalho de me avisar?

— Não acredito nisso — digo, exalando com força. — Algumas coisas nunca mudam, pelo visto.

Ela me dedica um sorriso tímido e dá de ombros.

— Certamente surgiu algo muito importante — diz, como se eu não tivesse trabalhado ali por quase um ano. — E, a propósito... Parabéns pelo concurso, Emma. Me disseram que você e Randall ajudaram muito o Derek com tudo isso.

Ajudamos?

Randall e eu?

Eu gostaria que houvesse uma porta por perto para bater com força, mas infelizmente são todas automáticas e se abrem sozinhas, então a única coisa que posso fazer é sair com a cabeça bem erguida. O que, com um pouco de sorte, me faz um pouco mais alta que o ficus benjamina que fica em uma esquina da sala.

Saio para a rua com a cabeça girando. Por que eu vim? São uns estúpidos e não me valorizam nada. Lucas tinha razão.

Meu telefone toca e, pela primeira vez na história, aparece na tela o número fixo do meu avô. Não o da advogada dele, não: o do meu avô em pessoa. O dele, que não mudou desde 1980.

— Vovô? — digo ao atender, temendo que ele tenha morrido e o pessoal de serviço esteja me ligando para dar a notícia.

Suspiro, um pouco aliviada, quando a voz dele responde. Soa muito mais jovial do que eu esperaria de um idoso às portas da morte.

— Emma — diz, e faz uma daquelas pausas estranhas e incômodas tão típicas suas. — Preciso que você venha ao meu escritório.

Paro no meio da calçada, surpresa demais com sua ligação para poder responder tão rapidamente.

— Ao seu escritório? — repito, cegada pelo sol matinal.

— Sim. Na minha casa. Ainda se lembra do endereço?

— Hum... claro. Mas, e se o senhor vier à minha casa esta tarde? Tenho certeza de que Lucas ficará feliz em conhecê-lo finalmente...

— Não. Quero que venha sem Lucas — me interrompe com tom brusco. — Só você. O que tenho para lhe dizer é apenas entre nós.

Emma

Acho que a última vez que fui à casa do meu avô, eu ainda usava tranças, então deve fazer pelo menos uns quinze anos.

É verdade que ele me convidou muitas vezes desde que me mudei para Barcelona, mas sempre estive ocupada demais para ir. É normal. Sou arquiteta. Trabalho em projetos importantes e ganho concursos milionários para meus chefes. Ou, pelo menos, era o que eu fazia até uma semana atrás.

Quem me abre a porta é a governanta, ou seja lá como se chama essa senhora que faz tudo para que ele possa passar o dia lendo notícias de economia em jornais cor de salmão.

— Seu avô a espera na biblioteca — me diz a mulher em tom formal, tirando meu casaco das mãos para pendurá-lo em algum lugar.

Eu a sigo pelo corredor, maravilhando-me com as obras de arte que decoram as paredes: só naquelas duas paredes deve haver mais de um milhão de euros. Quando criança nunca as apreciei, mas agora as percebo pela primeira vez.

A governanta para e bate numa porta.

— Que entre apenas Emma — responde a voz do meu avô, e a mulher me faz um gesto para que eu passe.

Depois ela se vira e desaparece. Engulo em seco e dou um passo à frente. A primeira coisa que noto é o cheiro um tanto desagradável do escritório, que fede a fumaça de charuto e a poltronas velhas e empoeiradas.

Meu avô está ali, sentado atrás de sua imponente escrivaninha. Ele nem está com uma aparência tão ruim, para alguém à beira da morte. É exatamente como eu me lembrava, embora com o cabelo mais branco e o rosto mais enrugado: o patriarca dos Soler, diferentemente de mim, não mudou muito nas últimas duas décadas.

— Emma, quanto tempo — me diz com tom abatido, apontando para a poltrona de couro verde à sua frente. — Estava com vontade de te ver, sabia?

Eu gostaria de dizer que também estava, mas não tenho tanta certeza. Primeiro preciso saber para que ele me chamou. Me limito a sorrir amigavelmente, tentando disfarçar o quanto essa reunião me aterroriza.

Sempre tive bastante respeito por ele, como todos na família. Era famoso por sua obsessão com os negócios e seus repentinos acessos de mau humor. Acumulou muito dinheiro em pouco tempo, mas também muitos inimigos. Mesmo quando nos reuníamos em família, todos se afastavam quando ele passava, para evitar conflitos desnecessários. Sua atitude sempre deixou claro que passar tempo conosco representava um altíssimo custo de oportunidade e nunca trazia benefícios econômicos. Não me surpreende que um dia minha avó tenha ido de férias com as crianças para a villa de Sitges e nunca mais voltado.

— Pena que, depois de tantos anos, tenhamos que nos ver para falar de coisas tão deprimentes — diz, tirando uma pasta de uma gaveta. — Mas acho que é hora de falarmos sério e deixarmos de bobagens.

Me inclino na poltrona, e ela reclama com um rangido.

— A que você se refere? — digo com ar inocente. — O que aconteceu?

— Seu casamento, Emma. Não é real, e eu sei disso. Tenho infinitas provas de que foi uma montagem, e que você e Lucas só fingiram estar casados para que você pudesse conseguir a herança. Olhe.

Contenho a respiração e o avô tira uma foto roubada de Lucas e Thaïs, na qual ela parece estar beijando-o contra uma caixa de correio. Reconheço o local: foi naquele primeiro show, quando Thaïs o encurralou e os flashes os pegaram de surpresa. Eu também estava lá e pensei a mesma coisa. Mas agora sei que não é verdade, com fotos ou sem elas.

— Não, vovô — replico, empurrando os papéis para ele. — Isso não é o que parece. Essa mulher se jogou em cima dele, mas...

— Mas nada — continua, pegando mais documentos que mostram textos e fotos. — Eu não confiava em você e contratei um detetive. Ele tem seguido vocês e comprovou que Lucas nunca dormia na mesma casa que você. — Tira uma ficha com uma fotografia; reconheço o rosto do homem do gás, como eu suspeitava. — Além disso, seu suposto marido passa as noites no escritório dessa tal Thaïs Aguilar, às vezes até altas horas da madrugada. Tenho entendido que ele irá com ela para o exterior assim que você conseguir a propriedade rural. É verdade ou não? Você tentou me enganar, Emma? Diga a verdade!

— Eu... Não... Quer dizer... — tento responder com firmeza, mas tenho um nó na garganta.

A verdade é que não sei o que dizer. As provas estão ali, ele descobriu minha mentira, e por mais que eu tente fingir tranquilidade, sinto que o chão desmorona sob meus pés.

Talvez Lucas não esteja com Thaïs, e certamente não vai a lugar nenhum com ela, mas é verdade que não somos um casal, que nunca dormimos juntos e que só nos casamos por um acordo econômico.

Meu avô parece desfrutar do meu evidente desconforto. Ele se recosta em sua poltrona com uma expressão de triunfo.

— E então, querida neta, o que pretende fazer agora? — pergunta com frieza. — Continuará mentindo para mim? Para mim, sua única família? Você mentiria apenas por dinheiro? Para herdar essa propriedade rural arruinada?

Sinto suas palavras como uma laje sobre meus ombros. Manter a compostura se torna cada vez mais difícil. Percorro com os olhos a sala, procurando desesperadamente uma saída.

— Se você acha que tudo isso foi uma farsa sem sentido — respondo finalmente —, está enganado. É verdade que meu casamento com Lucas começou como uma estratégia, mas não para enganá-lo simplesmente. Eu só queria evitar que você doasse a propriedade familiar a estranhos, quando ela poderia ter um propósito dentro da família. Sim, pensei em usá-la para cumprir meus próprios objetivos. Mas sempre foi dos Soler, e não me parece justo que eu, a única que pode aproveitá-la, fique sem ela apenas por um absurdo capricho seu.

Meu avô fica em silêncio, observando-me com seus olhos afiados. Contenho a respiração, sabendo que as próximas palavras que ele disser podem mudar o rumo do meu destino, em uma direção ou na outra.

— E não é melhor que sirva para um fim beneficente do que deixá-la nas mãos desta família de abutres? — pergunta com voz grave e acusadora.

Guardo silêncio, contendo as lágrimas. É possível que ele tenha razão, sim. Mas eu já havia renovado aquela propriedade rural nas minhas fantasias, e a tinha transformado no projeto dos meus sonhos: na minha escada para a fama, no instrumento para me tornar tão boa quanto meu pai e meu irmão.

Para mim, não era apenas uma propriedade em ruínas.

Era uma promessa de futuro, e agora meu futuro está desmoronando para sempre por culpa desse velho que nunca quis ninguém

e que morrerá completamente sozinho, entre seus quadros milionários.

Ele suspira e se levanta lentamente. A fúria em seus olhos dá lugar a uma tristeza com a qual não consigo ter empatia neste momento.

— Fiz isso para o seu bem, Emma — diz ele, com tom mais suave. — Não queria que você terminasse como eu, presa em um mundo de traições e mentiras onde ninguém te amasse por ser você mesma. Ou, pior ainda: não queria que você terminasse como Alexander.

O nome do meu irmão me sacode dos pés à cabeça.

— Não venha agora com desculpas lacrimosas para seus atos sem sentido. Como você se atreve a dizer que isso tem a ver com meu irmão? O que aconteceu com ele foi uma desgraça, mas não foi culpa de ninguém. Sobretudo, não dele!

Acho que vou jogar um porta-papéis na cabeça dele se ele mencionar meu irmão novamente.

— Isso é discutível — responde com voz baixa.

Ele me estende a pasta volumosa com as provas.

— Leia os papéis do final. Acrescentei algumas coisas que acho que vão te surpreender. Coisas que sua mãe escondeu durante muito tempo. Mas agora que ela não está mais aqui, tanto faz.

Pego a pasta e me levanto com um pontapé. Nem me incomodo em arrumar a cadeira, nem em fechar a porta. Percorro o corredor de volta sem olhar para trás, ouvindo os passos da governanta que me segue para se despedir.

Pego meu casaco das mãos dela e vou embora em silêncio, decidida a nunca mais voltar àquela casa.

Bem. Pode ser que eu tenha perdido a propriedade rural, mas pelo menos agora serei livre do controle do meu avô.

Que triste pensar que o último membro da minha família seja uma pessoa tão desprezível e egoísta.

Saio da casa do meu avô com a determinação de que, pela primeira vez, estou escolhendo meu próprio caminho. Apesar das dificuldades e dos sacrifícios, estou pronta para o que vier.

E não vou mais ter que fingir para ninguém.

Caderno de anotações de Lucas

*Construamos juntos tijolo por tijolo,
Um lar em nossos corações, um amor singelo.
Sem planos perfeitos, nem grandes ambições,
Apenas você e eu, e um lar entre canções.
Um amor que não entende de unidades de medida,
Cem centímetros, dez milímetros...*

Quantos milímetros tem um centímetro? Eram cem ou dez? Ou isso era um metro? Bem, melhor eliminarmos essa parte. Vamos usar algo mais genérico. Desde que não seja *quadris*, serve para mim.

Lucas

Acordo bem tarde pela manhã, e a primeira coisa que percebo é que Emma já não está ao meu lado. Seu perfume continua na cama, como uma lembrança da noite passada. Uma luz alaranjada entra pela janela, e o calor no quarto contrasta com a pequena sensação de vazio que sua ausência deixou. Espreguiço-me lentamente, prolongando um pouco mais este momento entre os lençóis.

Ao levantar, encontro um bilhete dizendo que nos encontraremos na cafeteria. Também vejo que seu colar de pérolas caiu em um canto, entre a cama e o criado-mudo. Deve ter caído sozinho, com toda a agitação da noite. Não tem problema: levarei para ela esta tarde no Carpi Café.

Tomo café devagar, revivendo aquela noite mágica: o show, o jantar e o que aconteceu depois. Olho na geladeira, enquanto minha cabeça repassa a lista de compras por inércia. Sem poder evitar, começo a compor um menu para a próxima vez que a convidar. Com sorte, poderia ser esta noite.

Visto-me rápido e me dirijo ao metrô. O destino é um dos meus lugares preferidos: o mercado de La Boquería, e em particular uma peixaria onde já me conhecem pelo nome.

Ao sair do metrô, o burburinho das Ramblas me envolve: artistas de rua, pessoas falando em outros idiomas... ali, é sempre dia de festa. Caminho devagar, observando turistas e locais, me perguntando se algum deles se sente tão feliz quanto eu esta manhã. Com certeza não. É praticamente impossível.

Entro no mercado pela minha porta preferida, uma preciosa estrutura de metal e vidro sobre a qual Emma com certeza teria muitas coisas a explicar. Eu nem sei como se chama esse estilo arquitetônico, mas sei que cada vez que cruzo aquela entrada me invade a inspiração, e me vêm à mente letras novas para minhas músicas.

Caminho entre as bancas, pensando em qual prato poderia cozinhar para ela desta vez. Algo novo, diferente...

— Lucas! — me saúda uma vendedora de legumes. — Viu que tomates eu trouxe hoje?

Me aproximo da banca e pego o tomate que ela me estende: rosado, brilhante e aromático. Inalo seu aroma de horta, e já vejo a salada que vou preparar para ela, regada com um bom Fino de Jerez, o toque perfeito para realçar os sabores da terra.

— Me dê alguns, María — digo enquanto examino as cebolas, que parecem doces e suculentas. — E também um pouco de alface, e alguns pimentões verdes. E fruta da estação... o que tem de melhor?

— Tem algum convidado especial? — me pergunta brincalhona.

— Pode ser — respondo erguendo uma sobrancelha. — Só falta que ela diga sim.

— Tenho certeza que ela vai aceitar — diz a vendedora, me dando um pouco de salsinha de presente. — Quem poderia dizer não a um rapaz tão bonito? E se não, posso ir eu. O que você acha?

Sorrio para a senhora, que poderia ser minha mãe: esse falso flerte é uma espécie de brincadeira contínua entre nós. Depois pago a conta. María sempre me dá desconto. sou um bom cliente, e acho que ela gosta de mim.

Quando retorno à agitação das Ramblas, meu celular vibra no bolso. É um e-mail de Thaïs, e na tela posso ver as primeiras linhas. Também vejo um arquivo anexo, intitulado *Contrato Definitivo*.

“Conforme combinamos, envio aqui o contrato. Leia-o atentamente e se estiver de acordo com tudo, traga-o assinado ao escritório na segunda-feira.”

Desta vez não há beijinhos nem corações; nota-se que ela colocou outras pessoas em cópia. Baixo o arquivo, sem poder esperar para chegar em casa, e fico sem fôlego ao ler as primeiras palavras. De repente, as Ramblas desaparecem como por magia. Thaïs cumpriu sua palavra, e está me oferecendo uma oportunidade que poderia mudar tudo: uma turnê internacional, gravar em Nova Iorque, um contrato que parece de sonho...

É tudo o que sempre quis.

Meu sonho, palavra por palavra, está registrado nesse documento.

Só há dois pequenos inconvenientes: que Nova Iorque está muito longe de Emma, e que as condições de Thaïs incluem um controle completo sobre as letras das minhas músicas.

Mas é o que combinamos: tocar como artista de abertura para teste e, se desse certo, um contrato de cinco anos para me tornar o artista principal do próximo evento.

E o teste deu certo. Muito, muito certo.

Guardo o celular. Suponho que ninguém espere uma resposta imediata para um assunto tão importante. Posso lê-lo tranquilamente em casa. Não temos encontro marcado até segunda-feira.

Passeio de volta ao metrô, pensando no meu futuro. Minha mente voa em direção a Emma, sem saber muito bem por quê. Fico feliz por ter marcado com ela esta tarde; talvez ela possa me ajudar a tomar a decisão certa.

Emma

Chego ao Carpi Café muito antes da hora marcada. Ainda tenho os papéis do avô nas mãos e uma tempestade ferve dentro de mim depois de termos nos despedido de maneira tão negativa.

O telefone toca, e na tela aparece o nome de Caterina. Certamente está ligando para saber o que aconteceu ontem à noite, mas não estou com humor para relatos românticos. Atendo de mau jeito, e ela adivinha imediatamente que algo não está como deveria.

— Tudo bem? Aconteceu algo ruim com o Lucas?

— Não, não é o Lucas — respondo, me recostando na cadeira enquanto agradeço a Amaya pelo café que acabou de me trazer. — É meu avô. Ele acabou de me comunicar que não vai me dar a propriedade rural. Então eu disse a ele que não quero vê-lo nunca mais.

Caterina fica em silêncio, talvez processando toda a nova informação.

— Emma, você tem certeza do que acabou de fazer? É a única família que te resta. Pensa bem.

Não posso acreditar que ela, justo ela, a mulher mais arredia que conheço (mais do que eu, inclusive), esteja me dizendo isso.

— Não. Não há mais nada para pensar. Já está decidido: aquele homem não significa nada para mim. O importante é que finalmente acabei com tudo relacionado à propriedade e não terei mais que me preocupar. Se quiser saber a verdade, é um alívio poder me livrar dele. Ele estava se intrometendo demais na minha vida. Agora poderei fazer o que bem entender e ponto final.

— Mas é seu avô! E aquela propriedade era seu sonho. O que você pretende fazer agora?

— Duvido muito que ele faça isso. Deixou bem claro que me considerava um abutre, a mim e ao resto da família. Acho que essas foram suas palavras literais.

— Que idiota! E então, o que você pretende fazer agora? Vai precisar de um trabalho, e essas entrevistas de emprego não estão dando muitos frutos... vai voltar para Londres?

— É uma opção... — De repente, a ideia de voltar para Londres e me afastar de Lucas se torna dolorosa. Penso nas minhas possibilidades, compreendendo que o mais fácil seria engolir meu orgulho e voltar para Derek, por mais que me pese. — Ainda não sei, Caterina. Mas estou pensando em voltar para a Derek Navarro Arquitetos.

— Isso é uma loucura. Lembra como te trataram? Você trabalhou noite e dia para eles e se livraram de você ao mínimo erro, sem sequer ouvir o que você tinha a dizer. E agora querem que você volte para continuarem te usando? Você não vê o padrão, Emma? Não percebe como isso vai terminar a longo prazo? Para eles você é um número, uma máquina de produzir e nada mais!

— Não diga isso. Você sabe que meu trabalho é o motor da minha vida. A única coisa que me ajuda a seguir em frente quando tudo o mais vai mal.

— E o que me diz do Lucas e do que aconteceu ontem à noite? Isso não conta?

Ah, Lucas... só de pensar nele eu sorrio.

Lucas é como aquele raio de luz que atravessa os vitrais de uma igreja gótica ao meio-dia, se decompondo em mil cores.

Sua presença na minha vida é igualmente deslumbrante, mas ainda não me acostumei a ela. É algo muito novo, muito frágil, embora ao mesmo tempo tão incrivelmente bonito.

— Claro que sim — respondo concordando, depois de dar um golinho no meu espresso com leite de aveia. — Mas Lucas é uma alma livre, um músico, e provavelmente viajará muito nos próximos meses. Não posso depender dele. Agora tenho que pensar em mim, no meu futuro. Ele é um cara incrível, mas não pode resolver meus problemas. Isso eu tenho que fazer sozinha.

— Não, claro. Seus problemas de trabalho você terá que resolver. Mas pelo menos agora você tem a ele. Lucas vai te apoiar em tudo, tenho certeza. Pode ser que ele viaje, mas olha pra nós. Estamos longe e continuamos sendo amigas apesar da distância, não é?

— Claro que sim! — respondo, embora sinta uma pontada de tristeza ao pensar no que o avô disse. *E se fosse verdade? E se ele for embora por meses para gravar seu disco com Thaïs?* — Suponho que só o tempo dirá.

— Eu tenho um bom pressentimento — responde Caterina com voz animada. — Você tem me contado tudo conforme acontece, e acho que esse cara é honesto. Um homem confiável, finalmente! Aleluia.

— Me veio à mente aquela frase: “*Todo mundo parece confiável até que você os deixa sozinhos numa sala com um monte de dinheiro no chão*” — respondo, citando uma frase que nosso antigo chefe costumava repetir quando ainda trabalhávamos juntas. — Lembra do Bill?

Ela entende a referência e solta uma gargalhada.

— Sim, a frase preferida do velho Bill. Que amargurado! Não confiava nem na própria sombra. Mas duvido que o Lucas seja desses. Não me dá essa sensação.

— Não, isso certamente não. É só olhar para ele.

— Pois é. É cedo para saber, mas tomara que o relacionamento de vocês continue. Ficaria muito feliz por você, depois de todos aqueles idiotas convencidos e obcecados com grana com quem saiu. Tenho certeza que quando você contar o que aconteceu com seu avô, ele vai oferecer um ombro para chorar e vai te consolar com seus *beijinhos e poemas*.

— Tecnicamente não são poemas. São letras de músicas.

Um sorriso se forma sozinho em meus lábios ao lembrar da noite anterior nos braços de Lucas. Tudo foi perfeito, absolutamente perfeito.

Caterina tem razão: sou muito sortuda por ter encontrado alguém como ele. E pensar que estive prestes a deixá-lo partir; de me deixar levar pelos meus preconceitos... Custou, mas felizmente soube vê-lo a tempo.

Lucas não vai me deixar na mão, e estou certa de que vai me apoiar em tudo que eu decidir fazer. Ele não vai se importar se eu me tornar uma arquiteta famosa, se reformar uma propriedade rural ou se decidir que minha nova vocação é montar uma agência de espionagem com a senhora Montse como sócia. Ele não me ama por isso. Ele me ama por mim mesma, sem títulos, nem etiquetas, e isso para mim é novo e, ao mesmo tempo, desconcertante.

— Sim, com certeza. Obrigada. Vou terminar de revisar os papéis que meu avô me deu e te ligo hoje à noite quando voltar para casa. Te amo!

Desligo e abro a pasta com os papéis do vovô, mas sem muito entusiasmo.

A verdade é que só quero que Lucas chegue e para poder abraçá-lo. Sonho em desfrutar novamente do seu cheiro e do calor do seu peito, que me fazem sentir como em casa, esteja onde estiver.

Ouço uma tosse atrás de mim, e lá está ele. Chegou antes da hora. Um agradável calorzinho sobe pelo meu corpo ao vê-lo, com seus jeans desgastados e uma simples camiseta preta.

Empurro a cadeira para me levantar e falar com ele, mas noto algo estranho em sua postura. É quase uma expressão de desgosto, ou até mesmo de rejeição. Ele estende os braços, impedindo minha passagem, e se afasta de mim como se eu tivesse a peste.

— Lucas! Que cedo você chegou! — exclamo, confusa, enquanto olho a hora. Depois, um pouco assustada com sua expressão, que continua a escurecer, acrescento: — Está... está acontecendo alguma coisa?

Ele franze a testa e me olha de mau humor, e eu não entendo absolutamente nada.

Caderno de notas de Lucas

Construíste sozinha, tijolo por tijolo, um mausoléu em meu peito, um tormento singelo.

Mentiras perfeitas sem grandes ambições, apenas tu, ignorando-me entre canções.

Cada lágrima, um alicerce; cada suspiro, uma parede...

Em meu peito, um lar vazio, em minha alma, um amor que nunca existiu.

Lucas

Chego à cafeteria animado, com vontade de contar à Emma minha decisão de não me mudar para Nova Iorque com Thaïs. Na verdade, estou tão empolgado que não consigo mais ficar em casa e chego meia hora antes ao Carpi Café. No bolso, levo o colar de pérolas que ela deixou na mesinha, e de vez em quando coloco a mão dentro e o acaricio, imaginando que é ela, cuja pele é tão suave quanto a superfície polida das pérolas.

Ao entrar, vejo-a ao fundo, falando ao telefone. Está de costas para a porta e parece tão absorta na conversa que não percebe o que acontece ao seu redor. Me aproximo por trás, cantarolando a melodia da “nossa música” (porque chamá-la de “Cerâmica esmaltada” me parece estranho, por mais que eu tenha prometido isso ontem no calor do momento).

Acaricio as pérolas uma a uma e relembro como tirei o colar dela, para depois baixar as alças de seu sutiã, e...

Estou atrás dela, tão perto que posso ouvir o que diz, e algo chama minha atenção. É uma frase, dita em tom cortante, que me tira de minhas fantasias e me coloca em alerta de repente:

— *Esse homem não significa nada para mim... O importante é que finalmente terminei com tudo relacionado à fazenda e não terei mais que me preocupar... Se sou sincera, é um alívio poder me livrar dele...*

Como é? Ela está falando de mim?

Não pode ser.

Fico parado, em choque.

Não gosto de espionar, mas isso que ela acabou de dizer soa mal. *Muito mal*. Embora me sinta um pouco culpado, fico atrás dela e continuo espionando sua conversa:

— *Estou pensando em voltar para Derek Navarro Arquitetos...*

O quê? Mas se ontem à noite ela disse que jamais voltaria para *aquele ninho de cobras!* O que deu nela? Será que esteve mentindo para mim sobre tudo?

— *Sabe que meu trabalho é o motor da minha vida...*

Amaya me faz um gesto do balcão e me cumprimenta alegremente. Depois aponta para Emma, pensando que não a vi, e desenha um coração

com as mãos. Balanço a cabeça com ar sombrio e levo um dedo aos lábios para que não a avise da minha chegada.

Continuo escutando, sem acreditar no que ouço. A próxima frase já não deixa dúvida: está falando de mim, e tudo o que me contou ontem foi um monte de mentiras:

— *Ele é uma alma livre, um músico, e certamente vai querer viajar pelo mundo todo. Não posso depender dele. Eu agora tenho que pensar em mim, no meu futuro. Ele é um cara incrível, mas não pode resolver meus problemas.*

E, depois, o golpe de misericórdia:

— *Todo mundo parece confiável até que você os deixa sozinhos numa sala com um monte de dinheiro no chão.*

Solto o colar de pérolas de repente, sentindo um profundo nojo. Me dá vontade de jogá-lo na cara dela. Mas, quem ela aca que eu sou?

Finalmente ela se despede, mas essa é quase a pior parte. Sinto como se uma espada me atravessasse o peito de lado a lado quando pronuncia as duas últimas palavras:

— *Vou terminar de revisar os papéis que o vovô me deu e te ligo esta noite quando voltar para casa... Te amo!*

Observo-a, atônito, enquanto termina de falar com quem quer que seja. Será o homem da foto? Será mentira também aquela história do irmão? Ela tem um sorriso no rosto, e me pergunto como pode sorrir assim, com essa alegria e indiferença absolutas, depois do que aconteceu ontem à noite. Será que tem o coração de pedra? Será que não é humana, será possível?

De repente, as lembranças de Lucrecia me invadem. Eu a conheci nessa mesma cafeteria. Para não ficar sozinha, Lucrecia se aproveitou de mim, e, assim que pôde, foi embora com outro melhor, que podia dar a ela a vida que sonhava. Foi ela quem inspirou a primeira versão de “As curvas do caminho”. Para ela, fui apenas uma estação a mais, embora por muito tempo eu a considerasse meu único destino.

Pelo menos, Emma nunca mentiu para mim, ao contrário de Lucrecia. Nunca me prometeu amor eterno. Nunca pretendeu ser mais que outra curva atraente, outro solavanco divertido. Uma parada a mais no caminho da vida; uma prestes a chegar ao fim, a julgar pelo que acabei de ouvi-la dizer ao telefone.

Ela deixa seu moderníssimo celular junto ao típico duplo espresso com estévia e leite de aveia que sempre pede. Depois abre uma pasta e

começa a ler alguns documentos cheios de fotos e anotações.

Parece tão tranquila, tão composta. Não tem o aspecto de alguém que acabou de decidir terminar um relacionamento assim, sem mais. Se é que o nosso pode ser chamado de relacionamento. Claramente, para ela foi apenas um caso de uma noite com um músico jovem e irresponsável, uma alma livre que, é claro, não pode resolver seus problemas econômicos nem de qualquer tipo. Um cara em quem ela nem confia, pelo visto.

Pigarreio e, finalmente, ela se vira.

— Lucas! Que cedo você chegou! — ela me cumprimenta, ficando séria de repente, e depois diz, como se nada tivesse acontecido. — Aconteceu alguma coisa?

Se aconteceu alguma coisa?

Nossa, parece que os arquitetos têm senso de humor, afinal.

— Cheguei há cinco minutos — digo, apertando a mandíbula para evitar que a raiva escape e me faça dizer alguma barbaridade.

— Ah — responde, cruzando os braços. — E por que não veio sentar comigo?

— Acontece que ouvi sua conversa, e achei muito interessante. E mais — acrescento, e sinto que estou começando a descer ladeira abaixo sem freios —, decidi que não tenho tempo para tomar um café com você esta tarde. Nem esta tarde, nem nunca. Vou facilitar para você se livrar de mim.

Emma fica pálida.

— Não entendo. Por que isso agora?

— Claro que entende, Emma. Você sabe perfeitamente por que estou dizendo isso.

Deixo seu estúpido colar de pérolas sobre a mesa. Com certeza vale milhares de euros. Agora entendo que ela o esqueceu de propósito, para me testar. Pois aí está seu teste, e que vá se danar.

— Só vim devolver isto. Porque eu não sou do tipo que rouba dinheiro, mesmo que você facilite — acrescento, lembrando da frasezinha que ela disse ao seu amigo pelo telefone. — Nem dinheiro, nem nada, Emma. Posso ser pobre, mas sou honrado.

— Mas é claro, Lucas. Isso eu já sei, e...

— Não — levanto a mão. Preciso dizer tudo de uma vez, ou vou começar a chorar e ficarei parecendo um idiota aqui, na mesma cafeteria onde trabalho e todos me conhecem. — Deixe eu terminar. Também vim

dizer que estou indo com Thaïs para Nova Iorque. Obrigado por essa distração de uma noite. Agora que você já tem o que queria, sua casa de campo, acho que não precisamos mais conversar.

— Mas eu não...

— Eu sei. Me poupe de seu discurso barato, essa que vocês usam para apresentar os projetos. Você já me disse que era tudo inventado, e que só fazia isso porque as pessoas gostavam de ouvir. Eu sou poeta, mas meus poemas são de verdade. Não são hipocrisia, daquela que vocês ricos usam para parecer mais educados. Não são palavras vazias para que os artigos nas revistas pareçam mais profissionais.

— Está me chamando de hipócrita?

— Eu não estou te chamando de nada.

— Sempre fui sincera. Não sei a que você se refere.

— Sempre, Emma? E o que me diz do nosso casamento, por exemplo? Você enganou seu próprio avô e todos ao seu redor, só para conseguir o que queria. Isso lhe parece sincero?

— Foi uma mentira sem importância! Eles não se importavam, e eu só queria...

Suspiro e me viro para ir embora. Sinto as lágrimas me queimando, mas não quero fazer esse papel ridículo.

— Adeus, Emma. Adeus para sempre. E boa sorte.

Não se vire.

Não se vire.

Emma me segura pelo ombro.

— O que você está dizendo, Lucas? Não pode estar falando sério.

— É o que você ouviu. Boa sorte com tudo, eu seria apenas um peso para você, um obstáculo no seu caminho. Só recomendo que não se deixe pisar por Derek e seus capangas novamente. Embora, sinceramente, eu tenha minhas dúvidas. Você só se importa com uma coisa, e obviamente fará o que for necessário para consegui-la. Por favor, não me ligue mais.

Me afasto, apertando os dentes com tanta força que todo o meu rosto dói.

Ao virar a esquina, e antes de entrar na estação de metrô, tento ligar para Thaïs, mas ela não atende, então escrevo uma mensagem enquanto caminho:

“Aceito a oferta. Estou pronto para me mudar para Nova Iorque. Na segunda-feira levo o contrato. Obrigado por me oferecer esta

oportunidade.”

Emma

Lucas vai embora e é como se um abismo se abrisse no chão bem aos meus pés. Só que não há abismo, porque se houvesse, eu saltaria dentro dele e me desintegraria. Mas não, em vez disso, metade da cafeteria está me olhando, e sua colega, Amaya, se aproxima de mim com cara de espanto.

— Dá para saber o que aconteceu? — ela me diz.

— Não tenho certeza — respondo, pegando o colar de pérolas da mesa. — Achei que estávamos bem, mas ele chegou e me mandou passear assim, sem mais nem menos.

— Mas o que você fez? O que disse a ele? — insiste Amaya. — Caramba, isso não é normal. Lucas não é assim. Ele é um cara carinhoso, compreensivo, doce... Um sensível dos grandes. Nunca fica bravo com ninguém. Nem mesmo com a mãe dele, e olha que ela fica enchendo o saco com essa história de que ele compre um carro familiar com suporte para bicicletas...

Balanço a cabeça, sem entender. Nunca conversei sobre nada muito profundo com Amaya, mas ela é a única pessoa que conhece bem Lucas, e neste momento estou completamente perdida.

— Isso não faz sentido — digo com desespero. — Sei que mal nos conhecemos, mas acho que preciso do seu conselho.

Ela torce o lábio e me olha com os olhos apertados.

— Você me vê todos os dias. Já fiz uns trezentos cafés para você. Quase mais que sua própria mãe. Acho que nos conhecemos o suficiente.

Se a situação não fosse tão deprimente, eu cairia na risada.

— Isso é verdade — admito com voz cansada.

— Claro que sim. Conta tudo para a tia Amaya. O que deu no Lucas?

— Pois já te digo que não sei. É tudo muito estranho. Ele já falou de mim alguma vez?

Amaya suspira e revira os olhos.

— Se falou de você? Ele não fala de outra coisa. É um maldito disco arranhado — cruza os braços, pensativa. — Se você quiser, posso

ligar para ele e investigar. Mas antes você tem que me explicar tudo o que aconteceu, combinado?

Faço ela se sentar e explico o ocorrido. Obviamente, não conto *todos* os detalhes (embora ela já tenha me feito trezentos cafês e, segundo ela, isso seja sinônimo de ser minha segunda mãe), mas explico que passei a noite com Lucas e que tínhamos marcado na cafeteria, e como depois ele apareceu furioso, terminou comigo e me soltou que ia com a Thaïs para Nova Iorque.

— Essa Thaïs... — diz Amaya, e estala a língua com ar de quem sabe muito de tudo —, ele também fala muito dela.

Ouvir isso me faz sentir mal. Não, para que mentir, me faz sentir *péssima*. Não sei se quero saber a resposta, mas pergunto mesmo assim:

— E... o que ele contou sobre ela? — digo com um fio de voz.

— Que ela é insuportável, que não para de ficar passando a mão nele e que tentou tocar na bunda dele pelo menos cinco vezes. Mas que ela tem muito bom olho para artistas, e que vai conseguir um contrato incrível que vai torná-lo famoso. Você acha que é verdade?

— Não sei. Só sei que ela é uma idiota — digo, tirando de dentro o que realmente penso. Amaya parece o tipo de pessoa que não vai me julgar por isso. A garçonete concorda, satisfeita com minha resposta, então me abro mais com ela: — Não só isso: essa mulher trai o marido com metade dos artistas que representa. E acho que Lucas é seu novo alvo.

— Sim, isso eu também tinha imaginado — diz Amaya, esfregando as mãos no avental.

Ambas observamos o entardecer barcelonês através das grandes janelas, pensativas. Mais clientes entram e começa a se formar uma longa fila. Um garçom chama Amaya do balcão; ele parece estressado e tem cara de poucos amigos.

— Já vou, homem! — diz Amaya com um gesto impaciente da mão. — É que estou resolvendo um assunto urgente com esta cliente.

— Urgente? — grita o outro do outro lado da cafeteria.

— Ela diz que tinha uma mosca no café, vocês sabem alguma coisa? — responde Amaya, me apontando. — Quem preparou?

O outro garçom nega com a cabeça e se vira para a cafeteira, de repente muito interessado em seu trabalho.

— Sempre funciona — sussurra Amaya com uma risadinha. — Ninguém quer cuidar dos clientes problemáticos. Bem, mais alguma coisa

para contar? Se apresse, que meus colegas estão começando a ficar nervosos e essa história da mosca não vai colar por muito tempo. É que agora à tarde começam a chegar os esnobes dos escritórios chiques, olha só... — aponta para um grupinho de criaturas engravatadas, todos iguais e todos muito sérios. — Não acha que todos os executivos têm cara de quem tem um pau enfiado no traseiro?

Fico olhando para ela com desconforto, até que ela percebe o que disse.

— Me refiro só a *eles*, claro. Você não, de jeito nenhum! Dizem que você é legal — acrescenta com um sorriso forçado. — Sério que não imagina o que pode ter incomodado tanto ele?

— Não faço a menor ideia. Ele disse que “iria facilitar as coisas para mim se eu quisesse me livrar dele”. Por que eu iria querer me livrar dele? Não entendo.

Ela me olha com cara de Sherlock Holmes.

— Com quem você estava falando quando ele chegou? E se ele te ouviu dizer algo que o ofendeu?

Faço um esforço para lembrar, mas não me ocorre nada.

— Só com uma amiga — respondo desanimada. — Estava contando algo sobre meu avô, que tem tentado me manipular. Conteí que não ia mais entrar no jogo dele; que estava cansada dos seus caprichos. Mas isso não tinha nada a ver com Lucas. Acho que nem mencionei o nome dele em toda a conversa.

— É... Não sei. Não consigo imaginar.

Ela dá de ombros e enquanto verifico o telefone: continua sem mensagens dele. Enrolo o colar de pérolas ao redor do pulso. Está anoitecendo, e estou cada vez mais impaciente.

— A única coisa que me ocorre é você ligar para ele e tentar esclarecer — digo, apontando para meu telefone. — Preciso saber o que está passando pela cabeça dele, mas ele deixou claro que não quer falar comigo. Mas você é amiga dele, e poderia fazê-lo entrar em razão. Diga que não entendo nada, que preciso que ele volte, que...

Que o amo, estou a ponto de dizer, mas me contenho. Provavelmente seria melhor dizer isso primeiro a ele, e não à sua amiga.

— Claro, mulher, só me dê um minuto. Meu telefone está no vestiário. Já volto.

Amaya se levanta e desaparece por detrás do balcão. Os minutos parecem passar em câmera lenta enquanto a espero. Finalmente ela volta, mas não está com boa cara.

— Parece que ele não tem cobertura. Ou talvez não tenha pago a conta — diz Amaya. — Alguém poderia pensar que ele não quer falar com ninguém de propósito, embora eu não consiga imaginar por quê...

Olho para ela com uma sobrancelha levantada.

— Bom, fica tranquila, que eu vou pegá-lo — continua sem dar muita importância. — Se quiser, pode ir para casa, que eu resolvo isso. A tia Amaya vai resolver num piscar de olhos. Me dá seu número e te aviso se ele responder.

Quando Amaya sai, dou mais um gole no café. Resta apenas um dedinho, e está completamente frio.

Com amargura, penso que poderia derramá-lo sobre os papéis que meu avô me deu. Quem sabe? Talvez assim eu teria alguma ideia original e revolucionária para resolver essa grande confusão na qual me meti sem saber como.

Sem casa, sem trabalho e sem namorado.

Tudo em apenas alguns dias.

Abro a pasta que meu avô me deu. Nela encontro a foto de Thaïs tentando beijar Lucas e um monte de outras fotos nas quais Lucas sai do escritório de Thaïs, com a hora impressa ao lado. Nesses dias eles estavam trabalhando, sei com certeza: estavam mudando as letras das canções por aquelas tão estúpidas que ela gostava e que dão vergonha alheia.

Passo as folhas: mais e mais provas do meu engano. Estou a ponto de fechar a pasta, porque começo a me cansar de tudo isso. Esses documentos não servem para nada; só para que eu me sinta mal comigo mesma. Sim, menti para o meu avô. Menti para conseguir a casa, tá? Aceito meu erro e também confessei isso a ele. Mas não vou reviver a culpa dessa mentira pelo resto da minha vida. O que está feito, está feito.

Justo quando estou prestes a afastar todos os papéis, me detenho na última página. Nela há uma foto do meu irmão Alexander com meu avô. Na imagem, Alexander passa o braço por cima do ombro dele, embora pareça muito abatido. Abaixo da foto, vovô escreveu:

“Clínica de reabilitação, ano 2016.”

Clínica de reabilitação? Qual dos dois estive numa clínica? Que eu saiba, Alexander só fazia trabalhar, trabalhar e trabalhar. Era um super

arquiteto de sucesso. Trabalhava tanto que até sua namorada o deixou porque nunca estava em casa e seus amigos pararam de ligar para ele porque nunca tinha tempo. Mas conseguiu fazer coisas incríveis com as quais eu só posso sonhar; ele tinha muito mais talento que eu.

A próxima folha é um atestado de óbito que nunca vi e alguns relatórios médicos, e, atrás, preso com um clipe, há uma carta manuscrita na letra do meu avô.

Olho ao meu redor. De repente sou invadida pela sensação de que não deveria estar lendo isso em um lugar público. Tenho o pressentimento de que acabo de encontrar algo que poderia mudar a história da minha família, ou, pelo menos, minha percepção dela.

Faço um gesto de despedida para Amaya, e ela responde com o polegar levantado. Fecho a pasta e me levanto. Acho que estou prestes a descobrir algo que teria sido melhor manter em segredo, mas já não há volta.



Lista de tarefas de Emma:

Conseguir emprego.

Comprar mais vinho.

Desvendar a obscura verdade sobre minha família.

Emma

Quando subo para casa, sou recebida pelas caixas de comida chinesa dos dias anteriores e uma garrafa de vinho vazia. A visão me transporta a um passado tão próximo quanto diferente, quando eu ainda pensava que veria Lucas algumas horas mais tarde, que poderia negociar com Derek e que meu avô colocaria a propriedade rural em meu nome.

A última coisa que quero é começar a limpar, então afasto o lixo com um tapa. Mas, mesmo assim, a cozinha e a sala ainda me lembram Lucas, e aquele dia em que ele conseguiu cozinhar na minha casa, apesar de eu só ter pão de forma e uma cebola mofada.

Tiro os sapatos pontudos com um chute, os mesmos que calcei pela manhã para minha reunião com Derek, aquela que nunca aconteceu. Penduro o terno em um cabide e procuro algo mais confortável na gaveta. Encontro a camiseta amarela de Mathieu, essa com a frase “Barriga cervejeira em gestação”. É horrível, deprimente e me chega até os joelhos, cobrindo a metade das minhas meias como uma camisola gigantesca: exatamente o que preciso neste momento.

Decido sentar na varanda, onde não há nada que me lembre Lucas nem seu talento para a cozinha... e para outras coisas também. Tenho uma pequena mesinha redonda de mármore, montada sobre os pés de uma antiga máquina de costura Singer. Acomodo-me na cadeira metálica preta com um chá de saquinho, e observo a paisagem da grade. Está anoitecendo sobre Barcelona. Os edifícios modernistas do Eixample estão banhados por tons dourados e rosados dos últimos raios do sol poente. Os cafés e terraços começaram a se iluminar, e por um instante imagino como seria estar lá embaixo neste glorioso sábado à noite, com alguém que me amasse de verdade, só por mim, e não porque sou uma ferramenta para gravar um disco ou uma peça a mais para ganhar um concurso arquitetônico em seu nome.

Enfim, tanto faz. Nunca saberei, suponho. Desdobro a carta do avô sobre a mesinha e começo a ler.

Querida neta,

Escrevo esta carta porque, como talvez você saiba, nunca fui muito bom em lidar com as pessoas pessoalmente. Sou um velho rabugento e não me dou bem com ninguém, admito. Mas justamente porque sou velho, tenho o direito de dizer o que eu bem quiser sem que me julguem. Existem segredos que já pesam demais para mim, e o maior de todos é o da morte do seu irmão, Alexander.

Como você bem sabe, Alexander era um jovem de grande talento, e sua paixão pela arquitetura o levou a conquistar feitos impressionantes. Todos o admirávamos. Todos estávamos orgulhosos dele. No entanto, esse sucesso teve um custo altíssimo, mesmo que ele não mostrasse ao público. A pressão diária que seu irmão sofria era insuportável. Sua dedicação ao trabalho, o constante desejo de ascender e a competição feroz o empurraram a um lugar de esgotamento profundo, que não soube como lidar. Me pergunto se contaram a você essa parte da história.

No final de sua vida, Alexander se sentia incrivelmente só.

Sim, como eu.

E como você, Emma. Ou estou enganado?

Quando sua noiva o abandonou, Alexander começou a buscar maneiras de acalmar a tempestade em seu coração. Buscou algo que lhe desse um respiro do peso que carregava. Entende a que me refiro? Como costuma acontecer com essas soluções temporárias, que no início parecem milagrosas, aqueles comprimidos de aparência inocente foram se tornando seus melhores e únicos amigos, até chegar a depender deles para poder seguir em frente. Anexei os relatórios médicos e os do centro de reabilitação para onde sua mãe o enviou em segredo, caso pense que estou inventando isso para convencê-la.

Seu irmão, diferente do que lhe contaram, não morreu por causas naturais.

Seu irmão, querida Emma, morreu porque chegou a um ponto em que decidiu que não aguentava mais. Em sua luta, buscou uma forma de escapar de tudo que o sufocava.

A família decidiu guardar silêncio, com a esperança de evitar um escândalo que teria manchado nossa imagem e teria ofuscado a vida cheia de sucessos profissionais do seu irmão.

O que as pessoas teriam pensado?

Isso sempre preocupou muito a sua mãe. Mas sabe, Emma? Quando você fica velho, começa a não se importar muito com o que os desconhecidos possam pensar. Sinceramente, nunca me preocupei com fofocas; suponho que por isso não tenho nenhum amigo, nem importo muito a ninguém.

Neste caso, mantive a discrição por respeito à sua mãe.

Agora seus pais já não estão mais aqui, nem seu irmão. Só restamos você e eu, e eu também não estarei aqui por muito mais tempo.

Enfim, querida neta.

Saiba que minha intenção ao oferecer o acordo da propriedade rural era fazer você refletir sobre sua vida.

Você é inteligente, como boa Soler, e eu estava certo de que encontraria a maneira de sair por cima. Sim, Emma, desde o princípio imaginei que você tentaria me enganar, mas tudo era parte do plano. No fundo, também sabia que você tem um coração nobre, e que não se atreveria a mentir na minha cara uma vez confrontada com a verdade e com os fatos.

Então este é o grande segredo obscuro dos Soler, querida Emma. A maldição familiar, por assim dizer: somos bons em acumular fortunas, mas isso nem sempre é suficiente para sermos felizes.

E agora beberei um uísque à sua saúde, sozinho nesta enorme casa vazia.

O que você beberá... e com quem?

Já pensou nisso?

Teu avô que te ama,

Antoni Soler

Quando termino de ler, meus olhos estão cheios de lágrimas. Viro o papel e seguro a fotografia, com as mãos trêmulas.

Ninguém tinha me contado até agora a verdade sobre meu irmão, embora eu imagine que minha mãe tenha ocultado tudo com boa intenção, para me proteger do desgosto.

— Como pode ser? — sussurro ao jovem pálido da foto. — Você tinha tudo... conseguiu tudo o que eu sempre sonhei...

“Saiba que minha intenção ao lhe oferecer o acordo da fazenda era fazê-la refletir sobre sua vida. O que você beberá... e com quem?”

De repente, as palavras do meu avô durante nosso breve encontro em seu escritório ressoam de forma diferente na minha memória. Tudo ganha um novo sentido. Ele não estava apenas tentando controlar minha vida ao seu gosto. Pensei que fosse um velho autoritário, caprichoso e intrometido, mas, na realidade...

— Vovô... — digo em voz alta sem perceber. — Você realmente estava tentando me ajudar...

De repente me parece ouvir a voz do meu avô, respondendo ao longe:

— Emma...

Meu Deus, tem um fantasma na minha casa?

O gato da vizinha salta pela grade que separa as duas sacadas e se lança sobre meus joelhos, rasgando minhas meias.

— Risonho! — grito afastando-o, embora já seja tarde demais e as meias estejam arruinadas.

Cubro-as com a horrível camiseta amarela e pego-o nos braços, disposta a jogá-lo para o outro lado do terraço, de volta para a casa de sua dona. Justo nesse momento volto a ouvir a voz do meu avô e dessa vez não há dúvida: é ele! A voz vem do apartamento da senhora Montse, o que não faz o menor sentido.

Aproximo-me da grade divisória e encosto o ouvido.

O escuto falando, a senhora Montse e mais alguém.

Mas é o cara do gás! O espião, quero dizer.

E não só isso: estão falando sobre mim.

— Este senhor pode dizer o que quiser — diz a senhora Montse com voz firme. — Mas eu sei reconhecer o amor verdadeiro quando o vejo. E o que existe entre esses dois é algo que se vê poucas vezes na vida. Esses dois se amam de verdade e eu poria a mão no fogo por eles, se fosse necessário.

— Mas, senhora Montse — replica meu avô. — Quanto você conversou com minha neta? Por acaso a conhece tão bem?

— Bem, bastante mais que o senhor, se me perdoa o atrevimento — responde minha vizinha, e sorrio ao ouvi-la me defender.

Quase posso vê-la de mãos na cintura, enfrentando o terrível Antoni Soler com seu roupão de ursinhos como armadura e seu capacete de bobes reforçado com um quilo de laquê.

— Olhe, eu vejo essa menina todos os dias — continua a senhora Montse, com sua voz de mãezona. — Ela se mata de trabalhar, é uma garota formal, séria e bonita! E esse rapazinho com quem ela se casou, olhe, eu não sei se quando se conheceram se amavam, mas nos nossos tempos muita gente se casava por interesse também, e daí? Os aristocratas ainda fazem isso e ninguém acha ruim. Às vezes acabam se apaixonando, assim como os que se casam por amor se desapaionam com o tempo. São coisas que acontecem, e ninguém se surpreende. Para amar alguém, é preciso conhecê-lo. E esses dois, acreditem em mim, se amam!

O detetive tenta dizer algo, mas senhora Montse o manda calar e o coloca em seu lugar. Queria poder ver seus rostos, porque devem ser impagáveis.

— O senhor fique quieto, bisbilhoteiro mal-educado — grita a senhora Montse. — Sim, o senhor, com seu ridículo macacão laranja, tem me enganado todos estes dias dizendo que ia consertar os encanamentos. Mas veja como cheira a gás quando abro o armário debaixo da pia. Entre, entre, que vou lhe mostrar...

— Olha, sinto muito, eu sei — responde o homem. — Mas como o senhor Soler explicou, eu na verdade não sou especialista em...

— Sim, já sei que você não é um inspetor de gás, e justamente por isso, vou denunciá-lo! — grita a senhora Montse. — A não ser que pare de implicar com Emma, porque ela é uma boa garota, e por sua culpa agora ela se meteu em um problema, está me ouvindo, rapazinho?

Ela é incrível! Está muito, mas muito irritada. E, sinceramente, estou adorando.

— Fora da minha casa! — grita, e se ouve uma batida de porta.

Depois escuto passos, o cara do gás murmura algo ininteligível e uma porta se fecha com força. Primeiro penso que ela expulsou os dois, mas então ouço meu avô, que aparentemente ainda está lá. Depois escuta-se um

tilintar inconfundível, o mesmo de cada manhã: é a senhora Montse, tirando as xícaras marrons da cristaleira.

— Quer que eu faça um café? — oferece ao meu avô, com um tom totalmente diferente. — O meu sai bom. Pode tomá-lo, ou é forte demais?

— Hum... tudo bem — responde ele. Soa indeciso, ou confuso. — É um pouco tarde, mas tudo bem. Para a minha idade estou como um touro. Pode até fazer um carajillo^[3], tenho bom estômago.

— Um momento — interrompe a senhora Montse. — O senhor não estava morrendo?

— Eu? Que nada — responde meu avô. — Isso é uma história que contei para Emma, para ver se ela se espantava. Mas estou ótimo, senhora.

Faz-se silêncio. Ouço minha vizinha mexendo em coisas pela cozinha. Depois escuto novamente meu avô.

— Enfim — continua. — Então a senhora diz saber muito sobre o amor verdadeiro...

Contenho o riso porque isso está ficando tragicômico. Infelizmente, eles se afastam cada vez mais da sacada, e fica mais difícil entender o que dizem.

— Pois sim — responde ela com autossuficiência. — Vê aquela foto ali? Esse era meu marido, que descanse em paz. Trinta e cinco anos de amor verdadeiro! Se isso não é tempo suficiente para reconhecê-lo no rosto de duas pessoas que se amam de verdade, então não sei. Desisto do mundo, veja só.

— Bem, eu não sei o que dizer — responde meu avô com voz rouca. — Minha mulher e eu nos separamos assim que as crianças nasceram, embora reconheça que foi culpa minha — confessa. — Eu não parava de trabalhar. Nunca lembrei do nosso aniversário de casamento, nem de qualquer aniversário. Pelo visto, isso é um dado importante e um erro imperdoável para as mulheres.

Ouço o jorro de café sendo despejado na xícara e dona Montse suspira.

— Um erro terrível, sim — diz a senhora Montse. — Mas não se preocupe, o senhor ainda está bem conservado, e certamente tem muitos anos pela frente. Encontrará alguém. Uma com a memória ruim.

— Não precisa me chamar de senhor, me chame Antoni — propõe ele.

Isso está cada vez mais interessante. Vou na ponta dos pés até a mesa, pego a xícara com a infusão e retorno ao meu posto de espionagem.

— Claro! Somos jovens — responde minha vizinha, soltando uma risadinha travessa. — Me chame de Montse. Ou Monsi, se preferir.

Minha nossa, a senhora Montse está dando mole para o meu avô? Isso é o máximo. Colo o ouvido na grade divisória, cada vez mais intrigada.

— No fundo eu gosto muito da Emma — sussurra meu avô. — E você está certa, Monsi, ela é uma boa menina. Só desejo o melhor para ela.

Ele realmente disse isso?

Quase choro ao ouvir meu avô, o homem de aço, o temível arquiteto Soler, confessando que *gosta de mim*. Fico tão emocionada que tenho que fungar. E justamente ao fazer isso acho que me ouvem, porque escuta-se o som característico de duas xícaras batendo ao mesmo tempo contra a mesa de vidro da sala da senhora Montse.

— Quem está aí? — diz ela, e se debruça na sacada segurando uma bíblia enorme.

Não sei se ela pensa em jogar a bíblia no suposto ladrão ou evangelizá-lo, mas eu, por precaução, me afasto da divisória que separa nossas varandas e grito:

— Sou só eu, senhora Montse! Desculpe. Seu gato entrou na minha casa. Só queria devolvê-lo.

— Não me diga que estava nos espionando! — diz, abaixando um pouco a bíblia.

Ela nem parece zangada. Parece divertida, até.

— Eu... sinto muito — me desculpo. — Ouvi vocês conversando, sim, mas foi por acidente. Se eu tivesse querido espionar de verdade, teria vestido um macacão laranja primeiro, obviamente.

— Anda — diz a senhora Montse com uma gargalhada. — Venha para minha casa, que precisamos conversar seriamente nós três.

Emma

A senhora Montse me espera com os braços abertos na porta de seu apartamento que, como sempre, cheira a café recém-coado e naftalina.

Atrás dela aparece a imponente figura do meu avô, com seu espesso bigode e sua juba branca.

— Entra — me diz ela, apontando para a mesa de vidro da sala de jantar. — Sente-se que vou te servir um café. Por sinal, que camiseta estranha é essa que está usando? Barriga... o quê?

— O café sem açúcar, por favor — digo, ignorando seu comentário sobre a camiseta.

Ela sacode a cabeça e me coloca duas colheres bem cheias de açúcar, como sempre.

— Açúcar mascavo — replica. — Este é saudável, não é? Como vocês jovens gostam.

Dou de ombros porque sei que com a senhora Montse é impossível ganhar.

— A Monsi diz que, na opinião dela, esse seu caso com Lucas não é uma farsa — solta meu avô. — Embora você mesma tenha confessado para mim que era, e meu detetive confirmou isso. Preciso que alguém me explique a verdade de uma vez, Emma. Já não sei o que pensar.

Monsi?

MONSI?

Tenho dificuldade em compor uma resposta coerente quando meu avô acaba de se referir à minha vizinha, a dos bobes e do gato, como *Monsi*. Inspiro profundamente como me ensinaram na aula de yoga, e tento organizar minhas ideias.

— Vovô, é complicado. Tudo começou como uma farsa, mas depois a coisa mudou... ou pelo menos era o que eu pensava.

— O que quer dizer com isso? — pergunta a vizinha, escandalizada. — Vocês brigaram?

— Bem... hoje à tarde ele me disse que não queria nada comigo, que não o chamasse mais e que logo irá para Nova Iorque com sua agente. Outra mulher.

— Impossível! — exclama ela. — Não acredito nisso. Será que ele não está magoado com algo que você disse?

Balanço a cabeça.

— Tanto faz. Isso já não importa. Na verdade, já que estou aqui, gostaria de fazer uma proposta para você, vovô.

Ele resmunga, como se esperasse algo que não vai gostar, mas a senhora Montse agita o dedo indicador no ar e o repreende.

— Antoni, deixe a menina falar — diz ao meu avô com tom autoritário. — Certamente ela tem algo interessante a dizer.

— Estou ouvindo — diz ele secamente, enquanto tamborila sobre a mesa com as pontas dos dedos enrugados.

— Veja, enquanto estava lá na varanda, lendo sua carta, tive uma ideia. Queria propor algo — digo com voz trêmula. — Você sabe que aquela casa de campo é meu sonho, mas percebi que meu sonho é renová-la, não necessariamente que seja minha. Eu poderia projetar a reforma, mas em vez de transformá-la em um hotel, ou em um negócio privado, poderíamos dedicá-la ao projeto beneficente que você queria. Se me ajudasse a financiá-lo, poderíamos fazer isso juntos. Assim, ganharíamos os dois.

Meu avô me olha, seus olhos apertados como se estivesse analisando cada palavra.

— Posso considerar sua oferta — diz finalmente. — Embora não vá prometer nada, por enquanto.

Uma sensação de alívio me invade. Não disse sim, mas também não disse não.

Olho o celular, que estava no silencioso, e percebo que, enquanto conversávamos, Amaya me ligou várias vezes. Ela também me deixou uma mensagem um tanto enigmática, que diz:

“Já falei com ele. Ele ouviu sua conversa com alguém, e algo tocou seu ponto sensível. Não sei o que te dizer, tive a impressão de que ele está bem abalado e magoado. Expliquei a situação, mas não consegui convencê-lo. Isso pode ir para um lado ou para outro. Aviso quando souber mais.”

Tento ligar para ela, mas agora é ela quem não atende.

— Tudo bem? — pergunta a senhora Montse com tom gentil e quase nada intrometido.

A essa altura, ela já sabe tanto sobre mim que já não me importo com mais nada, então levanto a tela e mostro a eles o que diz a mensagem.

— O que vocês acham? — pergunto, já que não tenho ninguém melhor para perguntar naquele momento.

— Eu digo para não deixar esse rapaz ir embora, querida — diz minha vizinha sacudindo a mão. — São simples brigas de amantes. Vai passar.

Meu avô ergue uma sobrancelha e me olha fixamente. Jamais pensei que o temível Antoni Soler se tornaria meu terapeuta e conselheiro sentimental.

— Vejamos — diz ele, com seu tom mais pragmático. — Você o ama ou não?

Fico em silêncio por um momento, porque essa é a pergunta que menos esperaria de alguém tão sério quanto meu avô.

— Eu... — engulo em seco, hesitando. — Acho que sim. Mas só percebi isso quando ele foi embora.

— Ah, estou te dizendo que ele volta — acrescenta a senhora Montse, enchendo as xícaras com alegria.

Eu não vejo tão claramente, mas sorrio porque, no fundo, me comove que ela tenha ficado do meu lado.

De repente, escuto algo estranho; uma música que vem da rua. São notas de um violão, amplificadas por uma enorme caixa de som e acompanhadas por uma voz que reconheço instantaneamente.

Levanto de imediato e corro para a varanda, duvidando da minha sanidade. Lá embaixo, com uma caixa de som nas mãos, está Amaya, e de pé, ao seu lado, está Lucas, com o violão pendurado no pescoço.

Lucas está cantando sob minha varanda, como um trovador medieval.

Meu coração quase sai do peito ao vê-lo. Baixo o olhar para ele e o cumprimento, sentindo um forte calor nas bochechas. Sua melodia ressoa nos edifícios brancos do Eixample, e é tão inesperada quanto perfeita:

*Você é minha melhor canção,
a peça mais bem-polida,
a que quero cantar
pelo resto da minha vida.
Você brilha com luz própria,*

reflete o melhor de mim.
Eu canto para você com a alma,
Nossa música não terá fim.

Quando termina, se aproxima do microfone e diz, em tom solene:
— Emma, você me daria a honra de... — hesita por um instante, ri
— continuar sendo minha canção preferida pelo resto das nossas vidas?

Lucas

Alguns meses depois - Masía Soler

Afino o violão mais uma vez. Meus dedos tremem um pouco. Não vou negar: estou nervoso, mas é que lá fora tem muita, muita gente. O estacionamento da propriedade está cheio e há até alguns ônibus estacionados no caminho que leva à casa. Faz mais de um ano que não toco para um público assim; minha maior apresentação continua sendo a do Pavilhão Sant Llorenç como banda de abertura, e desde então passou-se muito tempo, e não tive outra oportunidade como essa.

Montamos um palco em frente ao edifício principal, bem diante do celeiro: agora só preciso subir aquelas pequenas escadas de madeira, e estarei na frente de todos.

Saio ao palco e cumprimento o público levantando o violão no ar. Uma ovação me recebe. Gritam meu nome em coro! Será que todos realmente sabem quem eu sou?

É estranho voltar a isso, voltar aqui. Quando recusei a oferta de Thaïs, pensei que minha carreira musical tinha acabado. Na verdade, foi exatamente isso que ela mesma me disse:

“Você nunca vai ser nada. Nunca será mais que um pobre barista, fazendo cafês horríveis até se aposentar... ou morrer. Vai se arrepender a vida toda por ter me dito não.”

Surpresa: Thaïs não está convidada para nossa festa de inauguração (por que é uma pessoa *insuportável* e *irritante*).

A verdade é que os primeiros meses depois de recusar o contrato de Thaïs foram difíceis, mas estava claro que eu devia fazê-lo. Não podia deixar que ela mudasse as letras das minhas canções e desvirtuasse a essência da minha música. No fundo do meu ser, sei que torná-las mais “vendáveis” ou mais “escutáveis” não era compatível com meu sonho. Eu sou um compositor, um poeta. Lotar estádios é ótimo, fantástico para o ego e para a carteira, mas vender-se a qualquer preço, para mim, não é uma opção.

Eu sei que o sucesso chegará, não duvido disso, no momento mais inesperado. Alguém me encontrará e se apaixonará pela minha música, exatamente como ela é.

De qualquer forma, o que é o sucesso? O sucesso nós definimos, cada um à sua maneira. Não é o que os outros nos dizem, muito menos o dinheiro fácil às custas dos nossos princípios.

É tão fácil deixar-se cegar pelas coisas que brilham e desviar-se do rumo, perder-se nesse mar de possibilidades que é a vida... E, se não, olha aquela garota que corre na direção oposta ao show... será que ela não vê que o palco fica para o outro lado?

Opa, é Emma. Para onde ela vai com tanta pressa?

Um flash me cega e me traz de volta ao momento presente. Na festa há muitos convidados do mundo da arquitetura; mas também veio bastante gente da *Associação Reconstruindo Vidas*. Afinal, essa masía foi renovada para eles, por desejo do avô.

Começo a tocar minha canção, “As curvas do caminho”, em sua versão original.

Canto sobre como às vezes o importante é a jornada e não o destino, e me sinto parte daquela música. Esta é a mensagem que sempre quis transmitir. Não aquelas letras baratas de Thaïs, iguais a todas as outras, descartáveis e vazias. Esta é minha mensagem para o mundo, e é assim que quero que lembrem de mim quando eu não estiver mais aqui.

Lá embaixo, na primeira fila, Emma retornou e está procurando um assento para sua amiga Caterina, que veio nos ver de Londres. Não sei por que ela veio sozinha, porque pelo que entendi ela tem um namorado. Ou, pelo menos, tinha até pouco tempo atrás.

Minha mulher me cumprimenta e pisca para mim: seu rosto é puro amor.

Quando termino minha canção, com os olhos fixos nela, desço do palco. Sou apenas o primeiro artista que abre o show; depois de mim toca o grupo de Amaya, *As Garotas de Ouro*. E depois vem o grupo principal, o que todos esperam ansiosamente.

Mas eu fui o primeiro, e minha canção inaugurou oficialmente a masía: as minhas foram as primeiras notas a soar aqui depois de muitas décadas.

Isso me faz sentir especial.

Pude tocar minha canção, do meu jeito, diante de um público enorme que me aprecia exatamente como sou.

Será que minha vida poderia ficar mais perfeita?

Duvido.

— Querido, você esteve maravilhoso — me diz Emma com um sorriso, apertando-me em um forte abraço. — Você já falou com sua mãe?

Lá do fundo da plateia, minha mãe levanta a mão para me cumprimentar, abrindo caminho entre as pessoas com seu desembaraço habitual. Quando chega até mim, seus olhos brilham de emoção e sua voz soa cheia de orgulho:

— Olé meu menino, que arte você tem! Que arte, que força, que coisa mais linda! — ela me solta enquanto me dá dois beijos sonoros. — Sua avó estaria se descabelando agora mesmo no céu, dizendo “esse é meu neto!”. — Vem cá, que vou te dar um abraço de verdade.

Ela me envolve em seus braços, e embora diga isso com aquele tom de humor tão característico seu, sei que não poderia estar mais orgulhosa.

Um homem de jeans e camisa preta se aproxima por trás e nos interrompe com um pigarro. Acho que não o conheço, embora seu rosto me pareça muito familiar.

— Desculpem, poderia incomodá-los um minuto? — diz, dando um tapinha no meu ombro.

Emma e eu nos viramos para olhá-lo, esperando que se apresente. Caterina o observa de soslaio, provavelmente considerando se ele é bonito o suficiente para cantar.

— Meu nome é Piotr Kowalski e sou agente artístico — diz o recém-chegado, com sotaque estrangeiro. — Me falaram muito de você — ele me aponta com o dedo.

Olho para trás, só para garantir que não está se referindo a outra pessoa, mas não há ninguém, então deve ser eu mesmo.

Meu Deus. Piotr Kowalski em pessoa veio falar comigo? O Mago de Varsóvia? Aqui? Na minha frente, no meio desse campo de cabras?

— Me falaram sobre suas novas letras, e agora entendo o furor — continua Kowalski. — De verdade, eu adoraria trabalhar com você. Acho que você tem muito potencial. Você acha que poderíamos nos encontrar na segunda-feira, quando tudo isso se acalmar um pouco?

Olho para Emma. Seus olhos refletem a mesma emoção que sinto por dentro.

— Bem... terei que consultar minha agenda, Piotr — respondo, enquanto estendo a mão com um largo sorriso.

Piotr sorri, aceitando minha mentira com cavalheirismo.

— Claro. Consulte e me ligue — diz, me entregando um cartão. —
Aí está meu número direto. Tenho algumas ideias para lhe propor...

Emma se mostra impassível, mas a conheço tão bem que quase posso ouvi-la gritar por dentro: *Meu Deus! Meu Deus!*

— Deixo vocês, pessoal — diz, tão atenciosa como sempre, enquanto dá um passo atrás e puxa minha mãe para que a siga. — Preciso ir... — Dá para notar que está tentando inventar uma desculpa. — Mostrar a propriedade aos convidados! — termina com ar triunfal.

— Claro — responde Piotr. — Lucas e eu ficaremos aqui, falando das nossas coisas. Acho que acabei de encontrar a reencarnação de Antonio Machado^[4], mas na versão cantor e compositor.

Emma

Lucas tem sido incrível. Estou tão orgulhosa dele! Foi um ano de altos e baixos, difícil, bonito, complicado, espetacular...

Mas o melhor de todos, sem dúvida.

Quando recusei a proposta de trabalho da Derek Navarro, as coisas nem sempre foram bem como eu esperava. Não foi fácil conseguir fundos para reabilitar a mansão rural para nossa causa beneficente, mas, graças ao meu avô, que se ofereceu para financiar metade do projeto e, pelo visto, ainda tem mais contatos do que confessa, conseguimos o suficiente para fazer da minha ideia uma realidade. Criamos uma escola de ofícios na propriedade, que servirá para reintegrar pessoas em processo de recuperação de vícios. Vamos dedicá-la à memória do meu irmão Alexander. Não é tão boa como se ele a tivesse projetado, mas acho que teria gostado.

Em apenas um ano, demos uma nova vida a esta antiga mansão rural dos meus antepassados. O edifício principal ainda conserva as paredes de pedra rústica e o telhado de telhas vermelhas, mas consegui incluir grandes janelões, e agora a luz natural inunda o interior pelas manhãs. Além disso, transformamos o antigo celeiro numa oficina, onde serão ministradas aulas de carpintaria, alvenaria e restauração. E no segundo andar da mansão, adaptamos pequenos dormitórios para os alunos que precisem de um espaço seguro para ficar. Os quartos são simples, mas confortáveis, com vista para as montanhas próximas e os vinhedos que cercam a propriedade.

E, por último, há um pequeno edifício que um dia serviu como depósito. Fica do outro lado de uma alta cerca de ciprestes, e esse... esse será só para nós.

Estou projetando uma pequena casa bem ali, entre os vinhedos. Será um espaço tranquilo e acolhedor, um oásis onde construir nosso lar...

O meu e o de Lucas.

Mas isso será daqui a alguns meses. Até agora estive ocupada demais terminando a escola de ofícios.

Não tem sido fácil coordenar o projeto, tirar minha carteira de motorista e fazer com que esta casa enorme ficasse funcional em tão poucos

meses. Ainda falta muito a fazer, mas a primeira fase está concluída e esta noite vamos celebrar em grande estilo.

Puxo o tecido que cobre a placa de madeira sobre o portão de entrada, e o nome fica à vista de todos entre fogos de artifício que iluminam a noite.

“*MASÍAS AS CURVAS DO CAMINHO*”

— Que trabalho fantástico vocês fizeram — me diz Caterina, que veio especialmente para a inauguração.

— Obrigada, amiga — digo com carinho. — A propósito, você vai ficar este fim de semana aqui no vilarejo, ou volta para Barcelona? Por falar nisso, por que não veio com o Christian?

— Ah, Christian... surgiu um imprevisto — Olha para outro lado, incomodada. — Então reservei um hostel só para mim. É aqui perto. Depois eu gostaria de passar uns dias conhecendo a cidade.

Caterina vem me enrolando há semanas cada vez que pergunto sobre Christian, mas entendo que não é o melhor momento para investigar. Ela aperta os olhos e esboça um sorriso brincalhão para mudar de assunto.

— E falando em Barcelona... por que não me disse que havia tantas coisas interessantes para ver por aqui? — ela lança um olhar felino para Lucas, deixando claro que não se refere a *atrações turísticas*.

— Coisas? — repito entre risos.

— Bem, *coisas, pessoas*... você sabe — sorri com inocência. — Queria poder ficar uma temporada por aqui com você. Acho que me apaixonei por este lugar e não quero voltar para Londres.

— Sério? — digo a ela, emocionada. — Seria fantástico poder ter você mais perto! E se eu perguntar aos meus conhecidos? Tenho certeza que Barcelona está cheia de oportunidades para uma designer tão boa como você.

Caterina me olha pensativa, como se até agora ela não tivesse pensado nisso.

— Não me tente — diz, me repreendendo com o dedo.

— Por que não? — replico. — Seria ótimo! Na segunda-feira sem falta começo a fazer ligações.

— Para o seu antigo escritório não precisa ligar — diz em tom travesso. — Por falar nisso, como eles reagiram ao artigo de oito páginas no *Arquitetura Limítrofe*?

Meu sorriso se alarga sem querer. A importante revista *Arquitetura Limítrofe* me contatou há algumas semanas para escrever uma reportagem sobre o projeto da masía. Sei por fonte segura que a Derek Navarro Arquitetos é assinante dessa publicação, e eu teria pago para ver a cara deles quando encontraram uma foto minha ocupando toda a capa.

— Com certeza ficaram muito felizes por mim — digo com inocência. — Aposto que Randall me enviou flores, mas as cabras da vizinha as comeram antes que o carteiro pudesse entregá-las.

— Claro... embora eu tenha ouvido que o demitiram depois da Pérola Orgânica. Parece que o estilo dele não combinava bem com a nova linha de projetos. Que pena, não é?

— Uma lástima — digo, levando uma mão ao peito em um gesto falso de condolência. — Embora, pensando bem, ele sempre tenha dito que a arquitetura era coisa de grandes homens. Suponho que não contava que também fosse coisa de mulheres pequenas.

Caímos na risada e, enquanto isso, o grupo de Amaya termina sua apresentação. Uma voz interrompe nossos cochichos, gritando:

— Agora vêm *Los Chantilly!* *Los Chantilly!* !

— Você conseguiu trazer *Los Chantilly*? — repete Caterina, incrédula. — Pensei que a empresária deles te odiasse. Não era Thaïs Aguilar?

— Trocaram de empresário, ela era imprevisível demais — digo sorrindo. — Agora quem os gerencia é aquele tal de Piotr... o da camisa preta. Mas não contei ao Lucas que ele também viria, para fazer uma surpresa. Ele sempre o admirou muito.

Caterina concorda e suspira admirada e, justo nesse momento, o grupo principal faz sua entrada triunfal. A ovação faz tremer cada pedra da masía. Meu corpo inteiro vibra com os gritos da multidão ao nosso redor.

É simplesmente impressionante ver a velha casa assim, tão cheia de vida.

Ao longe, vislumbro a senhora Montse. Meu avô está com o braço por cima de seus ombros, e lhe um beijo na bochecha.

Meu Deus, esses dois! Ele a olha com amor, e ela responde com um gesto maroto, balançando o quadril, sem saber que os observo. São como dois adolescentes apaixonados. Sinto muita ternura ao vê-los.

Entre a multidão, pelo estreito corredor entre as cadeiras dobráveis, abre caminho uma figura com uma cabeleira negra de ondas longas que lhe

caem em cascata sobre as costas. É uma versão mais jovem da senhora Montse, e não é difícil reconhecê-la porque vi todas as suas fotos, incluindo seu nascimento, primeira comunhão e formatura na universidade.

A filha da senhora Montse veio!

Me aproximo para cumprimentar todos e a mãe se levanta para abraçar a filha. Ouço-a soluçar enquanto diz:

— Marta, estava morrendo de vontade de te ver! Mas achava que você não poderia vir, como sempre.

— Desculpa, mãe — se justifica a filha, olhando para os sapatos. — Eu deveria ter arranjado um tempo para te visitar antes. Estive tão ocupada... Sinto muito. A partir de agora, vou tentar vir com mais frequência.

— Não tem problema, querida. Vamos aproveitar o show! Olha, guardamos esta cadeira para você. Mas agradeça à Emma. Foi ela quem conseguiu as entradas de graça para sua banda favorita.

A senhora Montse me pisca um olho, e não precisa dizer nada, porque posso ouvir seu agradecimento silencioso.

— Emma — me chama Lucas, aparecendo por trás. Mal consigo ouvi-lo, entre as risadas e a música —, preciso te contar uma coisa.

— É sobre o Piotr? Ele te ofereceu alguma coisa? — pergunto animada.

Ele balança a cabeça lentamente e puxa meu braço, me levando para longe dos outros.

— Não. Bem, sim, mas...

Ele faz uma pausa, e nesse momento, os primeiros acordes dos *Chantilly* enchem a noite. Os holofotes coloridos transformam nosso lar em um sonho, um lugar de fantasia rodeado de vinhedos. Ele me aperta contra si, e uma luz avermelhada ilumina minha calça, piscando no ritmo dos enormes holofotes.

— Você colocou a calcinha de LED? — pergunta, confuso, contendo o riso.

— Achei que a ocasião merecia — respondo com um gesto travesso. — Para depois...

Lucas balança a cabeça e sua mão escorrega por baixo da minha roupa, procurando o botão para desligá-la. Estremeço ao sentir seus dedos, mas depois ele fica tão sério que começo a me assustar.

— Olha, queria te falar uma coisa. Algo muito importante. — Seus braços fortes envolvem minha cintura, e seus lábios se aproximam até estarem praticamente colados ao meu rosto. — Queria te perguntar...

Cala-se novamente.

— O quê? — digo, ansiosa para descobrir o mistério.

— Emma... Sei que isso começou como um contrato prático, como um casamento com data de validade, mas... — um leve e tímido sorriso aparece em seu rosto, o mesmo que me fez me apaixonar quando a corda quebrou naquele primeiro show —, mas este último ano ao seu lado, construindo a propriedade, desenhando cada espaço juntos, inventando letras de músicas entre risadas e taças de vinho... — suspira, enquanto as lembranças agradáveis compartilhadas fortalecem o vínculo mágico que existe entre nós. — Enfim, queria te perguntar se você gostaria que construíssemos tudo de verdade. Não só a propriedade, não só este lugar... mas *tudo*. Emma, estou sendo claro?

Permaneço em silêncio, tão tomada pela emoção que sou incapaz de dizer algo.

— Emma... — sussurra ele. — Você gostaria de construir uma vida comigo? Gostaria de se casar comigo... de verdade? Aqui na propriedade?

Sua pergunta se mistura com a melodia romântica da banda, que parece estar dedicada a nós dois: só então percebo que é a música que Lucas compôs para mim, embora cantada pelos próprios *Chantilly*.

O vocalista nos pisca o olho, sem soltar o microfone, e eu me aproximo mais de Lucas, até que não posso respirar nada além da sua essência, e respondo a única coisa que poderia responder naquele momento.

— Sim, Lucas... claro que sim. Eu adoraria!

As pessoas aplaudem, embora eu já não saiba se para os músicos ou para nós. Sinceramente, tanto faz.

Esta noite, tudo está bem no mundo. Não me falta absolutamente nada. Encontrei meu caminho, com suas curvas, com sua beleza. Um caminho que às vezes tem buracos e outras desliza veloz como uma pista de patinação, como... aço fundido? Cerâmica esmaltada?

Já disse que não sou boa com comparações. O poeta é ele, não eu.

Mas aprendi que o importante é saber aproveitar a viagem e aqueles que nos acompanham durante o trajeto. E hoje estou no único lugar onde gostaria de estar, e não tenho pressa nenhuma para levantar âncoras rumo a qualquer outro destino.

Epílogo

Lucas

Uma Canção Para Emma

*Construamos juntos, tijolo por tijolo,
Um lar em nossos corações, um amor singelo.
Cada dia é um projeto, a vida uma folha em branco,*

*Nossa história de amor, uma obra sem plantas.
Tuas mãos desenhavam sonhos no papel,
Meu violão acompanha com notas à flor da pele.
Um amor que não entende de unidades de medida,*

*Apenas de paixão e vidas compartilhadas.
Cada beijo, uma fundação; cada riso, uma parede,*

*Uma casa construída com carinho e lealdade,
Sem plantas perfeitas nem grandes ambições,
Apenas tu e eu, e um lar entre canções.*



Não perca a próxima aventura do Carpi Café!

Meu Imperfeito Companheiro de Apartamento

Uma designer obcecada com a ordem. Um pintor boêmio que vive no caos. O destino os obrigará a compartilhar um apartamento desmantelado no centro de Barcelona... o que poderia dar errado?

Caterina, a melhor amiga de Emma, chega a Barcelona com um plano claro: conquistar a cidade com seu talento no Design, beber apenas leite de aveia orgânico e nunca, jamais, morar em um apartamento que não seja digno de capa de revista. Mas quando sua acomodação de sonho desaparece, ela se vê obrigada a se mudar para o único lugar disponível: um ático com mais goteiras do que glamour.

Pablo é um artista boêmio que herdou o apartamento de sua avó. Com mais criatividade do que dinheiro, ele se vê forçado a compartilhar seu caótico reino de arte com uma estranha. Tudo o que lhe resta é seu enorme cachorro São Bernardo, especialista em babar sapatos de grife... e roubar corações com suas travessuras.

Presos em um quinto andar sem elevador, com um cachorro do tamanho de um urso e uma lista interminável de desastres domésticos, Caterina e Pablo descobrirão que às vezes o amor mais inesperado nasce entre a desordem mais absoluta... desde que o teto não caia antes.

Passe as páginas para ler o primeiro capítulo, ou consiga seu exemplar de Meu Imperfeito Companheiro de Apartamento .



SÉRIE CARPI CAFÉ - LIVRO 3

Nota da Autora

Foi muito divertido escrever este romance, ambientado no mundo da arquitetura, um mundo muito especial para mim, e que conheço relativamente bem por dentro. Os escritórios de arquitetura são um universo fascinante, que fervilha de criatividade, esforço... e horas extras. Os concursos nessa área escondem muitas noites sem dormir, e as descrições poéticas dos projetos que encontramos nas revistas de arquitetura e design podem ou não ter surgido de mentes delirantes com grave privação de sono e excesso de cafeína.

Emma, nossa protagonista, representa essa luta constante de uma novata para provar seu valor em um ambiente que, muitas vezes, não se diferencia muito de uma selva. Como mulher no mundo da construção (e ainda por cima, baixinha), ela sente que precisa se esforçar o dobro para alcançar o que seus colegas homens (como Randall, seu pai, seu irmão, ou até mesmo seu temível avô...) conseguiram com metade do esforço.

Coitada de Emma... Será que é tudo alucinação dela? Mas se a igualdade no trabalho é uma realidade há décadas... ou será que não?

O bom é que, ao longo desta história, nossa protagonista descobre algo que frequentemente ignoramos na íngreme corrida rumo ao sucesso. Graças à sabedoria inesperada de Lucas, um poeta humilde e nobre sem causa e um romântico incorrigível, ela compreende que o verdadeiro triunfo não está apenas em ascender, ganhar dinheiro ou aparecer nas capas de revistas de prestígio, mas em encontrar aquilo que dá sentido à nossa vida: por exemplo, o amor, a paixão e a autenticidade, entre outras coisas. E, se não, que o digam a Lucas, que esteve muito tentado a trocar todas as suas letras pelo sucesso fácil... mas que conseguiu superar a prova, após alguns tropeços.

Quem dera que na vida, como nos romances, ser honesto e fiel aos nossos princípios tivesse sempre recompensa. Quero acreditar que é assim, e que todos aqueles que trabalham com o coração têm à sua espera uma oportunidade com seu *Piotr Kowalski* particular... ou sua propriedade de conto de fadas.

Espero que este romance tenha emocionado vocês e, sobretudo, feito vocês rirem. Afinal, a vida, como a arquitetura, precisa de um delicado

equilíbrio entre o sério e o inesperado, os planos retos e as manchas orgânicas. Principalmente, não se esqueça do segundo.

Obrigada por me acompanharem nesta jornada, e espero vocês na próxima parada, onde conheceremos a história de Caterina, que virá de Londres para colocar ordem e decorar cada canto do apartamento de Pablo, um pintor muito fofo e desorganizado...

Com carinho, café e papel milimetrado,

Eva Alton.

Se você gosta do que escrevo, seja bem-vindo(a) à minha lista de e-mails e ao meu grupo de leitores. Além disso, lá você poderá ler alguns contos grátis.

Junte-se aqui:

Lista de e-mail: <https://sendfox.com/lp/3oj0j9>

Grupo de leitores (em espanhol):

<https://www.facebook.com/groups/evaalton>

PS: Convido você também a ler meus outros livros:

- Série Os Vampiros de Emberbury: começa com A Bruxa Desgarrada (também há um pacote de 4 livros intitulados Os Vampiros de Emberbury).
- Série Serenata Nocturna: se você ainda não começou, comece com Iris, continue com Selenia e siga com Mina.

Meu Imperfeito Companheiro de Apartamento. - Capítulo Grátis

1 - Caterina

Meu primeiro pensamento ao pisar em terra firme no aeroporto El Prat, de Barcelona, é que estou com um chiclete grudado na sola desde que saí de casa. Por sorte, essa é a única coisa que trouxe da minha antiga vida em Londres, embora quando piso no asfalto e grudo, começo a me preocupar. É como se este lugar quisesse me obrigar a ficar para sempre. E isso é algo que eu, Caterina Ferrara, simplesmente não faço. *Jamais*.

E, além disso, odeio chicletes, embora isso seja outra história. Uma daquelas vergonhosas e para se esquecer, que não penso em contar nunca.

— Algo a declarar? — me pergunta o guarda de dentro da cabine, e fico em dúvida enquanto observo o cartaz que indica tudo o que você não pode trazer da Grã-Bretanha: “Proibido entrar na UE com carnes, queijos, frutas, tabaco em excesso e mais de 10.000 euros.” Os dez mil euros não serão problema, mas não estou certa de se o chiclete grudado no meu sapato conta como contrabando.

— Nada a declarar — respondo, enquanto levanto o pé e percebo que ele continua ali como uma mensagem.

Puxo com força para conseguir dar meu primeiro passo em terra espanhola, e a bagagem de mão me faz cambalear. Pesa demais, eu sei. Mas é que... preciso de tudo.

Como continuo grudada ali, uma senhora enorme com colar de pérolas me empurra para passar. Meu Deus, como as inglesas são impacientes! E este chiclete é pior que meu ex-namorado, Christian, do qual mal consegui me livrar. Consigo avançar, embora o chiclete continue ali enquanto espero minha mala sair pela esteira, dificultando minha mobilidade com estes saltos vertiginosos.

Enquanto espero, olho de relance o painel de partidas, sonhando com o próximo lugar para onde voarei, porque, sem dúvida, Barcelona não vai ser meu lar por muito tempo. Nenhum lugar é para mim, e adoro viver

assim. Me faz sentir livre.

Odeio coisas fixas e relacionamentos de longo prazo. A vida é para ser vivida como uma borboleta, voando de flor em flor, sorvendo das rosas mais belas...

Saio para o saguão de chegadas e um homem está esperando sua esposa com um buquê de rosas vermelhas. Por um instante sinto uma pontada de ternura, mas depois lembro que isso é uma estupidez, que as rosas estão cheias de pesticidas e que a taxa de divórcios na Europa supera os 40%. Há também pessoas com cartazes: “Senhora Yin”, “Mr. Johnson”... mas ninguém está me esperando, e isso é um pouquinho preocupante (não porque eu quisesse rosas, mas porque não tenho a menor ideia de onde fica meu alojamento e já são mais de oito da noite).

A única que tem toda a informação é uma tal de Vicky, a mulher enviada pela minha empresa para me buscar e me levar ao centro da cidade. Meu escritório prometeu cuidar de tudo: o e-mail, cheio de emojis sorridentes, dizia, textualmente:

“Querida Caterina,

Aqui está sua passagem de ida! Teremos prazer em recebê-la no aeroporto de El Prat na segunda-feira à tarde. Você só precisa trazer a mala; nós colocamos o café artesanal, uma cadeira ergonômica com nome sueco e uma equipe jovem de pessoas como você, capaz de usar “Pantone” como verbo.

Seus,

A equipe da Gris & Glam.

Delineando sonhos desde 2020.”

Espero um bom tempo, mas ninguém aparece. Isso me acontece por começar a trabalhar numa empresa moderninha criada em plena pandemia. Não foi um bom ano para fundar nenhum negócio. Eu deveria ter imaginado.

Sento em uma cafeteria próxima e envio uma mensagem para Vicky, o único contato direto da Gris & Glam que me passaram.

“Estou a caminho”, responde brevemente.

Respondo com o nome da cafeteria e me acomodo, com cuidado para não amassar a saia nem o blazer. Banqueta: *cópia barata da Eames*. Mesa: *de inspiração Noguchi*. É um pouco desconfortável, mas poderia ser

pior... poderia ser uma mesa Hatoshi.

Peço um café com leite de aveia, mas não têm. Além disso, me servem numa xícara com marcas de batom de outro cliente. É a segunda desilusão do dia, ou melhor, da noite, porque lá fora certamente já escureceu. É curioso, mas nos aeroportos é como se o tempo não passasse. Conecto o celular a uma tomada e começo a assistir vídeos para passar o tempo. Svajone Attira é minha musa divina da internet, e, como sempre, me cumprimenta da tela, dissolvendo as preocupações e me transportando para seu maravilhoso mundo de ordem e limpeza, onde ninguém tem chiclete grudado no sapato, e as escrivatinhas nunca têm migalhas de croissant nem marcas de xícaras de café.

Quando Vicky aparece, estou há quase uma hora na cafeteria. Ela chega correndo apesar da saia justa tubinho, e com a cabeleira lisa cor de azeviche esvoaçando atrás. Usa uma franja reta até as sobrancelhas que esconde as rugas incipientes da testa, e a afasta dos olhos, ofegante.

— Caterina? É você? Desculpe — me diz com voz entrecortada. — Que congestionamento! A cidade está cheia de ciclistas e foi difícil chegar.

— Ciclistas? — repito, confusa.

Tento me levantar para cumprimentá-la, mas o chiclete voltou à carga e fiquei grudada no apoio da banqueta. A banqueta me persegue, e Vicky me observa fascinada antes de continuar. Parece um truque de mágica. “A incrível Caterina e a banqueta flutuante”.

— Sim, você não pode imaginar — diz, e me estende a mão. Eu a seguro e puxo, e só então meu sapato se desprende da banqueta com um ridículo “plop”. Ela finge não ouvir e continua: — É uma autêntica invasão de bikes. Além disso, aconteceu um imprevisto, mas vamos primeiro para o carro e te explico...

Ela diz esse *imprevisto* como se não tivesse importância, e só por isso me preocupo ainda mais. Sigo-a pelo terminal, arrastando minha mala e tentando não demonstrar o quanto estou esgotada.

— Como foi a viagem? — me pergunta Vicky. — Bom tempo em Milão?

— Eu vim de Londres — corrijo-a, o mais amigavelmente que posso, dadas as circunstâncias.

— Ah, sim, é verdade. Mas você é de Milão, não é? Não foi isso que Emma disse?

Emma é minha melhor amiga, e escolhi este destino precisamente por causa dela. Ela esteve morando em Barcelona, mas há seis meses se mudou para uma linda propriedade rural nos arredores, a uma hora e meia de viagem da capital catalã. Foi ela, com seus muitos contatos, quem me conseguiu um trabalho nesta empresa de design de interiores no centro da cidade para a qual Vicky trabalha.

Quando chegamos até o carro, somos recebidas por uma caixa microscópica de lata, tão amassada que é difícil discernir a marca e a cor. Eu diria que é um Fiat Punto, mas também poderia ser um Ford Ka à beira da morte, ou até mesmo uma máquina de lavar louça jogada de um sétimo andar.

— Sobe — me diz, como se fosse tão fácil encontrar uma maçaneta entre toda essa lataria descascada e afundada. — Vamos conversar durante o caminho.

— Onde coloco a mala?

Só então ela parece notar minha bagagem gigantesca, e coça o queixo, pensando. Abre o porta-malas, no qual, com sorte, poderiam caber três latas de atum não muito grandes.

— Não tinha pensado nisso — diz, um pouco confusa. — E se você colocar no banco traseiro?

Empurro a mala para o banco traseiro através da porta dianteira (por que fabricam carros sem portas atrás?). No final, conseguimos encaixá-la, em troca de mover os bancos da frente até o limite.

Vicky se senta no espaço restante, com os cotovelos grudados no volante, e coloca a chave na ignição. O veículo liga na terceira tentativa, e ela solta um suspiro de alívio.

— Que carros eles dão para vocês, heim? — comento. O chão está cheio de migalhas e papéis de chiclete, e me pergunto se ela teria transportado galinhas ou crianças pequenas (as consequências costumam ser muito parecidas).

— Pois é — responde rindo enquanto arranha uma coluna com a lataria ao sair do estacionamento. — Somos uma empresa pequena, por isso não dá para pedir muito.

— Puxa vida. E você faz exatamente o quê?

Vicky dá de ombros, sem me olhar. O único que conheço da empresa é um tal de Malcolm, porque todo o processo de recrutamento foi

online.

— Nada — diz. — Vou de um lado para o outro. Compro coisas. Falo com pessoas quando é necessário... Um pouco de tudo.

Então, se traduzirmos, deve ser tipo uma “office-girl”, uma faz-tudo. Ao sair, ela bate com a porta na máquina de pagamento junto à cancela, mas nem parece se importar. Eu acho que ela coleciona amassões, como se fossem cicatrizes de guerra. É mais fácil guardar os comprovantes para provar ao chefe onde esteve, suponho.

— Também não vou muito ao escritório — acrescenta —, então não posso te contar muito sobre as pessoas que trabalham lá. Melhor você me falar sobre você. Estamos todos muito animados para te conhecer. Emma falou muito bem das suas conquistas para o pessoal de recursos humanos.

— Bom... eu sou designer, com certeza você sabe disso, por pouco que vá ao escritório — sorrio. — A propósito, Vicky, para onde estamos indo agora exatamente? Onde fica meu apartamento? Você me disse que vocês cuidariam de tudo, certo?

— Sim, quanto a isso...

Ela mantém o olhar fixo no volante enquanto dirige e sai para a estrada. Entre a posição encolhida e aquele cabelo que parece um capacete, ela me lembra a formiga atômica, mas com batom. O telefone toca, mas ela cancela a chamada. Na verdade, não parou de tocar desde que entramos no carro, e vejo de relance que são sempre nomes como: “Malcolm empresa”, “Roberto empresa”, etc. A verdade é que, para ser a “faz-tudo”, acho que ela não está fazendo um trabalho muito bom deixando todas essas ligações sem responder. E melhor nem falar de como trata o carro que lhe emprestaram.

— Como eu estava dizendo, está tudo lotado de ciclistas... — murmura enquanto liga a seta *esquerda* para virar à *direita*. — Sabe de uma coisa? Vou te levar a uma cafeteria muito bonita. Você vai gostar da decoração. Você é especialista nisso; me interessa sua opinião.

Ela está louca ou o quê? São nove da noite e passei o dia todo viajando.

Nada disso, “office-girl”.

— Obrigada, mas estou realmente exausta — respondo sorrindo. — Que tal irmos amanhã, e agora você me levar para casa?

— Sim, bem, esse é o problema...

Um caminhão de mudança nos ultrapassa, e Vicky faz um gesto muito pouco cortês pela janela.

— Problema? Que problema? — digo, me agarrando a tudo que posso.

— Olha, não quero que você se estresse, mas...

Uma van com várias bicicletas atrás passa e buzina para nós.

— O que aconteceu? — pergunto, cada vez mais inquieta.

— Não é nada grave — diz, e desta vez ela me olha, e ao fazer isso, o carro se mete na faixa ao lado e está prestes a engolir outra van. — Já sei que pode soar mal, mas não é tão ruim assim. Enfim, acontece que sua viagem coincidiu com uma competição ciclística internacional e a cidade está lotada. Não nos ocorreu verificar isso. Ninguém da empresa se interessa muito por esporte, e...

— O que você está tentando me dizer? — grito, completamente desesperada.

Por favor, que ela não diga o que estou pensando...

Mas então ela diz, e quase me parece notar um brilho malicioso em seu olhar, embora pudesse ser apenas o reflexo dos postes de luz.

— Caterina, sinto muito, não é culpa de ninguém, mas... — suspira.
— Mas você ficou sem hospedagem.

SÉRIE CARPI CAFÉ - LIVRO 3

Meu Imperfeito Companheiro de Apartamento .

Agradecimentos

Este livro tem uma particularidade que talvez tenha se perdido na tradução. Lucas é um homem da Andaluzia, no sul da Espanha, e eu queria dar um toque da sua terra natal nos diálogos dele. Para isso, contei com a ajuda da Patricia, amiga e colega escritora andaluza. Provavelmente fui um pouco “insuportável”, perguntando como se usavam todas aquelas expressões, mas também rimos muito no processo.

Obrigada, Patricia, por me ajudar a dar mais alma ao meu poeta e cantor andaluz.

Além da minha “tradutora de dialeto de Cádiz”, este livro não estaria nas suas mãos se não fosse pelo apoio incondicional (e pela paciência infinita) do Riccardo. Como sempre, obrigada por estar ao meu lado em cada história.

Um agradecimento especial à Andrea, que mesmo com a agenda lotada conseguiu encontrar tempo para revisar o texto com aquele relatório detalhado, com erros, sugestões e tudo mais. É maravilhoso poder contar com você durante todo o processo de escrita.

E claro, às minhas colegas da universidade: provavelmente vocês não vão ler este livro (estão ocupadas demais projetando edifícios importantes), mas foram minhas parceiras de projetos impossíveis, noites em claro e cafés em horários questionáveis. Obrigada por estarem sempre comigo, em cada desafio, rindo, apoiando, criando. Sem vocês, essa história não teria sido a mesma.

E por fim, um agradecimento muito especial à minha revisora de português, Lara Laporte, por seu cuidado, paciência e olhar atento em cada detalhe da versão brasileira deste livro. Obrigada por tornar as palavras de Emma e Lucas tão fluídas e naturais para as leitoras brasileiras!

Do fundo do coração: obrigada a todos vocês que me acompanham nesta jornada literária.

Ah, e antes de terminar...

Uma leitora muito criativa, a Ana, escreveu uma versão da música de Lucas para Emma ("Tijolo por tijolo", originalmente Ladrillo a ladrillo em espanhol). Decidi compartilhar com vocês, como uma pequena curiosidade para quem chegou até aqui.

Você pode ouvir a música aqui:



Amor em Construção

Títulos da Série:

0

1

2

3

4

5

6

7

7

8

9

10

11

12

13

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

Epílogo

Nota da Autora

Meu Imperfeito Companheiro de Apartamento. - Capítulo Grátis

Agradecimentos

[1] Uma "masia" (em catalão: masia; plural: masies), é um tipo propriedade, de construção rural tradicional encontrada no leste da Espanha, especialmente na Catalunha e em territórios que pertenciam à Coroa de Aragão, e também no sul da França, na Provença.

[2] O histórico 'Saló de Cent', construído no século XIV, é o lugar onde são celebrados os casamentos civis da cidade de Barcelona.

[3] Um 'carajillo' é uma bebida quente ou fria, originária da Espanha, que combina café com uma bebida alcoólica como conhaque, rum ou licor.

[4] Antonio Machado Ruiz foi um poeta espanhol. Pertencente ao Modernismo, Machado foi o mais jovem representante da Geração de 98.